

ENTREVISTAS

# RAYMUNDO FAORO A DEMOCRACIA TRAÍDA

ORGANIZAÇÃO E NOTAS DE **MAURICIO DIAS**

PREFÁCIO DE **MINO CARTA**



BIBLIOTECA AZUL



# DADOS DE COPYRIGHT

---

## SOBRE A OBRA PRESENTE:

*A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo*

---

## SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

*O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).*

---

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



*Outras obras do autor:* Os donos do poder - Formação do patronato político brasileiro / Machado de Assis - A pirâmide e o trapézio / A República inacabada (Fábio Konder Comparato, pref. e org.)

Raymundo Faoro  
A democracia traída

*Entrevistas*

organização e notas:  
Maurício Dias

prefácio:  
Mino Carta



BIBLIOTECA AZUL

Copyright © 2008 by herdeiros de Raymundo Faoro

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.

*Revisão:* Otacílio Nunes e Beatriz Freitas Moreira

*Índice onomástico:* Luciano Marchiori

*Capa:* Isabel Carballo

Apoio:



dados internacionais de catalogação na publicação (cip)  
(câmara brasileira do livro, sp, brasil)

Faoro, Raymundo, 1925-2003

A democracia traída: entrevistas / Raymundo Faoro; organização e notas Maurício Dias; prefácio Mino Carta. – São Paulo: Globo, 2008.

isbn 978-85-250-5497-5

1. Brasil – Política e governo 2. Democracia – Brasil 3. Políticos – Brasil – Entrevistas i. Dias, Maurício. ii. Carta, Mino. iii. Título.

08-11195

cdd-320.981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil: Políticos: Entrevistas 320.981

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil  
adquiridos por Editora Globo s.a.

Av. Jaguaré, 1485 – 05346-902 – São Paulo – sp

[www.globolivros.com.br](http://www.globolivros.com.br)

# Sumário

[Capa](#)

[Outras obras do autor](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Nota do organizador](#)

[Prefácio](#)

[A democracia traída](#)

[O funeral da ditadura](#)

[A democracia absorveu a ditadura](#)

[Uma Constituinte tutelada](#)

[“O país é pré-capitalista”](#)

[Uma armadilha para o PT](#)

[Transição, uma manobra](#)

[Direita: da violência à corrupção](#)

[“A elite brasileira é marginal”](#)

[Reeleição: a profecia se cumprirá](#)

[Crise bancária, o espantinho de](#)

[O preço da reeleição](#)

[A apostasia de Fernando Henrique](#)

[A reeleição e o estelionato](#)

[O profeta ganha a imortalidade](#)

[“Se o Lula for eleito e](#)

[Índice onomástico](#)

[Notas](#)

## Nota do organizador

Este livro é, essencialmente, o diálogo de um dos maiores intelectuais brasileiros com a política brasileira. O protagonista é Raymundo Faoro (1925-2003), jurista e historiador, autor do livro *Os donos do poder*, uma referência primordial para a compreensão da nossa formação, da nossa herança cultural.

Aqui estão reunidas entrevistas iniciadas logo após ele ter deixado a presidência do Conselho Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil (oab), exercida no biênio 1977-1978, e encerradas um pouco depois de ter assumido a cadeira número 6 da Academia Brasileira de Letras, em 2002.

Raymundo Faoro fez da oab um reduto de inteligência e um foco de resistência pacífica dentro das fronteiras do regime militar. Foi um adversário implacável do arbítrio a partir de um ponto de apoio fundamental legal: o restabelecimento do *habeas corpus*. Partiu de lá a primeira denúncia, assumida por uma instituição, sobre casos de tortura praticados pelo regime militar. Lá nasceram os argumentos que forçaram o governo a recuar da proposta de uma anistia restrita, em forma da revisão processo por processo dos perseguidos políticos. De lá surgiu a proposta de convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte que ocorreu e resultou na Constituição de 1988.

Aqui estão transcritas e editadas as quinze conversas gravadas em que são tratados os episódios capitais do período de 1979 a 2002. Um pouco mais de duas décadas.



Um ciclo que começa no ocaso da ditadura militar e acaba com o resgate das liberdades políticas. Uma negociação política, entretanto, realizada segundo os princípios daquelas transações que resultam sempre na frustração dos movimentos sociais e na conseqüente traição da democracia. Uma transição feita sob as ordens do ditador: lenta, gradual e segura. Um biombo transparente do velho lema conciliador: mudar para proteger. Ao evitar a ruptura com as regras que consolidavam o autoritarismo fardado migrou-se para um regime de autoritarismo civil que traiu o estabelecimento de uma democracia plena. O entulho foi escondido sob o tapete. Conseqüências: a anistia para os torturados implicou absolvição dos torturadores; a intensa mobilização popular pelo retorno das eleições presidenciais diretas - a campanha das "Diretas Já" - resultou na eleição indireta e desdobrou-se, a seguir, na vitória de um rebento do regime militar.

As respostas de Raymundo Faoro denunciam todo esse processo que impediu, mais uma vez, que germinasse a semente de um país menos injusto com a maioria dos seus desafortunados filhos.

A evolução lenta, arrastada, preguiçosa, sem saltos, faz nossos problemas parecerem perpétuos, insuperáveis, mas não empurram Raymundo Faoro para o desânimo e o pessimismo. Em quaisquer circunstâncias, ele nunca perdia a perícia que tinha para sondar o significado oculto dos acontecimentos. Ele nos criticava, por exemplo, pela falta de hábito de dar atenção aos discursos dos governantes e dos líderes políticos.

Numa história que se repete com a consistência de um monólito, não seria difícil prever hoje o que acontecerá amanhã. É o que o entrevistado invoca, ao se refugiar com

inteligência na modéstia, para zombar do entrevistador que, diante da sucessão de previsões acertadas no correr dos anos, as reverencia como profecias.

“A única profecia válida é a retrospectiva”, dizia o profeta com o sorriso sardônico, machadiano, alterando apenas levemente seus zigomas.

Olhando retrospectivamente cito de memória algumas das previsões acertadas: o mandato de seis anos do presidente José Sarney; a reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso (prevista cem dias após a posse do primeiro mandato); sobre o Partido dos Trabalhadores: “é um partido em torno do qual vai girar todo o jogo político”, e sobre a possibilidade de *impeachment* de Collor.

Os vaticínios de Raymundo Faoro derivavam da visão da história e não da interpretação da vontade dos deuses. Eram profecias baseadas em probabilidades, conjecturadas a partir do conhecimento. O batismo do profeta foi feito numa das entrevistas e Raymundo Faoro assim aparece como personagem de Mino Carta, no livro *O castelo de âmbar*, publicado em 2000.

As entrevistas, publicadas originalmente nas revistas *IstoÉ*, *IstoÉ Senhor* (cedidas para este livro pela Editora Três) e *Carta*

*Capital* (também cedidas, pela Editora Confiança), foram feitas na sala de visitas do apartamento de Raymundo Faoro, no Cosme Velho, bairro carioca tradicional. A seqüência delas foi interrompida, algumas vezes, por motivos insuperáveis. Por eu estar baseado no Rio de Janeiro eram, quase sempre, marcadas por mim e participei da maioria. Em alguns casos, inclusive, não integrava o grupo de jornalistas que trabalha nas redações chefiadas por Mino Carta, o único a estar presente em todos os

encontros. Os entrevistadores, profissionais do primeiro time, são citados aqui em ordem alfabética: Antonio Carlos Prado, Bob Fernandes, José Onofre, Nelson Letaif e Nirlando Beirão.

Para encerrar, registro uma das questões que estiveram sempre presentes nas preocupações do entrevistado e dos entrevistadores. Raymundo Faoro em uma das conversas se manifestou assim sobre ela: “Mais cedo ou mais tarde, o problema do desequilíbrio social, que é o problema número 1, terá de ser enfrentado. O Brasil não escapa disso”.

Isso só seria possível, ele instia, com uma “ruptura para o alto”. Mas advertia que a decisão traria muita complicação para a vida do governante. Ela requer ousadia e coragem. Faoro tinha razão ao sinalizar com dificuldades. Dessa maratona de conversas me sobraram duas certezas sintetizadas nesta equação: é difícil romper, mas é preciso tentar.

Mauricio Dias

# Prefácio

## Um sorriso de Gioconda

Quando Raymundo Faoro morreu, soube que ele me faria muita falta. Faria a muita gente, e não exagero ao dizer que faz ao governo Lula e ao Brasil. Imagino Raymundo nas mais diversas situações que recomendariam a sua presença, e é como se o enxergasse ao meu lado. No caso, a me ironizar. “Ora, ora, não mereço tanto”, pronuncia em palavras bem escandidas, com aquela sua voz grave e mansa.

Fui eu quem apresentou Faoro ao Lula, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, durante a greve de 1980. Domingo de manhã, mês de abril, Raymundo veio a São Paulo, do Rio. Um emissário do então suplente de senador Fernando Henrique Cardoso interceptou-nos no aeroporto. Ficamos surpresos e impressionados com o interesse senatorial.

fhc gostaria de conversar antes da nossa ida à Vila Euclides, o estádio de São Bernardo, onde os grevistas se reuniam para ouvir seu líder. Pois este era o nosso objetivo. O enviado levou-nos até o apartamento do senador, ali tomamos café em graciosas xícaras de porcelana francesa, herança da família materna, nobre e nortista, e ouvimos, em

explanação caudalosa, o conselho de não subirmos ao palanque.

Claro que o futuro presidente do Brasil não se preocupava comigo, mas até hoje pergunto a meus inocentes botões quais seriam as razões dele com relação a Raymundo. Temia sua ligação ao Lula e ao projeto petista? Talvez.

A tentativa falhou, mas haveria outra. Seguimos para São Bernardo em dois carros, Fernando Henrique cuidou de avisar: “Espero vocês no paço municipal”. Espigão imperioso, lá do alto, das janelas do salão de reuniões, contemplava-se a fuga dos telhados da outrora vila, e logo abaixo o estádio apinhado.

À volta da mesa, planície luzidia, coração e mente do paço, o príncipe dos sociólogos encenava o segundo ato, com a colaboração do prefeito e de uma tropa de vereadores, assessores e autoridades variadas. A gravidade das expressões que nos cercaram levou-me a imaginar uma assembléia de corujas, ou de mochos apenas, se quiserem.

Tivemos de suportar as novas perorações dos cabeças do elenco, bem como os murmúrios soturnos do coro grego, enquanto a brisa do planalto elevava às nossas alturas os clangores do estádio, qual fosse dia de futebol. O epílogo foi melancólico, a depender dos pontos de vista: Raymundo subiu ao palanque da Vila Euclides, conheceu Lula e viveu o começo de boa e longa amizade.

Pouco mais de um mês depois, acompanhei-o ao dops para uma visita ao ex-presidente do Sindicato, demitido à força pela ditadura, enquadrado na Lei de Segurança Nacional e preso no sinistro edifício de tijolos aparentes que se ergue nas cercanias da Estação da Luz.

Fomos recebidos pelo diretor do Departamento, o atual senador Romeu Tuma, dava-se muito bem com o prisioneiro, servia-lhe lulas fritas no almoço, não lhe negava os tradicionais tragos de pinga com cambuci e todo dia mandava buscar Marisa e os filhos para visitas sem tempo marcado. Tuma recebeu-nos com cordialidade, mandou chamar o cativo ao seu gabinete e ali nos deixou para que conversássemos à vontade.

A Lula Raymundo ofereceu seus préstimos profissionais. “Não se aflija, doutor Faoro”, respondeu Lula, “este é jogo miúdo, vamos guardar sua ajuda para situações maiores.” Nove anos depois, o candidato à Presidência da República Luiz Inácio Lula da Silva cogitou do dr. Faoro como seu vice. Raymundo recusou, mas sempre deu seu apoio ao fundador do Partido dos Trabalhadores e às suas campanhas presidenciais.

Quando, finalmente, Lula se elegeu, no segundo turno do pleito de 2002, Raymundo já estava no hospital, do qual só sairia para o enterro, em abril do ano seguinte. Ficou emocionado com a vitória do seu candidato, disse estar com sorte ao participar de um momento que já perdera a esperança de viver. Mas em fevereiro de 2003 manifestava algumas dúvidas quanto aos primeiros passos do novo governo.

Se me cabe apresentar Faoro em um texto jornalístico, escrevo historiador e jurista. É definição restritiva. Certo é, ou mais preciso, dizê-lo pensador, no sentido amplo e profundo, e de forma a seu modo única na história do país, como é único *Os donos do poder* no diagnóstico e no fôlego. Mas como esquecer *A pirâmide e o trapézio*, a mais aguda e rica interpretação da prosa do maior escritor brasileiro, Machado de Assis? Colhido na sua importância literária, e

também como o analista da sociedade do seu tempo, e freqüentador useiro dos meandros da alma nativa no átimo chamado eternidade.

Não me permito a dúvida de que, estivesse presente, Faoro teria sido conselheiro indispensável de Lula. A bem de todos. Creio mesmo que poderia ter contribuído para nos poupar de umas tantas decepções, a nós, os irreduzíveis (ingênuos?) esperançosos da mudança. Ninguém como os verdadeiros profetas para iluminar consciências. Os leitores deste livro passarão a enxergar melhor, assim como se deu, a partir das primeiras entrevistas aqui reunidas, para quem perguntava, uma equipe de profissionais nômades tangidos de um canto a outro pela prática do jornalismo honesto.

Alguns entre os primeiros entrevistadores permaneceram ao longo do tempo na redação de *Senhor*, de *IstoÉ* novamente e, enfim, de *CartaCapital*, e ninguém, entre quem formulou as perguntas e ouviu, e lê as respostas, haverá de questionar o valor profético de cada uma das entrevistas.

Nada fácil a vida dos pensadores, e menos ainda a dos profetas. Os livros de Faoro bastariam para torná-lo a personagem nacional que somente passou a ser ao assumir a presidência da oab, subitamente dignificada e engrandecida de 1977 a 1979. Foi forçoso então perceber sua primazia moral e jurídica, e a solidez das convicções de um dos raríssimos e eficazes resistentes à ditadura.

A admiração é parte do todo. E antes de tudo, se me permitem, vem a amizade, sem frestas ou pausas. Incondicional. Conheci Faoro no dia 17 de setembro de 1976, pela mão de um amigo comum, Elio Gaspari, no Rio de Janeiro. Almoçamos no mezanino do Rio Minho, em atmosfera celeste pelo reflexo dos azulejos.

Lembro-me da data porque eu fora ao Rio para uma palestra na ufrj, e no meio chegou a notícia de que Cláudio Abramo fora demitido da direção da redação da *Folha de S.Paulo* e Alberto Dines da chefia da sucursal carioca. O assunto foi o tema principal da conversa, ali estava a mais nova prova da quadra áspera em que vivíamos. Vencera a pressão dos generais, Sílvio Frota, ministro do Exército, e Hugo Abreu, seu cabo eleitoral.

A amizade logo se fortaleceu e, quando Faoro deixou a presidência da oab, Domingo Alzugaray e eu o convidamos para a presidência do Conselho Editorial de *IstoÉ*, e nela começaram a sair as entrevistas que compõem este livro. A generosidade de Faoro chegou ao ponto de compartilhar comigo e com Cláudio Abramo a aventura do *Jornal da República*, aquele fracasso retumbante que demos para recordar com saudade. Raymundo, Cláudio e eu nos revezávamos de segunda a sábado para escrever o editorial de primeira página. Época ainda da máquina de escrever, Faoro também batia no teclado, impávido.

Certa vez Alberto Dines, que voltara a escrever na *Folha* e assinava com as iniciais uma coluna, deitou palavras fortes a meu respeito, aleivosias em liberdade sobre minha escassa estatura moral e física. Tomou o bonde de uma onda de críticas a *IstoÉ*, ré por ter publicado uma reportagem irônica sobre o verão dos anistiados, ou dos retornados em geral, nas areias cariocas. Diga-se que naquele momento eu estava afastado da revista, em vão concentrava meus esforços na feitura do *Jornal da República*.

Faoro reagiu como se as ofensas de Dines tivessem sido dirigidas a ele. “Vou revidar”, declarou. Eu ponderei: “Deixa para lá, melhor nestas ocasiões é ficar quieto, só resolve



mesmo é um murro nos dentes. Além do mais, imagine, nunca escrevi uma única linha a respeito de Dines, a não ser para esfernejar contra a demissão dele em 1976”. Faoro insistiu: “Não, esta não dá para engolir e eu sou de Vacaria”. Soltou um editorial candente, a ridicularizar um certo A.D. O qual logo comentou: “Faoro é pseudônimo de Mino”. Coisas da imprensa nativa.

Faoro esboçava um sorriso de Gioconda ao falar de Vacaria, terra brava. Parecia orgulhar-se da sua origem gaúcha, eu não juraria, porém, que a profissão de fé deixasse de ser tisonada pela incansável ironia. Em maio de 1993 o acompanhei em uma viagem à Europa, a primeira da vida dele. Fomos a Londres, onde seguiu o rastro do dr. Samuel Johnson, invadiu as principais livrarias, recusou-se a um almoço na residência do embaixador e não comprou gravatas.

Em Paris prontificou-se a indicar caminhos a turistas e aos próprios parisienses. Em Florença encantou-se até a comoção ao visitar a sacristia de San Lorenzo, deslumbrado por Michelangelo. Em Veneza, captou o perfume do pecado que arrepia a pele da laguna. Em Roma sentiu a exorbitância papal. E em Arsié, na região de Belluno, terra dos avós nos contrafortes das Dolomitas, encontrou um punhado de sócias, até mais que um punhado, gigantes da montanha de pulsos enormes.

Meu amigo era mestre da ironia. Os repórteres que se abalavam a entrevistá-lo pouco o entendiam, sobretudo nas passagens marcadas pelo senso de humor. Certa vez, ao jantar na casa de um amigo, presentes também dois brasilianistas americanos, então famosos, lá pelas tantas trocamos um olhar de cumplicidade e começamos a falar do nosso plano de tomar o quartel da Barão de Mesquita, no

Rio. Os brasilianistas ficaram muito interessados, embora boquiabertos.

Grassavam repressão e tortura, o ano era 1978 e a Barão de Mesquita o qg carioca do terrorismo de Estado. O jornalista Mino era infinitamente menos confiável, em uma conversa destas, do que o presidente da oab, donde o espanto dos estrangeiros. O plano era de simplicidade estarrecedora, tratava-se de contratar dez mercenários belgas. Já se fazia tarde, horas pequenas dos começos da madrugada, tínhamos tomado vinho sem parcimônia, Faoro pousara sobre o uísque e eu sobre a cachaça. Pompéia, a mulher de Raymundo, recolhia sôfrega as guimbas dos cinzeiros, antes que ele o fizesse: depois de liquidados os maços disponíveis, catava os tocos até queimar os lábios e a ponta dos dedos.

Fascinados, os brasilianistas nos acompanhavam. De olhos rútilos, diria Nelson Rodrigues. O dono da casa tentava interferir, a bem da razão. Sem sucesso. Fomos em frente, só paramos ao tomar o Brasil. Este é um dos muitos Faoro que me fazem falta. Até hoje, nas manhãs de domingo, espero que o telefone trile para ouvir, do outro lado do fio, a voz grave e mansa: “Caríssimo...”.

Mino Carta

# A democracia traída

*Entrevistas*

# O funeral da ditadura

*IstoÉ*, 21/2/1979

Fevereiro de 1979 - O regime militar impôs seu último presidente ao Brasil, o general João Batista Figueiredo. Ernesto Geisel, o general anterior, tinha iniciado um processo de restabelecimento das liberdades políticas, que identificou como lento, gradual e seguro, e criou, assim, um ritual para o funeral da ditadura.

Raymundo Faoro tinha deixado a presidência da oab (1977-1979). Naquele posto foi interlocutor do senador Petrônio Portella, encarregado pelo governo militar de costurar apoio da sociedade civil para esse projeto de abertura política. Faoro, um guardião impecável da democracia, foi radical nos princípios que acreditava fundamentais para o retorno do estado de direito: o restabelecimento do *habeas corpus*, a anistia sem restrições políticas e uma Constituinte legítima. Ele baixou essas cartas na mesa de conversas com Petrônio.

Poucos terão percebido como Faoro os movimentos dos governos militares, feitos para prolongar a permanência da base ideológica do golpe que derrubou o presidente João Goulart, em março de 1964. Nesta entrevista, por exemplo, ele identifica uma curiosa “chave dialética” nas ações políticas de Geisel. Vejam:

A chave está em quando ele afirma que desejava a abertura, o fim do ai-5, porque isso era um impedimento ao desenvolvimento econômico, político e social [...] Quer dizer, esta mesma abertura, que seria há tempos um empecilho, agora é o favorecimento. Este tipo de raciocínio é dialético. Ele levou em conta o fator histórico para chegar a isso.

Contra a lógica linear das análises surge um movimento dialético contido, porém, nos limites do estado-maior, onde as etapas são, supostamente, possíveis de ser previstas. Por dentro dela caminham a “validade histórica da Revolução” e as bases ideológicas que a sustentavam. Esse processo invadiu os governos civis pós-ditadura. E ainda hoje, um quarto de século depois de iniciada a distensão “lenta, gradual e segura”, interfere no andamento da democracia brasileira.

Nesta entrevista Faoro introduz uma das preocupações fundamentais de suas análises sobre o transcorrer do processo histórico brasileiro: a conciliação oligárquica. E ela, desafortunadamente, foi a ponte criada para a transição da ditadura para a democracia, no século xx, como foi do Império para a República, no final do século xix e, também, da Colônia para o Império, no começo do mesmo século,

Faoro atira na conciliação: ela “não envolve nenhum compromisso com forças dissidentes porque é um projeto constituído num grupo fechado que se alarga um pouco mais. E se alarga não só, agora, por meio da coerção ideologicamente encoberta, mas com um outro instrumento que até agora foi abandonado. Um instrumento chamado ‘cooptação’, que é igualmente autoritário”.

Aqui Faoro anuncia profeticamente que, no meio do caminho do processo de democratização, havia uma situação inescapável: a instalação de uma Constituinte.

No momento [1979], isto parece ser uma coisa utópica, inatingível. Mas eu acho que é uma questão de tempo.

Em 1988 a Constituinte se instalou. Não nos moldes que ele achava imprescindíveis. Ou seja, uma Constituinte exclusiva que tivesse compromisso tão-somente com a sociedade e não com os chefes políticos estaduais. O Congresso Constituinte que se formou, na perspectiva de Faoro, trairia a construção de uma verdadeira democracia no país. Ele acertou.

\* \* \*

*O senhor, que acompanhou atentamente o processo de abertura e, inclusive, participou do diálogo com o senador Petrônio Portella, como vê o processo de institucionalização democrática?*

Acho que quem deu a chave do entendimento do processo foi o próprio presidente Geisel, num discurso, agora, de fim de ano. A chave está em quando ele afirma que desejava a abertura, [1] o fim do ai-5, [2] porque isso era um impedimento ao desenvolvimento econômico, político e social. Pode ser surpreendente, mas é uma chave dialética. Quer dizer, esta mesma abertura, que seria há tempos um empecilho, agora é o favorecimento. Este tipo de raciocínio é dialético. Ele levou em conta o fator histórico para chegar a isso.

*Foi o fechamento que favoreceu, então, a implantação do modelo econômico-social da Revolução?*

É o que me parece. Está claro, para mim, esse sentido hegeliano da dialética. Não é um raciocínio normal na formação do presidente. Hoje, ele acha que o fechamento perturba o andamento do processo de desenvolvimento. Ora, esse fechamento já favoreceu, ou pelo menos se entendeu assim, o achatamento salarial, por exemplo. Não é a lógica linear que a gente está acostumado a ouvir.

*Nesse caso, quais seriam os limites desta abertura?*

Nessa mesma observação de Geisel pode estar a definição dos limites da abertura. Ela tem dois pressupostos que se identificam com esta afirmação. Um é a validade histórica da Revolução e de suas bases ideológicas. Estas, no raciocínio dele, continuam incontaminadas. O segundo seria a tomada do desenvolvimento com uma certa idéia mística, e aí me dá a impressão de que esta idéia está encobrendo a preocupação do destino do país como grande potência. E este é um dos vetores da ideologia oficial comum, aliás, aos regimes militares da Argentina e do Chile. Isto se liga a uma tradição, do fim do século passado norte-americano, do “destino manifesto”.<sup>[3]</sup> Enfim, essa mudança, nesse sentido hegeliano, também tem um limite que está proposto na afirmação de Geisel.

*Mas será possível controlar o processo até o fim?*

É claro que a abertura pode atingir um processo que não seja controlável por esses pressupostos. Mas a dialética de Geisel tem um limite, a nossa não tem. É uma dialética de estado-maior, onde as etapas são, supostamente, possíveis de ser previstas.

*Quais, precisamente, seriam as bases do movimento militar de março de 1964?*

Em primeiro lugar, esta que eu assinalei como pressuposto: o “destino manifesto”, agora encarnado numa figura mística que é o desenvolvimento. Daí surge a grande marca desse sistema que é, em primeiro lugar, um sistema imposto. Imposto e comandado sempre do alto, de transformações controladas. Segundo, o que este sistema pretende não é surpresa, e disso vem, também, um filão ideológico que é, no fundo, uma contradição: a ideologia da segurança nacional. Como eles tentam controlar o processo, é necessário estabelecer os controles no nível de quem controla e no nível dos instrumentos materiais e ideológicos. Então, a ideologia se transforma em coerção, quer seja por seu aparelhamento, quer por seu conteúdo. Desprezaram-se totalmente os aspectos autônomos dos formadores de ideologia de consenso. Daí se explica, em parte, o estrangulamento cultural acontecido nesse período todo. Tentou-se, por intermédio da coerção, fazer o consenso.

*Esse foi o sistema de funcionamento do regime até Geisel. E com a abertura, o que houve?*

No processo de abertura tentou-se reativar esse setor ideológico, gerador de consenso, mas, também aí, controladamente. É nesse contexto que entra o conceito de conciliação. Conceito que, na verdade, não envolve nenhum compromisso.

*Um conceito seletivo?*



É oligárquico e é também seletivo. Não envolve nenhum compromisso com forças dissidentes porque é um projeto constituído num grupo fechado que se alarga um pouco mais. E se alarga não só, agora, por meio da coerção ideologicamente encoberta, mas com um outro instrumento que até agora foi abandonado. Um instrumento chamado “cooptação”, que é igualmente autoritário.

*A cooptação para manter o sistema estável?*

Mais ou menos estável, porém mais largo. Ampliado, mas conservando sempre no comando – esse para mim é o traço mais importante da conciliação – um papel arbitral que pode substituir, ampliar ou reduzir faixas.

*O sistema fechado não tinha possibilidade de fazer novas alianças?*

Geisel recebeu um sistema em que ele não tinha muitas possibilidades de alargamento. A prova disso é o seu próprio ministério. Quando um setor malograva, não fazia substituições. Ele só substituía quando ameaçava o próprio sistema. O ministro que fracassou ele não substituiu, passou a incorporar as funções do ministro. Isso o tornou um presidente que foi ministro de todos os seus ministros.

*A centralização?*

A centralização talvez se explique, também, por aí. O ministro da Fazenda[4] manifestamente não foi feliz, e ele, então, incorporou as funções do ministro. O ministro da Justiça[5] malogrou também e não foi demitido. Geisel

incorporou suas funções e as delegou ao presidente do Senado,[\[6\]](#) a uma pessoa de sua confiança. Foi uma concentração obrigatória pelo fechamento do regime.

*O general Figueiredo terá mais mobilidade?*

A perspectiva do general Figueiredo me parece outra, se ele levar adiante esse processo de conciliação. Ele terá condições de substituir e abandonar as funções de administrador especializado em todos os assuntos. A sua faixa, de presença na sociedade civil, é maior, mas sempre controlada.

*O senhor não acredita, então, na ampliação das reformas e, por fim, na implantação de uma democracia?*

Meu descrédito não é total. Acho que precisamos ter é consciência do que a abertura é. Ela não é o processo que nós desejaríamos que fosse. Um processo contínuo, em ampliação permanente, em profundidade e com a criatividade da sociedade civil.

*Num determinado momento deste processo não poderá ocorrer um choque...*

Pode ocorrer um choque. Eu acho que seria até desejável que isso ocorresse. Este choque levaria a uma reformulação do pacto social. Choque não quer dizer violência. Seria um confronto de forças e reconhecimento de um dissídio que existe de forma latente, mas que estes mecanismos todos procuram dissimular, abrandar, desnaturar.

*Isto poderia abalar as bases ideológicas do regime, às quais o senhor se referiu antes?*

Poderá, inclusive, revelar que essa base ideológica é, em si, contraditória, e pouco sustentável. Vulnerável intelectualmente, até porque eles usam os instrumentos da censura, o bloqueio dos partidos, do direito de greve.

*Esta vulnerabilidade é impermeabilizada por esses mecanismos de coerção?*

Que são, afinal, a segurança. Por isto eu acho que o que vocês chamam de choque é desejável. O pacto social e o equilíbrio se fariam dentro da sociedade civil em lugar de serem feitos dentro do esquema proposto. Um remanejamento cooptativo e conciliador.

*Na ótica do governo não haveria outro processo de abertura que não esse?*

Eu acho que no momento em que o sistema começou a notar que não tinha mais rendimento na sociedade, porque não podia mais controlar certos dissídios, certas divergências, tentou, como quase todo Estado autoritário faz, um remanejamento. Suportável para o sistema, entretanto, não havia outro caminho senão o lento e gradual.

*O que significou na prática este caminho “lento e gradual”?*  
[\[Z\]](#).

Significou o caminho controlado. Alguma coisa vai mudar, mas o “estado-maior” continua intacto. Intacto formalmente, não quer dizer que sejam as mesmas pessoas, embora as mesmas pessoas continuem presentes. Aí temos aquela idéia pitoresca do “baile”, que expressa as relações da sociedade civil com o governo. Até um certo momento o “baile” – o direito a reunião, a expressão de pensamento, a própria discussão eleitoral – sofria restrições. Agora o governo diz que o “baile” é permitido, mas quem toca a música são os elementos dele e quem marca o tom, quem controla a orquestra é o governo de um comitê executivo que nós não conhecemos bem.

*O que significou o “pacote de abril” [8] neste jogo?*

O “pacote de abril” foi um ponto crucial. *A posteriori*, ele é justificado como sendo um passo para a abertura. Algo como um passo atrás para justificar dois à frente. A manutenção da maioria no Congresso, o controle que seria mantido e que permitiria ao governo avançar – dentro dos limites – possibilitaram dizer à área que podia ficar sensibilizada que o risco era nenhum naquele momento. Acho, entretanto, que deve ser questionada a validade deste raciocínio.

*Sem o “pacote”, quais, em sua opinião, poderiam ser as conseqüências?*

Seria um golpe de mais audácia, que poderia até facilitar mais nesta proposta conciliatória que está colocada. Mas acho que a conseqüência seria a convocação de uma Constituinte. [9] No momento, isto parece ser uma coisa

utópica, inatingível. Mas eu acho que é uma questão de tempo. Talvez a questão tenha sido colocada de forma intransigente e prematura, porque a Constituinte nunca poderia ter sido instalada sob a vigência do ai-5. Sem as garantias jurídicas fundamentais e sem a anistia, não se chega a ela.

*Mas a oab se manifestou há longo tempo por uma Constituinte.*

A Ordem foi pela Constituinte, mas admitia que se chegaria a ela mediante certos passos prévios. Com o ai-5 em vigor, por exemplo, se a oposição fizesse duzentos deputados, nada impedia que o governo, usando o Ato, os reduzisse para cinquenta remanescentes e eles fossem enquadrados na Lei de Segurança ou fossem presos e, depois, processados.

*A anistia seria um outro pressuposto? Uma anistia com limitações?*

Não. Anistia sem limitações. A anistia tem limites, mas não limitações. Os limites são institucionais, como, por exemplo, a volta ao serviço público de pessoas que já tivessem passado da idade, ou a volta dos militares à ativa sem que tivessem cumprido certos cursos exigidos em regulamento. Anistia não pode ser restrita da maneira que se pretende. Sendo restrita, ela deixa de atender ao seu próprio conteúdo, que é o reconhecimento de que aquela situação passou. Com limitações, você atinge 80% e deixa 20%. Além de ser uma odiosa restrição, estes 20%, tornam-

se remanescentes e, então, o esquecimento não se processa.

*A oab, neste processo todo - representada pelo senhor -, participou do diálogo proposto pelo governo.*

Hoje é muito comum a gente ouvir críticas da oposição de que a Ordem dos Advogados, os bispos, a abi teriam sido ouvidos meramente para legitimar as coisas que teriam acontecido sem a nossa presença. Isso é um belo álibi para a oposição, que não quis discutir o problema quando deveria ter discutido. Na verdade, nós entramos nisto com uma estratégia bem definida, Nós queríamos o *habeas corpus* e as garantias das magistraturas integrais, e isso foi atendido.

*Com restrições?*

As restrições sistemáticas estão nas salvaguardas. Isto nós não gostamos e não desejávamos. Não quero dizer que saímos vitoriosos, mas acho, também, que nossa presença não serviu só para coonestar. Houve uma batalha, realmente travada, onde nós jamais admitimos que o *habeas corpus* não fosse integralmente devolvido. Houve setores, que não vou nomear, setores ditos liberais, para os quais o *habeas corpus* seria eficaz se concedido com restrições. Neste ponto, fomos inflexíveis.

*Nesta batalha, qual foi o significado da conferência de Curitiba?*[\[10\]](#).

Ela teve um aspecto simbólico que eu gostaria de recordar. No momento em que o palco do Teatro Guaíba se abriu e mostrou o teatro lotado, gente em pé, uma multidão lá fora que não tinha conseguido entrar, estavam lá o presidente do Senado, da Câmara, o governador do Paraná. Estava lá, também, o representante do presidente da República, Luiz Raphael Mayer,[\[11\]](#) que hoje integra, com grande honra para a advocacia, o Supremo Tribunal Federal. Houve manifestações delirantes da platéia quando se falava em *habeas corpus*. Eu acho que isto pode ter influenciado, porque eles podem ter sentido que nós não estávamos blefando, que havia um setor da sociedade civil - os advogados - que tinha sensibilizado a opinião da sociedade para uma reivindicação tida como prioritária e fundamental. Discutimos, lá, o direito de greve, liberdade sindical e outros pressupostos necessários para o estado de direito. Um estado de direito democrático.

*Houve neste caminho a reforma da Lei da Segurança.* [\[12\]](#)

Neste ponto nós nunca aceitamos o conceito de segurança nacional e também não aceitamos que sejam enquadrados crimes e ações que, em regimes democráticos, são divergências ou dissidências políticas. Não concordamos com as penas da Isn, que, apesar de reformadas, ainda são draconianas.

*Mas há gente solta nas ruas em razão destas reformas.*

Alguma coisa abrandou e ensejou a revisão de sentenças. Os advogados criminalistas sempre, neste particular, manifestaram o desejo de que a oab não se

opusesse à lei como um bloco e aceitasse o abrandamento das penas, porque isto viria amenizar a sorte de muita gente. Nós chegamos a ver nisto, também, um caminho para se chegar mais facilmente à anistia, ao contrário do que se supôs fora da nossa classe. Hoje eu acredito que esta idéia parece mais clara e fica mais convincente à medida que vão sendo removidos certos tabus. Dizia-se, por exemplo, que não se admitia a anistia para pessoas que haviam assaltado bancos, seqüestrado avião, estes eram atos considerados de terrorismo. Mas parte desta gente está solta pelo simples abrandamento das penas. Então, nada mais há a temer.

*Não havia aí uma superposição de conceitos de crime comum e crime político?*

Estes aspectos foram caindo um a um. Ainda sobre a resistência de absorver a luta armada, um desdobramento da resistência, já que uns foram soltos, este desdobramento não tem mais nada de inédito. Sem ser indelicado e lembrar exemplos pessoais de quem governou de 1964 para cá, bastaria invocar os precedentes mais antigos.

*É tradição da anistia?*

Exatamente. Eu não invocaria exemplos muito próximos de pessoas que foram ministros ou candidatos à Presidência e de outras cujos filhos estão ocupando ou vão ocupar cargos de maior relevo da República, por delicadeza.[\[13\]](#) Mas foram todos beneficiários da anistia sem restrições.



# A democracia absorveu a ditadura

*Senhor, 31/12/1985*

Dezembro de 1985 – O primeiro governo civil nasceu com dois traumas políticos. O proveniente da morte de Tancredo Neves, presidente eleito, e não empossado, e o trauma dos acertos da transição negociada com os militares. José Sarney, o vice-presidente da chapa eleita indiretamente, iniciou o período que foi chamado de Nova República. O adjetivo do nome tentava mascarar os velhos arranjos e monótonos métodos de conciliação da política brasileira. Esse é o tema principal desta segunda entrevista com Raymundo Faoro.

Um dos pontos fundamentais da entrevista é o processo de transição. Faoro entende que “a transição absorveu o regime militar”, entre outras coisas pela “forma da eleição”. Os eleitores, no processo indireto de escolha, eram os integrantes de um Congresso que tinha a marca do “Pacote de Abril”, baixado pelo general-presidente Ernesto Geisel, que distorceu a representação. Uma eleição, além de indireta, de cartas marcadas.

Logo no começo da conversa, o entrevistado carimba o mandato do presidente Sarney.

Ele vai ter de buscar certos apoios, escoras, para durar, que são as mesmas do regime militar: o empresariado, o setor conservador, e estabelecer o

controle das demandas que afrontavam o regime anterior - reforma agrária, luta sindical, formação de consciência sindical.

Uma previsão acertada. Faoro não fazia profecias a partir da vontade dos deuses. Era um analista, raríssimo, que interpretava os discursos dos donos do poder. Ele chama a atenção para um dos maus hábitos dos brasileiros quanto a isso.

Nós temos a tendência [...] de não estudar os discursos, os escritos [...] de quem está no poder. [...] Eu acho que deve ser feito esse exame sobre os discursos de Sarney. Vai-se descobrir, talvez, que a justificação que ele fez do regime militar não é meramente uma racionalização.

Eis aí uma interpretação original. Segundo Faoro, a partir dos discursos feitos por Sarney, no Senado, fica visível que Sarney entendia o regime militar como uma retomada do governo Jânio Quadros, eleito pela udn, interrompido prematuramente em 1961, com a renúncia do presidente. Sarney, aliás, foi um destacado integrante da “Bossa Nova”, uma ala udenista que se projetou em meados dos anos 1950 e atuou até o golpe militar de 1964, que o grupo apoiou.

Contudo essa interpretação de Sarney esbarraria em um equívoco básico. “Ela se apóia na certeza de que o país não mudou.” Esse é o erro, diz ele.

\* \* \*

*Que avaliação pode-se fazer da Nova República, [\[14\]](#) no fim desse primeiro ano?*

É preocupante. Houve esse processo de absorção de certos mecanismos que serviram ao regime no arbítrio e está sendo armada, evidentemente, uma estratégia de governo duro, de governo oligarca. O mandato de Sarney deve se projetar por seis anos.[\[15\]](#) Para isso, ele vai ter de buscar certos apoios, escoras, para durar, que são as mesmas do regime militar: o empresariado, o setor conservador, e estabelecer o controle das demandas que afrontavam o regime anterior - reforma agrária, luta sindical, formação de consciência sindical. Com base em quê se vai resistir a isso? Não mais com apoio militar, pelo menos não explicitamente militar, mas com base eleitoral. Aí fica a interrogação: o governo tem condições de armar um quadro eleitoral que resista a essas demandas?

*Isso faz com que a gente faça uma volta, digamos, ao passado, à origem da Nova República. É o projeto do Tancredo, que está sendo tocado por outras pessoas. Mas esse era o projeto que estava embutido nas articulações, a partir de agosto de 1984. Quer dizer, rigorosamente, a única surpresa seria a ausência de Tancredo[\[16\]](#) e, fora isso, não era esse o esquema que estava montado antes?*

Eu acho que sim, basicamente. Mas acho que a presença de Sarney modifica o projeto. Nós temos a tendência de não ler jornal, de não estudar os discursos, os escritos do político, de quem está no poder. A tendência que nós temos é achar que aquilo é realizado para efeito meramente eleitoral, ocasional, não tendo maior significação. Eu acho que deve ser feito esse exame sobre os discursos de Sarney. Vai-se descobrir, talvez, que a justificação que ele fez do regime militar não é meramente

uma racionalização. Vai trazer um componente diferente. O que o Sarney entendia que o regime militar estava fazendo – e está nos discursos dele, no Senado, publicados – era consolidar, retomar a eleição do Jânio Quadros em 60, que era a eleição da udn.[\[17\]](#) Depois da renúncia, o que aconteceu teria sido um período de quebra, de convulsão e que seria retomado. Eu acho que no Sarney existe uma presença quantitativamente, ao menos, diferente do projeto do Tancredo. Não quero dizer que ele, Sarney, por ser Sarney, modifique as coisas só por esse motivo. Mas ele se integra no grupo, se entende no grupo e vai modificar também o projeto de Tancredo, que poderia levar até a uma situação eleitoral mais nítida. O projeto do Sarney, não.

*Sim, mas, antes de aprofundar então essa hipótese, a partir, precisamente, da idéia de que se o Tancredo estivesse aí, as coisas poderiam ter corrido de uma forma diferente, ficando na questão que o senhor propôs, ao recomendar a leitura dos discursos; se pegarmos os discursos atuais de Sarney, como presidente, se verifica a condenação do regime militar.*

Note que, no Senado – e há um discurso dele de certa importância porque partia de uma entrevista que ele tinha dado ao *Estado de S. Paulo* defendendo o regime militar –, ele acentuava o caráter transitório do regime. Isso foi saudado pelo pmdb,[\[18\]](#) pelo Brossard, como sendo um grande avanço. Ele não dizia que o regime militar era um regime auto-sustentável, dizia que era transitório. Transitório para realizar o final de um período de controle desse fenômeno patológico que ele achava que tinha sido o governo João Goulart. Não há uma contradição aí...

*Mas ele condena os 21 anos. Então, se ele defendia a idéia de que o regime militar veio para recolocar as coisas no lugar, há contradição, e onde está a posição real?*

O regime militar como educador é uma idéia udenista e essa era a idéia que o Sarney teve. E veja: é um regime educador que já se fala e se dá como certo que tem um mandato de seis anos, coisa que o Tancredo, por exemplo, tinha como compromisso reduzir para quatro. Isso parece não ter importância, mas a importância é muito grande. É o período de educação, de controle, são seis anos. O Tancredo, por exemplo, não falava em regime parlamentar. Atualmente está se falando muito e aí há uma certa intuição conservadora muito grande. Um regime parlamentar significa a manutenção oligárquica do sistema.

*Nem todo regime parlamentarista é um regime de manutenção de oligarquias. Até acontece o contrário.*

Não em geral, mas aqui isso ocorre. E foi em outros lugares. E será aqui, com a estrutura do Congresso que se tem aí e que ninguém fala em desmontar. A forma de eleição é outro aspecto a mostrar, o que a chamada transição absorveu do regime militar.[\[19\]](#) Foi a distorção do Congresso, o que foi feito pelo Geisel com o Pacote de Abril. Um parlamentarismo em cima disso não é um regime parlamentarista, é um regime do Congresso. O Congresso faz o governo dentro de si próprio, não se tem o sistema português ou o italiano, onde se joga sempre à opinião pública o dissídio. Aí não, joga-se o dissídio dentro do Congresso, onde as cartas são marcadas.

*E o Congresso sem representatividade, sem capacidade de exprimir com clareza...*

E com uma circunstância agravante, também: com a possibilidade de dissolução do Congresso no Brasil, pela falta de tradição esta é sempre uma dúvida sobre o que vai acontecer. Ninguém sabe se essa dissolução vai continuar ou não.

*O Sarney está cumprindo os compromissos que estavam implicados nessa mudança política do período? Para onde ele se encaminha, exatamente? Para cumprir o chamado grande acordo nacional?*

Eu tenho a impressão de que o acordo dele vai ser mais seletivo. Aquilo que se esperava, por exemplo, de uma ruptura da esquerda, que a esquerda se afastasse dele, está ocorrendo apenas parcialmente. Você nota, por exemplo, que a esquerda do pmdb vai ficar no conjunto, embora ele possa até desprezá-la. Agora, o que é mais relevante, a direita não se afasta dele. Ele é que se afasta dos demônios dela, se afasta do Maluf. Os demais estão gravitando, todos, para um sistema Sarney. O que era duvidoso que acontecesse com o Tancredo. Com o Tancredo deveria haver o confronto municipal, com outro sentido que não foi esse do Sarney.

*Que sentido?*

Dá a impressão que o confronto municipal planejado pelo Tancredo era para afastar a direita, para mostrar que a

direita não tinha força... nem a esquerda tinha muita força. É uma perseguição das virtudes do centro para provar...

*Que a virtude estava nele...*

Que estava nele. Note que o Sarney já incorpora a direita desde algum tempo, inclusive os líderes do Maluf, como Prisco Viana. Essas coisas seriam talvez mais difíceis com Tancredo. Ou talvez com Tancredo isso não fosse desejável. Incorpora o Jarbas Passarinho, coisa que talvez para Tancredo não fosse desejável. Mas para o Sarney é. Incorpora pela via de uma reorganização partidária.

*Essa reformulação do ministério é uma alteração nesse sentido?*

Sempre imaginei que, morto Tancredo, logo em seguida Sarney iria fazer o governo dele, até para construir um projeto. Ele foi mais esperto do que a minha previsão. Deixou a própria composição que gravitaria em torno dele formar o governo. Vai ser um governo formado depois de fevereiro. O governo que ele deseja gravitou, pela inércia, em torno dele.

*Deve ter havido algumas alterações políticas inesperadas.*

Sempre há.

*A maneira como ele montou a assessoria do Planalto indica essa direção?*

Indica essa direção.

*Mas a assessoria está sendo desmantelada. O Rosenberg[20] está saindo.*

No momento em que ele conquistou e organizou a área do Ministério da Fazenda, não precisava mais do Rosenberg. Precisava do Rosenberg para controlar alguma coisa. O Rosenberg - sem nenhum juízo da sua capacidade técnica - passou a ser uma carta totalmente dispensável. Agora, outro traço que Sarney está revelando: o de um político bastante frio no jogo. O que não era a impressão que se tinha dele antes. Ele é capaz de sacrificar as pessoas sem nenhum compromisso emocional. Isso tem alguma coisa da escola getulista.

*Mas o Dornelles caiu porque falava mal do governo para Deus e todo mundo.*

Falava mal de qual governo?

*Do governo que está aí.*

Ele começou a falar mal da esquerda do governo. Começou a falar mal do ministro da Justiça, e desses setores que chamamos, para simplificar, de esquerda do pmdb.

*Sua crítica não era só esta. Estava com baterias assestadas contra uma política que o presidente da República, ou seja, Sarney, apoiava, uma política de escapar ao controle do fmi. O Dornelles achava que isso estava errado. A queda do Dornelles se cristaliza no momento em que o seu secretário-geral participa de um almoço com banqueiros, fala demais, atacando o governo. Sarney manda demitir Vital[21] e*



*Dornelles resolve sair. Não foi contra a esquerda o ataque. Mas contra o governo.*

O que é esquerda? A esquerda parlamentar do pmdb é o Lyra. Agora, o que é a esquerda na ala econômica?

*É outra...*

Sim, é outra, é a esquerda que não quer o fmi, não quer o controle da inflação à custa da recessão. Então veja, o Dornelles tinha uma posição quase que fundamental. Mas o deslocamento dele muda, não só na área econômica. Desloca também outros setores.

*É evidente que Dornelles estava atravessado na garganta do presidente Sarney, o qual estava esperando a oportunidade para derrubar Dornelles. Mas Sarney, quem sabe, havia planejado derrubá-lo mais tarde. Acontece que o sujeito começou a oferecer de graça excelentes motivos para se desfazer dele e Sarney os aproveitou. Mas isso não provaria necessariamente uma semelhança com Getúlio.*

Ele simplesmente liquidou o tancredismo nessa jogada. Mas há mais. O Tancredo queria o antagonismo com essa esquerda que nós situamos no Lyra e na esquerda econômica, que é o Funaro, o nosso amigo Belluzzo.[\[22\]](#) Tancredo queria o antagonismo. Sarney não quer o antagonismo. Então, o projeto dele é mais abrangente. Ele quer que a esquerda, ou esse grupo, fique dependente dele. Não abre mão, no entanto, da direita, também. É um projeto para mais longo alcance do que o de Tancredo.

*Tudo bem, então vamos ao fundo da questão. Na substituição do Dornelles o Sarney mostra alguma coisa estranha. Havia aqui em São Paulo, a começar pelo Delfim Netto, quem tentasse fazer com que o Dornelles fosse substituído pelo Rosenberg. E o Sarney tinha levado o Rosenberg para o Planalto, indicado pelo caríssimo amigo dele, Mathias Machline. [23]. Poderia tranquilamente passar o Rosenberg para o ministério. Porque este já era assessor dele, mas ele chamou o Funaro, sabendo que o Funaro levaria para Brasília o seu pessoal, os chamados economistas do pmdb, os unicampistas. [24].*

Porque estavam na porta da oposição.

*Então o senhor acha que ele desmantelou a oposição nesse...*

Eu acho que sim. Ele fez uma jogada para a esquerda, que o Tancredo não faria, não queria fazer. Queria oposição contra ele e queria derrotá-la.

*Sarney cooptou?*

É. Sarney fez isso para assegurar um projeto mais longo. Esta esquerda, ele sabe que não subsiste sem o governo. E você vê que ela não conseguiu romper. Rompeu regionalmente, no Recife e em outros lugares, mas não rompeu nacionalmente. Então, há um projeto mais longo...

*Vamos tentar antecipar esse horizonte...*

Eu não me admiro que, nesse projeto, mais longo, esteja em gestação o Estado Novo do pmdb. Pelo menos esse pmdb, uma vez que se pode definir o Sarney como peemedebista. Ele está inscrito no partido.

*Isso ocorreu por necessidades legais...*

Essa legalidade é muito duvidosa.

*Mas o motivo na ocasião foi esse...*

Bem, ele sempre se diz do pmdb. Eu acho que este é um projeto mais longo, talvez, do que os seis anos. É o projeto de Sarney. O de Tancredo não era.

*Poderíamos aprofundar um pouquinho mais essa questão da substituição do Dornelles, que é o primeiro lance autônomo dele. E o seguinte: com essa jogada, ele cortou uma certa esquerda do pmdb. Mas vamos entender também direito o que é o pmdb.*

Há uma complexidade aí que não decorre apenas das posições ideológicas, mas também dos humores dos homens. Essa esquerda do pmdb, que está ao lado do ministro Funaro, que é a esquerda dos professores e críticos de economia, os unicampistas, é uma esquerda que fecha com Ulysses. Não fecha com Arraes. Não fecha com Fernando Lyra. O Ulysses fecha com todos. Veja que o Ulysses aí é um ponto-chave. Aliás, ele se colocou muito bem. Colocou-se numa posição arbitral. Vamos lembrar o Ulysses de antes? Ele era o “Senhor Eleição Direta”, um radical, um sujeito considerado como uma espécie de

bomba retardada. Não era isso? O que ele é hoje? Está sendo um ponto de contato. Será que o senhor Ulysses não vai ser o biombo de Sarney? Eu acho que este Sarney, não na psicologia, mas como fenômeno político, deve ser levado um pouco mais a sério do que nós temos levado até aqui. Tenho muito receio de que, com Sarney, a gente cometa o engano que os políticos - e eu fui colega de escritório de políticos que eram oposição ao Getúlio - cometiam, com relação ao Getúlio em 1936, 1937.

*Qual seja...*

Achá-lo um boboca, um acabado. Era o chuchu. Sem sabor, sem gosto. Hoje é o Hamlet. Quem sabe se não há alguma coisa consistente que - não por esperteza ou sabedoria, que seria uma bobagem -, se está cristalizando em Sarney, um papel político, e que ele vai acabar assumindo. Parece-me que ele já está entendendo, no momento em que já joga claramente para obter um mandato de seis anos. Já joga com Brizola e com o Lula. Que talvez não tenham essa densidade e essa importância. E passa a jogar também com o Jânio. Veja: ele passa a jogar com a esquerda e com a direita.

*O que ele faz lá fora, ele faz lá dentro do governo.*

É um sujeito que revela periculosidade política. E o pmdb é o cenário disso tudo, e um cenário provavelmente consciente deste perigo.

*Consciente por parte de quem? De Ulysses?*

O Ulysses talvez seja o mais enganado deles todos. Ao Ulysses o partido prometeu a candidatura presidencial. É uma candidatura muito larga. Tem muito tempo. E essas promessas... Ele foi conivente, no momento em que transou a Constituinte. Nesse ponto eu devo ficar com a discordância de vocês todos; eu acho que o centro da batalha estava no tipo de Constituinte. E o pmdb foi absolutamente insensível à compreensão desse fato.

*Ulysses foi insensível?*

Foi contra. Mas não percebeu que o jogo estava aí.

*Mas ele defende a idéia de uma Constituinte com poderes congressionais...*

Ele fez essa semântica das coisas separadas, ninguém sabe o que vai dar isso. Há aí um nó jurídico muito complicado, mas que também pode ter uma solução muito simples. Está dito que é separado. Perceberam isso, não é? No momento em que delibera como uma Constituinte não é Congresso.

*Que significa isso na prática?*

Pode significar muita coisa. Ou nada. Pode significar que de manhã é Constituinte e de tarde é Congresso. Mas há uma coisa significativa: vai ter um presidente diferente. A Constituinte terá um presidente e o Congresso terá outro. Pode-se ter criado conscientemente ou inconscientemente uma dualidade de poder. Não sei se isso esteve nas intenções do criador, mas se criaram dois órgãos com a

mesmíssima composição. Só há diferença é na direção. Se você separasse para criar com outra dinâmica, o conflito não seria possível. Atualmente o conflito é possível. O Tancredo queria que o Congresso fosse Constituinte. O que saiu foram duas coisas diferentes com as mesmas pessoas e isso não estava no projeto do Tancredo. Essa diferença, a pretexto de conciliar as tendências, foi introduzida na emenda.

*Qual é o significado político da mudança?*

Ulysses não pode ser eleito presidente da Câmara no ano que vem. Isso é da Constituição atual. Mas ser eleito presidente da Constituinte ele pode. Quer dizer, há mais coisas nesse negócio do que a gente imagina. Ou talvez existam menos coisas. Depende da leitura, da tradução que se fizer do Polonius. Ou há mais coisas entre o céu e a terra, ou há menos coisas entre o céu e a terra, do que sonha a filosofia.

*Ulysses quer formar uma comissão para tocar os trabalhos congressionais.*

Bem, é também uma outra hipótese. E daí, o que surgiria? Haveria um presidente da República irresponsável. Não teria o *impeachment* contra o presidente da República. Porque a comissão representa o Congresso. O *impeachment* supõe uma maioria, um sistema de acusação da Câmara com dois terços. Assim, passaria a existir um presidente tornado irresponsável pela tal da comissão; haveria um presidente que não tem de submeter os seus embaixadores ao Senado. Teríamos decisões do Supremo Tribunal,

declarando leis inconstitucionais que o Senado tem de validar e não teria de validar. Então, essa hipótese dá ao presidente da República poder de ditadura. Mas, ao mesmo tempo, conserva uma Constituinte que pode dizer tudo. Pode eventualmente até, embora a emenda não a autorize, fazer Constituições múltiplas, uma hoje, outra amanhã. Atos constitucionais, como fez a Constituinte francesa de 1870. Fez diversas leis constitucionais. Bom, estamos dentro de um complicador ainda não decidido, aberto, que foi o que saiu dessa emenda. Agora veja o seguinte, se essa hipótese é válida, a da comissão constitucional, que é outra variante e, conseqüentemente a Constituinte, em lugar de uma Constituição, faz diversas Constituintes, nos diversos atos constitucionais. Como é que fica? Aí são hipóteses: um presidente irresponsável, com Congresso ou sem Congresso, uma comissão que vai ser escolhida pela maioria - e nada diz que a minoria seja representada nisso. Há uma luta aberta pelo poder aí dentro. Ninguém sabe o que vai dar e ninguém sabe também qual a inspiração disso.

*Se foi o acaso ou se foi a deliberação.*

Bom, em acaso eu não acredito. Eu acho que entre maiores, pessoas com mais experiência política e, suponho, todos vacinados, casados, e uns até descasados, muitas vezes, ingenuidade aí não se deve supor. Não se deve supor que seja uma reunião de virgens. A República também não é uma Congregação de Maria. E daí, como é que é?

*E o pmdb?*

Sim, mas eu acho que o pmdb é o centro do jogo. Quer dizer, é um pmdb que ficou diferente do pmdb da oposição, e cuja fisionomia a gente não sabe qual é, nem como é que está sendo engendrada.

*Qual é a sua previsão? Sarney formará um ministério recorrendo prioritariamente ao pmdb ou a uma larga composição?*

Eu estive agora no Chile e me dizia um argentino, que encontrei por lá: “Eu não entendo o Brasil, por que um dia os sujeitos estão num partido, noutro dia eles estão em outro, como é que é isso? Você pode me explicar isso?”. Respondi: “Eu também não sei como é que se explica isso”.

*A falta de caráter do sistema partidário nacional é histórica.*

Então, o que é pmdb? O Sarney é o pmdb.

*O Prisco Viana pode vir a ser.*

O que é o pmdb eu não sei. O problema aí é filosófico, é de ontologia, “o que é o ser?”. O ser aqui parece que é o vir-a-ser.

*O pmdb quer um esquema de poder. E o pmdb surgiu de uma espécie de mobilização social, que começa um pouco por cima, mas na verdade representa outras áreas menos organizadas, de baixo estrato social...*

Se o pdt e o Brizola conquistassem o poder, seria a mesma coisa. Ele também agregaria grupos.



*Ele já está agregando.*

Já está agregando. Então, ele está dentro de uma ambigüidade. Isso é uma coisa permanente, essa agregação se dá em torno do poder.

*O ministro Aloísio Alves disse, em entrevista a Senhor, que não existe esquerda ou direita no Brasil. Existem os que estão no poder, existem as pessoas que se juntam ao redor de centros de poder municipal, estadual ou federal.*

Que foi o esquema de 1946.

*O que isso significa? O que quer dizer Aloísio Alves?*

Mostra uma grande sabedoria. Por que ele está no pmdb e não esteve na Arena? Não esteve na Arena porque o Dinarte Mariz estava na Arena. Lá eles não podiam ficar juntos.

*Quer dizer que o nosso sistema partidário é movido pelas leis da física? Dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar?*

Não. Nós não temos aqui uma ciência chamada ontologia, que é a ciência do ser. Então aí complica tudo, não? Você tem de agir sobre conjecturas. Agora, existe uma coisa que é permanente, que é o poder. A relação de quem manda e quem obedece. E aí entra o Exército. Entram as Forças Armadas. Que não estão eliminadas deste projeto.

*Haveria então uma desfiguração do pmdb nesta passagem da porteira.*

Bem, eu não sei se seria uma desfiguração ou uma descoberta de identidade. Dá no mesmo. Ou o pmdb não é mais o pmdb, ou o pmdb se descobriu. É negócio da Capitu, aquela pergunta do Machado de Assis: “Afinal, a Capitu da rua da Glória era a mesma da rua Matacavalos, que era uma menina ingênua? Será que a Capitu da rua da Glória já estava na Capitu da rua Matacavalos, que era uma menina ingênua?”. Essa é a grande indagação filosófica da política brasileira, a identidade da Capitu.

*O senhor não confia na esquerda do pmdb?*

Eu acho que a esquerda tem uma definição, tem uma característica. Mas ela não está querendo abandonar o poder. Ela supõe que o seu projeto não é realizável fora do poder. Ela não deu espaço nem na área dos economistas nem na área dos políticos. Não quis ir para um partido diferente, para um partido socialista. Fez um partido socialista ou diversos partidos de circunstância, mas para voltar a se aglutinar depois. Querem coligação, querem a mesma sigla.

*Isso, a seu ver, é um erro?*

Eu não sei. Talvez seja um julgamento, acho que quando não há o ser, você não tem mais o critério do erro, além da verdade. Você está diante de um pré-pensamento. Não é verdade?

*E a direita, onde é que o senhor a detecta, claramente instalada?*

Li há pouco tempo um livro fantástico, de um sujeito chamado Oscar Lewis, autor de *Os filhos de Sanchez*. Bem, o livro se chama *Pedro Ramirez* e ele conta a história de um camponês mexicano, um camponês eventualmente sem ideologia, mas que seguia Zapata. Lutou pelo Zapata, depois desertou, depois voltou. E no pensamento dele não há esquerda nem direita. Mas existe uma consequência sobre as teses, existenciais ou políticas, dele, extraordinária. Ele queria terra. Quando apareceu o Zapata, ele falou: “Vou com o Zapata”. Não fez esse raciocínio de esquerda ou direita. Acho que esquerda ou direita são raciocínios, são criações que estão fora do concreto. No concreto não existe nem esquerda nem direita. Existem interesses que se traduzem em ideologias ou não.

*Qual seja, a maneira pela qual vai ser estruturada a sociedade.*

Esse livro para mim foi uma revelação. E mostra como é uma sociedade que fez uma revolução, a primeira deste século. A primeira revolução camponesa foi feita no México.

*A fome é a esquerda e a gula é a direita.*

E ele queria a terra. Queria a terra e se identificou com Zapata, estava tudo certo, e o Zapata, político, também é de uma consequência total. Zapata se aliou com Madero, eu suponho, o general. Então o Madero ganhou e resumia seu objetivo: “Eu quero que o Porfírio Diaz não se eleja mais.

Acabou o período dele”. Depois, chamou o Zapata para a Cidade do México e disse: “Não, não, não. Ganhamos. Então, agora vamos desarmar a nossa gente, vamos...”. O Zapata disse: “Não, não, não. Não ganhamos. O nosso problema é terra. De modo que nós vamos continuar”. Um homem pouco alfabetizado, não é? O Madero entrava aí como a velha classe política brasileira. A eleição de Tancredo diz: “Agora, nós ganhamos e então vamos acabar com essas coisas todas”. Zapata diria o contrário.

*Mas teria de recomeçar...*

Pois é, agora é que tem de começar tudo de novo.

*E no desenvolvimento desse processo, como é que se encaminharam as coisas concretas, as mudanças institucionais e as mudanças estruturais, coisa como, por exemplo, a reforma agrária, a Lei de Greve. Isto é o concreto. Então, o que nós temos?*

No concreto, nós não temos nada. Temos um sujeito que chegou e disse: “Nós ganhamos”. Que foi o Tancredo e agora é o Sarney. Estão dizendo para os operários, para os homens sem terra, para os bóias-frias: “Olha, vamos acabar com isso, que nós ganhamos. Não há mais o que batalhar, deixe que eu articulo as coisas”. A direita é isso. Na América Latina eu não sei se existe alguém, ou algum grupo, tão articulado, tão sagaz, com pensamento tão consistente como a classe dominante, o grupo dirigente brasileiro. Acredito que não haja outro capaz de fazer todas essas mágicas e dar sempre certo. Mas será que agora dá certo?

### *Mérito das pessoas ou da ausência de adversários à altura?*

Bom, eu suponho que seja pela falta de povo. Este é um povo que não votava, que não participava eleitoralmente. A gente fica espantado quando hoje, por exemplo, em termos de participação eleitoral, o percentual é de 50%. Então, todo mundo vota. Há duas pessoas e uma vota, todo mundo está votando. Há um grande espanto quando a gente percebe que na Constituinte de 1946, com os mesmos dados de hoje, com exceção do voto do analfabeto, só votavam 11%. Só votou um terço do potencial. Podiam fazer três Constituintes iguais, com três eleitorados diferentes. Quer dizer, o elitismo dá nisso. Agora, onde estava esse eleitorado que não aparecia, sendo que o voto era obrigatório? Onde se escondeu esse eleitorado? Essa argúcia do grupo de dirigentes brasileiros é fantástica. Agora, vai dar certo daqui para a frente?

### *Getúlio e militares são dois exemplos maiores.*

O Getúlio mobilizou, os militares desmobilizaram.

### *E agora?*

Agora há essa participação toda e se chega àquela situação do Zapata na qual o sujeito diz: “Bem, foi assim, não é?”. Se bem que acabaram ganhando mesmo, porque o Zapata foi assassinado e o sistema mexicano, hoje, é o sistema que a direita brasileira gostaria de ter.[\[25\]](#) Esse que é o nó das coisas.

*Como é que o senhor avalia a eleição do Jânio Quadros em São Paulo?*

Jânio fez uma definição conservadora e se encontrou diante de uma opção que era nova, que não era o Fernando Henrique Cardoso. O aglutinador dele não era o pmdb. Quando ele dizia que o antagonista dele era o pt, estava absolutamente correto. Diante do pt ele fez a opção conservadora, eu acho que o pmdb não soube fazer essa opção. O pmdb, aliás, apoiando o governo, não tinha opção. São coisas que a gente só descobre depois que tudo passa. O pmdb e o Fernando Henrique seguiriam a linha reformista, por exemplo, apoiando o governo ou realizando um projeto de governo? Essas mudanças pela metade sempre acontecem e o veículo da mudança é o que vai sobrar. Quer dizer, sobra ideologicamente, não como pessoas. Como pessoas tem de se agregar a um grupo conservador para fazer uma coligação ampla. Por isso que eu acho que os projetos do Sarney são muito conseqüentes.

*O destino do Sarney será trazer o pmdb para a direita?*

Trazer o pmdb para a direita e colocar em xeque aquela faixa do pmdb que está na esquerda, mas não pode romper com ele. Que precisa do governo, para que um partido subsista. Um partido que diz que ganhou, não é? Tem de nomear, tem de fazer favores. Como é que ele faz isso, se ele está na oposição, e como é que ele vai deixar de fazer, se ele diz que está no governo?

*E qual seria a opção do pmdb para evitar este destino? Deveria romper com o governo?*

Talvez, se ele tivesse identidade, talvez o governo é que rompesse, o que seria diferente. Ou o governo o seguiria. Devia forçar, devia conservar a sua identidade. Jogar além do projeto Sarney. Porque o projeto Sarney é um período morto para ele, ali o pmdb não tem nada. Ele está disputando, na verdade, é a sucessão do Sarney. E com esta tática provavelmente está perdendo a sucessão do Sarney. Porque o Sarney está aí e ele é inarredável.

*Neste jogo o pmdb não terá um candidato à Presidência da República em condições de enfrentar as candidaturas ideologicamente mais definidas?*

Acho que não, e acho também que não haverá essa sucessão. Por aquele motivo que nós falamos no início. Não se deve contar com a neutralidade do sistema. No momento em que o jogo for este, o sistema não será mais neutro. Isso aqui não é Itália, não é Estados Unidos. Não é, como gosta de dizer o doutor Ulysses, a Suécia. Aqui o sistema não é neutro. E, se ocorrer um certo choque, o sistema assumirá uma posição.

*O senhor acha que esse corredor que o Brizola está percorrendo então pode ser curto.*

Pode levar a um impedimento, tipo parlamentarismo, ou a conferir uma porção de estrelas no ombro do Sarney. Pode seguir por aí, porque não se pode contar com a neutralidade do sistema. E, em outro aspecto que nós falamos, o jogo contra o sistema também não é neutro, não é o jogo de quem ganha e de quem perde. O pdt cresce e o pmdb, nesse contexto, diminui. A situação muda completamente.

O jogo não é mais eleitoral. Quer dizer, desse erro de cálculo a América do Sul está cheia de exemplos.

*As formas de ruptura existem, mesmo que embrionariamente, senão dentro do governo atual, no pmdb? Ou fora dele?*

Não, eu não vejo isso.

*E fora dele?*

Fora dele, as alternativas são todas obscuras. Obscuras, problemáticas, dentro desses dados de que o sistema não é neutro e de que o jogo não é o jogo da soma zero. O jogo é outro. Vamos dizer, foi o grande momento do pmdb que não foi aproveitado.

*O fracasso dele é, aparentemente, a ilusão de que ele consegue mastigar esse sistema. Na verdade, ele está mais é mastigado...*

O fracasso dele é a vitória dele. Ele foi para o governo para se comportar como governo.

*Então o governo acaba sendo um espaço...*

Acaba sendo um poder supostamente estático, mas com uma realidade completamente diferente do que era há vinte anos, há dez anos. Quer dizer, a mudança na composição social e econômica do país de 1974 para cá é profunda, provavelmente nós atravessamos uma revolução sem ter consciência dela. Ou quem sabe não, e o pmdb terá razão.



Aí ele leva o projeto dele para o ano 2000. Mas o projeto dele não é mais o projeto doutrinário que estava proposto em 1974. Foi o grande momento dele.

*Na mesma hora em que a gente diz que o país mudou e ninguém percebeu, ao mesmo tempo se esboça todo um trabalho para fazer com que Sarney dure...*

Eu acho que o projeto vai muito mais, além. O que está em elaboração é uma estrutura de poder, mais do que um mandato.

*Quem está nessa estrutura de poder?*

A estrutura do poder, os que estão no poder, os que querem estar no poder e os que estiveram no poder. Acho que aí é muito claro quem é.

*Talvez não seja claro, porque há pessoas que acham que não estão no poder. Ou pelo menos não estão no poder para ficar por seis anos, ou por cinco, nessa altura do campeonato.*

Eu acho que o jogo está sendo projetado para o ano 2000.

*Sim, mas de qualquer maneira existem as variáveis...*

Há um erro de cálculo básico, porque se apóia na certeza de que o país não mudou. Este me parece o erro.

*O país mudou. Ao mesmo tempo existem, segundo o que se conversou aqui, pessoas que acham que vão ficar no poder até o ano 2000. Muito bem. O que pensa o senhor? Essas pessoas têm chance de ficar até o ano 2000?*

Aí entramos para a profecia. A única profecia válida é a retrospectiva. E profecia também é um negócio complicadíssimo. O padre Vieira, por exemplo, disse que só se distingue o falso profeta do profeta verdadeiro quando a profecia se realiza. Agora, que o país mudou, mudou. Mas prever uma convulsão me parece também um pouco de romantismo nas coisas. Mas os dados eleitorais estão muito concretos e estão muito óbvios.

*A convulsão não está já acontecendo ou esta é uma repetição daquilo que sempre aconteceu?*

Não me parece que o processo brasileiro se mire nesse tipo de mudança. Parece que ele se fixa mais no processo eleitoral. Para que haja confusão, você tem de interromper esse processo eleitoral. E eu acho que é uma hipótese impossível, e é aí mesmo que será a catástrofe, que é o Estado Novo do pmdb. Houve o do psd, com Getúlio, e o da udn com os militares. Pode vir o Estado Novo do pmdb.

*Mas isto não estará a indicar que sem o Estado Novo o país não dá saltos?*

Não dá saltos. Agora, se não houver o Estado Novo, circunstância que eu acho duvidosa que se dê, o país vai mudar. Vai mudar e pela via eleitoral. Parece-me que esse Estado Novo do pmdb tem tudo para fracassar.

*Por via eleitoral? Quando, em 1986?*

Em 1986, em 1988, 1990...

*O processo não é demorado?*

Demorado? Em termos de história, dez anos, quatro anos, dois anos, não é muita coisa. Estou convencido de que o sistema português mudou na eleição, não no 25 de Abril. [26] Ele mudou na rua e na eleição. No momento em que houve uma eleição em cima de outra eleição, o sistema mudou. Agora, se houvesse só o 25 de Abril, o sistema não teria mudado muito. E nisso o documento é muito claro. Na sua primeira versão, a Constituição portuguesa é uma Constituição com poder militar. Já a segunda, não. Na segunda desaparece o poder militar.

*E as perspectivas do pt e do pdt?*

Eu acho que o pt é um projeto de partido. O pdt eu não acho que seja. O pdt é um projeto pessoal do Brizola. O pdt seria o que o pmdb está sendo. Se tivesse ganhado, o pdt estaria na mesma situação que o pmdb. Talvez com menos flexibilidade, porque não tem quadros tão experientes e gente tão hábil como tem o pmdb. Já o pt eu acho que seja uma expectativa, uma esperança, de que possa constituir um partido. Ou o pt ou um partido com essas características.

*Um partido de esquerda.*

Eu evito o termo. É um partido com base nessa realidade nova do operariado, do homem do campo, de quem esteve por baixo neste tempo todo.

*Ele pode ter um salto de qualidade, mas se houver grande indecisão do governo.*

Será um trabalho também demorado. Se for súbito, ele encontra densas resistências. Ou essas interrogações no caminho.

*Sempre, no horizonte brasileiro, há a idéia do cesarismo. A idéia de mudar de cima para baixo. É nessa tentação que o pmdb está, nesse momento, mergulhando?*

Na Constituinte que ele votou está bem claro isso.

*A não ser que surja uma novidade dentro do partido. Porque o pdt do Brizola, na verdade, nada garante.*

É o pmdb do futuro, o Brizola. Com mais personalismo, com menos quadros, com menos sabedoria do que o pmdb.

*O que sobra realmente seria a capacidade que teria a sociedade de se organizar e invadir as regras do jogo partidário. O pt diz isso hoje de uma forma insistente, que ele seria o futuro, alguma coisa nesse terreno, um partido popular, um partido que conseguisse, de repente, empurrar certas decisões, dar densidade de classe aos interesses.*

Densidade de classe, infelizmente não tem. O que é até considerado uma coisa criminosa, no Brasil, quando é um

avanço. Sociedade de classes é um avanço.

*Voltando ao governo. Não é possível considerar que dentro do governo há mais chance do que fora? Por que o senhor diz que o pmdb deveria apoiar, mas não estar no poder, não entrar no poder.*

O pmdb é um partido fraco. Se fosse um partido forte, diria: “Tudo bem, nós vamos até barganhar um pouco, porque, afinal de contas, a vitória do Tancredo, e, portanto, do Sarney, foi possível porque houve uma união de forças, porque, senão, não ganharia. Então ele vai ganhar. Agora, nós somos hegemônicos, nós fizemos a campanha das Diretas, na qual o próprio Tancredo não acreditava, não queria...”. O pmdb deveria dizer: “Vamos fazer um programa. Nesse programa, eu voto. Mas eu não boto ministro nesse governo. Eu só vou botar ministro no meu governo”. O pmdb podia mexer mais. Acho que aí tem coisas não só do caráter do pmdb como da estrutura do aparelho.

*O pacote econômico, com todas as limitações, contém algumas mudanças.*

Mas é que o grande problema não está sendo enfrentado nele. Há o problema da inflação, o problema externo, o do desenvolvimento. E nestes o pacote não tocou. O pacote praticamente se omitiu. E, no entanto, o impasse está colocado: combate à inflação ou desenvolvimento.

*Quer dizer que, mais cedo ou mais tarde, voltaremos à recessão?*

Olha que vai chegar um momento em que o governo terá de se decidir por medidas muito severas. Não será com o apoio atual. Será o esquema do pmdb apelando para todos os sistemas repressivos, não com a brutalidade do sistema militar, mas com aparatos, talvez o que houve ontem em Brasília, policiais para conter manifestantes pedindo terra. Vai mergulhar em contradições. Um Pazzianotto não poderá trabalhar num governo desses. Bem, então o operariado vai reclamar. E vão fazer o quê? Cacetada. Você pode ver que o problema não está no pacote. Nós vamos entregar a Ferro e Aço, que custa 100 milhões de dólares. Quem, no Brasil, pode comprar hoje? E quem, no estrangeiro, quer comprar? Não está óbvio que você vai dar isso para alguém? Quem vai querer? Você vai ratear a coisa entre a cúpula para apoiar essas medidas. Fica de fora um setor que terá de ser reprimido. Há uma previsão de 500% de inflação no ano que vem, com esse projeto de pacote.

*Então, não há grandes alternativas. Ora, comparando com a Argentina, que é uma comparação boa e séria, não porque os países sejam iguais, mas porque se está assistindo à evolução de um país latino-americano, no qual as medidas econômicas estão sendo tomadas com extremo rigor, e, ao mesmo tempo, o governo tem a confiança da nação. Vai para uma eleição e ganha. Muito bem, qual é a solução política?*

Dar ao país alguém com legitimidade para entrar na economia por uns dois meses, e aí deslanchar de novo.

Senão, não vai ter sustentação. Parte para a repressão. O que o pmdb de hoje não entende é que o país mudou. Aí é que está a perplexidade do Fernando Henrique no dia da eleição, na entrevista que ele deu logo depois. Ele estava incrédulo. Mas essa incredulidade se deve ao fato de que o país mudou e eles não perceberam.

*E a direita percebeu que o país mudou? Essa direita perspicaz, essa direita inteligente...*

A inteligência é não precisar explicar seu pragmatismo. Isso facilita muito a conduta da direita. Ela não teoriza porque no momento em que você começa a teorizar...

*Mas ela sempre teve a força do seu lado. Não precisa teorizar se tem a força.*

Olha, o quadro aí é como dizia o Marx, vamos lembrar o barbudo que o barbudo às vezes ilumina bem as coisas. Ele dizia: “Bem, o capitalismo inglês não tem ideologia teórica. Por que o capitalismo alemão tem? Porque lá não existe capitalismo”. Então se está substituindo o fato pela ideologia. Mas aqui pode passar a mesma coisa. Como as forças populares não têm o poder, elas substituem o fato pela teoria ou a ideologia. Como a direita, como os conservadores têm o poder, eles dispensam isso tudo e conseguem fazer um raciocínio, uma estratégia, uma tática muito mais pragmática.

*Perfeito, porque eles têm a força.*

Sim, é o caso do capitalismo inglês. Marx discute muito essa tese. Nós, na Alemanha, estamos colocando a teoria na frente dos fatos, dizia ele.

*O capitalismo não se permite teorizações.*

Estava querendo dizer que a teorização engana, a ideologia engana, porque não corresponde a uma situação de fato. Então o sujeito substitui a realidade pela teoria. Nesse jogo de teoria ocorre essa troca entre um mundo de equívocos e um fracionarismo, que é muito próprio também de oposições, que jogam composições teóricas...

*Vamos ao concreto: suponha que o senhor é líder de um partido que foi oposição mas chegou sua hora. Qual a sua atitude? Joga dentro do sistema, na expectativa de que, lá dentro, tem mais chance de mudar as coisas, ou rompe com o sistema e joga fora a oportunidade?*

Eu preferia o rompimento. Se o pmdb tivesse coesão ele não entraria no governo, ele apoiaria o governo, mas ficaria de fora.

*Mas o pmdb é o que é, e o senhor é o líder desse partido-frente, com todas as suas limitações, contradições e vícios.*

O pmdb já tinha governos estaduais substanciais. Tinha aquilo que, para um partido, não é só importante, o eleitorado, mas tinha a máquina também. E ele deu essa máquina de presente.



*O projeto teórico da economia do pmdb provavelmente era o grande salto que o capitalismo brasileiro precisava dar no rumo a um capitalismo moderno. Agora, será que os capitalistas brasileiros querem fazer um capitalismo moderno?*

Não há capitalistas modernos no Brasil. Tem capitalistas ligados ao Estado. É um partido para modernizar ou para representar o capitalismo, porque o empresário não é capitalista. Ele é um homem que se serve, ou é beneficiado pelo Estado para realizar projetos que podem ser até projetos de benefício público, para o bem geral, mas são projetos ditados de cima para baixo. Então essa observação é fundamental. Você está diante de expressões de classe e você está sem classe e você está sem a classe-chave, que é a classe capitalista, o empresariado. Hoje ninguém gosta que se fale em capitalismo. Burguês então é um termo esconjurado. Mas o empresariado brasileiro, que é o empresariado brasileiro? É o Mário Garnero,[\[27\]](#) que diz à *Senhor*: “Bem, eu não fiz tais coisas porque eu tinha um diálogo com o governo”. Ora, o capitalismo não é isso. O capitalismo é: “Eu utilizei o mercado e forcei o governo a ser o governo que eu queria que fosse”. Isso vale também para um partido operário. “Eu fui ao mercado e forcei o empresário a negociar as mínimas condições que eu queria.” Então, você volta ao problema histórico do Brasil. Há uma explicação brasileira que é preciso procurar não no Marx, mas em Pareto. Quer dizer, os instrumentos teóricos que você está utilizando têm de ser reatualizados. O capitalismo tem que ser enfiado goela abaixo dos caras. O capitalismo aqui me lembra as revoluções do Rio Grande – o sujeito chegava e dizia: “Olha, vai haver uma revolução lá e

você é capitão, e não esqueça o posto”. Você não queria ser cabo nem soldado. Você vai ser capitão. Então, você é capitão por determinação. Há um livro importantíssimo, da década de 60, chamado *A burocracia celeste*. É um debate do autor, um sinólogo, com o marxismo. Ele é um búlgaro, mudou-se para Paris, e começou a discutir a sociedade chinesa. Então colocou esta tese: como é que uma burocracia, os mandarins (bom, mandarim nem é um nome chinês, foi português que botou esse nome lá) impediram uma burguesia. Quer dizer, eles impediram que a burguesia aparecesse dentro da estrutura do Estado, sempre frustraram a burguesia. Num período depois do feudalismo, não surgiu o capitalismo. Então o Marx dizia: “Bem, essa é uma fase que é transitória em que é possível uma ascendência do Estado sobre as classes”. Então o búlgaro pergunta: “Bem, mas um regime que mantém isso durante 2 mil anos é transitório?”.

### *É o Brasil celestial.*

E há coincidências. Por exemplo, o que era um burguês chinês? Era um sujeito que corrompia um funcionário para conseguir os favores. Ou era um funcionário que ia atuar na área privada - e aí a coincidência é mais gritante -, porém com ligação com os mandarins. É uma coisa em que a coincidência é total. Acabam os mandarins mas não acaba o mandarinato. O sujeito entra na atividade privada e diz: “Bem, esse homem está banido”. Ele desaparece, mas não desaparece a estrutura.

*Mas qual é a influência dessa mudança pela qual passou o país à revelia dessas estruturas arcaicas, porém resistentes? Qual é o efeito que pode ter essa mudança?*

Não sei, essa é uma interrogação que, acho, só os búzios resolvem. Mas o que é certo é que o país é outro. Eu acho que o governo não entendeu, a oposição não entendeu, e os intelectuais entenderam muito menos ainda.

# Uma Constituinte tutelada

*Senhor, 30/12/1986*

Dezembro de 1986 - O Brasil marcha para uma Constituinte, que Raymundo Faoro pregou, em 1977, quando era presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil e que, na entrevista de 1979, afirmou que, embora parecesse uma utopia, era somente “uma questão de tempo”. A forma concebida, entretanto, não era a que propunha: uma Assembléia Nacional Constituinte, exclusiva, que, como ele dizia, se opunha a um Congresso-Constituinte feito “para a hora do lanche”.

No momento em que se fez a Constituinte “dentro” do Congresso, já era o Estado Novo do pmdb que estava operando. [...] Para que a Constituinte saia desse projeto é uma dificuldade imensa, em primeiro lugar porque o pmdb, junto com o pfl, é hegemônico.

**Faoro raciocinava assim:**

[...] o sentido do voto popular [que elegeu o Congresso, em 1986] não foi votar em senador nem em deputado, foi em governador. A Constituinte está entregue a uma coligação de governadores que vai manter o presidente enquanto o presidente for fiel a eles.

O pmdb já não era o mesmo. Já não era o partido descendente do mdb que marcou a luta pelo restabelecimento das liberdades políticas no país. Tinha se

tornado, na expressão de Faoro, um “partido aluvial” que fez a transação interna, nas suas fileiras, “para fazer a transação externa fora das [suas] fileiras”.

Esse foi o ambiente das combinações políticas no qual foi elaborada a Constituição promulgada em 1988.

O Partido dos Trabalhadores, o pt, ainda engatinhava, fazia barulho, mas conseguia pouco resultado prático. Propunha que as reuniões dos constituintes fossem transmitidas pela televisão (o Legislativo ainda não tinha canais exclusivos) e prometia organizar caravanas para pressionar os constituintes em Brasília.

Faoro nunca acreditou nas “ações espontaneístas” da população. E apresentava as razões para não acreditar na pauta de mobilização dos petistas.

Acho muito difícil que tenha sucesso. Em primeiro lugar porque, para uma mobilização dessas, eles deveriam contar com os meios de comunicação de massa e esses meios não estão disponíveis para essas forças.

O pt tentava sintonia com os movimentos sociais, atores reprimidos na ditadura militar, que ressurgiam no cenário político. Uma esperança de longo prazo. Favorecido pela anistia, emergia também, vindo de um exílio de quinze anos, um dos mais influentes personagens políticos brasileiros da segunda metade do século xx, o gaúcho Leonel Brizola.

Brizola, visto pela ótica de Faoro, tinha “um poder de crítica que é muito positivo para a democracia brasileira e, se ele tivesse um espaço maior, seria melhor”.

As greves estavam na pauta do dia. Essa nova conjuntura foi analisada por Faoro, como sempre, de uma perspectiva histórica.

A greve é uma tática do operário. É claro que o governo pensa que a greve é uma maneira de derrubá-lo, uma maneira de desestabilizá-lo, um mundo de bobagens que andaram dizendo aí, em torno disso. Quando greve nunca derrubou governo nenhum, não derruba governo.

O entrevistado falará, em seguida, das fragilidades do sindicalismo brasileiro, imprensado entre o atrelamento ao governo, por depender do imposto sindical, e uma classe empresarial que não o aceita.

\* \* \*

*Há exatamente um ano, o senhor cunhou uma expressão que se tornou emblemática: o Estado Novo do pmdb. O que se passou de lá para cá?*

Na eleição essa idéia sofreu um revés. Houve um apoio popular ao pmdb muito grande. Agora, bastou sair da eleição para que a tese brilhasse com toda atualidade, porque foi um momento em que o pmdb se desviou da corrente popular. O pmdb cresceu no passado nas campanhas populares. Quando havia uma campanha popular, como a última das Diretas,[\[28\]](#) o pmdb dava um salto. Isso tornou possível o resultado de 15 de novembro. [\[29\]](#) Era evidente para todos nós que essa ligação era artificial. O caminho do pmdb não é esse, esse é um caminho tático para isolar a esquerda. Bastou 15 de novembro passar ele vem e apóia uma medida antipopular. Na primeira greve que há ele se solidariza com o governo, que desautoriza a greve e chega a ponto de pôr os tanques na rua. Não houve nenhum protesto do pmdb. Eu acho que isso reflete o amadurecimento daquela tendência de que um líder civil ou um grupo civil venha a ter um apoio militar

para constituir um Estado não popular, para projetos que a gente sabe que são tecnocráticos, como foram até agora.

*O senhor não acha que a Constituinte pode desnudar ainda com mais clareza esse projeto e até desafiar essa hegemonia?*

Veja que a Constituinte foi constituída dentro desse projeto. No momento em que se fez a Constituinte “dentro” do Congresso, já era o Estado Novo do pmdb que estava operando, estava trabalhando. Para que a Constituinte saia desse projeto é uma dificuldade imensa, em primeiro lugar porque o pmdb, junto com o pfl,[\[30\]](#) é hegemônico. E a Constituinte foi entregue não aos deputados e senadores: o sentido do voto popular não foi votar nem em senador nem em deputado, foi em governador. A Constituinte está entregue a uma coligação de governadores que vai manter o presidente enquanto o presidente for fiel a eles.

*Existe aí uma espécie incipiente de “política de governadores”...*

Uma política de governadores não tão fechada como a do período de 1930, da República Velha,[\[31\]](#) mas uma política em que os governadores é que receberam os votos e receberam as chefias políticas dos estados. Os deputados e os senadores vão ter de acompanhar. A sensibilidade dos políticos já acusou isso. Estão fazendo reuniões de governadores. O presidente já está mandando o ministro da Justiça falar com os governadores. Eles já tiveram a sensibilidade de perceber como é que se está armando o esquema.

*Logo após o Cruzado ii, [32], houve um início de rebelião contra as medidas adotadas pelo governo, da parte de políticos que acabavam de ser eleitos e que perceberam que as medidas eram impopulares. Isso não foi um indício de que esse vínculo entre governadores e o presidente da República pode sofrer um rompimento no decorrer do processo em consequência da pressão do movimento popular, do movimento civil?*

Em consequência do movimento popular, eu acho muito duvidoso. Em função dos governadores, sim. É claro que os governadores não vão arcar com os ônus todos da política federal. Para que paguem o preço da política federal, eles vão também exigir que o rumo seja ou ditado por eles, ou pelo menos combinado entre eles. Esse será o jogo. Para que essas medidas impopulares persistam, seria necessário que esses governadores consentissem o que eles não vão consentir. Eu acho, por exemplo, que uma política de recessão, uma política inflacionária, não será tolerada por esses governadores. Isso torna a posição do presidente da República mais difícil ainda, não torna mais fácil.

*Tanto o governo federal como os governadores estão dentro do mesmo quadro conservador. As divergências, por exemplo, entre a política dos governadores e os interesses federais, quais são? São mínimas, não é?*

Não são mínimas, mas os governadores estariam mais aptos a renovar o contato popular do que o presidente da República. Eles vão isolar Sarney das correntes populares, eles é que vão ser os intermediários do poder econômico. Não vai ser o diálogo direto, como foi no Cruzado de 28 de



fevereiro, [33] entre o presidente da República e o povo, sem nenhuma intermediação. Vai ser entre Sarney e os governadores. Agora, os governadores não apoiariam uma política recessiva, porque o ônus recairia em cima deles e não do presidente da República, que tem um mandato indefinido. [34] Isso torna a posição do Sarney difícil, torna o mandato dele muito problemático, o mandato dele vai ser condicionado por essas circunstâncias.

*O senhor foi um pouco cético com relação aos efeitos da mobilização popular. Na medida em que a Constituinte e a imprensa passem a repercutir isso, não há a possibilidade de ser exercida uma certa pressão em cima da Constituinte?*

Eu acho muito duvidoso que haja uma pressão sobre a Constituinte. Eu perguntaria o inverso: qual seria a reação desses governadores ou do presidente da República se houver uma pressão popular sobre a Constituinte? Não será a mesma reação que ele teve há dias com relação à greve? Ele vai buscar o apoio que está faltando onde? O apoio popular que está faltando, e se faltar ainda o apoio dos governadores, ele vai buscar onde? Nós sabemos onde ele vai buscar esse apoio. Mas também esse apoio não é absoluto, ele terá de procurá-lo dentro da frente dos governadores. Eu acho que ele vai desmobilizar a Constituinte dentro de um acordo com os governadores e diante também de um alerta a essas forças, que ele chama “de tutela”. No seu último discurso, Sarney disse que nenhum presidente da República até este momento tinha se libertado das forças de tutela. Então, essas forças de tutela que estão aí não saíram do cenário. Estão à espera de uma

oportunidade para dar força ao presidente. Para que lhe dêem força, é necessário também que ele não perca completamente o contato com o meio político. Uma pressão popular levaria a que ele se definisse de uma maneira mais clara, o que seria bom, mas também que ele se definisse tomando um rumo que nós prevíamos há um ano.

*Essas propostas do pt, com o objetivo de que haja participação popular na Constituinte, de fazer com que ela seja televisionada e de levar caravanas a Brasília, tudo isso é inviável na sua opinião?*

Acho muito difícil que tenha sucesso. Em primeiro lugar porque, para uma mobilização dessas, eles deveriam contar com os meios de comunicação de massa e esses meios não estão disponíveis para essas forças. O governador é uma chave muito importante. Nós vimos, por exemplo, nas Diretas, que o movimento só tomou um grande impulso quando os governadores o apoiaram, o de São Paulo [\[35\]](#) e o do Rio de Janeiro. [\[36\]](#) Esse espontaneísmo popular é que eu não acredito que ocorra.

*A discussão que provavelmente se dará na Constituinte, sobre o papel das Forças Armadas, aliada a um quadro de crise econômica gerando insatisfações e obrigando o governo a recorrer à recessão, não pode propiciar um caldo favorável ao golpe de Estado?*

Eu acho que, se a gente for discretamente pessimista, esta é a hipótese mais provável: que a Constituinte se encerre prematuramente, não com um golpe com tanque nas portas do Congresso, mas por meio de um acordo que

se faz sempre no Brasil, entre elites, para evitar a “anarquia”. “A anarquia está às portas, então vamos encerrar esse assunto logo”, seria a justificativa. “Está aqui um projeto de Constituição muito bom, feito aqui pela assessoria do Planalto, que vai satisfazer todo mundo e vamos encerrar esse assunto logo.” Isso eu acredito que não seja uma hipótese absurda.

*Na prática, parece que a Constituinte está aí para não trabalhar efetivamente.*

Ela vai encontrar dificuldades de trabalhar muito grandes. Eu estou sabendo até que tem dificuldades, inclusive, de espaço. Ela é uma Constituinte, na verdade, para a hora do lanche. O Congresso trabalha de manhã. Se os assuntos sobre a crise econômica se agravarem, como a gente está vendo que se vão agravar, o governo vai ter de pedir medidas legislativas a toda hora, essas insatisfações vão ao Congresso, isso vai ser discutido em termos de lei e não de Constituição, porque há uma sutileza na mensagem do governo muito curiosa: a Constituição vai ter de ser um bloco único, não vai ser possível que saiam disposições constitucionais com valor constitucional parcelado, a Constituição será una.

*Só entra em vigor quando o governo fechar o pacote?*

Só. Qualquer discussão que houver não repercute na Constituinte, repercute no Congresso. O trabalho legislativo pode sobrepor-se a isso e deixar a Constituinte como uma espécie de ornamento, ou que dure muito tempo ou que seja encerrada de uma hora para outra, por meio de um

“acordão” de lideranças, de governadores. Aqui se fabrica a anarquia facilmente, a anarquia entre aspas. A retórica oficial sempre falou em anarquia. Depois do episódio dos quebras[37] em Brasília, todo o governo ficou falando que a anarquia estava nas ruas, ou na véspera dessa greve, como se falou nisso...

*Brasília é uma cidade feita para o sossego. O senhor acredita que houve provocação ali naquela história de Brasília?*

É provável, pelo que se viu. Eu acredito que a provocação sempre há. É muito difícil que nós, tendo saído de um tipo de regime como saímos, acreditemos que tenhamos entrado num outro tipo de regime sem nenhum resquício daquele. Se antes havia infiltração de elementos de direita – isso houve no comício do Tancredo, em que foram presas diversas pessoas...

*Pregavam cartazes do pc...*

Isso foi há dois anos. Será que em dois anos mudou tanto? Esses mesmos elementos estavam nas manifestações das Diretas.

*O pacto da transição inclui a intocabilidade dos órgãos de segurança.*

Exatamente. Os órgãos de segurança no sentido lato, que inclui as forças militares. Mudou o regime apenas nominalmente, mas as forças do regime atual são as mesmas do regime anterior. Se naquele momento havia

essas coisas, por que acreditar que agora não haja? Onde estão os elementos para que se acredite que essa mudança teve essa profundidade?

*Quer dizer que o pmdb entrou de gaiato nessa transição, já que as forças que o acompanham agora são as mesmas que ele combatia? Seria bom tentar definir um pouco o que é a identidade do pmdb. Essa tal esquerda do pmdb existia, não existia, ainda existe?*

Eu acho que o pmdb não entrou de gaiato, fez uma negociação. Naquele momento o pmdb era uma coisa, hoje é aluvial, é um pmdb que fez uma transação dentro das suas próprias fileiras para fazer a transação fora das fileiras. Nós temos o caso de Alagoas, onde o pds entra para o pmdb, se apropria do pmdb e elege o governador.[\[38\]](#) Esse não é um caso muito estranho no país, isso ocorreu com muitos setores. Eu não quero citar o exemplo do presidente da República por uma questão até de respeito a Sua Excelência,[\[39\]](#) mas que houve fatos desses, houve. Esse pmdb aluvial tem condições hoje de promover aquelas mudanças que ele pensava promover quando fez a campanha das Diretas? Naquele momento, por exemplo, se falava muito numa expressão “entulho autoritário”.[\[40\]](#) O que é feito dessa expressão hoje? Hoje o que se diz é que as leis são feitas para ser aplicadas. Ora, se as leis são feitas para ser aplicadas, então não existe mais o “entulho autoritário”. Devem ser aplicadas aquelas leis que eram tidas como “entulho autoritário” no projeto inicial do pmdb.

*Então essa questão não é circunstancial. O fato de ser o Brossard o ministro da Justiça é uma...*

É uma mera circunstância ocasional. Aliás, o Brossard tem um passado de resistência, ele não é um recém-chegado ao pmdb, e não tem nenhuma vocação autoritária. O Brossard está servindo a correntes dentro do seu partido, ele está servindo ao seu partido com uma transparência que é muito própria dele, ele não é de enfeitar as coisas, diz as coisas como elas são.

*Ou como lhe dizem para dizer.*

Não acredito que o Brossard vá até uma quebra da legalidade. Na quebra da legalidade ele será o primeiro a sair. A mensagem do pmdb hoje é a mensagem que o ministro da Justiça está transmitindo ao país.

*Quem é que preside, quem é que faz essa negociação dentro do pmdb? É o doutor Ulysses ou o senhor ressalvaria um pouco a figura dele?*

Eu ressalvaria um pouco a figura dele porque acho que, hoje, o doutor Ulysses não é mais o doutor Ulysses de dois ou três anos atrás. Se mudou o partido, mudou também o papel dele no partido. Ele hoje é um organizador da convivência dentro do pmdb.

*Uma espécie de síndico?*

É, ele organiza a convivência e, inclusive, fica com um papel desagradável de arrumar os empregos, que não fica

bem ao dr. Ulysses na visão de dois anos atrás, esse papel de provedor de um grupo de pedintes. Não é o papel histórico dele, esse papel que ele está ocupando é um acidente que aconteceu por causa do que ocorreu com o partido dele.

*No seu ceticismo discreto, o senhor nos leva a entender que mais ou menos se está fazendo um acerto para vir aí um modelo democrático excludente, sem lugar para a grande massa, as grandes reivindicações populares. Onde é que está a luz? Como é que o país rompe com isso, ou nós temos uma vocação inata para a democracia autoritária?*

Eu acho que o país só rompe com isso pela base. Eu não acredito que rompa por vanguardas, nem porque forças de fora dão consciência às forças que estão lutando, mas rompa pela base. É um fenômeno de organização desses setores excluídos que tendem a se ampliar, e veja que eles já se ampliaram. Nas eleições, esses setores que foram excluídos da combinação política fizeram quarenta deputados. O chefe do sni[41] calculou que a última greve atingiu 20% da força de trabalho. Se atingiu 20% da força de trabalho, isso significa 20% do eleitorado ativo, do eleitorado que deu um voto cheio ou um voto não nulo. Se forem 20%, deveriam estar representados no Congresso por noventa ou cem deputados, e não quarenta.

*Nesses quarenta, o senhor inclui os deputados do pt, dos partidos comunistas e do pdt?*

Os partidos comunistas eu tenho uma relutância em colocar nesses quarenta, como tenho alguma relutância em

colocar também alguns do pdt. Nesses quarenta estarão alguns perdidos do pmdb, quase todos, se não todos, do pt, uma grande parte do pdt. Os partidos comunistas também fizeram um acordo e estão relutantes em abandonar esse acordo que estrategicamente pode ser muito útil. Um acordo em torno da legalidade. É uma coisa válida em política: um compromisso.

*O Plano Cruzado, na sua forma original, acabou provocando uma pequena distribuição de renda. O senhor acha que o governo foi além de seus próprios limites, contrariando compromissos já assumidos?*

Foi até o seu limite, porque, logo em seguida, os economistas se alarmaram, não é? Provavelmente não estaria nos propósitos deles nenhuma distribuição de renda. E não sei também se houve essa distribuição de renda. Aliás, os economistas não se entendem sobre isso, se houve ou não. O que houve foi que as pessoas começaram a gastar mais, porque sabiam que os preços não variavam.

*O senhor acha bom para a democracia que o Brizola tenha perdido a eleição?*

Eu acho que a democracia é isso: é ganhar ou perder. Não acho bom, nem ruim. Eu não votei no pmdb no Rio, mas também não votei no candidato do Brizola.[\[42\]](#) Não acho bom, nem ruim, eu acho que o Brizola tem um papel político, um papel que sofreu um revés muito profundo. É uma coisa que as forças oficiais não gostam: ele tem um poder de crítica que é muito positivo para a democracia brasileira, e se ele tivesse um espaço maior, seria melhor.



Para exercer esse poder de crítica, de debate, seria bom que ele tivesse uma posição mais sólida.

*Ainda com relação à Constituinte e ao pt, como o senhor acha que o pt vai mover-se dentro dessa Constituinte? É franca minoria, não é?*

É, mas as minorias não estão necessariamente fadadas à derrota. A minoria, se for flexível estrategicamente, pode desagregar setores que estão em maioria. Pode até constituir um núcleo que desagregue setores que estejam no pmdb e que amplie esse setor. Como esse setor de quarenta que a greve mostrou que são noventa, pode ser que esses noventa apareçam. E 20% de uma assembléia já são uma força que nada, ou muito pouco, se pode fazer sem ela. É uma força disponível para um compromisso. Tendo um compromisso, cede alguma coisa, mas obtém outra. O jogo democrático permite isso. É uma idéia que desperta, às vezes, uma certa repugnância, mas o compromisso é inerente a uma Assembléia, é inerente a um Congresso. Com quarenta realmente ele pode ser marginalizado, com cem eu já acho mais difícil. Veja que em 1946<sup>[43]</sup> o psd tinha a maioria absoluta, mas ele teve de negociar, teve de fazer compromissos com os partidos de oposição em muitos aspectos.

*No caso da Constituinte, como o senhor falou, há um “acordão” se desenhando aí, mas existe um ponto específico que é o mandato do presidente Sarney. O que é que vai determinar a sua duração?*

Eu acho que a questão é o mandato, a questão fundamental é o mandato. O que o mandato significa é se este acordo entre governadores mantém este presidente ou faz outro. Se vai manter este presidente por seis anos, o acordo será feito em termos de maior participação dos governadores nesse processo. O mandato pode ser um mandato simples no sistema presidencialista e pode ser um mandato no sistema parlamentarista, o que é uma maneira de lotear as posições. E há também uma outra hipótese, provavelmente mais viável em razão do agravamento da situação econômica que se prevê: que se faça um regime em que a figura do presidente da República perca a predominância, e o motor do processo seja um primeiro-ministro ou um presidente do Conselho alimentado por essas forças.

*E o Gabinete deteria de uma forma mais clara esses interesses?*

É claro que a questão toda é o mandato. Imaginemos que a Constituinte conclua seus trabalhos e designe o dia da eleição, não dando mandato nenhum para o presidente Sarney - note que todo mandato que a Constituinte lhe der será um mandato dado, gracioso, porque, na verdade, com a Constituição se encerra o mandato dele; a Constituição pode dar-lhe mais dez anos, mais cinco anos, até transformá-lo em governador vitalício. O que na América do Sul não vai causar um terremoto, mas provavelmente as combinações não serão nesse sentido. Se a crise econômica não for muito forte e ele, presidente da República, não tiver apoios políticos suficientes e for buscar só os apoios militares, que são os mais disponíveis em favor dele, o

mandato será curto. Se ele fechar o acordo, o mandato dele será longo, será mantido na sua integridade por seis anos. Todo o jogo político vai resolver-se em torno do mandato e esse problema vai ser resolvido antes da abertura da Constituinte. Esta decisão é daquele gênero de decisões do Benedito Valadares. Certa vez, durante uma reunião, ele reclamou para seus amigos políticos do psd: “Mas que diabo de reunião é essa, se nós não decidimos nada antes?”. Eu acho que a matéria vai ser decidida antes e a Constituinte vai já girar em torno de um fato, uma situação decidida.

*Será então que essa história do tal pacto social, ou entendimento, como prefere o ministro Pazzianotto, é uma forma para criar uma espécie de limbo político para que esse acordo se faça sem interferências externas, sem fatores extraordinários aí? Ou estamos avançando muito em uma hipótese?*

Não, acho que é uma hipótese bem provável. Eu acho que, se houver um pacto social, o que me parece muito improvável, abrangerá também este aspecto. O que significa pacto social para essa gente, que detém o poder há tanto tempo? É uma paz social, quer dizer, é uma combinação para que não haja a tal anarquia, entre aspas, não é? Então, para que não haja anarquia, essa situação pode ser acertada previamente, e aí dentro de um espectro de consulta bem mais amplo, não? E não de um grupo muito mais fechado, como se está esboçando. Porque o que se está esboçando é decidir essa matéria numa próxima reunião de governadores, provavelmente já com a designação, se for curto o mandato, dos concorrentes à eleição.

*Ou seja, o horóscopo de 1987 está bastante ruim, não é?*

Eu acredito que 1987 depende de uma incógnita, que é a dívida externa.[\[44\]](#) É uma incógnita que pode dar muita força ao presidente Sarney, ou pode retirar a pouca força que ele ainda tem. Acho que, se houver uma negociação dentro daquelas proposições dos economistas do pmdb, de que se drenem, para o exterior, recursos tais que permitam fazer aqui uma política não recessiva, e não inflacionária, e de desenvolvimento econômico, aí ele terá pela frente um futuro limitado, mas bastante sólido. Agora, se esse acordo não se fechar, ele teria a hipótese de ir para a televisão e anunciar uma moratória - que também lhe daria popularidade, mas aí em período bem mais curto. Quer dizer, seria um outro momento de popularidade dele, mas aí com todas as incertezas e dificuldades que advêm de uma moratória. Provavelmente o governo dele não tem estrutura para resistir a essas incertezas e dificuldades, porque isso vai exigir uma aproximação popular. E a estrutura do governo dele não é adequada a isso.

*Falta-lhe vocação popular?*

É, falta-lhe vocação popular e, também, condições para fazer concessões. Por exemplo: ele estaria em condições de fazer uma reforma agrária em maior profundidade, estaria em condições de uma redistribuição de renda em maior profundidade?

*Taxar os ganhos de capital?*

É, taxar os ganhos de capital. São certas dificuldades que me parecem estruturais num tipo de acordo que gerou esta situação.

*Há quem atribua essa falta de vocação popular do governo ao Partido da Frente Liberal. O senhor acha que o pmdb, sozinho, teria condições de fazer um governo popular?*

Eu acho que o pmdb de hoje é - como eu disse - o pmdb aluvial; acho que, sozinho, não poderia fazer, e também não creio que o obstáculo esteja assim, isoladamente, no Partido da Frente Liberal. Me parecem obstáculos que vêm, provavelmente, de dentro da sociedade civil, e se refletem no pmdb, se refletem no pfl. Obstáculos que vêm da estrutura empresarial, da estrutura agrária do país, que ainda são muito retrógradas.

*O presidente Sarney usou, dia desses, uma comparação, dizendo que corríamos o risco de estar vivendo uma "primavera de Praga".[\[45\]](#) Para o senhor, qual o significado desse comentário?*

Bem, eu acho que foi um momento de grande sinceridade dele. Deve-se louvar, porque acho que ele falou o que realmente pensa, não foi um ato falho, não.

*Aliás, os tanques têm a ver.*

Quem saiu de um regime de tanques, quando abre a janela do Palácio do Planalto e não vê os tanques na rua, acha que está vendo uma primavera. Mas sabe que os tanques estão por ali, em algum lugar, não é? Não acredito

sequer que ele tenha feito uma ameaça. Ele constatou um fato.

*Honestamente?*

Honestamente, dentro da ótica de uma pessoa que fez um diagnóstico muito coerente: se o regime é o mesmo, se antes os tanques estavam aí, por que agora não estão? Eu acho que foi um diagnóstico muito sensato da parte dele, muito correto. Não sei, os tanques, quando entraram em Praga, me parece que derrubaram o governo que estava lá, não é? Aí é que está a interrogação. O que é que acontece depois da primavera? Se fica aquele governo que viveu a primavera ou se vem outro.

*A respeito da tentativa de greve geral do dia 12,[\[46\]](#) há a teoria de que essa greve era muito fácil de ser evitada, e que só não o foi porque os dois lados encararam a greve como um teste de forças. Os trabalhadores querendo ver com quem poderiam contar futuramente, e o governo, incluindo aí os militares, também. O senhor acha isso plausível?*

Bem, eu não acredito que tenha sido assim, um produto de duas conspirações, conspiração operária e conspiração militar. Eu acho que os operários sindicais quiseram dar um recado, que a política recessiva não vai acontecer. O governo, ao tentar evitar a greve, mostrou uma fragilidade maior do que se supunha. Mostrou-se frágil, mostrou-se assustado. E acredito que a greve revelou um impasse que ainda pode vir a existir no país. Um impasse que, não digo que venha a ocorrer, mas que provavelmente, ou

potencialmente, possa vir a ocorrer. Um impasse entre uma política tecnocrática, modelo Delfim, ou uma política popular. O impasse significa que nenhuma das duas prevalece, e aí não se sabe como é que se desata esse nó, não é?

*O senhor acha que as centrais sindicais saíram assim tão enfraquecidas do episódio?*

Não, acho que não. Greve geral é difícil em qualquer lugar do mundo. Qual o significado da greve geral? Ela quer fazer a conexão do fato econômico, salarial, com o fato político, uma conexão sempre problemática, em toda parte. Note que os sindicatos, sozinhos, não conseguem fazer política, não é? E o que os sindicatos querem dizer é que os políticos também não podem fazer política sem os sindicatos. Acho que o recado foi dado, não com muito êxito, mas com força suficiente para que haja ponderação deste episódio.

*De qualquer forma, teria sido um erro dos trabalhadores, digamos, chamar aquela manifestação de greve geral, ou isso é irrelevante?*

Os sindicatos cultivam muito a tese segundo a qual a consciência dos problemas políticos é adquirida na luta política. Então, uma greve que consegue mobilizar 20% já adianta muito sobre uma outra que consegue mobilizar 2%. Já chama a atenção, cria um fato político. Que na realidade não foi um fato político decisivo, mas foi um fato político. Então, é uma questão de tática política, de tática de luta, não é? A greve é uma tática do operário. É claro que o

governo pensa que a greve é uma maneira de derrubá-lo, uma maneira de desestabilizá-lo, um mundo de bobagens que andaram dizendo aí, em torno disso. Quando greve nunca derrubou governo nenhum, não derruba governo.

*Com relação ainda ao sindicalismo, depois aí da greve geral, qual o perfil do sindicalismo hoje, para o senhor?*

Bem, é um sindicalismo nascente, muito fraco, que se emancipa do poder público com muita dificuldade, que vive ainda do Imposto Sindical – e o governo pode secar a fonte a qualquer momento – e leva uma vida muito precária. E é um sindicalismo, sobretudo, que tem contra si uma classe empresarial que não o aceita. Quem fizer greve hoje – e eu ouvi diversos depoimentos sobre isso na última greve dos bancários – estará sujeito, se for líder dessa greve, a ser demitido amanhã por outro motivo. Mas o motivo real será a greve.

*Quer dizer, existe uma espécie de “lista negra”.*

Exatamente, se resume tudo a uma intolerância, uma incompreensão da organização do trabalhador.

*É um sindicalismo tão incipiente ainda, com reivindicações tão primárias, e mesmo assim as elites já reagem a ele com bastante fúria. Diante desse quadro, qual é a saída?*

Bem, nós somos um país muito retrógrado. E fomos retrógrados há dois anos. É inútil achar que se muda em dois anos, que vai ser uma geração que vai mudar isso. É preciso que se entenda que a greve nada mais é que uma



maneira de o trabalhador reivindicar. Vai chegar um certo momento em que também o empresariado qualitativamente mudará, passando a aceitar esse jogo. Mas isso leva muito tempo. Acredito que esse momento da aceitação não chegaria nunca, se os setores sindicais também não reivindicassem com os instrumentos de que eles podem dispor, que são a organização sindical e a greve. Por exemplo, nos Estados Unidos, a Suprema Corte americana admite o piquete, o piquete não violento. Aqui no Brasil não se admite isso, de jeito nenhum. Isso para citar um país capitalista, que é um modelo capitalista.

*Numa situação como a criada pelo Cruzado i, [47], o mínimo que se poderia esperar do empresariado é que ele investisse, que aumentasse sua capacidade de produção. Não é isso o que se está vendo, não?*

Não, está se vendo uma fuga de capitais para o exterior e eu não consigo realmente entender. Talvez eles tenham uma visão mais realista do que nós que não somos investidores, que não somos empresários. Talvez eles estejam notando que o dinheiro ficou muito caro e que há uma incerteza em torno das taxas de inflação. Qual é a taxa de inflação hoje? Um sujeito que toma um ônibus no Rio de Janeiro, não em São Paulo, supõe que de fevereiro até hoje o preço está estável, o ônibus manteve a sua tarifa. Então, para ele, neste setor, a inflação não mudou. E quem vai ao mercado, quem tem de comprar carne, por exemplo? O preço da carne, que se obtém com o ágio, é a inflação ou não é? Então, nós estamos numa incerteza em saber qual é a taxa de inflação que existe. A inflação é o preço do dinheiro? Se é o preço do dinheiro, é uma coisa fantástica.

Além da questão da manipulação de índices, há também uma perplexidade geral em todos os setores. Com essa economia, se fez o congelamento, mas não se fez mais nada depois do congelamento.

*Como é que o senhor viu essa participação maciça de empresários ou representantes de setores empresariais na vida política do país?*

Depois do Plano Cruzado, e até recentemente, eu passei a acreditar que haveria um movimento interclasses, que o setor industrial teria tomado uma situação não de hegemonia, mas de direção da economia. Esses fatores se evidenciavam por alguns indícios: na Bolsa, as ações dos bancos caíram e as das empresas industriais subiram. No momento, isso já não acontece, então é possível que tenha havido uma guerra dentro das classes e que os empresários do setor industrial tenham perdido essa guerra.

*Ou os próprios empresários do setor industrial estão realimentando este ciclo especulativo?*

Ou então o setor industrial não era tão independente como se supunha; precisava dessa ciranda, não é? Ou podem ter perdido a batalha. Se perderam a batalha, isso é um sintoma que pode ser convulsivo, não em termos de derrubar governo, convulsivo nas relações ministeriais etc.

*No Brasil, mesmo sabendo que o jogo político é feito por cima do interesse popular, ainda assim existe a necessidade de o governo buscar sua legitimação, de se apresentar com*

*algumas credenciais, no mínimo, com alguma credibilidade. Dizer: “Olha, o governo sou eu, eu tenho essa legitimidade em função disso”. O governo Sarney fez o Cruzado e, de certa forma, garantiu esta legitimidade temporariamente. Hoje em dia, onde é que está a legitimidade?*

Um governo como o do Sarney, que foi eleito da mesma maneira que o governo Figueiredo, quanto à sua origem não tem nenhuma diferença: ambos foram eleitos através de uma combinação. A diferença é que o governo Figueiredo tinha um apoio militar. Ele era um delegado militar, tinha limites mais curtos de atuação. Ele não poderia, por exemplo, chamar um ministro do Trabalho que fosse o Almir Pazzianotto; o ministro do Trabalho dele tinha de ser o Murillo Macedo. Eram limites que ele tinha, que foram alargados com o governo Sarney. No momento em que o governo Sarney passa a ter limites mais amplos, ele também dispensa o setor militar de dar apoio, ele vive de ibope. Se o ibope for zero, o governo dele não existe, é um governo de uma grande precariedade. O governo americano também vive de ibope, mas ele só desaparece na hipótese de uma grande bandalheira, tipo Watergate,[\[48\]](#) Reagan. A política econômica de Reagan não põe em risco, em nenhum momento, a estabilidade do seu governo porque ele tem legitimidade - ele foi eleito pelo povo de acordo com a Constituição votada há duzentos anos. Aqui o governo vive de ibope. Se o ibope der amanhã taxa zero, ou o Sarney terá um infarto na mesma hora ou ele não será mais o governo. Ele vive do precário, do expediente, vive do dia-a-dia.

*Essa hipótese que o senhor levantou, de buscar um pouco essa legitimidade através de governadores, é um quadro novo.*

É um quadro novo, é uma hipótese nova que ele tem diante de si, mas uma hipótese na qual ele também é uma parte que negocia. Podem os governadores dizer: “Não, você é meu delegado”. Ele tem de buscar outro pé de apoio para poder dizer aos governadores: “Olha, mas eu tenho outro trunfo”. Isso o transforma num homem perigoso.

*Nesse quadro, quais são os protagonistas em quem a gente precisa estar de olho no ano que vem – o Montoro, o Richa? Quais são as pessoas que o senhor está vendo aí com chance de conduzir essa negociação?*

Acho que no ano que vem vai brilhar uma estrela em que pouca gente acredita, que se chama Orestes Quércia, que é um homem hábil, atilado. Não é nenhum intelectual. Não conheço muitos livros que ele tenha escrito, nem que ele tenha lido, não me parece ser esse o ramo, ele não perde tempo com coisas fúteis. Mas demonstrou uma competência política como raramente um político dessa geração nova tenha demonstrado, e com o privilégio de ter o estado-chave nas mãos.

*O senhor acompanhou essa candidatura Antônio Ermírio. [49]. Na sua opinião, do ponto de vista da elite brasileira, desse jogo tradicional, qual seria a candidatura que servia melhor a esse jogo?*

Eu só vi um debate e não conheço Antônio Ermírio. No debate, eu vi apenas um candidato articulado, dizendo coisa com coisa. Esse candidato era Orestes Quércia. Não disse coisas ilustres que devam figurar em antologias no futuro, não disse nada disso, mas, pelo menos, disse coisa com coisa. Os outros candidatos, com exceção do candidato do ph,[\[50\]](#) mostraram um discurso pouco coerente, no meu entender. O que tinha uma estratégia política, o que tinha alguma coisa a dizer era o Orestes Quércia. Acho que o povo acabou entendendo isso.

*O senhor acha que a vitória do Antônio Ermírio teria feito pender a sucessão Sarney para o lado da Frente Liberal e não do pmdb? Haveria um projeto nesse sentido?*

Não chegaria a tanto, mas daria um apoio, uma sustentação ao presidente Sarney que ele não terá, em razão da vitória do candidato do pmdb, que tem compromissos e ligações no seu partido. Acho que, para o Sarney, existiam dois candidatos bons: o candidato Antônio Ermírio, que seria ótimo para ele, e Maluf, que seria também bom, mas aí já por outro motivo - Sarney poderia encarnar o anti-Maluf e fechar o país todo com, aí sem trocadilho, a alma de cruzado. Ele seria o cruzado contra o Maluf e estenderia um cordão sanitário em torno de São Paulo, buscando as solidariedades, que para ele não seriam difíceis, do Nordeste, por exemplo. O pior que poderia acontecer a ele seria a eleição do Quércia e, aliás, você viu que ele fez um trabalho gigantesco para que não acontecesse essa desgraça. Agora, como ele é um homem politicamente muito atilado, sentiu que o Quércia era ruim

para ele, o que mostra também que o Quércia será talvez o curinga desse jogo.

*O senhor enalteceu a sagacidade política do presidente Sarney...*

Eu acho que ele só não foi sagaz quando começou a escrever literatura.

*A sagacidade política recomenda uma reformulação do governo no ministério, e em que direção?*

Sem dúvida, ele vai fazer numa direção que lhe der estabilidade. Eu acho que esse é um momento de compasso de espera. Pode ser até que, quando esta revista sair, já estejam definidos os novos rumos do ministério. O ministério dele, também, não será nunca um ministério para durar muito. Como ele é um governo de ibope, o ministério será um reflexo de ibope. Ele vai buscar ibope inclusive nos ministros.

*Voltando à questão dos militares: eles não estariam nesta altura disponíveis para uma aventura?*

Não, acho que eles teriam bom senso. Parece-me que os militares estão neste momento como estiveram depois da Revolução de 1930. A Revolução de 1930 foi feita contra os militares. É tão evidente isso que, em 1980, eu participei em Porto Alegre de um simpósio sobre os cinquenta anos da Revolução de 1930 e não compareceu nenhum representante militar. É um fato que não é lembrado. Nas ordens do dia, por exemplo, o 3 de outubro não aparece. O

Exército teve um momento penoso para se recuperar depois de 1930. Recuperou-se depois, e descobriu até um grande líder, em 1937, que foi o Góes Monteiro. Eu acredito que o momento atual lembra um pouco aquele. Talvez eles estejam se articulando. Agora, eu não vejo semelhança entre Góes Monteiro e o general Leônidas.[\[51\]](#) O general Leônidas, pelo que vi na televisão, é um homem muito elegante, o que não era o Góes Monteiro. Quando pensamos em golpe, em poder militar, tendemos a achar que 1964 é o molde, é o modelo, quando 1964 é a exceção. As intervenções militares não foram assim: 1937 foi com um líder civil; em 1954, limitaram-se a arredar um presidente da República; em 1955, também. Limitaram-se a arredar um presidente da República e deixar que os civis organizassem a sua convivência. Não há nenhum partido que venha da República, não há nenhuma corporação, nenhuma organização no Brasil que tenha um *know-how* tão longo.

*Agora, a velha questão da tortura, por exemplo. Isso acabou, não se fala mais nesse assunto no Brasil?*

Eu acho que a questão já passou pelas leis de anistia; inclusive a última lei de anistia é uma lei constitucional. Então me parece que o assunto, em termos legais e constitucionais, já está esgotado.

*Porque a Comissão Arinos[\[52\]](#) fala na questão especificamente.*

Eu não me lembro disso. O que ela fala?

*Eu acho que era para condenar a tortura...*

Ah, sim. Mas note uma coisa curiosa: a primeira Constituição que condenou a tortura no Brasil foi a de 1967, que é a vigente.

*Esse anteprojeto Arinos está sepultado?*

Eu acredito que foi um projeto pouco representativo, mesmo da sociedade brasileira - veja que ele não chegou sequer a ser discutido fora da Comissão. É um projeto pouco normativo e muito programático. Os membros da Comissão não acreditariam que uma Constituição no Brasil teria quinhentos artigos. Então, pelo que eu pude ver do projeto, foi uma espécie de súmula das Constituições modernas, em que se colocou alguma coisa da Constituição espanhola, alguma coisa da Constituição alemã, se fez lá um roteiro.



# “O país é pré-capitalista”

*Senhor, 05/01/1988*

Janeiro de 1988 - Esta talvez seja a entrevista na qual Raymundo Faoro leve o leitor a pensar que se trata de um cético sem esperanças. Robespierre reaparece nas reflexões dele. Estaria Faoro naquela encruzilhada na qual a virtude cruza com a violência? Ele não era um revolucionário nesse sentido mas também não concebia a Revolução Francesa desidratada. Isto é, sem o ano de 1793. O estado de espírito circunstancial pode ter como pano de fundo as notícias da Constituinte, dominada por uma aliança conservadora, o “centrão”. O entrevistado demonstra, mais uma vez, seu desencanto com a classe dominante brasileira. Ele pregava uma ruptura com o velho estado de coisas. Nesse sentido, não via a luz nem na oposição. A mais antiga representada por Leonel Brizola. A mais nova pelo operário Lula, que despontava nas greves do abc Paulista.

[...] Os dirigentes brasileiros já perceberam que com eles não é viável [...] eles não apresentam alternativa a não ser com eles próprios [...] é o chamado impasse em grau absoluto, com o agravamento de que não se partiu de uma revolução nem de uma mudança, partiu-se de uma grande empulhação.

Essa é a premissa de uma constatação mais complexa: o país é pré-capitalista. Segundo Faoro, os empresários usam métodos pré-capitalistas e concebem o Estado na

forma pré-capitalista, patrimonialista, na qual um empreiteiro é parceiro do Estado; o outro tem televisões cujo concedente é o Estado; um outro é banqueiro, cuja carta patente foi dada pelo Estado e assim sucessivamente.

[...] os conservadores falam muito contra o Estado, mas, tendo todas as condições de governo, até hoje nunca fizeram nada para que o Estado fosse eficiente [...] Contra que Estado eles estão falando? Será que é o Estado que lhes dá concessões, prebendas, cartórios?

A frustração democrática no processo político brasileiro, naquele momento, advinha do fracasso da grande mobilização da sociedade pelo restabelecimento das eleições diretas que, calculadamente, foi desviada pela eleição indireta da chapa Tancredo Neves-José Sarney e, perversamente, pela comoção com a morte de Tancredo.

Os dois movimentos são analisados assim pelo entrevistado:

A sua expressão nacional [a campanha chamada “Diretas Já”] não foi, meramente, uma manipulação de governadores - houve manifestações pelas Diretas no Rio de Janeiro, em São Paulo, e também em todas as vilas do Brasil, em toda parte.

A mobilização provocada pela doença e morte de Tancredo Neves não foi, para ele, um movimento político, e sim uma expressão da “religião brasileira”.

[...] a religião do Salvador de fora. Não o Salvador anglo-saxão, que se salva pelo ascetismo, pelo trabalho, o nosso Salvador é o Salvador dado por Deus e reconhecido pela fé. Esse mito do Salvador se realizou com a morte do Tancredo.

Mais tarde, a eleição aventureira de Fernando Collor de Mello configurou outra aposta aventureira das elites política e econômica no jogo contra Lula.

Lula poderia ser o intérprete da ruptura que Faoro anuncia como fundamental para o país?

Poderia ser um dos intérpretes. Agora, eu ainda não vejo uma definição, ainda não percebo na rua, em lugar nenhum, uma identificação do Lula como sendo a bandeira da ruptura. O perfil individual dele e o perfil coletivo ainda não se encontraram.

Faoro, presumivelmente, não retocaria a declaração.

\* \* \*

*A leitura dos seus últimos textos em Senhor dá a impressão de que o senhor está desalentado com relação ao país. O senhor normalmente é muito cético sobre as coisas da nossa política, mas sempre conserva uma certa margem de esperança. Mas parece que a esperança está diminuindo.*

Chegamos àquela situação que, acredito, Robespierre pela primeira vez colocou como situação política e que ele chamava de o impasse; a expressão é francesa: “A revolução chegou ao impasse”, a Revolução Francesa. Era uma coisa percebida por toda a cúpula revolucionária, que havia chegado a um impasse, que o país não era viável naquelas condições, mas que talvez fosse viável sem eles. Esse aspecto dramático do começo do Termidor é exatamente a consciência de um grupo dirigente de que “com eles já não é mais desejável”. Esse é o impasse de cúpulas, de dirigentes. Acredito que os dirigentes brasileiros já perceberam que com eles não é viável. Agora, eles não

saem daí, eles não apresentam alternativa a não ser com eles próprios. De modo que é o chamado impasse em grau absoluto, com o agravamento de que não se partiu de uma revolução nem de uma mudança, partiu-se de uma grande empulhação.

*No caso de Robespierre, ele teria entendido que com ele não dava certo, mas que sem ele não seria desejável para a França?*

Bem, nessa altura, um dirigente já não pensa mais no país. O país vai surgir depois contra os dirigentes. Esta é uma alternativa que os dirigentes nunca vêem, é a alternativa de que haja uma solução, não a desejável, mas que a solução exista realmente, embora os dirigentes não saibam ou não queiram vê-la. Eu creio que não se possa falar em semelhança - mas a doença é a mesma. Os dirigentes não estão vendo, e não querem ver o país. Porque, se vissem o país, não seriam pensáveis as articulações que se fazem dentro do Congresso Nacional.

*Há dois anos, numa entrevista igual a esta, o senhor dizia que vinha daí o Estado Novo do pmdb. Hoje, o senhor acha que o Estado Novo do pmdb vai durar tanto quanto durou o Estado Novo do Getúlio Vargas?[53].*

O Estado do Novo de Getúlio Vargas teve uma guerra pelo meio, o que foi um fator de prolongamento, um prolongamento artificial. Provavelmente - não querendo fazer história hipotética -, 37 não chegaria a 45 sem a Guerra, e a Guerra foi um fator de estabilização da ditadura. O pmdb realizou, de certa maneira, ou está realizando, o

seu Estado Novo. Ele se agregou a todas as forças conservadoras, todas as forças que sustentaram a ditadura. Em torno delas, o pmdb emerge como um componente importante, é verdade que com a perspectiva muito inautêntica de dissidência - mas ele está contribuindo para a consolidação conservadora, ou neoconservadora, da qual surgiria um golpe de Estado pela ordem. Só está faltando um golpista, não por falta de oportunidade, mas, para felicidade do povo brasileiro, por falta de competência. A competência sinistra de dar um golpe, que teve Getúlio Vargas e que falta, absolutamente, a José Sarney. Eu creio que a incompetência, hoje, é um axioma nacional. Não acredito, sequer, que estejam nascendo muitos Josés. Nesta altura, no Brasil, acho que o santo está até decepcionado e triste pela falta de gente que o homenageie. Quer dizer, são dois santos que perderam, ultimamente, os mais populares do Brasil, o João e o José. [\[54\]](#)

*Sarney teria vontade, mas não teria talento para o golpe?*

Bem, vontade, vocação, ele fez tudo para isso. Vamos recordar qual era a missão política do Sarney. Sarney chegou à Presidência para reger os negócios do governo, enquanto se realizasse a Constituinte que poria fim àquela situação. O governo dele estaria, agora, chegando naturalmente ao fim, e com alguma grandeza, se ele entendesse que essa era a perspectiva, a missão dele; ele entendeu que a grandeza maior seria controlar uma máquina clientelista e ficar no poder enquanto pudesse, ou enquanto não fosse tirado de lá: é o típico caudilho sul-americano. Recordando, a gente nota o desvio, um segundo caminho que ele tomou, aí até, de certa maneira,

estimulado pelo Plano Cruzado. Um caminho, uma via própria, que estava contra a reorganização do país pela Constituinte e contra o término do mandato dele juntamente com a finalização dos trabalhos constituintes. E a segunda via foi explorada. Hoje ele já está na terceira, contra a Constituinte e contra o mandato que a Comissão de Sistematização pretendeu estabelecer. Sarney está, francamente, realizando um caminho fora do espírito constitucional. Considere-se mais, que o Sarney está aí - notar a contradição profunda que existe entre ele e o povo brasileiro - por um movimento religioso, talvez, ainda não bem analisado. Não é nem movimento político, é uma religião brasileira, a religião do Salvador de fora. Não o Salvador anglo-saxão, que se salva pelo ascetismo, pelo trabalho, o nosso Salvador é o Salvador dado por Deus e reconhecido pela fé. Esse mito do Salvador se realizou com a morte do Tancredo. Se o Tancredo não morresse, o mito não teria se realizado, então Sarney veio em cima desse mito, que era também caracterizado por uma profunda revolta contra o regime militar, coisa que nós não percebíamos muito bem. Sabíamos que havia uma repulsa, não tão profunda e tão extensa. No momento de fé em torno de Tancredo, o povo estava esperando ser salvo daquilo tudo mas não foi. Esse aspecto, Sarney não percebeu, ele só percebeu que a morte do Tancredo era uma oportunidade para ele. É a lógica do aventureiro.

*O destino estava a favor dele.*

Essa retórica do destino foi usada muitas vezes por Sarney. Foi como se ele dissesse: "Olha, o destino não me trouxe tão longe para que eu não tivesse uma missão

específica, própria”. Ele quis trocar o mito do Salvador pelo mito do herói grego, não percebendo que na tragédia grega o destino é contra o herói, não a favor, implacavelmente. O herói sabe disso, mas o enfrenta.

*É isso o que o torna herói. Mas a campanha das Diretas de 1984 não representou um episódio mais forte do que a campanha do Tancredo?*

Mas a campanha das Diretas acabou em frustração, uma frustração que foi autenticada pelo mito do Salvador.

*A campanha das Diretas não teria sido uma espécie de ruptura não-cruenta?*

Estava indicando a ruptura. A campanha pelas Diretas foi uma campanha pela ruptura, de repúdio ao sistema de escolha, de imposição de líderes. A sua expressão nacional não foi, meramente, uma manipulação de governadores – houve manifestações pelas Diretas no Rio de Janeiro, em São Paulo, e também em todas as vilas do Brasil, em toda parte.

*Será que aquele sentimento da campanha das Diretas está sepultado de vez? Não pode reaparecer, num certo momento?*

Deve reaparecer.

*Como?*

Eu acredito que possa reaparecer, já com grande carga revolucionária.

*O senhor poderia aprofundar esta idéia?*

Houve uma grande frustração, que a realização do mito, de certa maneira, levou para o campo religioso, para a teologia. Uma manobra está sendo executada, de restauração da situação anterior - é claro que, quando se fala em situação anterior, não é aquela situação de 1984, nunca se volta ao passado, volta-se a uma outra situação com a passagem pelo presente. As cúpulas, os dirigentes sabem, percebem que não podem ficar, mas não querem sair, e não sobra alternativa senão a volta, agora, de uma ruptura de uma maneira que eu ainda não vejo bem, mas acho que ninguém vê bem. De onde vai partir a gente não sabe. Obviamente, nós sabemos que existe um descrédito com relação aos partidos e aos políticos, nesse campo surgem muitos aventureiros, e podem surgir outros tantos.

*A campanha das Diretas foi quase que o desfecho de um processo de crescimento da insatisfação popular. Vem à cabeça aquele período de 82, aquela recessão, aqueles saques, [\[55\]](#), isso foi fermentando e se chegou à campanha das Diretas. Mas hoje a situação é ainda pior, de certa forma. A descrença é geral.*

Ninguém acredita em ninguém. Realmente, ninguém merece confiança de ninguém, então, já está limpo o terreno. Pode surgir o debate sem aquelas confianças ou aquelas situações outorgadas, paternalistas. Os políticos fracassaram; os empresários não se habilitaram ao crédito



nacional; os sindicatos se encolheram. Isso pode ser bom, quem sabe? Está claro que as lideranças são falsas, não correspondem mais ao que o povo deseja, que é o mínimo essencial, que dizer, o povo quer comer, quer a retribuição mínima do seu trabalho, e quer, sobretudo, um projeto de vida, que hoje em dia ele não tem mais. A faixa de manobra vai se estreitando cada vez mais. O “centrão”[\[56\]](#) pode fazer maioria dentro do Congresso e o Sarney pode fazer o seu ministério, mas ninguém confia nesse ministério, confia no Sarney e tem o “centrão” como seu representante. Então, a quebra no nível da representação me parece mais ou menos caracterizada para quem anda na rua, para quem vê como é que o povo reage diante das coisas.

*Em 1984, existia um depositário da confiança, da esperança do povo. Era o pmdb. Quer dizer, o pmdb era o aval de que poderia haver alguma coisa diferente.*

Em 1984 esse aval estava credenciado por uma resistência à ditadura militar. Mesmo tendo sido uma resistência com alguns pecados na sua linha, uma resistência que teve o seu namoro militar. O pmdb contava com a confiança da maioria em 1984 e contou ainda com ela na eleição de 1986.

*Mas o crédito está queimado. A leitura dos seus textos mostra que, embora essa história recente do Brasil seja mais ou menos cíclica, no movimento pendular mobilização-frustração, mobilização-frustração, o senhor ainda vislumbra a chance de um certo aprendizado democrático, não da*

*elite, mas do povo. Já a direita espera que essa frustração com o pmdb se traduza em votos conservadores.*

Exato. Eles estão pensando, como se estivéssemos na Inglaterra, ou na França, que a descrença nos socialistas ou nos trabalhistas leva a direita ao poder. Eles não sabem o que é que está por baixo disso. Muitos conservadores, aliás, a maioria deles, a gente não sabe por quê, estão no Congresso: nunca ninguém viu um eleitor deles. São conservadores que falam que uma eleição não pode ser disputada porque custa 400 milhões de dólares, 600 milhões de dólares - provavelmente é mais do que uma eleição inglesa, ou americana, muito mais. Os conservadores brasileiros jogam com essa retórica do descrédito dos esquerdistas, mas ao mesmo tempo articulam muito bem no campo militar, e no campo do dinheiro. E os empresários sem empresas, tão característicos do capitalismo brasileiro, sabem como fazer esse jogo.

*O senhor se referia há pouco a uma dissidência no pmdb, e a adjetivou como inautêntica. Que significa "inautêntica"?*

Eu me refiro a esse grupo que, ostensivamente, pelo menos é o que os jornais dizem, está querendo romper com o partido,[\[57\]](#) ou está querendo que o partido se liberte daqueles parasitas que entraram, vindos da Arena, ou do pds. Se não conseguirem expulsá-los, sairiam para constituir um novo partido, com nome antigo, mdb, que tem sabor nostálgico, bastante característico deles. Parece-me que a inautenticidade deles, ou a dificuldade da empresa a que se propõem, vem da incapacidade de reconhecimento de que

falharam. Foram eles que fizeram essa Constituinte dentro do Congresso, eles é que fizeram essa aliança que, afinal, resultou no Sarney e que de Tancredo salva apenas o mito.

*É nesses que o senhor não confia?*

Não é que eu não confio. Acredito que eles não são mais confiáveis, que eles estão dentro dessa queima de lideranças. É claro que desse grupo pode-se salvar um ou outro, que não tenha confundido o jogo da política com o jogo das concessões. Um ou outro pode salvar-se, mas não o grupo.

*Quando o senhor diz um ou outro, pensa em quem? Mário Covas?*

É possível, Covas, sim. Até a estratégia do Covas, de enfrentamento, mostra que ele tem uma certa lucidez, sabendo que perder neste momento não é ruim, não é a pior coisa que pode acontecer. Provavelmente, perder seja muito melhor do que ganhar, considerado o lance seguinte.

*E aí os conservadores vêm e dizem que ele é um líder sem cintura, tentam queimá-lo.*

É, tentam queimar. É uma guerra anticarisma. O homem que perde sempre, o homem absolutamente estatizante - aliás, ninguém viu declarações dele sobre estatizações, nada.

*E Covas seria catalogável como homem de esquerda?*

Também há um equívoco cultivado, como se a esquerda fosse estatizante. De verdade, o setor mais lúcido da esquerda quer é um Estado mais eficiente. Já os conservadores falam muito contra o Estado, mas, tendo todas as condições de governo, até hoje nunca fizeram nada para que o Estado fosse eficiente. Eles querem o velho Estado patrimonialista, um Estado cujo retrato está na relação dos homens de mais de 1 bilhão de dólares, os maiores empresários brasileiros. Um empreiteiro, cujo parceiro é o Estado; outro tem televisões, cujo concedente é o Estado; outro é banqueiro, cuja carta patente lhe foi dada pelo Estado e lhe pode ser retirada com um telefonema do gerente do Banco Central; outro, um grande empresário de São Paulo, o maior empresário brasileiro, que é concessionário de minas e outras coisas mais. Contra que Estado eles estão falando? Será que é o Estado que lhes dá concessões, prebendas, cartórios?

*Parece que esse impasse os conservadores também o perceberam. De Tancredo talvez esperassem a mediação junto ao povo. Tancredo não seria a personagem capacitada a conferir credibilidade a um projeto conservador?*

Hoje talvez tenha mudado a estratégia. Para outra estratégia não é necessário Tancredo. Seria possível, hoje, uma estratégia que chamasse um Tancredo? É uma dúvida. O “centrão” não quer. O “centrão” quer desarmar o poder de mobilização e de reivindicação da sociedade. Agora, como, com que meios? É claro que não se desmobiliza facilmente a sociedade, no grau de mobilização a que ela chegou. Numa perspectiva, digamos, de 1982, seria impensável o grau de reivindicação social que existe aí -

manifestações de rua, greves etc. Para desmobilizar, o instrumento Tancredo hoje já não serviria.

*Por aí, chega-se ao Urutu?* [\[58\]](#)

Vai dar no Urutu. A estratégia acaba chamando os fins, os meios impõem os fins.

*Mas o pessoal do “centrão”, apesar de toda a euforia, não é que ande se exibindo pelas ruas...*

Não devemos superestimar o “centrão”. O “centrão” mostra uma estratégia possível, mas ainda não é uma estratégia efetiva, ainda não está articulada em termos de estratégia viável, como foi em 1964, 1963. Aí a estratégia estava montada e a articulação pronta. Atualmente, é uma tentativa.

*Que vem a ser o “centrão”, não do ponto de vista parlamentar, mas nas articulações com a sociedade?*

Trata-se de interesses bem caracterizados. Interesses que se sentem ameaçados, exatamente pelo que houve de modernizante. Setores ameaçados, ou que se supõem ameaçados, pela reforma agrária ou por relações de trabalho diferentes no campo. É uma parcela do “centrão”. De outro lado, empresários que não estão pensando na empresa, mas estão pensando como ganhadores de dinheiro. Eles se sentem ameaçados por reivindicações que os operários façam no sentido de uma permanência no emprego, de uma garantia no emprego. O que nos é evidente, ali, é uma ação social. O momento da ação social

ainda não está bem posto. Pode vir a ser. O amadurecimento pode ser rápido, e pode ser longo, mas não muito. Observem, o “centrão” não resiste a uma eleição geral no Brasil. Claro que uns e outros de seus integrantes falam em eleição geral, mas como ameaça ao pmdb. Mas é também uma ameaça a eles. Então, esse tempo de amadurecimento não pode ser tão longo até a eleição. O espaço de vida deles não é nem muito longo, nem muito curto.

*Se o país em 88 caminha para o impasse, há outra alternativa, afora a seguinte: eleições ou trauma, com golpe e convulsão social?*

A hipótese golpista nós já a aventamos há dois anos. O que seria menos provável seria a solução natural, seria a eleição. Menos provável porque é uma definição que trabalha contra os grupos que mantêm o poder. Então o menos provável é o natural, é o óbvio. Quer dizer, o que seria mais provável na Inglaterra, com a qual sonham nossos conservadores, ou na França (mesmo a França gaullista), a eleição é tão improvável que se imaginou um parlamentarismo, aquele aprovado pela Comissão de Sistematização, que praticamente não contempla a dissolução da Câmara. Só uma Câmara completamente suicida provocaria uma situação de dissolução.

*Mas o golpe é mais provável?*

Bem, com relação ao golpe, o maior obstáculo é de natureza militar. Como houve essa repulsa tão profunda que nós fomos perceber, por exemplo, com o mito Tancredo, o

golpe pode resultar na luta popular, pode desaguar num processo de confronto. É um processo que os conservadores nunca desejam. Hoje vivemos uma situação de golpe consentido: você tem as transformações fundamentais da sociedade feitas por decreto-lei, reúne-se o Conselho Monetário Nacional e decide-se, a moeda acaba e não há nada que se faça, então isso é um golpe consentido. Mas também tem limites, porque esse golpe consentido não desmobiliza.

*Mas o golpe não poderia se processar por etapas?*

Eu acredito que há um atraso nas etapas. Há um atraso na etapa Sarney, por exemplo. É uma etapa que pode, muito bem, ser excluída do processo. Sarney perdeu a sua hora, quer dizer, o destino dormiu. Eu acho que o “centrão” sonha com uma eleição que fosse como um substituto do golpe, uma eleição com o monopólio dos meios de comunicação, uma substituição da deliberação popular pela máquina montada. Esse seria o sonho. E o depositário dessa confiança, entre aspas, viria e diria: “Olha, precisamos pôr ordem neste país”. Seria uma espécie de salazarismo. Quer dizer, trata-se de chamar um ministro da Fazenda com o perfil austero do doutor Oliveira Salazar.[\[59\]](#) Vamos esperar que ele não saia da usp, como saiu o doutor Oliveira Salazar, da Universidade de Coimbra.

*Se a gente fizesse uma coalizão golpista, branca, mais explícita, juntando aí o doutor Roberto Marinho,[\[60\]](#) Antônio Carlos Magalhães, um sólido general de muitas estrelas e tal, conseguiríamos evitar dez anos de autoritarismo?*

Não, se o projeto autoritário conseguisse atender às necessidades mínimas. A gente sabe que o autoritarismo conta com a eficiência. É por aí que regimes autoritários se diferenciam de regimes totalitários. Regime autoritário tem de dar alguma coisa e rapidamente.

*Admitamos que os conservadores ganhem a próxima eleição e que coloquem no poder os seus homens mais eficientes. Mas a crise brasileira, econômica e social, será que tem conserto, na mão de uma direita pré-capitalista?*

Tem um dado, realmente, intransponível, que é a profundidade da situação da crise, uma profundidade vulcânica. Assim, vale respeitar as peculiaridades do raciocínio conservador. O conservador acha que o país é só dele. Ele jamais dirá: “Como não dá para resolver, eu não quero o poder”. Não. “Eu quero o poder porque o meu problema eu resolvo, o problema da minha classe eu resolvo.”

*Perfeito. Mas se não resolver sobra é a saída da ruptura?*

A saída da ruptura está aí, mas terá, talvez, a mesma indefinição que tem o “centrão”. Não está definida, ela é amorfa ainda, tanto esta como aquele. O impasse é esse.

*O Lula seria um intérprete da ruptura?*

Poderia ser um dos intérpretes. Agora, eu ainda não vejo uma definição, ainda não percebo na rua, em lugar nenhum, uma identificação do Lula como sendo a bandeira da ruptura. O perfil individual dele e o perfil coletivo ainda não



se encontraram. Vejo a mesma coisa com Brizola. Se pudéssemos dizer: o homem é o Brizola, a ruptura estava feita. O homem é o Lula: a ruptura estava feita.

*E a direita, no fundo, sabe disso?*

Eu não diria sabe, para não haver nenhuma conotação conspiratorial. A ideologia da direita é construída - um dos dados é esse - combatendo os líderes do outro campo, não no plano ideológico, mas pessoal. "Esse homem está sofrendo do coração; este homem está velho; esse homem é ignorante."

*Praticamente só pintou aqui o cenário ruim. Isso é extremamente curioso. Em novembro, quando houve a votação na Comissão de Sistematização do mandato de Sarney, de uma certa forma, o país ficou aliviado. Parecia que tínhamos achado o caminho. E, rapidamente, a coisa se deteriorou. O "centrão" foi o dado novo. Que pode acontecer? Qual é o cenário menos ruim, dentro da Constituinte? O senhor acha que Sarney ainda fica com cinco anos de mandato?*

Eu acho que o "centrão" não recupera Sarney. Parece que Sarney é uma peça que está saindo do jogo. Como Sarney foi identificado como um dos nomes da crise, ele vai saindo do jogo, e é aí que surge o "centrão". O "centrão" tem de criar os seus condutores. Note, por exemplo, que a udr[61] passou a ser uma liderança incensada por todos os jornais, por todos os meios de comunicação; se ela vale alguma coisa, nós não sabemos.

### *O cenário conservador vale até a eleição em 1988?*

Pode valer, eu acho que seria o sonho deles. Mas seria uma eleição muito condicionada. Eleição aberta, com acesso à televisão, aos meios de comunicação - será muito improvável que eles aceitem esse tipo de debate. Porque eleição é sempre uma incógnita, é uma incógnita conservadora. A eleição de 30 foi uma incógnita, não pelo resultado da eleição, que era certo, mas pelas conseqüências da eleição. Veja que em 1937 se deu o golpe para evitar a eleição. A eleição estava marcada, seria em janeiro, o golpe ocorreu em novembro. Em 37, os conservadores entendiam que os candidatos tinham feito concessões demais. Era o caso do candidato oficial. O candidato de São Paulo podia não ganhar, havia incerteza. Então, a legalização do impasse, ou da dificuldade, veio num terceiro caminho, e aí com um golpe. Mas poderia também acontecer que os conservadores chegassem com o seguinte raciocínio: "Não ganhamos nem perdemos, vamos escolher um presidente da República inócuo e, se não acharmos, serve esse mesmo que está aí".

*O senhor descarta, dentro dessa noção de ruptura, uma alternativa populista de direita, o malufismo, [\[62\]](#). por exemplo.*

Não, no malufismo eu não acredito. Eu suponho que essa perspectiva populista, que é uma variante da eventual estratégia dos conservadores, já está mais ou menos caracterizada. Por uma candidatura tipo Antônio Ermírio, [\[63\]](#) não mais Maluf. Maluf, também, saiu do jogo. É um fenômeno parecido com Sarney, é o jogo das cadeiras, quer

dizer, sobrou. A feição é de uma direita mais civilizada, que enfrenta o debate, e aí essa variante populista é bastante viável, sobretudo com o quase monopólio dos meios de comunicação.

*A variante populista não exigiria um partido forte? Esse partido seria o próprio pmdb?*

O pmdb eu acredito que vai configurar o seu racha. E não vai ser entre históricos e ex-pedessistas, eu acho que será um racha de maior profundidade.[\[64\]](#) Nesse quadro pode-se querer criar o carisma de Antônio Ermírio, e o carisma prescinde do partido.

*Mas Antônio Ermírio tem carisma?*

O carisma não é um dom mágico da pessoa, é a crença de que aquela pessoa tem um dom mágico, que é um tipo exemplar, que é um herói, que é um empresário que resolve tudo e ninguém passa fome no Brasil, como ninguém passa fome nas empresas dele. O carisma será em torno disso. Aliás, houve um esboço, na eleição de São Paulo. Eu falo o Antônio Ermírio como paradigma, pode ser um outro. Quem é que conhecia esse Caiado[\[65\]](#) há um ano? Ninguém. De todo modo, acho que o homem terá de ser um empresário paulista, e com as características do Antônio Ermírio, porque na empresa dele todos são felizes e todos são irmãos. E terá de fazer discursos moralistas, prometendo que o trato dos negócios públicos será como nas empresas dele.

*Dizem que a Globo já fechou com o Quércia. Esse candidato não poderia ser o Quércia? O senhor diz que teria de ser um empresário. Mas não poderia haver uma variante, tipo Quércia?*

O Quércia seria uma variante política. Eu já pensei no Quércia, ele inabilita um tipo Antônio Ermírio. Me parece que o Quércia é preferencial, não é só variante, ele é preferencial.

*Quer dizer, mais indicado?*

Mais indicado, mais talhado.

*Mais talhado para uma candidatura de direita?*

Ele não representa mais nada para a esquerda. O bonde de uma candidatura de centro-esquerda, ele perdeu. Agora está vendo é outro bonde.

*Como candidato de centro-esquerda ele teria sido imbatível?*

Se ele realizasse aquele perfil, ele seria um presidente da República, provavelmente, vitalício. Faltou a percepção e também a coragem, porque isso levaria a um rompimento com muitos setores, que a gente vê hoje, que são setores para ele essenciais, ou ideologicamente essenciais. Mas ele seria, hoje, o que teria sido Getúlio em 1930, uma espécie de esperança nacional. Esse bonde ele perdeu, mas esse bonde estava, ideologicamente, desajustado a ele. Agora tem outro bonde passando. O bonde apanhado por Antônio

Ermírio, que inabilita o pmdb, mas que não é uma garantia de vitória. Agora, o bonde apanhado pelo Quércia é uma garantia de vitória, ou quase garantia de vitória. Mas esse bonde inabilita o Antônio Ermírio. Antônio Ermírio, por mais carisma que queiram jogar em cima dele, vai trazer para a rua um conflito de classe. Veja que em nenhum país capitalista os grandes empresários vão diretamente para um debate. Eles vão para um debate por uma intermediação ideológica. No caso, o Quércia serviria a isso. O Quércia mudou de pele. A crise dos sete anos se deu. Até chegar aonde ele chegou, usou uma pele, agora usa outra. Se a pele se renovasse dentro do mesmo perfil, ele seria um grande líder nacional, o maior. No momento em que ele claudicou, no apoio do mandato de cinco anos para Sarney, percebeu-se que não era mais a mesma pessoa. Em todo caso, ele rompe mais que o Antônio Ermírio, ele provoca dissidências maiores, no centro e na esquerda, do que o Antônio Ermírio.

*E aí?*

Pode ganhar, tem mais chances.

*O senhor imagina o Quércia eleito em uma eleição presidencial, digamos assim, solteira. Não no quadro de uma eleição geral, em todos os níveis...*

Por que não? Eu imagino uma eleição que seja mais favorável para eleger um presidente da República.

*Mas se for uma eleição geral, no ano que vem...*

Pode ser no ano que vem, pode ser de uma hora para outra.

*Sim, mas dizem que uma eleição geral, no ano que vem, não interessa a muita gente, ao pmdb, ao “centrão”...*

Em princípio, não interessaria. Mas, dadas as condições... Se você manipula os meios de comunicação (não quero dizer que os meios de comunicação ganhem uma eleição, mas são um fator essencial), se você é o único que tem dinheiro, se você parte com um cacife eleitoral, dificilmente superável, então tem condições de fazer um candidato, com eleição solteira ou não.

*Seria bom introduzir uma figura, que ainda não apareceu nesse debate. Recentemente o doutor Ulysses Guimarães disse o seguinte: “Fiquem tranqüilos, a maioria silenciosa da Constituinte vai garantir uma Constituição moderada”. Disse também uma outra coisa, de uma certa forma justificando o “centrão”. O doutor Ulysses é diferente do pessoal do “centrão”. Que está havendo com ele?*

Ulysses Guimarães é um homem de uma lucidez que sempre aparece nos momentos importantes. Além disso, tem instrumentos de articulação muito amplos. Ele pode, perfeitamente, entrar numa combinação Quércio, e será o mesmo Ulysses de sempre. Pode entrar numa articulação anti-“centrão”, e será o mesmo. Essa capacidade de ter muitos papéis com a mesma fisionomia é um grande trunfo político. Mas é também uma deficiência, porque ele acaba não tendo papel pessoal nenhum. Agora, importa dizer que

a liderança dele é uma massa falida. O papel de decisão vai ficando cada vez mais remoto para ele.

*O senhor não vê Ulysses como candidato presidencial?*

A candidatura dele não teria muito sentido,[\[66\]](#) ou melhor, teria um sentido muito simbólico, porque, ocupando muitos papéis, acaba sendo só um símbolo.

*Ele teria chance com o parlamentarismo, não é?*

É, com o parlamentarismo, sim. Ele estaria, aliás, talhado para isso. É uma função arbitral, que teria de decidir, e para ele seria uma solução fácil: decidiria sempre pela maioria.

*Mas parece que ele não quer ser presidente num regime parlamentarista.*

Não é um homem que nós imaginamos, capaz de forçar a história, não, ele vai ao Rubicão para pescar.

*Voltemos ao Quércia. Digamos que ele se eleja, no esquema conservador. E daí? A crise continua sendo a mesma, os problemas permanecem sem solução...*

Quércia, para ficar nos personagens de 1930, largou o papel de Getúlio para aceitar aquele de Júlio Prestes. E pode seguir-lhe o destino. Eleito estrondosamente, não toma posse.

*Parece que o nosso único caminho continua sendo a composição em cima, a conciliação?*

No Brasil, o povo está sempre na defensiva. Ele reivindica, mas não realiza a sua estratégia, quando realiza, realiza imaginariamente, como no caso Tancredo. Eu acho que é com isso que a direita conta.

*Um povo muito infeliz, não?*

Um povo que ainda não surgiu como ator.

*Ele não tem interlocutores também. Os políticos não chegam lá. Nós vamos falar um pouco da América Latina. Até que ponto os ciclos militares têm ligação entre si? Como o senhor está vendo a situação da Argentina? Tem algum reflexo no Brasil?*

No meio acadêmico se supõe que o mundo espanhol é desprezível. A Argentina não existe, a Venezuela não existe, o Chile não existe. A novela sul-americana, que é hispânica, existe na Europa, existe para o acadêmico europeu e deveria existir aqui – mas ela não existe. Agora, na cúpula militar ela existe, sempre como roteiro ou meio de comparação, como viabilidade. Observe-se, por exemplo, que os acontecimentos que se dão no campo militar aqui têm efeitos na Argentina, e vice-versa: 1930 começou pela Argentina; 1964 começou por aqui. Agora, o que eu vejo de América Latina, tirando o conflito Nicarágua, que esse é um tanto remoto para nós, o que me parece inquietante é a permanência do Pinochet.[\[67\]](#) Esse, realmente, é um dado inquietante, que tem reflexos no Exército argentino e nas



Forças Armadas brasileiras. Toda hora eles dizem: “Bem, mas o Pinochet acertou; o Pinochet conseguiu levar essa coisa adiante”. Já a Argentina é o grande enigma de sempre. Parecia ter encontrado o seu caminho, mas um caminho que está muito em cima das Malvinas, não? E a Argentina, acho, tem um efeito direto aqui no Brasil.

*A guerra que, num certo momento, ajudou a derrubar os militares, hoje virou um símbolo de heroísmo nacional.*

Esse militarismo sul-americano não foi sequer estudado pelos sul-americanos. Eu suspeito que a formação de domínio no Brasil seja mais militarista do que a da Prússia, desde a Colônia. Nós tivemos as milícias, ou seja, o jogo político se faz pela patente militar, não só pelo exército profissional, mas também pelos militares regionais, ou pelos militarizados. Você faz política, nos estados, pela polícia. Entra a farda, sempre, no circuito. Ou se fazia pelo coronel de milícias. Você tem uma articulação aí, uma série de controles, que acabam sendo qualitativamente decisivos. E isso tem maior permanência do que na Prússia, porque a Prússia teve guerras perdidas, um exército que perdeu guerras, e perdeu desastrosamente. As nossas Forças Armadas são tão extraordinárias, que não perderam nenhuma batalha. Perderam, mas algumas batalhas ocasionais no Paraguai, e assim mesmo porque houve traição dos paraguaios.

*Seria melhor para todos nós se o Brasil tivesse perdido a Guerra do Paraguai.*

Pois é. Quando um exército perde, essa comunicação popular é possível, porque o povo passa a cobrar do Exército. O Exército francês foi cobrado depois de 1870, o caso Dreyfus renovou a mentalidade francesa.

Porque o povo cobrou do seu Exército o militarismo. O que é a Europa atual, a Alemanha atual? É uma cobrança contra o Exército, tanto que o espírito militar praticamente desapareceu, enquanto no Brasil não. Nós temos, desde a luta contra os índios até hoje, é vitória sobre vitória e com uma articulação social, não estudada mas que está aí, tendo a farda sempre pelo meio.

*Essa presença da farda no Brasil, principalmente depois de 64, ajudou muito na criação da mentalidade fardada também no Chile, Argentina etc.?*

Sim, irradiou-se. Mas eu acredito que esse fenômeno seja sul-americano...

*Mas não era uruguaio...*

Bem, na história sul-americana se mente muito. E, sobretudo com os militares, mente-se de maneira absoluta. Diziam, por exemplo (eu sempre estudei isso, inclusive nos especialistas), que o Chile não era um país de golpes militares. Fui verificar que o Chile é um país de golpes militares e de diversos, neste século e no século passado. No Uruguai também, a historiografia oficial (é a maneira de o civil escrever a história) esconde o militar. Essa ocultação é péssima, porque se evita a consciência do fato. Acaba sendo uma armadilha, essa do poder civil, nos livros de história, uma armadilha contra ele próprio. De modo que,

em material de presença militar, mente-se muito na América Latina. O Uruguai teve golpes, e teve muitos, teve em 1930, por exemplo. Teve no Paraguai, no Chile, e de outros, nem se fala.

*A gente chegou a acreditar que a chamada mobilização da sociedade civil teria o efeito, mais ou menos mágico, de neutralizar qualquer tentativa de golpe.*

Pois é. O que é uma falsa apreciação, também, do serviço militar. A gente supervaloriza a sociedade civil, que não conhece bem as suas articulações.

*Com relação à permanência de Pinochet, ele indicaria um interesse internacional...*

Eles não acharam a solução Corazón Aquino.[\[68\]](#) Eles não têm uma conciliação conservadora para fazer no lugar do Pinochet. A sociedade está em confronto. Eu reluto muito com Nabuco,[\[69\]](#) mas ele tem uma frase interessante, comparando a história sul-americana com uma gripe mal curada. Foi a independência, sempre sofrendo recaídas. Era a gripe na visão do homem do fim do século passado, e, então, a gripe matava mesmo.

*Tem a chance de mais uma recaída.*

Reabre-se a chance do Sarney namorar o golpe. Tentar 1937. Se reabre essa opção, e se abre também a opção revolucionária. O confronto agora não tem jeito. Então, esta solução Sarney vai se tornando cada vez mais difícil, não? Porque o Sarney significa alguém que não pode fazer o que

não sabe, não tem poderes para fazer, não tem mais credibilidade para fazer. Sarney não tem credibilidade mesmo para o “centrão”. Quando você soma o “centrão” e você bota Sarney, não fecha. Nesse “centrão” ainda há uma indefinição.

*O senhor voltou a falar em opção revolucionária.*

É uma alternativa que deve ser examinada.

*Mas a solução mais provável é a eleição garantida.*

O golpe pela via eleitoral.

*E é para isso que se formou o “centrão”...*

Eu acho que, na Constituinte,[\[70\]](#) o grande pavor dos conservadores, dos empresários industriais e financeiros, foi a questão da estabilidade. O “centrão” nasceu muito em torno disso. A questão da garantia do emprego leva a uma verdadeira política empresarial. Na empresa que existe no Brasil a mão-de-obra é material descartável. Mas, no seu sentido capitalista mais avançado, a mão-de-obra é um material preciso, que vai progredir dentro da empresa, que se vai aperfeiçoar. Nesta concepção, a garantia de emprego é até desejada. A empresa norte-americana, por exemplo, a européia, dão ao empregado meios para que ele estude e progrida. Não é assim a empresa brasileira em que se admite o empregado, mas só até o próximo dissídio, para admitir outro mais barato. Quer dizer, quando um grupo da Constituinte pensou que a empresa tinha de se reciclar, aí você criou um choque com o empresariado nacional.

*Mas o senhor não acha que houve inabilidade na Comissão de Sistematização? Porque a questão não deveria ser colocada na base da estabilidade, mas da garantia de emprego.*

Essa Comissão não primou muito pela tática política, nem pelo talento. E onde falta o talento, entra a demagogia. E a Comissão raciocinou assim: “Isto aqui não vai ficar, então vai de qualquer maneira. Mas nós vamos ficar credenciados”.

*Desse ponto de vista, os militares foram mais talentosos...*

Foram, porque procuraram, negociaram...

*E ganharam todas.*

E ganharam todas. Mas veja o seguinte, eu digo: o empresário brasileiro não tem empresa. Militar tem empresa. Ele tem uma organização multissecular, na qual ele aprende institucionalmente. Mas você não tem no Brasil uma empresa com três gerações. Em matéria de riquezas, sempre se dizia no Brasil: avô trabalhador, filho gastador e neto pobre. O ciclo se encerra com três gerações. O que mostra que a empresa é um apêndice da pessoa e não a pessoa da empresa.

*A direita usa muito o exemplo de Portugal, dizendo que a Constituição portuguesa, nascida de um momento de euforia excessiva, acabou não refletindo o que eram as relações sociais do país.*

Houve uma reforma geral, entre 1976 e 1982. Aliás, estava prevista em 1976. Então, na reforma, caíram praticamente todos os privilégios militares e se tirou muito da conotação socialista que tinha o sistema de 76. Mas no Brasil em 1987[71] cometeram-se equívocos extraordinários. Esse argumento, de que a Constituição portuguesa recuou, é o mesmo que eu vejo nos jornais, de que a *perestroika* é o reconhecimento de Gorbachev da supremacia do capitalismo. O mesmo argumento. Agora, reparem, a legislação portuguesa nem sequer é votada fora da audiência dos sindicatos. A participação é muito maior do que em qualquer democracia do mundo. É participação direta, existe nesse ponto é uma democracia participativa.

*Se a senhora Thatcher[72] fosse brasileira, viraria uma esquerdista perigosa.*

É que o país é pré-capitalista, nós temos de nos convencer disso. Temos empresários que usam métodos pré-capitalistas e concebem o Estado na sua forma pré-capitalista.

# Uma armadilha para o PT

*IstoÉ Senhor, 04/01/1989*

Janeiro de 1989 - O Partido dos Trabalhadores entra no campo de análise de Raymundo Faoro. O metalúrgico Lula se prepara para o primeiro confronto eleitoral para a Presidência da República. A primeira eleição direta, após 25 anos de ditadura militar, tinha uma profusão de candidatos. Alguns nomes de projeção no cenário político nacional, como Leonel Brizola, Ulysses Guimarães, Mário Covas, Aureliano Chaves e o operário Luiz Inácio Lula da Silva. Outros, por motivos variados, buscavam uma aventura eleitoral, como Fernando Collor de Mello, governador de Alagoas, o folclórico candidato Enéas Carneiro, o ex-guerrilheiro Fernando Gabeira, já migrado para o Partido Verde, e o médico Ronaldo Caiado, expressão do movimento conservador ruralista.

O cenário institucional - "Uma Constituição nova, com partidos novos, e sem o funcionamento do Estado - e sem substitutivos também para isso" - preocupava Faoro.

Na aridez desse deserto ele vislumbra um oásis. E faz uma profecia que iria se realizar.

A única coisa positiva nesse período pós-Constituinte foram as eleições municipais, e elas mostraram um partido, e um partido em torno do qual, provavelmente, vai girar todo o jogo político.

No dia seguinte às eleições municipais de 1988, Faoro observava que o Partido dos Trabalhadores já tinha se tornado o eixo do debate político. Deu “uma nova dimensão cultural ao operariado brasileiro” e “conceito de cidadania” a uma grande parte da população.

A análise de Faoro tem uma consistência que transcende em muito a rotina dos comentaristas políticos. É o caso da resposta que dá para uma questão que só muito depois seria observada por outros analistas. Ele revela que o pt forçou um “racha” nos setores conservadores, que nunca tinham encontrado na arena política um desafiante de esquerda tão articulado quanto eles.

Ele não despreza a inteligência da direita brasileira que, dizia, “não mudou muita coisa do projeto de d. João vi”. Faoro se refere à capacidade de antecipação. Avançar para que, quando os adversários chegassem lá, a coisa estivesse feita à maneira conservadora. “Ela faz aquilo que os outros poderiam ter feito.” Essa seria a inteligência da direita. Ironizava, no entanto, a esperteza que tentava levar além dos limites.

Um limite pode ser encontrado no momento em que surge um partido estruturado numa consciência que pode ser de classe. Na verdade, a direita nunca atuou dentro de classes [...] Reparem nos lemas da direita, dos conservadores. O povo não sabe votar. O povo não sabe o que quer. O povo não merece o que tem.

Para ele, o pt era uma semente que poderia brotar ou não. A dúvida dele embutia um vaticínio.

Se o pt entender que o tempo não é crucial, vai se beneficiar muito com isso. O tipo de proposta do pt não é a Presidência da República. O importante são os meios para, na Presidência da República, promover



aquelas reformas a que ele se propõe. Só a Presidência da República, desligada do programa, poderia até ser uma armadilha para o pt.

Faoro achava fundamental o pt manter a lealdade ao projeto que o fez nascer e não crescer a qualquer custo. Isso seria uma barreira à fluidez que tomou conta do ptb de Vargas e do pmdb de Ulysses.

O entrevistado liga o alerta.

Se o pt conseguir manter esta lealdade, terá condições de superar todas as armadilhas que vêm aí.

Uma delas seria a reação ao petismo, que, segundo ele, ainda não estava armada. Viria dos setores que teriam de reagir para subsistir porque se veriam ameaçados “não pelo pt, como pt, mas por aquilo que o pt representa”.

A reação da elite brasileira “vai ser muito difícil”, diz ele nesta entrevista quase toda profética.

\* \* \*

*Há um ano, nesta entrevista já tradicional, o senhor previa o apodrecimento do Estado. Que dizer um ano depois?*

Bem, o governo não desapareceu. Está contaminado o Estado, está em uma perspectiva da República de Weimar, não é? Uma Constituição nova, com partidos novos, e sem o funcionamento do Estado - e sem substitutivos também para isso. Vocês vêem que os grupos de pressão todos se mobilizaram e fizeram a Constituição, uma Constituição com diversos departamentos, diversos setores, diversos territórios. Trata-se de compromissos - eu estou me lembrando de Weimar - que dependeriam, para funcionar,

de um fórum, que seria o Congresso Nacional – e que não existiu. Que dependeriam, para funcionar, de um governo para agir como coordenador – e não houve isso. Então, temos uma Constituição que foi pedida, foi exigida desde 1964, e que não tem chance de funcionamento. Os compromissos não se realizam. Uma grande parte da Constituição, prevendo isso, tentou jogar esse papel para o Judiciário, e o Judiciário nem sequer se organizou ainda.

*O senhor falou em partidos novos. E os partidos, existem?*

Só existe um partido novo, na verdade. A única coisa positiva nesse período pós-Constituinte foram as eleições municipais, e elas mostraram um partido, e um partido em torno do qual, provavelmente, vai girar todo o jogo político. Um partido que não era nada até o dia 15 de novembro e que no dia 16 de novembro passou a ser o centro de todo o debate político. Um partido que tem quantos anos de vida? Oito, nove. E já deu uma nova dimensão cultural ao operariado brasileiro, que não tinha praticamente nenhuma. [73] Estava infestado de peleguismo e entrecortado de supostas vanguardas que teriam autonomia cultural. E deu também a áreas muito grandes da população um conceito de cidadania, o que é uma promoção, além de cultural, social e econômica. É realmente a novidade que está aí. Em torno dela giram desde já as práticas políticas: um líder nacional querendo se apropriar desse partido, dizendo: “Olha, você ganhou, mas a vitória foi minha”; um setor conservador todo, tentando se organizar para contrapor-se a esse partido, inventando – eu acho que inteligentemente, eu nunca achei a direita burra – um candidato de esquerda, para montar um grande esquema conservador. Mas me

parece que esse projeto é inteligente demais para o tipo de direita que existe por aí, eu suponho que eles vão se dividir mesmo.

*Quer dizer, desta vez, a direita racha?*

Racha, porque ela nunca encontrou um desafio como esse pela frente, ela nunca encontrou setores que também não fossem articuláveis como ela, ela vai querer tudo.

*A direita é inteligente, mas o país chegou nesse ponto porque ela não foi tão esperta quanto poderia ter sido.*

A esperteza tem limite. Um limite pode ser encontrado no momento em que surge um partido estruturado numa consciência que pode ser de classe. Na verdade, a direita nunca atuou dentro de classes, de anulamento, de jogar uma contra a outra. Reparem nos lemas da direita, dos conservadores. O povo não sabe votar. O povo não sabe o que quer. O povo não merece o que tem. O povo é muito bom, maus são os líderes que o povo tem.

*Nem por isso, os resultados de hoje mostram que ela continua sendo eficaz.*

Esse lance ainda não chegou ao final. Ela demonstrou que é vulnerável. Porque o que é que a direita faz? Nós tivemos 1964. Eles se encontraram diante de uma dificuldade e foram para a violência. O que fizeram depois, com a eleição indireta? A eleição direta era alguma coisa fora do controle dela, tão fora do controle que a Rede Globo, por exemplo, não dava a notícia da campanha das “Diretas

Já”. Quando o movimento se tornou incoercível, ela articulou a eleição indireta dentro da idéia de eleição direta. Veja que são dois momentos, um em que ela apela para a pancada, a cacetada mesmo, e outro em que ela apela para a astúcia. E nos dois momentos ela se saiu bem. Então, eu acho prematuro a gente dizer que desta vez ela vai se sair mal. Eu prefiro dizer que desta vez ela vai ter uma dificuldade maior.

*O senhor sente que essa direita tem um projeto político?*

O conservadorismo é também uma ideologia. É um projeto dentro de uma ideologia. O que é conservador? Conservador não é uma pessoa que não quer mudar, é a pessoa que pode aceitar mudança, contanto que isso não ponha em risco os baluartes dela, os pontos chamados básicos. Pode transigir muito, até.

*Claro que não queremos levá-lo a dizer que a direita é idiota. Mas ela não teria sido imprevidente? Também não pretendemos que direita é sinônimo de fascismo, que inicialmente nem era um projeto da direita. Mas os nossos conservadores não seriam bastante primitivos?*

O conservador brasileiro partia de um raciocínio muito próprio e não mudou muita coisa do projeto de d. João vi: é avançar para que, quando os outros chegassem lá, você já tivesse feito, à sua maneira, aquilo que os outros poderiam ter feito. Esta seria a inteligência da direita.

*Fazer antes que o povo faça.*

Fazer antes que o povo faça e de uma maneira diferente do povo que, para a direita que é estamental, o povo vai fazer errado, vai fazer contra os interesses nacionais. Este jogo sempre deu certo, porque não havia povo. Quem é que se dizia povo, no Brasil? Eu me lembro que o Oswaldo Aranha, por exemplo, dizia: “Povo é de nós para baixo”. A direita sempre parte do pressuposto de que nada se cria. Isso vocês encontram, por exemplo, nas primeiras reações da Revolução Francesa. O que querem esses revolucionários? Eles querem criar uma sociedade, querem criar partidos etc. Logo se vê que eles são doidos. Ora, os direitos devem decorrer do *status quo*, e dentro de um postulado básico, a obediência à autoridade. Por isso a direita é conservadora, e não acredita que a sociedade mude, por esforço de partidos – de pessoas e grupos. A sociedade é um organismo que anda por si, e quem perturba esta ordem quer acelerar a história, donde é subversivo. A direita é parda no raciocínio. E é reativa, ela espera o lance.

*E ela própria não muda.*

Ela própria não muda.

*Exemplo disso seria a invasão da csn, às vésperas das eleições?*

Em Volta Redonda apelou-se para uma coisa que nós supúnhamos que tivesse desaparecido, apelou-se para a violência. Esse cabedal conservador de direita, ele está sempre disponível, a possibilidade da violência.[\[74\]](#) Quem dispõe da violência e supõe dispor das Forças Armadas, em

*ultima ratio*, dizendo que o poder moderador está aí. Quem dispõe disso não tem, realmente, um projeto. Tem uma reação a um projeto. É claro que os conservadores já perderam algumas cartadas na história e foram obrigados a mudar. É necessário, entretanto, que a gente se precate. Nós, que nos supomos inteligentes, perdemos sistematicamente. São séculos de derrotas, e a mais singular derrota dentro da suposta vitória foi, por exemplo, do pessoal que queria emancipar os escravos. Realmente houve uma grande festa no Rio de Janeiro no dia 13 de maio de 1888, uma extraordinária festa. Acontece que não foi emancipada coisa nenhuma. Os conservadores se libertaram de um trambolho, de um gado que lhes era oneroso. Dentro das vitórias dos movimentos políticos brasileiros, está sempre embutida uma derrota maior.

*E na ascensão do pt existiria também esse aspecto, a derrota embutida na vitória momentânea? Mas não temos aí começo de um partido de massa, de um forte partido de esquerda?*

É uma semente, mas se vai brotar ou não...

*O senhor tem ainda alguma dúvida?*

É uma dúvida que em pouco tempo a gente vai resolver. O tempo que medeia de uma eleição a outra.

*O senhor acha que o desempenho do pt nas prefeituras vai ser determinante?*

Não é bem o desempenho. A questão para o pt é manter a lealdade ao seu projeto, mesmo que seja guerreado - e eu acredito que será - deslealmente, de todo lado. Se o pt conseguir manter esta lealdade, terá condições de superar todas as armadilhas que vêm aí.

*Há, porém, um documento do pmdb de São Paulo, elaborado à sombra do governador Quéricia, que encara o pt sem qualquer animosidade, se não com simpatia.*

Nós estivemos aqui há um ano, e eu arrisquei uma profecia que aparentemente hoje está em xeque. Que o candidato que atrairia a direita iria ser o Quéricia. Eu não me arrependo dessa profecia. Eu acho que esses projetos que os conservadores ventilam com tanto aparato, procurando um candidato aparentemente de esquerda, não vão dar em nada. No fim vai prevalecer a solução natural. E essa é uma estratégia, de certa maneira, nova também.

*O senhor acha que o governador Quéricia seria o candidato natural anti-Lula e anti-Brizola?*

Quéricia é ainda o candidato mais forte, e é o candidato que dentro dos conservadores apresenta uma linha mais moderna. Ele está numa linha que abandona a idéia do pânico, dentro da qual existe sempre um projeto de golpe, a favor da idéia do confronto eleitoral. Temos duas estratégias conservadoras. Uma tenta aterrorizar: pt, Brizola são o caos, o desastre total, o apocalipse. A outra estratégia é: "Bem, vamos decidir eleitoralmente". Quéricia está nessa.

*Prevalecendo a segunda estratégia, o país dá um passo à frente.*

Eu acho que sim. E terá dado um passo à frente no seguinte sentido também: terá levado em conta um fato novo e terá levado em conta que esse fato novo não pode ser destruído. Terá entendido que o debate político, a luta política, é possível.

*Essa segunda alternativa se polariza com a primeira ou ela atrai a primeira?*

Eu tenho a impressão de que se polariza. Quer dizer, essa direita golpista vai continuar existindo.

*Nisso tudo, como é que fica o pdt e mais precisamente como é que fica Brizola?*

Eu acredito que o fato é o pt. O Brizola é uma personalidade política com uma flexibilidade muito maior do que todos os outros que estão aí. Tem a flexibilidade de alianças - não falo de alianças com rótulos, porque nessa altura os partidos estão se transformando rapidamente em rótulos -, ele tem flexibilidade de alianças em grupos, classes, camadas. Ele conta com isso, com a sua habilidade, ao falar, com aquilo que os seguidores dele chamam de carisma. Agora o tempo corre. É claro que ninguém quer que o tempo corra, quando o tempo corre contra a gente, mas o que era Ulysses, por exemplo, no dia da promulgação da Constituição? Era um líder nacional, um homem que provavelmente, em 1974, se não fosse candidato, pra valer, poderia ter ganhado a eleição, deveria tê-la ganhado.[\[75\]](#) E,



depois disso, a gente se pergunta: O que é a candidatura Ulysses hoje? É uma coisa que a gente tem dificuldade de identificar, se é verdadeira ou mentirosa. É claro que o doutor Ulysses deve acreditar nela, porque se ele não acreditasse nela também ninguém mais acreditaria. Mas esse fenômeno de desgaste também existe com o Brizola. O Brizola na sucessão do Jango, [\[76\]](#) se pudesse ser candidato, teria uma chance enorme, mas essa chance se tornou tênue no momento em que ele não conseguiu organizar aquilo que o pt organizou, enfim. O azar do Brizola é um cidadão chamado Lula da Silva. Não como pessoa, mas o Lula da Silva como organizador de partido. O pt foi aquilo que o ptb [\[77\]](#) não conseguiu ser, em outros tempos. O ptb se perdeu em uma certa fluidez programática muito grande, uma fluidez de alianças, uma fluidez de adesões... Aconteceu o que aconteceu com o pmdb. Todo mundo entrou para o ptb.

*E o pt é mais ideológico?*

O pt é mais ideológico e representa alguma coisa mais consistente, quer pela sua massa de eleitores e seguidores, quer também pelos seus intelectuais que, apesar das diferenças e dos grupos que são numerosos lá dentro, têm homogeneidade. Aliás, nunca houve no Brasil, nem no movimento abolicionista, um grupo tão brilhante de intelectuais em torno de um partido, de um projeto político. Eu não quero dizer que esses intelectuais ocupem um lugar de vanguardas ou de iluminados, o que seria uma maneira de destruir o partido.

*Mas o Brizola não teria a qualidade de uma certa indefinição ideológica? Aos olhos de certos setores do empresariado, por exemplo?*

Ele fez um aceno na televisão dizendo que a eleição deste ano será a eleição do Mitterrand contra Marchais. Eu devo dizer que eu não gostei de ele ter dito isto, eu me decepcionei. Talvez ele não tenha refletido bem porque essa manifestação ainda faz um apelo ao velho anticomunismo e existe nela alguma coisa de velho, de cansado. Ele fez uma insinuação que provavelmente não tenha querido fazer, porque ele é um homem ético na maneira de agir. Mas com isso ele demonstrou que está disponível às alianças, enquanto o pt não está. E pela conduta e pelo programa, dificilmente terá alianças. A pessoa que votar no Lula ou no pt não vai votar porque se aliou a ele, vai votar porque entende que aquele programa serve, ou porque entrou para o partido. Agora, aderir a Brizola significaria uma mudança muito profunda para um conservador, uma mudança que suporia o desespero. Um desespero que não está evidente, senão nos setores mais extremados, que jamais se uniram ao Brizola.

*E a tentativa de Brizola de atrair os militares, ou, pelo menos, setores militares?*

Isso é outro traço velho na plataforma. Eu não sei se ele quer realmente atrair os militares - ele mostra é uma compreensão muito grande com os militares. Esse tipo de manobra, a gente sabe, junto a corporações é totalmente inútil. Os militares são muito nossos amigos, mas na hora de cumprir ordens nos prendem com a mesma tranqüilidade

com que prendem os inimigos deles. Na melhor das hipóteses, nos farão continência. Quer dizer, não se conquista uma corporação pessoa por pessoa. Uma corporação tem interesses próprios e tem direção própria. O Jango era muito amigo dos militares, era amigo de Kruel, faziam churrasco juntos. Adiantou?

*Será que o pt pode forçar a história deste país?*

Bem, por enquanto a gente vê a Rede Globo chamando Erundina.[\[78\]](#) É claro que esse procedimento não vai ser assim, as relações não vão ser essas. A reação contra o pt ainda não está armada, mais vai se armar, porque não será uma reação contra o pt, ela é uma reação de certos setores que precisam reagir para subsistir. Eles se vêem ameaçados não pelo pt, como pt, mas por aquilo que o pt representa.

*Como o senhor avalia o papel da Igreja dentro do pt?*

Eu acho que a Igreja que apóia o pt é exatamente aquela que está sofrendo, dentro de si própria, a mesma transformação que a sociedade civil está sofrendo ao optar pelo pt. É o mesmo processo. Eles confluem, às vezes, mas podem em certos momentos não confluir, podem em certos momentos se separar. Em todo caso, nós sabemos que o operariado não é religioso, não é católico. Sabe-se que não é desde as observações do começo do século. O padre não consegue levar o eleitor ao pt; agora, o padre consegue que o eleitor dele não se intimide com a pressão de quem usa contra o pt a retórica anticomunista. Esse efeito, sim, acho positivo. “Olha, não tem nada de comunismo nessa história, você vota em quem você quiser.”

*Quer dizer que Lula é forte candidato à Presidência da República?*

É um candidato a se levar em conta. Ele é um candidato que, no tipo de eleição que vai haver, de dois turnos, terá um papel de definição, pelo menos de peso muito importante na definição do vitorioso. Eu não sei se as chances do pt estão na próxima eleição. Para mim é uma questão em aberto. Eu suponho até que não. Eu suponho que a força do pt, ao contrário do ptb, está exatamente em contar que o tempo não é tão urgente. O que havia com o ptb era que o tempo era muito urgente, tinha de ser naquele momento. E isso embaraçava a sua atividade partidária, embaraçava também a sua estratégia e suas táticas. Se o pt entender que o tempo não é crucial, vai se beneficiar muito com isso. O tipo de proposta do pt não é a Presidência da República. O importante são os meios para, na Presidência da República, promover aquelas reformas a que ele se propõe. Só a Presidência da República, desligada do programa, poderia até ser uma armadilha para o pt. O Lula poderia ser mais um presidente da República que quis muitas coisas e não pôde; e que não poderia, talvez, nem governar.

*A classe a aceitaria tranquilamente um metalúrgico na Presidência?*

Vai ser muito difícil...

*Pelo jeito o senhor imagina o confronto versus Brizola no segundo turno.*

Se não surgir outra coisa. Agora, eu sou cético quanto a essa certeza tão matemática de que Brizola será eleito.[79]

*E chegamos a 15 de novembro de 1989 tranqüilamente?*

Aí é o outro drama. De hoje a 15 de novembro existe uma interrogação. Tem um bigode[80] que foi um risco para a esquerda e que hoje é um risco para a direita, porque pode, nesse interregno, se estabelecer uma situação insustentável, uma situação que já hoje é óbvia, de desaparecimento de governo, e que poderá levar à dissolução do Estado. E aí com direito a todas as hipóteses.

*Seja um pouquinho mais específico.*

Vamos ao sintoma mais claro: a inflação. Num sistema de hiperinflação, de desconfiança total na moeda, ou de apropriação dos indexadores como está havendo hoje – porque nós estamos numa inflação que é uma luta –, a indústria e o sistema financeiro se apropriam dos indexadores. Então você toma do assalariado durante dois ou três meses, a inflação trabalha a seu favor. Se os indexadores falharem, numa desconfiança total, não só na moeda, como no sistema de apropriação de rendas, que está dentro da inflação, você pode ter uma convulsão social generalizada, sem nenhum meio para controlar isso, quer pela violência, quer pelo acordo. Então seria uma conjuntura cheia de hipóteses.[81]

*Poderia haver gente trabalhando nessa perspectiva?*

Quando os editoriais de jornais paulistas, que refletem mais a opinião desses setores, falam que a renúncia é uma solução, você está diante de um indicador. É claro que ninguém deseja tomar, nesses setores, o caminho normal. Se um presidente da República está sendo acusado de crimes de responsabilidade, caberia levá-lo ao Congresso. Então um *impeachment* seria a solução. Mas um *impeachment*, infelizmente, é a coisa em que menos se pensa. Outra saída seria a diminuição do prazo de mandato, mas também esta é uma hipótese muito rala. Trata-se de meios constitucionais e, no entanto, são cada vez mais longínquos porque houve uma paralisação exatamente desse fórum que a Constituição desejaria ter criado, mas que não funcionou, que é o Congresso.

*No começo da entrevista o senhor falou da magistratura. Logo que a Constituição foi promulgada, houve muito esse raciocínio: “Bom, agora tudo depende da magistratura”. Havia algum interesse em pensar assim?*

Eu acho que houve. No momento em que se acenou com instrumentos como o mandado de injunção, por exemplo, pela letra da Constituição, criou-se uma ilusão no país de que, na falta de regulamentação pelo Congresso, a magistratura entraria em cena. Agora, esse instrumento, se utilizado assim, acabaria sendo um instrumento antidemocrático, porque ia tirar dos representantes do povo uma decisão e entregar ao juiz que não foi eleito por ninguém. Ficou evidente, desde logo, que os juízes não poderiam assumir esse papel.

### *O juiz faria a lei?*

O juiz faria a lei, no caso. Ficou evidente que o juiz não se dispôs a aceitar isso. Não com uma negativa frontal, mas com dilações aqui e ali. Então, temos aí uma Constituição cheia de compromissos que não se realizaram. Compromissos futuros para realização e não-realização, enquanto os setores conservadores alegam que todos os artigos da Constituição, mesmo aqueles auto-aplicáveis, dependem de regulamentação. Pois é, as coisas mudaram. Aquilo que a Constituição de 1946 prometia raramente chegou a ser regulamentado até 1964, e mesmo assim a Carta vigorou. Não é um vício brasileiro. A Constituição italiana de 1948 fala do “direito de greve de acordo com a lei”, mas a lei nunca houve. Reparem na diferença entre uma sociedade e outra: lá, a lei não saiu, e nem por isso um artigo ficou inaplicável. Os tribunais entenderam que, na falta de regulamentação, o direito de greve era geral. Aqui, dá-se exatamente o contrário: como não foi regulamentado, está-se entendendo que se deve aplicar a lei antiga. Lá a sociedade conseguiu, ela própria, fazer com que o direito se aplique. Aqui não consegue.

### *O ano de 89 começa envolto em...*

Interrogações, hipóteses. Menos uma hipótese otimista. Essa hipótese seria um absurdo. As hipóteses apontam para uma decisão a ser tomada no Congresso ou nas ruas, ou em algum outro lugar.

### *O quartel, por exemplo?*

Acho que também. Embora seja a última hipótese, não está excluída. Aliás, excluir por quê? O que mudou no país? A única coisa nova veio na eleição de novembro, mas ainda não é uma força organizada capaz de alterar o rumo da sociedade. Que milagre seria esse, de que era possível uma intervenção militar, em 1964, em 1968, em 1984, e hoje não é possível?

*O senhor também aventou a hipótese de a solução vir das ruas. Como?*

Eleições se dão nas ruas. Mas o problema é de não dar tempo. A Constituição atual estabelece um mecanismo de eleição indireta até o final do mandato, para se ter a possibilidade de um governo capaz de presidir essas eleições, com isenção, e sem descalabro econômico...

*Parece, porém, que o Congresso não caminha nesse sentido.*

Vocês viram o discurso do presidente da República, ele veio dizendo do risco a que o país estava exposto com a ascensão da esquerda. Ficou claro que ele não tem condições para conduzir o processo eleitoral.

*Donde, a perspectiva nada animadora.*

As coisas todas têm solução. Se você dissesse “o país vai acabar!”, mas não vai não.

*Sim. Solução nos quartéis, por exemplo.*



Seria a pior. Você estaria diante do pior golpe, porque é o golpe a favor. O golpe a favor do povo é o pior golpe, pior do que o golpe contra o povo. O golpe a favor leva a olhar com certa condescendência: “Bem, mas eles não são tão maus assim”.

*E que tal admitir a possibilidade de que a capacidade de suportar da sociedade é infinita, o medo tremendo - e assim chegamos a 15 de novembro, sem que nada aconteça, e para iniciar um capítulo ainda pior na história desse país, pior do que esse que vivemos?*

Essa hipótese objetivamente existe. Agora, se acontecer, teremos um resultado eleitoral em 15 de novembro não consensual. Seria o resultado do desespero, não do jogo político. Se você chega à convicção de que o resultado eleitoral seria diferente se não houvesse desespero, tem um resultado não consensual. Como se deu, por exemplo, quando os nazistas começaram a crescer na Alemanha. A continuar essa situação, quem é que se beneficia dela? É o grupo empresarial mais reacionário e os grupos financeiros, que não perderam nada com essa inflação. Não perderam nada, como não perderam com a hiperinflação alemã. Ao contrário, eles cresceram. E por isso é que foi possível o nazismo.

*Será que o Brasil teria de passar por uma experiência dessa natureza?*

Foi possível o nazismo porque no momento em que esses grupos conquistaram posições vantajosas graças à inflação, perceberam que iriam perdê-las num jogo

democrático. As demandas num regime democrático iam consertar tudo. A democracia passou a ser para eles o grande risco. Agora nós corremos o risco de ter uma eleição assim, que não agrade nem aos conservadores, e que só venha a servir à extrema direita.

# Transição, uma manobra conservadora

*IstoÉ Senhor, 07/02/1990*

Fevereiro de 1990 - Faoro propõe dois temas aos entrevistadores: o que chamou de “um fato menor”, o governo Fernando Collor de Mello, no Brasil, e “um fato maior”, os acontecimentos do Leste Europeu com a queda do Muro de Berlim e a crise final do regime comunista na União Soviética. Nesta entrevista, mais do que em todas as outras, as respostas de Raymundo Faoro expõem a capacidade de análise prospectiva do entrevistado. O que Mino Carta chamou de profecias.

Assim, o profeta projeta o fracasso do governo Collor e o risco de ruptura. Descarta um golpe militar e avalia as opções de saída na seguinte ordem: *impeachment* ou parlamentarismo. Deu *impeachment*.

O acerto não pára aí. Que tipo de governo viria após o *impeachment* de Collor?

O que se espera depois do Collor será outra direita. Será, aí sim, se essa direita conseguir sair da tutela do Estado e da tutela militar onde ela está. Se conseguir, teremos uma direita de tipo europeu, de tipo norte-americano.

A solução apareceu com todas as pompas e circunstâncias, malgrado o sotaque e os vícios caseiros: um sociólogo que fala inglês, espanhol e francês. Faoro evita citar o nome de Fernando Henrique Cardoso, o sucessor de

Collor, após o período administrativo completado pelo vice-presidente Itamar Franco. Uma elegância atrás da qual se esconde a ironia, pelo pudor da direita: ela não assume a identidade política.

No Brasil, você falar em direita, é ofensivo. Então vamos guardar esse pudor e apenas revelar quando eles próprios disserem. Aliás, europeus e norte-americanos, quando de direita, declaram sua preferência com muita tranqüilidade. Mas aqui não é assim.

Sobre o fato maior, a desintegração dos regimes do Leste Europeu, Faoro faz um vaticínio que, quase vinte anos depois, um tempo historicamente curto demais, dá sinais fortes de que se confirmará: o fim do império soviético pode decretar o fim do império americano.

Se um acaba, o outro não permanece. É uma dialética. [...] A Europa vai ressurgir. Vai ressurgir a Ásia.

Esta é uma entrevista em que Faoro detalha um pouco mais a análise sobre o período pós-ditadura militar no Brasil, a transição lenta que, apesar do restabelecimento das liberdades políticas, traiu o compromisso com a democracia. Segundo ele, a transição foi uma manobra conservadora, que frustrou a renovação do país, uma mudança sem ruptura, conciliadora.

O que eles não queriam é que houvesse uma saída tipo Brizola, ou tipo Lula.

O pt volta à agenda nessa entrevista. Faoro é estimulado a falar sobre a referência que fez ao partido, na entrevista do ano anterior, como uma semente que podia

brotar ou não. Ele cola na reflexão sobre o destino do pt o reflexo do destino dos países comunistas do Leste Europeu.

Ele, o pt, está sofrendo o impacto das forças que o constituíram, forças que vieram de preconceitos ou de conceitos, ou de opiniões ou de doutrinas do socialismo europeu, do socialismo do Leste, da admiração dos anos 1960 por Fidel Castro.

O emaranhado de facções travava o desenvolvimento partido, na visão de Faoro. A instrumentalização tática, proposta por algumas dessas facções, contrariava o que para ele era essencial para o pt: acreditar na democracia como um valor universal. As liberdades não são burguesas, repetia ele, as liberdades são universais.

\* \* \*

*Qual seria o mote desta entrevista que estamos começando?*

Nós temos dois fatos aí: um maior e outro menor. O fato maior é o Leste Europeu. O menor chama-se Fernando Collor. O menor, ele talvez, com o desenvolvimento da história do país, pode ser não só um fato menor como também insignificante.

*Insignificante?*

Insignificante, mais um episódio desta história recorrente, de um vago país da América do Sul, de um vago continente que está perdendo cada vez mais a sua importância.

*Insignificante porque igual a tantos outros.*

É. Pode ser uma reedição modernizada, não tão incompetente, mas fruto das mesmas circunstâncias, do senhor José Sarney. A perspectiva deste governo não vai muito além de um Sarney. Ou será um Sarney que deu certo ou um Sarney que deu mais errado. Também, acho que Collor é filho de uma coisa chamada transição. Essa transição já tem dois produtos: o produto Figueiredo, que durou seis anos, e o produto Sarney, que durou cinco anos. Por que Collor é filho da transição? E que foi a transição? A transição foi uma manobra conservadora, conciliatória, para que o país não se renovasse. E o país não se renovou, tanto que produziu Collor, que não é um resultado indesejado pelos estrategistas da transição. É, claro, um outro nome, mas não outra composição. O que eles não queriam é que houvesse uma saída tipo Brizola, ou tipo Lula.

*Não é um nome indesejado, mas não era a única alternativa que se apresentava, para os estrategistas da transição.*

Foi talvez a alternativa menos desejada e seguramente não a mais inteligente. A transição procurou, eu acredito, um caminho que convencesse mais em termos de centro. Abriu todas as oportunidades para Orestes Quécia, pois era ele o homem. De certa maneira, acenou para que o nome fosse também o de Mário Covas, mas não se chegou nem a um e nem a outro. Chegou-se a um que é inesperado, porém não indesejado, dentro do projeto.

*Paulo Maluf se apresentava como candidato vindo do sistema, mas não como candidato do sistema. Collor*

*também: a origem dele é o sistema, mas ele sempre se apresentou como uma ruptura. Eles apresentam alguma semelhança?*

O que é que a transição dizia - e dizia até de certa maneira agressivamente contra nós outros? Dizia: olha, nós queremos mudar o país, mas sem ruptura. Mudar o país com ruptura significa, por exemplo, uma Assembléia Constituinte autônoma, por exemplo, uma eleição direta imediata. Sem ruptura, a mudança se faria com a eleição indireta, e com a Constituinte embutida dentro do Congresso, o que significou cercar essa Constituinte de todos os controles possíveis para que ela não fosse além do que se desejava. Esse sistema produz o quê? Não produz o Lula. Produz o Collor. Collor saiu do sistema, um sistema que teve a competência de se atualizar, de se transformar - e de se transformar com tanta arte que ficou, de certa maneira, a mesma coisa. Note que ninguém perdeu nada. Os homens que ganharam dinheiro em 1964 consolidaram-se em 1989. Os que não tiveram oportunidades em 64 continuam não tendo em 89.

Quer dizer, economicamente, 89 consolida 64 e, politicamente, 89 moderniza 64, com um instrumento tirado de dentro do sistema, disciplinado pelo sistema, apoiado pelos financiadores que se fizeram dentro do sistema e apoiado pelos agentes que manipulam a opinião, que foram os que fizeram, ajudaram, manipularam o sistema.

*Mas existe dentro do sistema quem diga que Collor não é muito confiável, que é genioso.*

Uma pessoa que não teria a maleabilidade do Figueiredo, por exemplo, ou a docilidade de um Sarney.

*De qualquer forma, ele não seria o coveiro do sistema.*

É. Nunca seria o coveiro do sistema. Mas essa desconfiança não viria apenas de suspeitas individuais, mas também das contingências do próprio sistema. O sistema se esgotou no processo, esgotou-se perante a opinião pública – e tanto se esgotou que Collor teve de lançar mão da ambigüidade para se eleger, dizendo-se mais de esquerda do que de direita. Já que o sistema se esgota, lança um apelo direto à massa. De certa maneira, ultrapassa não somente os partidos – e no caso dele, os partidos que apoiaram são inexistentes –, mas ele ultrapassa também aquela categoria de notáveis como financiadores, como inspiradores, como orientadores de opinião. Quer dizer, esta me parece a desconfiança fundamental, e ela evidentemente revela um risco, um perigo. Revela que, no momento da crise, o que é que ele vai fazer? Vai apelar para esse sistema nu, esse contato nu, quer dizer, conforme um “cesarismo” que é muito brasileiro. O que é “cesarismo”? É o cônsul que ultrapassa o Senado e fala diretamente à rua.

*Como fez Getúlio?*

Getúlio, de certa maneira. Então o fantasma é 1937, sem o controle sobre o titular do 1937.

*Por que o governador Quéricia perdeu uma grande oportunidade?*



Eu acho que Quércia deixou de ser candidato no momento em que não enfrentou o governo Sarney. Quando não tomou posição a favor do mandato de quatro anos. Neste momento, ele saiu.

*Mas quanto ao Collor, não é que o sistema tivesse assim um desenho muito preciso a respeito do candidato ideal.*

Nunca as coisas são de consciência tão lúcida. Tudo se passa no nível de uma lucidez de pesadelo. Você escolhe aquele que tem mais chance, mesmo que cause algum desconforto. No caso, é bem provável que haja muito desconforto com relação à pessoa escolhida. Mas a opção era esta. A direita aceitou inclusive que este candidato fizesse todo o jogo de ambigüidade, apontando para a socialdemocracia, falando mal dos empresários paulistas, recusando apoios, quer dizer, tudo foi aceito. Agora, foi aceito por quê? Foi aceito porque eu acho que o sistema estava esgotado, quer dizer, teve que apelar para a última reserva, que é a reserva de jogar de um lado e correr para o outro, quer dizer, jogar na direita e chutar com a esquerda. Parece que o jogo foi mais ou menos assim.

*Collor é realmente a última reserva? Não somente no contingente, mas também no imanente?*

Deste tipo de direita, sim. O que se espera depois do Collor será outra direita. Será, aí sim, se essa direita conseguir sair da tutela do Estado e da tutela militar onde ela está. Se conseguir, teremos uma direita de tipo europeu, de tipo norte-americano.

*Quer dizer que se o governo Collor der certo, baixar a inflação...*

... baixar a inflação, desinflar o Estado, ter um nível razoável de compreensão popular, de entendimento popular e se conseguir enfim um capital para a direita, e libertando o capitalismo brasileiro das suas tutelas - não apenas da tutela do Estado, mas, dentro do Estado, da sua tutela militar -, então nós teremos daqui por diante uma direita do tipo europeu ou norte-americano.

*O senhor vê a imagem de uma pessoa comandando essa direita?*

Eu não indicaria, por exemplo, Maluf. Também não colocaria Afif Domingos,[\[82\]](#) que me parece pertencer à velha direita, a mesma direita do Collor, porém sem as chances do Collor.

*Mas há formuladores ideológicos?*

Sim, isso nós sabemos que há e que é indiscreto citar, porque no Brasil, você falar em direita, é ofensivo. Então vamos guardar esse pudor e apenas revelar quando eles próprios disserem. Aliás, europeus e norte-americanos, quando de direita, declaram sua preferência com muita tranquilidade. Mas aqui não é assim.

*E onde se situam esses senhores cujos nomes o senhor não pretende revelar? Instituições?*

Estão nas universidades, estão nas empresas.

*O senhor diria que são pessoas que fingem ser de esquerda e de fato são de direita?*

São pessoas que são vitais como de esquerda, porque é tão espantoso que a direita conte com alguém que saiba pensar, que saiba fazer um discurso coerente que este logo é tido como subversivo. Mas serão os postuladores dessa direita que virá, se o governo realizar os seus planos. Aí poderemos ter, no futuro, uma eleição em nível de maior limpidez do que a última. Uma eleição de posições demarcadas.

*Essa aproximação do psdb com o governo Collor poderia favorecer o surgimento de uma liderança ideológica tipo Fernando Henrique Cardoso, nesse passo seguinte?*

Não sei se as coisas estão por aí, não sei, eu não saberia realmente. Eu não saberia, aliás, definir o psdb. Parece-me que, nas circunstâncias atuais, ele seria o partido de centro, mas essas situações são móveis. Depende de como vai se constituir, sobretudo, a direita.

*Mas isso não está se definindo agora com relação ao psdb, na medida em que temos setores do partido envolvidos na tentativa de aproximação do governo Collor?*

Mas eu tenho essa manobra como uma coisa muito mais retrógrada do que vocês estão dizendo. A mim me parece que é ainda uma manobra estamental. Trata-se de chamar Collor para uma posição, para evitar que ele vá para outra. Como se essas manobras de cúpula fossem válidas ainda. No Brasil talvez ainda sejam válidas.

*Não haveria setores dirigentes no Brasil que, por não terem tido possibilidade de encontrar saída mais inteligente, e tendo agora de se render ao fenômeno Collor, enxergariam uma solução, na aproximação do psdb ao novo presidente?*

Pois é, essa para mim é uma manobra retrógrada, não é uma manobra que leva à nova direita. É uma manobra de um velho país em que se manipulavam as coisas de uma posição de poder, e o poder é móvel, tanto serve a um setor como serve a outro. No fundo o poder anula as classes. Então, como anula as classes, provoca uma manipulação estamental. Quer dizer, se a manobra for esta que vocês propõem, então o psdb estará agindo como agiria, por exemplo, o Exército, como agiria a Marinha, como agiria a Aeronáutica, de chamar o governo do seu lado para trabalhar junto com ele.

*Para esse governo, o que significa dar certo?*

Sem redistribuição de renda, sem alteração da estrutura social do país, mantendo essa pastosidade partidária, mas com menor inflação, com o Estado mais bem dimensionado, com a tutela militar mais discreta.

*Nessa perspectiva, não interessaria ao país um novo governo Juscelino Kubitschek?*

O jk, o que era? Era o homem que utilizava o Estado para o desenvolvimento. Não é essa a formulação desse governo. Esse governo vai tentar fazer com que a iniciativa privada financie o desenvolvimento.

*De certa forma, se poderia dizer que Collor é mais moderno do que jk.*

Sim, dentro do ponto de vista de uma direita futura. De uma direita européia ou norte-americana. jk é um modelo, aliás, muito curioso e pouco explorado. Mas a gente tem de pensar que o jk também é o homem de Brasília. Quer dizer, o homem de desenvolvimento pelo Estado e ao mesmo tempo de tirar o povo das decisões, de fazer um centro de decisões em que o povo não esteja. Um modelo assim que lembra muito um tema que hoje me seduz muito, o modelo positivista, que foi o modelo mexicano do século passado, um modelo que presidiu aqui a constituição da República. Quer dizer, um modelo de desmotivação popular e de desenvolvimento tutelado do capitalismo. Agora, existe a hipótese, a meu ver muito mais provável, de o governo Collor fracassar. Esta, eu acho, em muitos meios políticos, é vista como hipótese iminente, e nos meios empresariais me parece que há temor disso. Se o governo fracassar, qual é a primeira saída que se imagina? O modelo Collor, o modelo do diálogo direto com a massa, leva àquilo que Sarney não conseguiu fazer, que seria um 1937. Quer dizer, Sarney quis fazer isso no momento em que enfrentou, ou afrontou, a Constituinte, no momento em que chamou os militares contra o parlamentarismo e a favor dos seus cinco anos de mandato. Foram golpes, porém, não institucionalizados, ou golpes dentro das instituições, mas com o apoio militar. Já o perfil do governo Collor, com esse diálogo direto, aponta para 37, se tiver um apoio militar bastante sólido. Mas é uma hipótese que acho improvável, porque me parece que antes disso haverá outra saída, que é prevista na

Constituição, a precipitação do parlamentarismo, uma espécie de geléia geral em que ninguém controla ninguém.

*E o parlamentarismo, no Brasil, dá certo?*

Será que o presidencialismo teria dado certo no Brasil?

*Ao menos criou hábitos.*

Operacionalmente o parlamentarismo tem grandes problemas. Um problema é uma objeção também já feita há muito tempo, o problema do federalismo. Como ficariam os Estados, também seriam parlamentaristas, como a Alemanha, por exemplo? Em todo caso, com o parlamentarismo, se visaria atenuar o fracasso do governo e manter no poder o grupo que lá está, com instrumentos, digamos assim, mais ágeis?

*Se houver fracasso desse governo, e for identificado rapidamente, que aconteceria com o fortalecimento das oposições nas eleições deste ano?*

Se der maioria à oposição, precipita o parlamento. Logo, se o regime continuar presidencial, o que adiantaria essa maioria? Quer dizer, só para trazer *impeachment* do presidente da República.

*Mas uma solução dessas cheira a casuísmo, na melhor das hipóteses.*

Mas quais as opções no caso de uma crise ou de um fracasso? Ou o *impeachment* ou precipitar o

parlamentarismo.[83] É claro que aqui eu estou excluindo essa hipótese do governo nacional.

*Claro, claro... mas qual é a sua previsão com relação às eleições de outubro próximo?*

Eu acredito que o setor que teve muitos votos populares, tanto o pt quanto o pdt, venha a ter uma bancada não compatível com os votos, porém significativa. Depois das eleições de 1990, provavelmente não haverá maioria. Se vier o parlamentarismo, será um sistema de compromisso.

*Falando de pdt e pt, falamos de Brizola e Lula. Como é que o senhor vê hoje o papel dos dois?*

Brizola teve um revés muito grande não chegando ao segundo turno, um revés somado a uma circunstância que é pouco simpática ao povo brasileiro, que é a idade. O povo brasileiro presta grandes homenagens à idade, mas não acredita no homem velho. Ulysses foi muito reverenciado, mas não teve votos. Acho que o Brizola tem uma vitalidade política maior do que a de Ulysses, mas ele também enfrenta esse problema. A idade, no entanto, não é o principal. Para o Brizola o maior problema passa a ser o revés eleitoral. Mesmo assim tenho a impressão de que, se Brizola for candidato ao governo do Rio de Janeiro, será eleito.[84] Acho também que seria uma postura muito inteligente e muito digna do pt se o apoiasse como candidato ao governo do Rio. O pt deve muito ao Brizola. Esse apoio seria uma homenagem muito bem-aceita pelo eleitorado do pt e lhe daria dividendos em outros pontos do

mapa político. O pt não estaria apenas saldando uma dívida, mas também estaria preservando um nome para uma hipótese qualquer, em caso de uma resistência ao nome de Brizola, ou à força do Brizola, que pode ser necessária.

*E o pt?*

O pt tem o futuro pela frente, mas também tem problemas. Não é uma fatalidade que ele venha a ser o partido vencedor de 90. Eu creio que o pt aprendeu as lições que recebeu desta campanha, que foram positivas. Porque teve uma votação extraordinária, que tem de incorporar à sua prática e que talvez o leve a formar um novo programa buscando um leque maior de opções populares.

*Pensando no futuro do pt, o senhor acha que o partido se porta corretamente com relação às prefeituras petistas de algumas entre as principais cidades?*

Eu realmente tenho uma série de dúvidas. Não sei inclusive se é verdade que o mau resultado do pt se deveu, em algumas cidades, ao resultado da administração petista. Além disso, por ser a prefeitura do pt, a cobrança que os setores conservadores fazem é muito mais contundente. Em outros tempos, eu não vi candidatos do pmdb, ou da Arena, ou do pds serem cobrados pela má administração de prefeituras. Mas o pt se cobrou.

*Aceitando a hipótese de que, por exemplo, aqui em São Paulo a prefeita Luiza Erundina[\[85\]](#) esteja fazendo uma*



*administração discutível, é uma atitude progressista, digamos, o partido criticá-la mais ou menos abertamente?*

A nossa visão política é sempre que o eleito, no momento em que é eleito, tem de ser liberado pelo partido para que seja, por exemplo, o prefeito de todos os paulistanos, ou o presidente de todos os brasileiros, ou o governador de todos os cariocas. Quer dizer, ao contrário de o partido se tornar mais exigente, teria de ser mais flexível.

*Sobretudo no regime presidencialista?*

Sobretudo no regime presidencialista. Então a doutrina do regime é esta, é a de liberar o eleito dos seus vínculos partidários, deixando de exigir que ele seja um cumpridor de ordens. Esse aspecto é próprio de um esquema socialista, não de um socialismo moderno. O tal centralismo democrático dá nisso.

*Há alguns anos, na entrevista que o senhor dá tradicionalmente para esta revista, senhor comparou o pt a uma semente que podia brotar ou não. Um ano depois, é tempo suficiente para saber se a semente brotou ou não?*

Em primeiro lugar se consolidou como partido – mais, se consolidou como o único partido dentro do espectro partidário brasileiro. Quer dizer, é o único que assumiu as condições de partido. Agora, qual o espectro? Ele, o pt, está sofrendo o impacto das forças que o constituíram, forças que vieram de preconceitos ou de conceitos, ou de opiniões ou de doutrinas do socialismo europeu, do socialismo do Leste, da admiração dos anos 1960 por Fidel Castro.[\[86\]](#)

*De uma vertente católica também.*

De uma vertente católica também. De uma série de extrações que o pt tem de fundir para que ele seja o partido que as urnas disseram que ele é. O pt tem que dizer que ele é esse partido. Agora, como vai dizer sem fazer crítica desses setores? Essa crítica tem de ser feita. É uma crítica que, inclusive historicamente, está sendo feita no Leste Europeu. Esta é importante e repercute sobre ele. Terá de ser feita uma crítica fidelista. Eu vejo o fenômeno do Leste Europeu como o desabamento de um momento havido como genial, que foram as Teses de Abril, que lançou a idéia de fazer a revolução socialista ultrapassando a revolução democrática e burguesa. Então, criou o tipo de socialismo que agora está desabando no Leste Europeu. Quer dizer, o que o Leste Europeu está demonstrando, em primeiro lugar, é a procedência da crítica de, por exemplo, duas figuras: a crítica de Rosa Luxemburgo e a de Kautsky. O Kautsky que Lênin chamava de “renegado Kautsky”. Eles diziam: a revolução assim vai ser um fracasso, revolução assim vai inviabilizar a própria revolução ou a mudança socialista de todo o mundo. E foi verdade. Quer dizer, no momento em que abandonou o legado liberal e aceitou a democracia meramente como valor instrumental, Lênin estava criando uma revolução que inviabilizava todas as outras. O pt tem de fazer esta crítica e estabelecer, em primeiro lugar e fundamentalmente, que tem na democracia o valor universal. Aquela história que nós cansamos de ouvir sobre as liberdades burguesas é bobagem. As liberdades não são burguesas, as liberdades são universais. Os direitos do homem não são burgueses, são universais. Quer dizer, trata-se de, a partir daí, fazer a crítica que a sociedade

brasileira está exigindo, porque a crítica que tem de ser feita aqui é a crítica democrática. Num país onde há desigualdade, nós todos estamos vendo, de qualquer lugar que olharmos, desigualdades de renda, desigualdades jurídicas, desigualdades que consolidam ou promovem privilégios de toda sorte. Quero dizer, esta crítica é que é a missão do pt. E aí ele será o partido que a urna disse que ele deve ser.

*Os partidos da esquerda ocidentais, os partidos comunistas, inclusive, estão fazendo esta crítica. Mas na União Soviética, que detonou todo esse processo, a única figura intocável chama-se Lênin.*

Talvez se preserve o construtor do Estado, esse é o mito, está acima da crítica. Agora, o Lênin construtor da democracia do socialismo é que está em causa.

*O pt será capaz de fazer esse tipo de crítica?*

Eu disse numa entrevista que se o pt não é capaz, ninguém seria capaz, porque a equipe de intelectuais que ele tem, o plantel de intelectuais que ele tem ninguém tem no Brasil. Quer dizer, a universidade brasileira é o pt, o intelectual brasileiro é o pt, ou está militando no pt ou medita sobre o pt. Se o pt não conseguir é porque a inteligência brasileira não consegue fazer essa reflexão.

*Mas o pt ainda parece bastante encantado com Fidel Castro.*

Eu estive em Cuba. Cuba pode ser admirada, porque a pessoa tem acesso ao sistema médico, tem acesso a escola.

Mas não pode ser admirado o sistema político, que é obviamente uma farsa. Eu ouvi um deputado cubano dizendo que aprovou o código civil em três dias. Quer dizer, não aprovou coisa nenhuma! Eu vi os advogados, estive lá no que chamam de Ordem dos Advogados, e eles me disseram que fizeram uma defesa dos dissidentes políticos. E, pelo que me disseram, eu falei: Olha, os advogados brasileiros tiveram um comportamento muito mais viril, porque arriscaram a vida, arriscaram a reputação e fizeram alguma coisa contra a ditadura. Vocês ainda estão achando que não há ditadura.

*A Cuba de Fidel Castro não é melhor que a Cuba de Fulgêncio Bapstista?*

Esse é o tipo de argumento que me parece um argumento em branco e preto. É claro que a Cuba de Fulgêncio Baptista era muito pior, em saúde, educação etc. Mas se você pegar o discurso de Fidel feito quando prisioneiro do Fulgêncio Baptista você verá a diferença. Fidel teve oportunidade de se defender. Pergunto: Aqueles que se revelaram contra Fidel tiveram a oportunidade de fazer aquele discurso que ele fez, de aparecer no rádio, de aparecer nos jornais? Então, o tempo de Baptista era muito pior, mas a oportunidade que Fidel teve ele não deu aos outros; o regime dele não dá.

*Dando um salto para a Europa e para o mundo, o fato de que fortes partidos comunistas e fortes movimentos de esquerda em geral tenham se desenvolvido depois da*

*Revolução Russa não teria contribuído para o fortalecimento da democracia do Ocidente?*

Sem dúvida. Eu receio - e é por isso que eu acho que o pt deve ser preservado - que a revolução do Leste e o declínio do socialismo venham a comprometer a luta da justiça social, que não é muito importante na França, não é fundamental nos Estados Unidos, que são países desenvolvidos, não é básica na Alemanha, mas é necessária na América ibero-americana, na África e na Índia.

*Como a direita no Brasil encara os fatos do Leste?*

Para eles, o socialismo morreu, o capitalismo triunfou e a justiça social é um delírio. É isso que eles acham.

*Parece que o czar Nicolau ii estava certo.*

Exato. Aqui estamos diante de uma chamada elite que não tem o menor senso da responsabilidade social. Ela não tem a noção - que a Constituição, aliás, estabelece -, da função social da propriedade. Mas vocês lembraram bem. O que significou em 1945, 1946, 1947, 1948 o medo ao socialismo? O capitalismo cedeu. Mas se você não tem mais nada a temer, se o capitalismo tipo brasileiro é formidável, é a última palavra, então não se tem mais compromisso com nada, nós estamos na selva selvática. Então a responsabilidade do pt, nesse momento, é enorme, porque passa a ser o depositário da reivindicação da justiça social. Eu devo dizer que não sou o pt, eu não tenho nenhum compromisso com o pt.

*Agora, se o pt não for consciente disso, aonde vamos?*

Pelo amor de Deus, o pt também, se ele é depositário de uma esperança nacional - e nesse ponto é uma esperança ibero-americana -, ele tem de estar consciente disso. Ele tem de saber que não pode ficar desgraçando a vida dos seus prefeitos, dos seus governadores, dos seus vereadores, que ele tem alguma coisa a mais a fazer, fora das competições paroquiais. Eu insisto na responsabilidade do pt, que vai além do que já disse. Na última eleição, nós vimos que o candidato vencedor ganhou nos setores semi-empregados, no chamado lumpen e nas pequenas cidades. Quer dizer, na pequena cidade não se vota no candidato, o amigo confia no outro amigo, que confia no parente, que confia no outro parente. Agora, isso não é a cidadania, quem se voltou para uma idéia do Estado, com uma noção e um conceito de sociedade, foi o pt. Isso cria mais uma responsabilidade. O pt passa a ser o detentor, em primeiro lugar, da idéia de justiça social; e em segundo lugar, tem de preservar a cidadania que confiou nele.

*Para onde caminha o Leste Europeu? Para um retorno, puro e simples, ao liberalismo?*

Eu não creio. Eu acho que essas coisas recorrentes, essas viagens redondas, esse mundo cíclico só existe na Ibero-América. Eu creio que o tempo lá é dialético; quero dizer, parece-me que foi muito importante, nessa transformação, a herança liberal de cada país. Veja que a mudança se deu, quanto maior a densidade da herança liberal de cada um deles. Começando com a Polônia. É uma afirmação que eu faço desde 1964, aqui. Os setores que

mais reagiram aqui foram os liberais. Depois é que vieram as outras resistências. A resistência fundamental é liberal. Em todo caso a recorrência é coisa ibero-americana. Nunca se volta quando o tempo é dialético, nunca se volta à iniquidade anterior.

*Mas estes países também não chegaram a desenvolver aquilo que hoje chamamos de capitalismo moderno.*

Sim. Mas sabiam do liberalismo político. Por isso eu acho que haverão de querer estabelecer regimes de justiça social, sem a ditadura, sem o desconhecimento dos direitos e das liberdades que, infelizmente em certo momento, se disse que eram liberdades burguesas. Enfim, o que eu quero dizer é que se pode separar perfeitamente o liberalismo econômico do político, e acho mais: o liberalismo econômico abusou do liberalismo político.

*Agora, o senhor acha que essas transformações vieram para ficar ou uma eventual vitória da reação, quer dizer dos adversários do Gorbachev, pode precipitar o retorno ao status quo?*

Isso seria uma convulsão de tais proporções que me parece inverossímil. Nessa altura, isso daí é uma convulsão mundial.

*Voltando ao início da entrevista, o senhor falou em um fato maior e outro menor. Também usou o adjetivo insignificante. O nosso destino é mesmo a insignificância?*

Essa revolução, essa mudança no Leste, fez com que nós ficássemos mais insignificantes do que éramos. Quer dizer, os investimentos e a atenção do mundo vão lá. Nós éramos ufanisticamente a oitava economia do mundo. Com a entrada do Leste no jogo, nós vamos para 12º se não ficarmos em 15º. Vamos perceber essa coisa fantástica, que somos tão insignificantes como achávamos que a Polônia, a Tchecoslováquia e a Alemanha Oriental eram insignificantes. Quer dizer, vamos fazer uma troca de gentilezas, entre insignificâncias, mesmo porque, em matéria de economia, depois do 7º tudo é insignificante.

*Agora o império soviético acaba, o outro, o norte-americano, permanece.*

Não. Se um acaba, o outro não permanece. É uma dialética. Se o império acaba lá, nós veremos surgir outros agregados que não são mais imperiais. A Europa vai ressurgir. Vai ressurgir a Ásia. Nada disso é bom para nós. De um lado sobra a realidade do atraso, quer dizer, a América ibérica, a África, um setor na Ásia - e o resto não será mais império de ninguém. Nós aqui vamos deixar provavelmente de ser império - e aí voltando ao início da entrevista - não porque o imperialismo desapareça, mas porque nós estamos sendo cada vez mais insignificantes para nem sequer constar no mapa do império.



# Direita: da violência à corrupção

*IstoÉ Senhor, 30/01/1991*

Janeiro de 1991 - O governo Collor definhava, marchava para o fim. Nesta entrevista, Raymundo Faoro percebe um movimento pela reforma da Constituição, apoiado por setores governistas e também pelo psdb. O que ele significava? Uma possibilidade de adotar a reeleição? O que Collor pode ter pensado, Fernando Henrique Cardoso realizou. Mas o foco da entrevista é jogado essencialmente no processo de análise da vitória de Collor e na desconstrução rápida do governo.

O governo tem um problema prematuro: em menos de um ano, a avaliação que se pode fazer é de uma viabilidade difícil dentro do esquema de poder que está armado [...] o governo está se tornando inviável na montagem do seu dia-a-dia, e também não está sendo viável no apoio popular e político para seus planos, objetivos e mitos.

Embora acentue o processo de inviabilidade de Collor, Faoro recua da idéia de que o *impeachment* poderia ocorrer. Não contava, certamente, com a revelação de fatos de corrupção que superaria todos os obstáculos e faria o Congresso adotar o remédio. Ele volta a mencionar a hipótese do golpe, mas sua análise não considera a possibilidade viável. Para ele, a direita estava “constrangida” a atuar nos limites constitucionais embora se mantivesse próxima dos “métodos tradicionais”.

Antigamente ela usava a violência, hoje ela usa a corrupção. O progresso que ela fez é esse.

Nesse contexto, Faoro volta à eleição em que Collor bateu Lula com um resultado final que considera “anômalo”, provocado por “fatores anormais de última hora”: inundação de dinheiro, um dilúvio de propaganda e “não faltou sequer a torpeza”. Uma referência aos métodos de ataques pessoais à vida pessoal de Lula endossados por toda a imprensa, que, inicialmente era mais antipática a Lula do que propriamente simpática a Collor. Na reta final da campanha o alinhamento da mídia foi total.

Faoro incursiona por uma curiosa trilha política. Ao ser instigado a falar de uma vaga proposta de reforma constitucional ele surpreende os entrevistadores ao lembrar que havia uma revisão da Constituição prevista para 1993, que seria antecipada por um plebiscito, como, de fato, ocorreu na data prevista. Uma cortina de mistério não levantada na antecipação que os líderes do psdb endossavam.

Então se fala em antecipação, mas não no plebiscito, o que não deixa de ser estranho. É um detalhe talvez relevante, que mostra que alguma coisa está em jogo, mais do que a reforma. Obviamente, quando o governo fala em reforma não será para diminuir poderes do presidente da República, nem para diminuir a competência da União.

Atrás do jogo de cena da reforma estaria a questão da reeleição?

É bem possível que esse delírio freqüente a cabeça do presidente Collor, e provavelmente não passaria só pela cabeça dele. É muito difícil o presidente da República, no dia em que assume a faixa, não pensar no outro período.

Faoro alertou que os problemas do presidente Vargas começaram quando seus seguidores lançaram no palco político a campanha “Libertemos Vargas”, “Libertemos Getúlio”. Também por isso aumentaram as dificuldades do presidente João Goulart. Seus aliados, em busca de uma reforma constitucional, cunharam o slogan “na lei ou na marra”. A mesma dificuldade perseguiu o presidente Jânio Quadros quando pediu ao Congresso poderes de emergência.

\* \* \*

*Este governo Collor sofre que tipo de problemas?*

O governo tem um problema prematuro: em menos de um ano, a avaliação que se pode fazer é de uma viabilidade difícil dentro do esquema de poder que está armado. É uma viabilidade que diz respeito ao plano a que se propôs – que é um plano de objetivos mas não de meios, e que de meios se serve de qualquer coisa –, e também envolve os mitos que esse governo criou, modernização e outras coisas. Assim, o governo está se tornando inviável na montagem do seu dia-a-dia, e também não está sendo viável no apoio popular e político para seus planos, objetivos e mitos.

*Mas o governo parece ter certeza de que tem o apoio popular. Há, inclusive, o ibope, que sempre se prontifica a fornecer dados destinados a mostrar esse apoio.*

É, tem uma faixa de respostas dos entrevistados do ibope, a chamada faixa regular, que serve para tudo. Quem

não gosta do governo pode achar que regular é péssimo e quem gosta pode achar que regular é ótimo. Tem a faixa da indefinição que serve para todos os cálculos. Evidentemente o governo não é o que pensa ser. Não é um governo carismático, embora gostasse de ser. E eu acho que essa é a coceira que sofre esse tipo de governo, uma coceira bonapartista de querer mobilizar certos setores não organizados da sociedade, chamados de descamisados, para formar a sua platéia. Eu acho que aí é que está inclusive o perigo de uma eventual aventura para um governo sem apoios em setores organizados, sem apoios em partidos, entidades de classe, sindicatos - os chamados órgãos da sociedade civil - e sem apoio popular de setores não organizados da sociedade.

*Há um ano, na sua análise anterior à posse de Collor, o senhor falava da possibilidade de esse governo modernizar a direita brasileira. O senhor diria hoje a mesma coisa?*

Eu ainda mantenho isso, ao menos em parte. O que é que a direita, há dois anos, pensava quando havia uma dificuldade de governabilidade? Pensava em ato institucional, em golpe de Estado, qualquer coisa por aí. Hoje talvez pense a mesma coisa, mas o discurso é outro. Se não há a obediência à lei, pelo menos defende-se a idéia de que o Estado precisa de Direito.

*Mas não falta quem pretenda antecipar a reforma constitucional.*

Mas a reforma constitucional é formalmente uma maneira legal de alterar a ordem jurídica.

*Agora, a proposta de antecipação, a rigor, não é só de setores conservadores. O psdb também propõe.*

É uma coisa curiosa, porque está prevista a revisão cinco anos depois da Constituição, em 93. Mas vamos fazer um parêntese para distinguir entre revisão e emenda. O que começou a se propor, como balão-de-ensaio, foi emenda. Agora já se fala em revisão, quer dizer, em antecipar aquela revisão de 93 que teria de ser precedida, conforme a Constituição, embora em artigo diferente, por um plebiscito. Então se fala em antecipação, mas não no plebiscito, o que não deixa de ser estranho. É um detalhe talvez relevante, que mostra que alguma coisa está em jogo, mais do que a reforma. Obviamente, quando o governo fala em reforma não será para diminuir poderes do presidente da República, nem para diminuir a competência da União.

*Será para acabar com a inflação?*

Acabar com a inflação com esse tipo de reformas significa quase um golpe. Dispensar o funcionalismo, extinguir empresas fora do molde jurídico, quer dizer, aí não se trata de uma reforma constitucional, é um projeto de ditadura.

*O senhor disse que mantém somente em parte as suas previsões de modernização brasileira. Somente em parte por quê?*

A direita está constrangida a ficar dentro da lei. Agora, o que eu imaginava não aconteceu: é que a direita fosse para o centro. A direita Collor continua uma direita cada vez mais

definida como direita, o que também leva a suspeitar que ela se mantém próxima dos métodos antigos, os métodos tradicionais da direita.

*O que é esse centro, no Brasil?*

O que havia no tempo da ditadura militar? Havia duas coligações, uma contra e uma a favor. Nós éramos bons e eles maus, e reciprocamente. Havia uma polarização, não havia a possibilidade da intermediação dos extremos ou da intermediação das demandas políticas. O centro é que faz essa intermediação entre setores utópicos e setores anacrônicos, ambos muito atuantes na sociedade.

*O centro no Brasil não está muito à direita?*

O centro vai à direita ou vai à esquerda. O problema é grave quando o centro deixa de ser centro e passa a ser centrão, e à direita, ou quando deixa de ser centro e vai para a esquerda, quer dizer, quando volta a polarização. Se o governo Collor apresentasse um esquema aceitável para a sociedade, provavelmente o centro já seria uma realidade hoje. A última eleição mostrou um eleitorado ansioso por soluções de centro. Ele desprezou a esquerda, que foi a que teve uma vitória moral no segundo turno da eleição de 89. Diga-se que o resultado final foi anômalo, porque obviamente a eleição estava definida para o Lula. Eu acho que entraram fatores anormais de última hora. Entrou uma inundação de dinheiro, entrou um dilúvio de propaganda e não faltou sequer a torpeza, que tirou deste governo a possibilidade de um crédito de confiança, no momento em

que ele tomou posse manchado ou tisonado com processos ilegítimos, indignos ou imorais.

*O pecado original.*

É um pecado original e esse parece que nem o batismo lava, ou não tem conseguido lavar até aqui, quer dizer, deixou um ressentimento na sociedade.

*Se o governo conseguisse levar adiante um plano aceitável, tanto nos fins quanto nos meios, a sociedade poderia talvez ter tido uma posição diferente, apesar do pecado original.*

Poderia. Mas o governo, de saída, cometeu uma agressão constitucional, e com isso mostrou algo mais grave do que a própria agressão, mostrou como constitucionalmente o país está desarmado diante de golpes dessa magnitude.

*Esse governo, fora do Parlamento, pretende ter o apoio dos descamisados. Quer dizer, aposta no fisiologismo do Congresso.*

Existe uma oferta para o Congresso, para o clientelismo do Congresso. Se o governo acabar com o funcionalismo profissional terminando com a estabilidade - que é no Brasil, tradicionalmente, a forma de manter a pessoa no emprego enquanto bem servir -, ele fará a sua maior oferta de clientelismo, de 200, 300 mil cargos, para dividir com quinhentos congressistas.

*Estaria na verdade dourando a pílula, que é o desejo de fazer determinadas reformas na Constituição?*

É uma maneira de liquidar com a possibilidade de uma reação. Isto é o máximo de civilização que se pode admitir na direita. Antigamente ela usava a violência, hoje ela usa a corrupção. O progresso que ela fez é esse.

*Atrás do jogo de cena da reforma estaria a questão da reeleição?*

É bem possível que esse delírio freqüente a cabeça do presidente Collor, e provavelmente não passaria só pela cabeça dele. É muito difícil o presidente da República, no dia em que assume a faixa, não pensar no outro período. Agora, vejam como há risco nessa reforma constitucional. Eu já vi essa cena representada antes. Onde começaram as dificuldades graves para o governo Vargas? Foi quando Danton Coelho e outros começaram a lançar a campanha “Libertemos Vargas”, “Libertemos Getúlio”. Quando vieram as dificuldades graves para o governo Goulart? Foi com a proposta de reforma constitucional que se pretendia fazer, ou na legalidade ou “na marra”. E qual foi a dificuldade grave que resultou na renúncia do Jânio? Foi o momento em que ele pediu poderes de emergência, ou insinuou poderes de emergência, baseado em uma sugestão antiga de Carlos Lacerda. Então esta é uma pedra em que Collor pode tropeçar.

*O senhor acha que a Constituição tem de ser mexida?*



No sentido exatamente oposto àquele que quer o governo. O que nós temos visto é que as violências ou ilegalidades ou inconstitucionalidades foram praticadas com as medidas provisórias. Esta é a coisa que teria de ser reformada.

*Mas isso uma emenda faz.*

Faz. Mas teríamos aí uma emenda de confronto de poder contra poder e o que a gente tem visto é que o Congresso não tem nenhuma disposição e nenhum meio de se organizar para alterar essa Constituição elevando os seus poderes.

*Isto significa que o governo não sofre maiores riscos, ainda que tenha um plano inviável?*

Bem, a ineficiência deslegitima qualquer governo e este é um governo que caminha para a ineficiência. A ineficiência nos seus objetivos e a ineficiência como governo nacional. A legitimação ou deslegitimação vem daí. Agora, deve-se dizer que contra os abusos da Presidência a Constituição só tem soluções teóricas, não tem soluções práticas. Não existe solução constitucional. Existiram eventualmente soluções institucionais, como acontece, por exemplo, nos Estados Unidos. Quando o presidente é fraco, ou vacila, o Congresso cresce. Verifica-se o chamado “congressismo”, que é o achado de um cientista político que depois foi presidente da República, Wilson.[\[87\]](#) Ele era professor de Direito e Ciência Política e observou: no momento em que o presidente se enfraquece, o Congresso cresce. A nossa experiência mostra coisa diferente, e

também é uma saída institucional e não constitucional, que é o crescimento dos governadores. Não de todos os governadores, daqueles governadores que, como dizia o doutor Borges de Medeiros, levam seus estados *per se*. Nós vimos isso na crise de 61. Os governadores, liderados por um, conseguiram evitar provavelmente um golpe de Estado, [88] até no caso uma vacância de poder. Vimos em 64 os governadores atuarem também na dificuldade do presidente, infelizmente para o lado errado. Foram os governadores que abriram o caminho para o golpe de 64. E nós vimos essa fórmula falhar depois com o golpe dos cinco anos a Sarney, um presente dos governadores. Se eles deram, poderiam deixar de dar também.

*Curiosamente sem o apoio de Collor, então governador do estado de Alagoas.*

Pois é, hoje deve estar agradecidíssimo a esses ex-colegas.

*Agora, quais governadores da safra nova podem agigantarse no contexto?*

Eu não sei quais governadores, eu sei quais os estados. Eu acho que o estado de São Paulo, evidentemente se quiser, pode ter voz, é um estado que preenche aquele requisito do doutor Borges de Medeiros, é um Estado *per se*. O Rio de Janeiro pode também, dada a liderança que conquistou. Minas Gerais deve também ter essa possibilidade, e o governador do Rio Grande do Sul, se não tiver bastante equilíbrio, também pode achar que está nesse time. O de Pernambuco, provavelmente, se não tiver

o juízo perfeito, pode imaginar, o da Bahia também. São as pirâmides.

*E os partidos? Digamos, o pt, que refluíu nas últimas eleições. Que papel pode desempenhar neste momento?*

O pt atravessa um eclipse, provocado pelas dificuldades internas, que são imensas, aquela guerra de grupelhos que imobilizam a direção do partido e paralisam sem qualquer liderança. Eu acho que é o problema mais grave do pt. E em segundo lugar, em consequência disso, ele não conseguiu organizar a oposição. O que se está notando é que a oposição vai para o centro, para um centro-esquerda, com o Brizola, com os tucanos, com um setor do pmdb. Já o pt fica num limbo utópico. Pode ressurgir em uma grande crise e pode não ressurgir mais, também.

*Que acha da idéia do governo paralelo do pt?*

Sempre existe um governo paralelo quando há oposição. Não é uma ficção parlamentarista. No governo Sarney existia um governo paralelo. Quem diria que o governador de São Paulo não era um governo paralelo? Agora, o governo paralelo não está tendo apoio porque ele é frágil como expressão popular.

*Resumindo, o governo está sendo deslegitimado por sua própria ineficiência, mas nem por isso corre maiores riscos de sobrevivência.*

Você não tem um Congresso capaz de um *impeachment*, você não tem um Supremo Tribunal capaz de reconhecer ou

de evitar que o governo use de artifícios para que não se chegue ao *impeachment*. Ou seja, não se tem aqui uma solução civil, como a Constituição americana tem. Os meios institucionais de que nós falamos, de crescimento do Congresso ou dos governadores, também são duvidosos. Enfim, sobra sempre a velha hipótese, o golpe militar. Agora, o golpe militar, como substituição de poder, é pouco crível hoje em dia. O modelo 64 é muito improvável, quase impossível que se repita. Sobra o modelo interventivo. Infelizmente acho que essa possibilidade há. Essa fronteira entre grupo de pressão e intervenção militar é muito frágil, é muito tênue na vida política brasileira. Então, essa possibilidade existe, como existiu, por exemplo, para os cinco anos do Sarney. Recentemente, o ministro da Justiça de Sarney, à época, Paulo Brossard, contou a reunião que teve no ministério. Chamou os líderes partidários e disse: o Sarney não aceita os quatro anos e não vai para o Supremo. Então o ministro da Justiça atual, Jarbas Passarinho, à época líder do pds, explica agora: bem, em frente a uma ameaça institucional, eu cedi. O que, aliás, é muito característico das elites nacionais. Diante de um tiro de festim o sujeito adere antes que haja um tiro de verdade. Houve, nesse período do Sarney, um golpe militar, cuja fronteira é sempre indefinida. Eu acho que a ameaça de solução militar conforme o modelo interventivo não está afastada, mesmo porque essa corte que o chefe de governo faz aos militares não deve ser por amor à farda, nem para consolá-los das dificuldades financeiras. Então pode ser até que a proposta da reforma constitucional ou emenda acabe sendo acompanhada de uma pressão militar.

*A pressão se daria necessariamente a favor do presidente Collor?*

Se a reforma é do Collor, pode ser a favor do Collor. Pode ser contra também, se a situação piorar e houver uma imobilização do Congresso e dos governadores.

*A favor de Collor significa pressão militar no sentido de conferir ao presidente maiores poderes.*

Maiores poderes, sim. É um plano tipo Jânio Quadros, o plano frustrado dele.[\[89\]](#) Poderes de emergência ou como quer que se chame.

*E contra Collor?*

Fazendo o que se fez já uma vez, criando-se um *impeachment* à brasileira. Forçando o Congresso a declarar o *impeachment* fora do figurino constitucional, porque dentro do figurino constitucional não há condição.

*Nesse capítulo das relações com os militares, uma observação factual: o Collor foi o primeiro presidente a não comparecer à cerimônia da Praia Vermelha[\[90\]](#), comemorativa da chamada Intentona Comunista, em novembro passado.*

Esse aspecto é muito significativo, não pela ausência de Collor à cerimônia. É que o mundo realmente mudou, não tem mais sentido o anticomunismo. Provavelmente essa cerimônia deve até constranger as Forças Armadas, que

estão à procura de outras bandeiras, ou outra ideologia, ou outros objetivos.

*O inimigo é outro?*

O inimigo morreu, mas a crítica historiográfica a 35 tem sido, ultimamente, muito vigorosa. Não sobrou pedra sobre pedra. A tal Intentona, e outras tolices mais, é gente morta dormindo e uma série de mitos que se inventaram. Este talvez seja um elemento de falta de coesão entre eles. Eles não têm mais essa bandeira anticomunista, a direita não tem, também. Então, como justificar seu papel? O papel profissional, evidentemente esse continua e eles o terão sempre. Mas onde está o papel político?

*É previsto constitucionalmente, eles são os tutores das instituições.*

Os militares têm um papel profissional muito interessante a cumprir e às vezes desempenharam muito bem esse papel. Mas algo leva-me a ser quase obsessivo contra a presença militar. É que sempre que existe uma indagação sobre o papel político dos militares, a base democrática do país, que é a soberania popular, fica em risco. Então o apelo é dirigido fora da soberania popular, que é uma maneira de equacionar as coisas antidemocraticamente.

*Eles dirão que isso é paranóia dos civis.*

Eles se acham responsáveis pelo país, pela vida política, quando não são. O responsável pela vida política é o povo

brasileiro, é o cidadão. Fundamental seria tornar os políticos responsáveis. No momento em que os políticos não podem apelar mais para as Forças Armadas eles têm de apelar para si próprios. Quer dizer, caberia aos próprios políticos achar a solução. Este é, em todo caso, um momento de grande indefinição, donde a sua gravidade. É o momento em que as Forças Armadas estão sofrendo uma crise de identidade. Elas se imantaram no anticomunismo e o anticomunismo deixou de ser bandeira. Agora têm de achar o papel delas antes de atuar politicamente e se não há possibilidade de atuação é porque não acharam o papel. Os militares não sabem se vão ser profissionais, se vão preparar-se para combater o pt, se prendem o Lula ou o Maluf. Eles não sabem o que as Forças Armadas são, hoje. É realmente uma crise grave para eles.

*Qual seria o estopim de um movimento militar intervencionista? A favor ou contra o Collor, o que o precipitaria?*

Se eles fossem chamados, poderiam chegar a reprimir movimentos populares, saques etc. Por esta via eles passariam de repressores a formuladores da política.

*Na entrevista de um ano atrás nós abordamos a questão do acaso do comunismo no Leste Europeu e agora há pouco falamos do assunto.*

Acho que, talvez desde o Tratado de Viena,[\[91\]](#) o mundo não tem um império único. Nós estamos dentro de uma ordem mundial indispensável há dois anos, a ordem de um império único, o que traz uma reformulação de todas as

políticas internas, inclusive a política militar, a política industrial, as políticas de relações sociais. Um historiador que teve muito sucesso e depois deixou de ter, Arnold Toynbee, falou do comportamento do mundo diante de um império único. Ele dizia: há um momento em que a minoria, que ele chamava de criadora, imanta toda a periferia e a periferia procura imitar Roma, procura ser um cidadão romano, mesmo longe das margens do Tibre. No momento em que essa minoria criadora deixa de ser criadora e passa a ser uma minoria dominante, ela sofre dois desafios, um do seu proletariado interno, outro do seu proletariado externo. Esse império único começou a sofrer o desafio do proletariado externo. Quando você tem um movimento tipo muçulmano, xiita ou iraquiano, trata-se de um desafio do proletariado externo, talvez menos eficiente do que aquele que estava atrás do Danúbio no Império Romano, ou atrás do Eufrates. E há também o proletariado interno, no qual nós estamos incluídos. O proletariado interno não é o pobre nem o nascido sem nobreza, ou o nascido não-romano. É aquele que tinha uma situação e a perdeu com a instalação do império único. O nosso raciocínio tem de ser montado a partir da idéia de que o império único realiza sua primeira ação importante no Golfo Pérsico.[\[92\]](#) Eu não me lembro de nada parecido. O império resolve fazer, e faz, e leva o mundo todo ou ao silêncio ou à colaboração.

*A guerra no Golfo Pérsico não põe em xeque o império único?*

Não põe em xeque. Mostra que esse império único é desafiável. A Inglaterra, depois do Tratado de Viena, vencido Napoleão, passou a ser um império único. Não quer dizer



que não tenha sido contestada. Foi, na Ásia, na África, foi contestada em muitos lugares. Acontece que ela tinha um poder tal que a contestação era ineficiente. Foi preciso chegar à Segunda Guerra para que ela perdesse definitivamente essa posição de império único. Então a Terra se dividiu. Agora voltamos ao império único, temos uma equação diferente. Talvez a gente tenha de voltar a estudar o Império Romano, como é que foram as coisas naquele período.

*Voltando ao Brasil, consta que o senhor pressente a chegada de uma revolução mística.*

Você vê Nossa Senhora aparecendo em toda parte, gente rezando aí à vontade. E os orixás andam soltos por aí.

*Dona Zélia invoca Iemanjá.*

Essa chamada modernização, que é um modelo passivo de submissão da população, é ela no momento que quer acertar o passo do Terceiro Mundo pelo do Primeiro, importa produtos acabados. Esta é a modernização nossa, da importação. Não da tecnologia, nem da formação de cientistas. Ela se aproxima muito pouco do pombalismo, do marquês de Pombal,[\[93\]](#) o estadista português que começou importando professores. A nossa traz o produto acabado. É o oposto de uma modernização do tipo japonês, ou do tipo alemão. São as duas únicas, talvez, que tenham sido vitoriosas como modernizações. As outras foram movimentos passivos e assim mesmo com seqüelas terríveis. Então esse tipo de modernização do gênero que parece se pretender por aqui, hoje, se faz acompanhar de

uma franja de mito e uma franja ideológica supersticiosa que às vezes vicia todo o processo para achar que isto é o melhor, que aquilo é indiscutível, quando modernizações, como a do Japão e a da Alemanha se deram, e se deram pela via de seus intelectuais ou de seus técnicos, que vieram de fora ou foram estudar fora, elas se deram sempre na base do ceticismo, que é o começo de toda sabedoria, e não deste dogmatismo místico que está aí. Eu acho que essa modernização pretendida no Brasil é tão mítica como o sonho daquelas tribos africanas que cultivavam o mito de que ia chover dinheiro e então destelharam as casas. Nós estamos mais ou menos na linha de outra tribo africana, que achava que os mortos iam voltar, donde pavimentou a estrada do cemitério. Esse lado mítico, essa maneira de pensar pouco racional e mais mágica, é talvez capaz de explicar fenômenos a que a gente está assistindo. O país dá a impressão de ter enlouquecido ou ter ficado devoto de uma hora para outra. Ou várias coisas ao mesmo tempo. Quer dizer, o padre Cícero voltando triunfalmente, o Antônio Conselheiro carregado pelo são Sebastião.

*Isso prova o quê, basicamente? Que estamos esperando provavelmente uma intervenção divina?*

Esse tipo de modernização passiva apela para a intervenção divina, no momento em que apela para o mito, para o milagre, para a magia.

*Mas o anseio de modernização, em si, é legítimo.*

Acho que a modernização pretendida por Collor é a integração ao mundo. Seria um programa teoricamente

aceitável, os meios é que são absurdos.

*Na prática, o que vemos é um plano de combate à inflação, e ponto.*

Combate à inflação inclusive com o desmantelamento de toda a economia nacional havida como artificial.

*O grande problema do Brasil não seriam as bolsas de estudo?*

Eu sempre sustentei isso, que o risco é proporcionado por aqueles que vão aprender nos Estados Unidos com professores entediados. As piadas que eles ouvem lá transformam em dogmas aqui. Então dá isso que está se vendo aí. Mancebos e mancebas aplicando as coisas como se estivessem descobrindo a ciência, quando os professores deles, lá fora, estão cheios de dúvidas, às vezes não acreditam em nada daquilo.

*E dona Zélia pode perder seu posto?*

Pelos meus cálculos, ela já está fora do governo. Ou se não estiver fora do governo, ela tira o governo daí. Ou é um, ou é outro.

*O que significa a saída da ministra Zélia?*

Provavelmente uma política mais realista, sem essa ênfase dogmática ao combate à inflação, na qual se leve em conta também o desenvolvimento do país e a possibilidade

de que a recessão pode ser inaceitável ou indigerível para o povo brasileiro.

*Isso não conduziria a uma melhora da situação do governo Collor?*

Seria uma melhora, pelo menos temporária. Mas qualquer que seja o desenvolvimento da situação, temos de considerar que a capacidade de sobrevivência dos grupos dirigentes no Brasil é realmente inesgotável. De resto, estamos entrando mesmo em um período de recessão. É provável também que os novos governadores tenham um acerto qualquer com o governo, e isso também adia soluções e desfechos.

*Nesse caminho, que país será este na virada do século?*

Eu sempre ouço dizer que se houver alguma coisa aqui os Estados Unidos não deixam, mas pode ser que na virada do século a gente seja uma espécie de Somália. Na Somália está havendo guerra civil, golpe.

*É impressionante como a oposição, no Brasil, está inerte. A luta anti-recessão é a única bandeira das forças que se opõem ao governo.*

É uma reflexão que a gente tem de fazer. Eu acho que o fenômeno mundial desorganizou todos os esquemas mentais e políticos. A gente estava preparado para pensar com um lado e não é mais assim. Saiu da mão da oposição, da eventual oposição, a bandeira das reivindicações de conteúdo socialista.

*Por que a oposição no Brasil se mostra incapaz de defender a idéia de que os avanços do capitalismo se deram em função das pressões sociais? Quer dizer, o capitalismo chegou ao seu estágio atual, na Europa sobretudo, porque, de alguma maneira, ele se tornou socialista.*

Nós somos incapazes de entender que a democracia ultrapassou o liberalismo. Nós estamos lutando aqui por bandeiras liberais completamente velhas. Cumprir a Constituição. Controle de constitucionalidade. Supremo funcionando. Congresso atuando. Ainda estamos discutindo Montesquieu, divisão dos poderes. Agora, evidentemente, o socialismo deixou de galvanizar, mas o problema que o socialismo queria enfrentar está aí, e se agravou. Então, teoricamente, nós deveríamos ter uma esquerda mais vigorosa agora do que em 89, quando se disputou o segundo turno da eleição presidencial. Porque a faixa de cidadãos que têm dificuldade de emprego, até de comer, essa aumentou drasticamente. Sim, teoricamente a oposição também não sabe o que fazer.

*Por incapacidade? Por falta de clareza?*

Por falta de clareza. Porque vivemos em torno do que acontece lá fora. País periférico é isso mesmo. É como no Leste Europeu, viviam em função de Moscou. Aqui nós vivemos em função do mundo. Nós não somos egocêntricos.

*Somos altruístas.*

Fazemos parte do ego do outro.

*Então, só nos resta o pessimismo?*

Acho que ser otimista aqui é uma tremenda irresponsabilidade, uma maneira de achar que essa miséria está muito bem, que os dirigentes são esclarecidos, iluminados. Quer dizer, é uma forma de conformismo que tem alguma coisa de canalha.

# “A elite brasileira é marginal”

*IstoÉ Senhor, 22/01/1992*

Janeiro de 1992 - Esta é uma longa conversa com Raymundo Faoro quase sobre uma nota só: a elite brasileira. O tema nasceu a propósito de uma pesquisa do Instituto Gallup que apontou o brasileiro como o povo mais pessimista do mundo. Ruía a imagem do homem alegre e caloroso. Uma mentira dos números? Faoro acha que a pesquisa reflete a verdade. O cidadão não acredita mais no esquema do país nacional, industrialmente desenvolvido e, sobretudo, no “esquema do país em que os pessimistas teriam as oportunidades que não tiveram”.

O pessimismo seria um reflexo da incapacidade da sociedade brasileira de organizar e de vislumbrar uma perspectiva daquilo que vai acontecer. Isso é a quebra da racionalidade que resulta no sentimento de frustração com o país. Faoro busca na prática a sustentação da teoria. Para ele o governo Collor facilita a resposta a partir da situação individual do próprio governante, uma posição de marginalidade, sem a conotação depreciativa do conceito.

Então o que é um homem marginal que representa uma elite marginal? [...] é um universitário que não se realiza com a universidade; um empresário que acaba sendo não mais que um subconcessionário. É um homem que dança em Canapi e sonha jantar na Casa Branca. Então, ele está diante de dois espelhos que transmitem duas imagens que não são a imagem dele. Ou

é uma imagem depressiva do homem que se frustrou ou excessiva, caracterizando a “Casa Branca”.

A sociedade civil, diz Faoro, depende muito da imagem que lhe transmite a classe dirigente. A elite brasileira seria marginal porque ela “quer ser uma coisa e não quer ser outra”. Para deixar a marginalidade ela precisa primeiro deixar de ser elite. Faoro traça os parâmetros com alguns países europeus, Alemanha, Itália e Japão, em função da Segunda Guerra Mundial, no momento em que eles jogaram na guerra e perderam.

Aqui no Brasil, a questão é mais complexa, porque a elite não perdeu. Mas ela está embaraçando o desenvolvimento do país, porque não quer o desenvolvimento. Quando o cidadão estiver consciente de que o problema é dele, e de que alguma coisa o está embaraçando, esse é o momento em que ele vai anular a elite, já que ele não pode fazer uma guerra civil.

As alianças eleitorais do pt são o segundo tema da conversa. Ele ataca o purismo do pt em não fazer alianças, num quadro partidário de dezenas de agremiações. Na entrevista de 1986 Faoro apontou as alianças do pmdb como uma das causas da derrocada do partido. O pmdb tornou-se “aluvial”, ele dizia. O erro do pmdb teriam sido as transações dentro de suas fileiras adotadas para transacionar “fora de suas fileiras”. Ao abrir a porteira das filiações o partido perdeu a identidade política.

Faoro caracteriza o pt como o partido desafiante a essa situação. E acreditava que as alianças “com os tucanos ou com o pmdb” ampliariam o desafio.

Não seria o pt que deixaria de ser desafiante, porque o desafiado continua o mesmo: o governo federal, a elite federal, os partidos que, ostensivamente



ou não, dão apoio a essa situação.

Desafiante, certamente, caracterizava o perfil ideológico de esquerda do Partido dos Trabalhadores. Um partido com esse perfil ele considerava essencial. Uma condição para se ter um instrumento de consciência de cidadania.

\* \* \*

*Segundo uma pesquisa feita pelo Instituto Gallup, o Brasil é o país mais pessimista do mundo. O senhor acredita nisso?*

Eu acho que deve ser verdade. É evidente que o cidadão não acredita mais naquele esquema de país que lhe foi transmitido. Quer dizer, o esquema do país nacional, o esquema do país industrialmente desenvolvido e, sobretudo, o esquema do país em que os pessimistas teriam as oportunidades que não tiveram. O pessimismo, que é o sentimento de toda essa imensa maioria, é um reflexo da incapacidade da sociedade brasileira, conduzida pelos últimos governos, de organizar uma racionalidade. Não se conseguiu estabelecer uma perspectiva daquilo que vai acontecer. Isso que é a racionalidade, quer dizer, a previsibilidade, a calculabilidade das coisas. A quebra disso é exatamente a quebra da racionalidade, cujo sentimento é de frustração com o país.

*Por que não se conseguiu organizar uma racionalidade?*

Se olharmos para o último governo a resposta talvez não seja difícil. É um governo elitista, mas que parte de uma

situação individual do governante, e que é também uma situação de marginalidade. Vamos retirar do conceito de homem marginal qualquer conotação depreciativa e ficar no conceito cientificamente neutro. Então o que é um homem marginal que representa uma elite marginal? Um homem marginal, por exemplo, é um universitário que não se realiza com a universidade; um empresário que acaba sendo não mais que um subconcessionário. É um homem que dança em Canapi[94] e sonha jantar na Casa Branca. Então, ele está diante de dois espelhos que transmitem duas imagens que não são a imagem dele. Ou é uma imagem depressiva do homem que se frustrou ou excessiva, caracterizando a “Casa Branca”. Esse é o conflito da racionalidade, sofrido por esse tipo de elites que estão aí e que são elites marginais.

*Então a elite brasileira não se realiza enquanto elite?*

É, não se realiza enquanto elite. Mas ela se apropria dos postos de governo, das oportunidades de vida.

*Quando fala em elite, o senhor não se refere a uns poucos.*

Eu me refiro à classe dirigente e a todas aquelas pessoas que possibilitaram a essa classe dirigente conduzir os negócios públicos.

*Quer dizer, nós pertencemos a esse grupo?*

Nós somos conduzidos por esse grupo ou frustrados por esse grupo. A sociedade civil, que não é marginal, sofre as frustrações desse grupo.

*Doutor Faoro, quanto à perspectiva da sociedade brasileira, uma coisa que intriga: por que otimista no começo do governo Collor e a mais pessimista do mundo hoje, valendo a pesquisa? O que houve nesse tempo?*

Eu acho que a quebra das expectativas foi se acelerando nos últimos anos. Como o país depende muito, para auto-estima e auto-imagem, da condução da coisa pública, foi tornando-se caótica, foi se acelerando a imagem de frustração pessoal.

*Uma elite pessimista implica necessariamente um povo pessimista?*

Eu acho que sim. O Brasil é um país em que a sociedade civil depende muito da imagem que lhe transmite a classe dirigente.

*A elite brasileira já foi racional em algum momento? Já conseguiu construir uma racionalidade ou há um traço de loucura, constante através dos tempos?*

Veja que as coisas são diferentes. Atualmente o que nós chamamos de elite brasileira tem que ter o seu projeto. A elite brasileira de 1930 não precisava desse projeto e dessa racionalidade. Porque, na verdade, ela dependia, socialmente, economicamente e culturalmente, de focos situados fora daqui, fora dela própria. Ela era meramente consumidora. O que é uma racionalidade diferente daquela de um consumidor que não consegue levar para a sua clientela aquela racionalidade necessária a ela para desenvolver o seu projeto. Em 1930 nós ainda tínhamos,

como tivemos durante o Império, aquela situação em que Joaquim Nabuco dizia, caracterizando-se a ele próprio: “O que eu estou vivendo é o mundo, não é o Brasil. Quanto ao Brasil eu sou um espectador. Em mim a única coisa brasileira é o sentimento. A minha imaginação é européia”.

*Por que a elite não consegue construir um projeto?*

Porque, em primeiro lugar, ela não se emancipou de muitas dependências fora dela própria. Não quero dizer que o problema esteja no fato de não ter realizado um projeto nacional, nem no fato de não ter preservado uma tradição nacional. Aí temos um equívoco. Se formos buscar a tradição aqui vamos encontrar a Colônia. E, na verdade, este país culturalmente também não existe. Então não se trata disso. Eu acho que a maneira de essa elite encontrar a sua racionalidade é deixando de ser elite. Por isso que ela é marginal, porque ela quer ser uma coisa e não quer ser outra.

*Dessa maneira ela é autodestrutiva, então.*

Ela só conseguirá ser uma elite racional no momento em que deixar de ser elite. E aí vai assumir a racionalidade da cidadania, o que é uma experiência nova no país. E não foi essa elite que encaminhou as coisas nesse sentido: ela as encaminhou para se manter elite e não para se transformar de elite em cidadã. Este me parece ser o grande choque brasileiro. O que essa elite marginal consegue imaginar é que ela vai se modernizar e, se modernizando, sendo uma espécie de Hong Kong em grande escala, com povo alugado, com intelectuais alugados, será um grande país. É

assim que ela imagina se realizar. De verdade, para se realizar ela tem que perder essa noção de que o povo se aluga e de que os intelectuais se importam ou se fabricam.

*Mas aí também seria preciso que os intelectuais não estivessem sempre tão dispostos a se deixar alugar.*

Seria necessário que fossem sempre dessa elite. Repare como é que essa elite quis ser autêntica. A sátira não é nova, é do século passado, está em *O alienista*, de Machado de Assis. Ele imaginou um sábio, um homem educado em Portugal, conhecedor da medicina árabe, que vem para uma cidade brasileira e resolve estudar o que seja a loucura. E sobrepõe, uma sobre a outra, quatro teorias. Numa delas ele coloca no hospício três quartos da população da cidade. É essa a maneira de essa elite ver o país e o povo, e é dessa maneira que ela pensa que se moderniza: desprezando ou não sabendo que a chamada modernização passa pela destruição dela própria.

*Há, portanto, um traço de demência que dura desde os tempos de Machado?*

Bem, Machado foi um precursor. Naquele tempo era uma loucura mansa, pacífica. Ela passou a ser furiosa nesses últimos anos.

*A história mostra que nunca as elites estão dispostas a ceder por algum motivo nobre. Em qualquer lugar, elas tiveram de ser pressionadas por movimentos populares.*

*Aqui no Brasil a sociedade civil também não mostra capacidade de organização.*

Eu acho que quando se fala em pessimismo o referencial do cidadão é a sociedade civil. Quer dizer, ele é pessimista porque a sociedade civil não está conseguindo fazer aquilo que ele desejaria que fizesse. Uma parcela significativa não está pensando, no entanto, que vai sair da atual situação por um golpe militar ou por obra do governo. Acha que depende de si própria. Temos aí um grande avanço. Isso é que é antielitismo.

*Ou será que o senhor está sendo otimista?*

Eu disse que era uma parcela significativa. Não disse que era a maioria que pensa assim.

*Mas onde deveria haver esta compreensão, quase sempre não há: a área sindical é um exemplo. O último congresso da cut[95] acabou aos tapas.*

Temos um país elitista, que gera uma crise de racionalidade. A nossa elite marginal contamina todos os setores. Você não pode ter uma cut que não sofra influência desse tipo de elite. Você não pode ter um Judiciário imune a isso, uma imprensa imune a isso. E assim por diante.

*O senhor não considera a possibilidade de que essa elite reutilize velhas armas, os velhos mecanismos que ela sempre usou para compor as coisas e empurrar os problemas com a barriga?*

É claro que vai acontecer isso, talvez por muitos anos. Estamos cansados de ver as conciliações. Estamos vendo agora mesmo uma proposta do presidente da República que é calcada em todos os conceitos elitistas pré-Mussolini. Mas, num certo momento, a chamada modernização virá, se vier, destruindo esse tipo de elite, essa elite que teria que deixar de seguir o caminho do Simão Bacamarte: de fazer uma experiência, uma teoria em cima de outra teoria, um plano em cima de outro pacote. No momento em que ela não conseguir mais fazer isso é que se terá a possibilidade de produzir realmente uma autêntica modernização, a mesma que se deu, por exemplo, na Alemanha e no Japão. Nem o Japão nem a Alemanha conseguiram se modernizar nessa base elitista; só se modernizaram quando destruíram essa elite.

*Como é que se destrói essa elite sem o remédio clássico aplicado no Japão e na Alemanha, quer dizer, a guerra?*

Criando a cidadania. Como é que aconteceu essa revolução, talvez a única do século xx que a gente não percebe? Como é que a Itália deixou de ser uma Itália retrógrada? Como é que a Alemanha perdeu aquele lastro terrível, que vinha desde a Reforma? Como é que o Japão saiu do feudalismo? Tudo aconteceu na última guerra. Foi exatamente o momento em que essa elite, que jogou na guerra, perdeu. Aqui no Brasil, a questão é mais complexa, porque a elite não perdeu. Mas ela está embaraçando o desenvolvimento do país, porque não quer o desenvolvimento. Quando o cidadão estiver consciente de que o problema é dele, e de que alguma coisa o está

embaraçando, esse é o momento em que ele vai anular a elite, já que ele não pode fazer uma guerra civil.

*Os que se dizem oposição a essa elite estão desorientados. O pt, por exemplo, parece ser hoje um partido sem projeto.*

Eu acho que assistimos a um tipo de guerra de posições. O pt pode até vir a surpreender porque me parece que conseguiu se liberar da herança bastante perturbadora que ele tinha do Leste Europeu. Quer dizer, pelo menos conseguiu montar um discurso em torno disso. Na entrevista do ano passado eu dizia: “Neste ano as coisas vão decorrer dentro do centro: o centro-direita e o centro-esquerda”. Parece-me que isto aconteceu.

*Mas o senhor mostrava certo ceticismo com relação ao pt.*

Mostrava. Mas agora eu acho que o centro vai se deslocar. A chamada esquerda, no momento em que ela consegue ter um projeto atualizado, se ela conseguir, passa a ter condições de ocupar o lugar que ficou órfão de todas essas siglas, de todas essas aspirações. Quer dizer, há um papel para a esquerda. Tanto há que o presidente Collor quer a sua própria esquerda.

*Em que ele pensa?*

Ele está pensando, por enquanto, programaticamente: pensando num tal social-liberalismo, que é uma coisa que ninguém nunca viu em lugar algum.



*A esquerda no Brasil não tem se manifestado também dentro de padrões autoritários?*

Acontece que no Brasil a gente não pode falar muito em esquerda. Esses movimentos são muito heterogêneos e muitas vezes o que pensamos que é esquerda não é. Se ela é realmente esquerda, não tem acesso a essa elite. É tratada por essa elite como objeto.

*Será que nos últimos tempos não houve algumas alterações nesse sentido? Digamos: na festa de Ano-Novo em Angra dos Reis, o Lula estava a bordo de um iate.*

Angra dos Reis tem um prefeito do pt. Então, o Lula não estava fora do seu ambiente. Ele não estava no iate do Pitanguy, [\[96\]](#) estava num município onde o prefeito petista conta com a antipatia maciça dos representantes da elite que freqüentam Angra.

*O senhor falou em deslocamento do centro. O que leva o senhor a crer nesse deslocamento?*

Pela crise econômica e pela incapacidade dessa elite de dar certas respostas. Por exemplo: se as crianças saem na rua e entram numa guerra. O governo agora quer eliminar os velhos também. E está tirando dos jovens a possibilidade de ter emprego, supondo que eles possam emigrar para o Primeiro Mundo. É impossível que ninguém se doa pelos velhos e que os velhos não se doam por si próprios. Aliás, o que a gente vê na televisão, pela primeira vez, são homens de idade dizendo que o governo os está massacrando. Não

é possível que ninguém se doa pelas crianças. Não é possível também que os jovens não reajam.

*O senhor acha que alguma coisa está sendo organizada em termos de oposição fora do círculo vicioso da própria elite?*

Algumas coisas estão acontecendo. Na entrevista do ano passado, eu dizia: “Não há respostas constitucionais para este tipo de governo. Por maior o abuso, não haverá *impeachment*, não haverá redução do mandato ou impedimento”. Agora, talvez haja uma possibilidade, representada pelas respostas institucionais. Então, o que nós vimos este ano? Vimos que o Congresso não foi tão servil como no Plano Collor i.[\[97\]](#) Nós vimos que alguns governadores estão falando e alguns até falando demais, o que era impensável há algum tempo quando a dívida dos estados estava no pescoço deles. Eu acho que uma coisa inesperada, inesperada para mim também, como advogado, foi ver os juízes de primeira instância vocalizando a opressão dos cidadãos ao desobedecerem à primeira decisão do Supremo na questão dos aposentados.

*O senhor acha que a ida em massa à Justiça é uma reação consciente ou é só o remédio de quem está no fim da picada?*

As pessoas foram à Justiça, em primeiro lugar, porque achavam que tinham um direito. O sentimento de direito é algo recente no país. O que se dizia antes era que o governo fazia benefícios. Dava aposentadoria para os velhos, dava escola para as crianças. No momento em que as pessoas vão à Justiça e têm algum êxito, não o êxito que seria de se

desejar, mas têm algum êxito, é sintoma de que as coisas estão mudando um pouco. É também sintoma de que as pessoas não estão mais simplesmente se curvando para a classe dirigente.

*Mas é verdade também que existe uma parcela da classe média que pega a cada dia mais ojeriza pela política e por políticos e até põe em dúvida a utilidade do voto.*

Sim. Mas nós não deveríamos ter, no Brasil, o voto obrigatório. Por que o voto obrigatório? Acho que essa gente que não se interessa pelo voto não deveria votar mesmo.

*Há também quem ache que os menores devem mesmo morrer nas ruas. É o argumento de sempre: devem morrer porque vão querer roubar a minha correntinha ou o meu relógio.*

É mais uma reação anticidadão. Cidadania o que é? É uma relação entre a cidade e o homem. Mas se a cidade é dominada por um “conselho noturno”, como dizia Platão, um conselho que muda à noite tudo o que se decidiu durante o dia, aí então você não tem a cidadania.

*Pela análise do senhor, como é que se desenha politicamente este ano de 1992?*

Eu acho que o governo, como governo que saiu das eleições, este não existe mais. O que você tem hoje são alguns freios institucionais: o Judiciário, governadores e prefeitos. Às vezes, até o Tribunal de Contas da União, ou o Congresso. O governo desapareceu, mas estamos diante de

um enigma que é o novo plano econômico, que está aí sendo executado há quase um ano e cuja fisionomia a gente ainda não viu direito. O que a gente sabe é que estão eliminando as crianças, que estão eliminando os velhos e que estão desempregando. Do outro lado, as Bolsas vão muito bem, os bancos apresentam juros muito saudáveis e um setor do empresariado exhibe uma capacidade de ditar o preço que quer para uma faixa menor de consumidores. Eu estou diante da sensação de que há uma contração do país, uma redução, e os problemas estão dentro desta redução, com a exclusão da outra porção do país. Estão tornando o país menor, talvez com uma inflação mais ou menos estável.

*Há quem diga que o Brasil vai inspirar-se no México, que haverá pacto de salários e preços.*

Pois é, uma variante mexicana. Se essa variante existir estaremos diante de um novo “milagre”, com a entrada maciça de capitais. Mas, se o plano é aquilo que às vezes parece, então ele vai não só contrair o país como também, em certo momento, destruí-lo. É a história famosa do cirurgião que diz: “A cirurgia foi um sucesso. Infelizmente o paciente morreu”.

*O senhor acha que isso pode acontecer em 92?*

Eu acho que não, eu acho que a fisionomia do plano não é essa, a fisionomia do plano é outra, é a da contração.

*Em busca da Bélgica.*

E tornando-se invulnerável em torno desta Bélgica. E quem sobrou não cria problemas, nunca criou. Neste país nunca se reclamou mesmo. Mas não se chegará, talvez, à situação de 1983, com aquela onda de saques a supermercados. Nós estamos diante de uma recessão talvez mais dura que a de 1983, mas que estamos sentindo menos.

*Isso então seria, de certa forma, um retorno àquela velha idéia de que “o bolo só pode ser repartido quando crescer”.*

O bolo será repartido entre os que sobrarem.

*Então a organização da sociedade civil vai ser mais difícil em 1992?*

Vai ser posta à prova de uma maneira mais cruel, mais dura.

*Recapitulemos. O pessimismo é o fruto da falta de racionalidade que caracteriza este momento e da falta de sintonia entre a sociedade civil e a elite. No entanto, o país deu, de certos pontos de vista, alguns passos à frente, a sociedade se tornou mais consciente. Agora entramos no ano de 1992, tangidos por um plano misterioso, que aparentemente é uma coisa, mas que pode ser outra, e muito provavelmente é outra. Aquelles fatores positivos que seriam pequenos passos dados no sentido do encontro da racionalidade e da conscientização do cidadão, estes pequenos passos parecem destinados a ser perdidos em 1992. É isso?*

A situação pode tornar-se mais angustiante mas, se a consciência do problema fica mais aguda, isso é uma coisa boa.

*No ano passado, o senhor descartou a possibilidades de saídas constitucionais. E em 1992?*

Acho também que uma reforma constitucional vai ser muito difícil, acredito até que inviável. Acredito, em compensação, que esse caminho da mudança institucional vai significar alguma coisa. Se houver alguma coisa significativa vai ser por aí, quer dizer, pelos juízes, pelos congressistas, pelos governadores. À medida que desaparece o poder central emergem esses poderes locais ou setoriais que ocupam a função do poder ausente.

*E os militares, como estão eles nesta altura do campeonato?*

Eles, que eram a parte mais agressiva dessa elite, se desgastaram, felizmente, eu acho. Perderam de tal maneira a confiança nos seus interlocutores, que eram de classe média ou de direita, que eles não têm um papel numa crise institucional ou numa crise política. Eles poderiam ter um papel numa crise social, quer dizer, o povo na rua. Então aí as pessoas, para salvar o automóvel ou o colar ameaçados, vão chamar os militares, o que seria uma catástrofe, seria uma desgraça maior do que a desgraça que se tenta evitar.

*Mas o doutor Hélio Jaguaribe está vendo uma catástrofe iminente.*

Ele está vendo uma sublevação em massa. Eu só conheço esse tipo de sublevação pelos filmes do Cecil B. DeMille.

*Neste quadro, que importância terão as eleições municipais deste ano?*

Elas terão muita importância. Elas é que vão dizer se essa insatisfação que a gente nota, esse sentimento de crise, de antagonismo com o governo, é significativo ou não. Agora, eu acho que só há um partido desafiante, o pt, aviso que não sou petista. Eu não vejo o pdt, por exemplo, como o desafiante.

*Mas o pt está se preparando para fazer coligações com partidos que não têm essa identidade de partidos desafiantes.*

Eu sempre achei que o purismo do pt em não fazer coligações, em um país que tem trinta ou quarenta partidos, não faz muito sentido. No momento em que o pt fizer uma coligação, essa faixa desafiante se ampliará. Quer dizer, se ele fizer uma coligação com os tucanos, ou com o pmdb, o desafio será muito maior. Não seria o pt que deixaria de ser desafiante, porque o desafiado continua o mesmo: o governo federal, a elite federal, os partidos que, ostensivamente ou não, dão apoio a essa situação.

*Doutor Faoro, que dizer do governador Leonel Brizola nesta conjuntura?*

O doutor Brizola está num momento de vôo e você não sabe bem se está voando ou se está caindo. Ele está num jogo que ainda não fechou.

*Tudo bem, o pt é o partido desafiante. Mas, ao mesmo tempo, até que ponto se pode supor que o destino de uma eleição presidencial começa a ser decidido nessas eleições municipais?*

Eu quero ser coerente. Eu acho que se o pt for o partido desafiante e ganhar, não creio que a gente chegue a uma eleição presidencial. Vamos ver uma outra conciliação aí, vamos ter parlamentarismo e tal. Não um golpe, mas vamos ter uma situação em que a elite consiga tirar alguma coisa ainda. As coisas por enquanto estão nesse pé.

*Mas, se o pt ganhar, essa elite ainda consegue fazer a conciliação?*

Acho que sim. Se o pt sair da eleição municipal caracterizado como desafiante, ele será o desafiante para a eleição federal. Então não teremos essa eleição federal como a gente está pensando que vai ter. Vamos tê-la com outras regras. Pelo menos sempre aconteceu isso.

*O senhor poderia definir melhor o que seria uma vitória do pt? O senhor pensa em quantidade ou qualidade?*

Qualidade, de tal maneira que ele se torne a opção para a eleição presidencial.



*Quer dizer, algumas vitórias expressivas.*

Algumas vitórias expressivas, uma ampla faixa de vereadores pelo país todo. Algumas eleições que até nem se confirmem em segundo turno, mas de tal maneira a mostrar que o pt está presente e é uma opção presidencial.

*Parlamentarismo ou presidencialismo? A opção parlamentarista é razoável?*

Se a gente olhar o mundo, é. O que é o presidencialismo? É uma experiência norte-americana, dizem que bem-sucedida nos Estados Unidos, parece que bem-sucedida, e que se espalha pela América Latina, fazendo presidentes e pensando que Washington está aqui e não está lá. O parlamentarismo é menos traumático. Talvez, no fundo, ele possa significar a mesma coisa. Ninguém asseguraria, por exemplo, que, se o regime fosse parlamentarista, não teríamos Sarney por cinco anos, talvez até mais, porque, com os meios que ele teve que manipular o Congresso, seria ele um primeiro-ministro para dez anos. A chamada oligarquia, a chamada elite, ou a elite dentro de um estamento, não se romperia pelo fato de o presidencialismo ser substituído pelo parlamentarismo.

*Essa história de parlamentarismo e presidencialismo não seria uma falsa questão?*

Nós tivemos, aqui no Brasil, um estado pelo menos – não falo do Império –, que foi parlamentarista algum tempo, na Constituição de 1946. O Rio Grande do Sul entendeu que a Constituição estadual poderia estabelecer o

parlamentarismo no estado. Depois o Supremo entendeu que a interpretação estava errada. Um dia eu perguntei a um coronel político, um sobrevivente daquele tempo, se ele estava com o parlamentarismo. Ele disse: “De acordo não estou e nem estou em desacordo. Mas isso aí é um bom buçal para o governador”. Sabem o que é buçal? É aquele freio que se bota no cavalo. Quer dizer, é um freio formidável porque puxa o governador para um lado e para outro. Para quem está contra é muito bom. Agora, eu não acho que seja desimportante discutir o parlamentarismo. Mas, no momento, não está sendo discutido o parlamentarismo, está sendo discutido se o Collor deve sair ou não. É isso que está em causa, se ele vai perder os poderes ou não.

*Outra questão que está aí é a animosidade sulista com relação ao Norte e Nordeste, e vice-versa.*

Acho que também é uma coisa nova no país. A Nação sempre foi considerada uma coisa fora de discussão. Teve aqui um Império, mas fundado na unidade nacional. Teve uma República cujo fundamento foi a unidade nacional, acima de tudo, quer dizer, intervindo nos estados e frustrando, em muitos momentos, o federalismo, a Federação. Então pela primeira vez está se discutindo se a Nação é aquela nação ou se pode ser outra. A cabeça do brasileiro foi secularmente organizada para os 8 milhões de quilômetros quadrados de extensão territorial. O Brasil é assim, um Estado mais geográfico do que histórico. A dimensão é da geografia e não é da história. Então agora alguma coisa está sendo abalada, pelo menos há quem diga isso.

*Um editoriaista da revista Veja diz que a unidade nacional é uma coisa que não se discute.*

Que é sagrada. Pois é, mas essa é a concepção que desde a Independência foi colocada na cabeça do brasileiro.

*Só mais uma coisa. O senhor fez uma observação no ano passado: a derrocada de um império teria inevitável reflexo no outro.*

Criou-se um império universal, quer dizer, voltamos a uma *pax augusta*. Mas teve conseqüências, sim. Uma das conseqüências, por exemplo, talvez esteja ligada a essa questão da “secessão”. Quer dizer, uma das maneiras de protesto, ou de união, já foi o nacionalismo conjugado com reivindicações populares. Essa linha parece que está anulada. Outro aspecto é que a contestação que se faz ao regime capitalista não é mais de opção. Hoje o império único significa que a única possibilidade é a de você ter um regime igual ao do império.

*Isto é o fim da História?*

Não, acho que não é. As chamadas esquerdas validam o regime capitalista, mas pretendem alguma coisa mais.

*Realmente se discute mais a liberdade de mercado, mas se olharmos o mundo veremos que em poucos países esse mercado está funcionando a contento.*

Pois é, o que se tem é um mundo curioso. Tirando-se os Estados Unidos, o Japão e a Europa, criou-se um mundo que

no Império Romano seria o “campo dos bárbaros”. O que os romanos e gregos chamavam bárbaro era o sujeito que não falava bem o grego ou o latim. Como nenhum de nós fala bem o latim e o grego, somos todos bárbaros. Mas bárbaros diferentes, porque o bárbaro que se preza, como o Alarico, por exemplo, botou a espada dentro de Roma. Os bárbaros do império de hoje não estão pensando como o Alarico, mas estão pensando em ir para Nova York e se empregar como garis, ir para Berlim e se empregar numa funerária, ir para Roma e se empregar numa floricultura. O nosso bárbaro ficou domesticado demais e criando um problema terrível. Daqui a pouco, em Paris, haverá 2 milhões de modelos brasileiros, mulheres e homens.

*Em todo caso, o fim do Império Soviético suscita a convicção de muitos de que a palavra “esquerda” vai ser cancelada do dicionário da política. Mas será que no Brasil isso tem cabimento?*

Bem, esse gênero de raciocínio vale no Primeiro Mundo, porque lá a cidadania já está conquistada. Lá não existe o “conselho noturno” que funciona aqui.

*É provável que existam também por lá.*

Sim, mas não na nossa escala. Aqui, torna inviável a vida dos outros. Então é realmente numa escala insuportável. Neste sentido, aqui você precisa de uma esquerda, enquanto talvez você possa dispensar lá na Europa, como os Estados Unidos a dispensaram.

*Sim, mas lá sempre há quem está pronto a denunciar a pequena ou a grande injustiça.*

Formam uma comissão de defensores das baleias e tal. Mas aqui a esquerda é essencial, é condição *sine qua non* para se ter um instrumento de consciência da cidadania.

# Reeleição: a profecia se cumprirá

*CartaCapital, set./1995*

Setembro de 1995 – Não entrevistamos Faoro em 1994. Esta entrevista inaugura a rodada de conversas para a recém-lançada revista *CartaCapital*, ainda em edição mensal. Fernando Henrique Cardoso, que derrotou Lula na disputa presidencial de 1994, cavalgava sobranceiro o Plano Real, quando o encontro ocorreu. Ao longo das perguntas, Faoro dá respostas que desenharam o perfil político e intelectual do presidente que transitou do discurso da socialdemocracia para as práticas neoliberais. Faoro aqui se resguarda da posição dos entrevistados que suspeitavam do Real como um plano eleitoreiro. Nesse momento, ele faz uma das suas mais fantásticas profecias sobre o processo político brasileiro, como se vê na resposta à pergunta abaixo:

*Digamos que se realize a hipótese menos provável, que o plano dê certo.*

Aí o Fernando Henrique será candidato à reeleição. Isso o Congresso lhe dará. Ele vai atrás do Menem.

O governo Fernando Henrique tinha apenas cem dias. A aprovação da reeleição no Congresso contou com uma ajuda extra. Ela foi aprovada sob fortes acusações e muitas evidências de que o resultado foi obtido com a compra de votos.

Faoro enfrenta as investidas dos entrevistadores cheios de incertezas, sem ceder às insinuações das perguntas. Alertava, porém, que as reformas necessárias à sustentação do plano monetário no aspecto econômico estavam atreladas às propostas do Executivo que teriam tramitação muito difícil no Congresso. Raymundo Faoro já percebia, no entanto, as transformações políticas pelas quais tinha passado o sociólogo que virou governante. Eis uma delas:

Um repórter pergunta ao presidente se ele é neoliberal, agora, e ele responde, com o maior enfado, que isso não passa de nhenhém. Perdeu a oportunidade de dar uma explicação séria, sendo que o repórter propunha uma questão relevante que está no ar: se houve, por parte de Fernando Henrique, uma apostasia ou não, se ele é socialdemocrata ou neoliberal.

Fernando Henrique Cardoso foi dogmático na resposta. Para tentar impor as reformas, o presidente passou a invocar supostas prerrogativas do mandato. Faoro atenta para a malícia do argumento:

Ele quer dizer que quando foi eleito a população elegeu um plano de reformas constitucionais e o Plano Real. Essa é a tese - e é uma falácia política. Essa tese do mandato político é uma maneira sutil de afrontar o Congresso. É como se ele dissesse: "Eu sou o líder único, tudo convergiu para mim [...]".

No primeiro mandato, o presidente Fernando Henrique Cardoso cumpriu, essencialmente, uma agenda do pfl, ou seja, neoliberal, representada pela redução do Estado, fechando ou privatizando as empresas estatais. Como homem da lei, o advogado Raymundo Faoro estava atento às eventuais manobras ilegais que o governo propunha.

Ainda hoje li um jornal a respeito de um artigo da emenda, proibindo acumular aposentadorias, em que se veda “a alegação do direito adquirido”. Isso é uma piada porque o direito adquirido é uma cláusula pétrea da Constituição.

Ao analisar o início do governo fhc, o entrevistado lança os olhos sobre o futuro e não vê outra saída: “o governo vai ser um governo do pfl”. De fato, o programa de privatização cumpre orientação do programa dos neoliberais, representados pelos pefelistas, e não dos socialdemocratas, como os tucanos se autoproclamam. Faoro se debruça sobre o pfl.

Ninguém ganha do pfl. O pfl é indestrutível. A própria candidatura Fernando Henrique e a aliança que eles fizeram são obras de arte. O pfl não deve sair de cena tão cedo. Ele já apareceu no Império com o Partido Conservador [...] tem uma tal intimidade com o poder, e com o poder historicamente estabelecido [...] que é muito difícil falar que se vai abatê-lo. Mesmo as urnas não abatem.

O pfl não desaparece. Ele muda, se transforma para evitar as transformações, mas permanece. Seja como udn, como Arena, como pds ou como dem.

\* \* \*

*Ao se completarem cem dias do governo Fernando Henrique, cabe a pergunta: o Real não passou de um plano eleitoreiro?*

O Plano Real foi sempre condicionado à reforma tributária. Tal como concebido, meramente no aspecto cambial, os próprios autores do plano entendem que ele não subsiste. As reformas é que dariam sustentação a esse



plano, e talvez as privatizações. É uma série de condicionantes que são muito duvidosos, a reforma da Previdência inclusive.

### *A chamada reforma do Estado.*

Reforma do Estado, o chamado enxugamento do Estado, em que entra o problema do funcionalismo público e da Previdência. Por enquanto, a gente está vendo é que as reformas são muito difíceis de transitar pelo Congresso. A da Previdência ninguém entendeu. Em primeiro lugar, 70% das pessoas não sabem o que é uma reforma constitucional e os 30% que leram essa emenda não a entenderam. Ela encobre legislação ordinária ou complementar que ainda não foi revelada, além de conter coisas heréticas. Ainda hoje li um jornal a respeito de um artigo da emenda, proibindo acumular aposentadorias, em que se veda “a alegação do direito adquirido”. Isso é uma piada porque o direito adquirido é uma cláusula pétrea da Constituição. A reforma da Constituição só é possível da maneira prevista pela própria Constituição.

### *De todo modo, o Real continua sustentando o governo.*

O plano em si é um sustentáculo do governo. Outro sustentáculo é a reforma constitucional. Mas ninguém governa na base de um plano monetário e ninguém governa também na base de uma reforma constitucional que virá ou não virá, ou virá de outro, ou virá de um modo que o governo não quer. Enquanto o governo fala nas reformas tributárias, econômicas, da Previdência etc., a oligarquia que domina o Congresso fala em reforma política - o que é

uma coisa que, por enquanto, também não se sabe o que é. A única reforma política válida seria trazer a representação do Congresso para os eixos. Dessa ninguém fala.

*Seja mais específico.*

Falo da representação, por exemplo, de Rondônia, em que meia dúzia de eleitores elege um deputado, meia dúzia elege um senador; ao passo que para o Rio de Janeiro e São Paulo são necessários milhares de votos.

*Há uma proposta da reforma política do senador José Sarney.*

A proposta vem de uma oligarquia, e a distorção de que estamos falando contribuiu muito para que as oligarquias se fixassem no Congresso. A gente sabe, portanto, que a reforma política principal não vai ser cogitada.

*Mas o presidente está tentando enfrentar a resistência do Congresso.*

Fernando Henrique apela para o mandato dele. Ele quer dizer que quando foi eleito a população elegeu um plano de reformas constitucionais e o Plano Real. Essa é a tese - e é uma falácia política. Essa tese do mandato político é uma maneira sutil de afrontar o Congresso. É como se ele dissesse: "Eu sou o líder único, tudo convergiu para mim. O Congresso é um grupo heterogêneo, de diversas correntes desencontradas às vezes". É uma falácia política porque também na eleição dele houve correntes contraditórias ou não concordantes que se uniram para votar nele. De

qualquer maneira, é uma falácia já denunciada pelos cientistas políticos. Trata-se de uma velha idéia de um presidente norte-americano do século passado. Ronald Reagan falou nisso também. E Fernando Collor. É uma idéia que carrega uma conotação perigosa, porque o presidente se apresenta como líder único, enquanto o Congresso teria de fazer o que o presidente quer. Foi assim que Collor caminhou para um confronto irrecusável com o Congresso.

*Num cenário como esse o que seria recomendável? Qual seria uma saída para o presidente?*

A primeira saída é ter um programa de governo que não dependa só de uma reforma constitucional. Esse governo sequer nomeou o segundo escalão. Não está governando e parece não estar interessado em governar. Um repórter pergunta ao presidente se ele é neoliberal, agora, e ele responde, com o maior enfado, que isso não passa de nhenhém. Perdeu a oportunidade de dar uma explicação séria, sendo que o repórter propunha uma questão relevante que está no ar: se houve, por parte de Fernando Henrique, uma apostasia ou não, se ele é socialdemocrata ou neoliberal. Ele se saiu com um escapismo desses quando, com a formação marxista dele, poderia muito bem aplicar a dialética, que resolve qualquer problema.

*Mas ele tem formação marxista?*

Tem. No seu primeiro livro ele diz, confessadamente, isso. Aliás, acho até muito bom que alguém tenha uma formação marxista séria. O que não é bom é ser dogmático. Mas ele conhece a dialética, conhece essa dança que dá

para explicar tudo sem explicar nada. Mas tem de dizer alguma coisa, não podia deixar de dizer. Caso contrário, sobra apenas oportunismo.

*Digamos que ele está acenando para a banca internacional.*

Sim, mas tem de dizer quais são os limites. A socialdemocracia tem limites para a banca, tem limites para o liberalismo. Ele tem de traçar esses limites, ou então dizer que não acredita mais naquilo.

*O senhor acha que não dá para falar ainda num governo Fernando Henrique Cardoso?*

A imagem do governo é de uma palidez muito grande. A mim ele dá a impressão de um vice-presidente que assumiu, não de um presidente que foi eleito. A campanha eleitoral não formou uma *persona* presidencial.

*Ganhou sem saber o que vai fazer?*

E se encontra perplexo no governo.

*Não tinha projeto?*

Não tinha projeto e não fixou uma diretriz. Ficou só no Plano Real. O plano o elegeu e o plano pode ser até a armadilha dele. Ele ficou imobilizado pelo plano.

*Na conjuntura, o vice Marco Maciel parece até ser mais objetivo.*

O pfl está sendo mais paciente e mais arguto. É evidente que o governo vai ser um governo do pfl. É verdade que também Getúlio Vargas, nos primeiros anos de seu primeiro governo, entre 1930 e 1932, tinha uma imagem de indefinição como o Fernando Henrique tem atualmente. Tanto que o apelido dele era “Chuchu”. Getúlio acabou evoluindo até para um excesso de personalidade política. Fernando Henrique pode se recuperar, por que não?

*Chuchu?*

É um legume insípido, Getúlio parecia não querer nada com o poder. Mas repito, Fernando Henrique pode se recuperar dessa palidez. Acho que o nome certo é falta de liderança. Liderança é qualidade essencial para um presidente num regime presidencialista. Nele, o presidente tem de ser um líder nacional. Não o único líder, mas um líder. Sem essa liderança, não consegue fazer reforma constitucional, nem consegue leis ordinárias.

*Vamos pegar o exemplo de Getúlio. Para onde ele foi?*

Ele pegou uma Constituição pela frente que o limitava totalmente. Portanto, o poder dele era fraco. Getúlio passou a crescer quando as coisas caminhavam já para uma dissolução do Estado. Quando houve a chamada Intentona de 1937,[\[98\]](#) ele emergiu na reação à corrente esquerdista. Aí ele emergiu e inclusive vieram as leis mais drásticas antes do golpe: lei de segurança, cassação de deputados, uma série de coisas. O que a gente sabe hoje do Getúlio é que ele, desde 30, tinha um projeto. Mas o Getúlio era um ditador e tinha um tempo largo pela frente. O Fernando

Henrique tem quatro anos, o tempo para ele queima nas mãos.

*E ele sente as mãos ardendo?*

Ele vende a imagem de um homem negociador, paciente, muito conformado com o que os políticos dizem para ele, que algumas reformas só serão votadas no fim do ano enquanto outras sequer foram propostas. Mas ele vende uma imagem de muita tranqüilidade.

*Quer dizer, ele finge serenidade?*

Ele deve estar tão ansioso, tão intranqüilo como todo mundo. No momento temos uma crise estrutural, crianças dormindo na rua, desemprego, miséria etc. Mas vamos ter uma crise aguda. Essa ainda não chegou.

*A crise estrutural existe desde antes dele.*

Essa já está incorporada aos hábitos.

*Quanto às resistências do Congresso, ele não deveria estar preparado para elas, como parlamentar experiente?*

A impressão que dá é que ele foi apanhado de surpresa. Assim como naquelas revoluções do Rio da Prata,[\[99\]](#) onde chegavam para uma pessoa e diziam: “Você é general, mas não esqueça o posto”. Foi muito súbita a ascensão de Fernando Henrique. E, sobretudo, não foi a equipe que fez um presidente, foi uma circunstância. Como disse, é um vice que assumiu. As coisas estavam maduras para o

Itamar, no final. Imaginem, os milagres acontecem neste país. Por enquanto, Fernando Henrique é o vice de Itamar. Este país tem uma destinação de vices.

*O que imaginar com relação ao Plano Real?*

O Real ainda tem fôlego porque se baseia em moeda estrangeira. Ainda tem muita moeda estrangeira para queimar. O que a gente pode prever é que o Real vai ser sustentado, daqui por diante ou daqui a pouco, de uma maneira que não é a da sua própria estrutura. Vai ser sustentado por barreiras alfandegárias. Vai construir um superávit que é exatamente o oposto do seu espírito, que é o espírito da abertura, da globalização.

*A âncora cambial acabou. Agora vão tentar lançar a âncora fiscal.*

Se é para fazer uma previsão, acho que depois de meados deste ano as coisas vão mudar muito no setor cambial e no setor alfandegário. Vai também se acentuar mais uma certa insatisfação popular, que agora é pouco visível ainda.

*Em termos de teoria econômica, esses princípios neoliberais que inspiram o Plano Real serão traídos?*

Acho que sim. Acho que têm de ser. Na falta da reforma constitucional, o plano tem de sofrer um arranjo, quer dizer, voltar a um Estado protetor.

*Mas o país tem uma elite que se declara neoliberal.*

O que essa elite diz é que os projetos baseados no Estado, ou que apontavam para o socialismo, faliram. Então que a única coisa que existe na praça é o mercado, a economia de mercado. Quanto ao neoliberalismo, procuram não definir. Até que ponto entra o Estado no neoliberalismo? Mas acho que a elite vai precisar do Estado para não explodir. Vão precisar cada vez mais. Na medida em que se apela para restrições de importação está se usando o Estado na forma tradicional, o Estado protetor.

*O Brasil não é um país capitalista?*

Por enquanto não é. Somos ainda marcados pelo patrimonialismo. E também não sei se a maneira de destruir o patrimonialismo é essa, o próprio Estado devorando o Estado. Este foi o problema do México, que é também um país patrimonialista. Ali pretendeu-se fazer reformas pelo Estado, e não deu certo. Isso lembra muito um paradoxo do Rousseau que dizia: “É necessário forçar os homens a serem livres”.

*Então qual é a futurologia que se pode estabelecer a partir daí?*

Devo dizer que me sinto um pouco perplexo perante o grupo Fernando Henrique, que eu não conhecia. É um grupo que não veio da política. Eu não conhecia, por exemplo, esse ministro da Educação, nunca tinha ouvido o nome, senão vagamente. O Sergio Motta, o Serjão, eu não conhecia também, só sabia que é um homem muito ligado



ao Fernando Henrique. Naquele palácio tem uma série de figuras das quais eu nunca tinha ouvido falar. Como eu, a população, o povo brasileiro. Então é muito difícil dizer o que essa gente é e o que essa gente pensa e para onde eles vão.

*E o pfl aparece mais do que eles.*

Ninguém ganha do pfl. O pfl é indestrutível.[\[100\]](#) A própria candidatura do Fernando Henrique e a aliança que eles fizeram são obras de arte. O pfl não deve sair de cena tão cedo. Ele já apareceu no Império com o Partido Conservador. Até hoje tem mais ou menos a mesma máscara: é um partido conservador querendo fazer reformas liberais. Os liberais do Império se queixavam muito disso, diziam que os conservadores iam buscar o ovo no ninho deles para fazer reformas. Tanto que a abolição da escravatura foi uma reforma do Partido Conservador. O que a gente não se dá conta é de que o conservador, quando faz a reforma liberal, faz conservadoramente. É outra coisa, não é a mesma coisa. O pfl tem uma tal intimidade com o poder, e com o poder historicamente estabelecido, com o patrimonialismo brasileiro, que é muito difícil falar que se vai abatê-lo. Mesmo as urnas não abatem.

*Todas essas esperanças que a gente colheu no fim do ano passado, no começo deste, onde acaba tudo isso?*

Como dizia o Churchill, “é um enigma dentro de uma charada”. É o que se pode dizer do governo Fernando Henrique, do grupo Fernando Henrique. Esse três meses ainda não definiram nem o enigma e nem a charada.

*O senhor poderia traçar um paralelo entre o governo de Fernando Henrique e a sociologia do Fernando Henrique?*

Eu devo dizer que conheço pouco a sociologia do Fernando Henrique. Na verdade, só li um livro dele, que foi o primeiro. Era um assunto que me interessava porque dizia respeito ao Rio Grande do Sul. É um livro bem razoável, mas hoje tem mais significação porque a metodologia dele deixou de existir. Não conheço a obra dele para dar uma opinião. Mas não me parece que a obra dele inspire uma curiosidade. Para mim não inspirou. Eu o acho muito amável, muito cavalheiro, muito educado, mas isso não é o bastante para fazer um sociólogo. Nós tivemos no Brasil sociólogos criativos ou pelo menos obras de sociologia criativas, desde Euclides da Cunha. Ele não entrou nessa faixa.

*Que chances tem o governo fhc? Quais os caminhos possíveis?*

Primeiro cenário: no segundo ano já faz a reforma constitucional e aí leva o governo aos quatro anos. É a solução brilhante que ele tem pela frente. Segundo cenário: se não conseguir fazer a reforma constitucional que pretende, o plano aderna. É uma situação catastrófica: a inflação dispara. Volta a indexação. Volta a ciranda. Terceiro cenário: o plano ameaça adernar e ele tem uma reação fulminante, inclusive baseada numa série de forças que são inominadas por enquanto. Parece que esse é o quadro.

*E a possibilidade clássica de empurrar os problemas com a barriga?*

É uma quarta hipótese que se confunde com a terceira.

*Em qual das hipóteses o senhor acredita mais neste momento?*

Acho menos provável a primeira, pela qual as reformas teriam de ser feitas neste ano ou no máximo até meados do ano que vem.

*Mas, antes que o plano aderne, Fernando Henrique não teria alguma reação?*

Tentará.

*Aí ele veste bombachas?*

Não chego a esse extremo. Acho que bombachas não ficam bem em Fernando Henrique. Mas ele pode levar como Sarney levou.

*Vai substituindo ministros etc.*

Acha um ministro forte e vai levando.

*Sarney achou um ministro forte?*

Achou Antônio Carlos Magalhães, que distribuiu tudo.

*Mas Fernando Henrique se conformaria com um papel à Sarney? E a Nação se conformaria?*

Dependerá das circunstâncias. Mas eu admito a possibilidade de que ele faça um apelo popular, que tente uma saída carismática ou mística tipo: “Eu tenho um mandato e me tomaram o mandato”. Alguma coisa assim.

*E o senhor, está pessimista ou otimista?*

Nem uma coisa nem outra. Eu acho que o momento ainda é de expectativa. Mas que o governo está deteriorando, está. Isso é visível. O tempo está correndo contra com muito mais velocidade do que o planejado. O planejado era que durante um ano desse para levar isso, mas o tempo está correndo e ele não está enchendo a imaginação popular dizendo “vou fazer isso, vou fazer aquilo”. Ele não está dizendo nada, está naquela coisa monocórdia, “vou privatizar, vou fazer reforma constitucional, o plano é intocável”, mas não sai disso.

*E ele está sozinho, não se enxerga ninguém ao lado dele.*

Por enquanto não. Mas pode ser que o Serjão venha a ser iluminado, ou o Serra.

*Digamos que se realize a hipótese menos provável, que o plano dê certo.*

Aí o Fernando Henrique será candidato à reeleição. Isso o Congresso lhe dará. [\[101\]](#) Ele vai atrás do Menem.

*Como o senhor vê o papel da imprensa nisso tudo?*

Eu sempre achei a imprensa muito servil, no Brasil. E continua. Os jornais fazem críticas periféricas, mas o Fernando Henrique, o plano, as reformas, tudo isso é muito preservado. A grande imprensa fechou com ele.

*A imprensa tem sido clara, ao menos, na exposição das reformas a serem feitas?*

Não. A imprensa não está servindo de orientação. É um banzé total, cada jornal tem lá a sua reforma.

*O senhor diz que a imprensa foi servil. E no episódio do impeachment de Fernando Collor?*

Acho que quem derrubou Collor foi o clamor público, que arrastou o Congresso e o Supremo Tribunal. Mas a imprensa não, ela entrou quando o negócio já estava decidido. Afora umas poucas honrosas exceções...

*Não fosse o motorista Eriberto... [\[102\]](#)*

E Collor sofreu uma investigação que ninguém sofreu igual. O Congresso não agiu da mesma maneira com o Sarney. O Collor foi o único que teve a vida efetivamente investigada. De fato, ele era um estranho, um *outsider*, bem ao contrário do Sarney, por exemplo.

*E a oposição ao governo Fernando Henrique?*

Ainda não surgiu como oposição. Aliás, o pt sofre uma crise de identidade, é o mínimo que se pode dizer. Não se reencontrou mais. O choque com o Plano Real acentuou as

trincas provocadas pelo fascínio que a idéia socialista ainda exerce sobre o partido. O pt não achou uma saída. Não quero dizer que o Lula tenha sido comprometido com isso. Lula ainda é um líder que tem perspectivas, mas acho que o pt não está se acertando, está perplexo.

*A socialdemocracia é o caminho de quem hoje quer manter uma posição progressista?*

Não sei se é progressista. Não gosto muito desta expressão. A chamada esquerda valoriza o Estado e entendo que o Estado tem de intervir. Ela se preocupa com a injustiça social e não acha, como o liberalismo, que com a liberdade de mercado desaparece a injustiça social. Ou seja, essa é a socialdemocracia que, em certo sentido, é até uma nostalgia do *welfare state*.

*Quer dizer, o neoliberalismo é uma posição de direita.*

Se você falasse há dez anos, seria uma posição de direita.

*E hoje?*

Hoje eles estão aí sem concorrência.

*O governo Fernando Henrique é de direita?*

Não acho. Acho que o neoliberalismo tem mais alguma coisa à direita dele. E há mais alguma coisa à direita da direita. Acho que o governo Fernando Henrique ainda não entrou nesse trilho de direita. Quem pode se colocar no

trilho de direita é o pfl, uma direita hábil, que condescendeu como o Estado militar e faz qualquer negócio. Mas ainda não percebi isso nesse grupo do Fernando Henrique. Pode ser que entre, mas não percebi. É a indefinição de que falei. Aí, voltamos ao começo, à indefinição. Falta é liderança.

*O que o senhor acha dos discursos do presidente Fernando Henrique?*

Acho que acentuam a figura pálida. O discurso dele é muito apagado, é óbvio. Ele tem aquela fluência de professor, mas não toca, não impressiona a imaginação de ninguém. Receio que nunca tenha lido nada literariamente.

*Isso tudo tem importância na definição de uma liderança?*

Acho que tem muita importância, ainda mais num país de retóricos como este. O Getúlio, por exemplo, tinha um senso literário fantástico, achava a palavra na hora certa. Inclusive corrigia os *ghost writers* dele. Eu conheci um *ghost writer* de Getúlio, o Genolino Amado.[\[103\]](#) Ele escreveu um discurso dizendo que o Aleijadinho era primitivo, Getúlio riscou e colocou “tosco”. Explicou: “Primitivo ofende”. O próprio Collor descobriu palavras mágicas. Marajá,[\[104\]](#) por exemplo. Mas Collor tinha um certo carisma, uma liderança que ele criou, o que nem Itamar nem o Sarney criaram. Aí temos de voltar a Juscelino e ao Jânio.

*Antes de encerrar, defina capitalismo e patrimonialismo.*

No patrimonialismo tudo depende do Estado. A economia é uma concessão, é uma vantagem que você dá

para alguém. Eu posso dar para outro. Eu posso dar uma tarifa alfandegária para a outra pessoa e ela supõe um grupo político permanente para manipular essas coisas.

*Como um pfl.*

Um pfl ou coisa assim. Veja que aqui no Brasil cada regime faz os seus ricos. Getúlio, em 37, fez seus ricos. O regime militar, também. Isso é patrimonialismo. Mas vai fazer isso no Texas. Não faz. Já o capitalismo é livre concorrência, é risco. Se o sujeito vai à falência, não tem contemplação.

*Para concluir: seria bom se o Plano Real desse certo, mas as chances são pequenas.*

Eu acho que faltam as condições políticas, falta um Congresso que seja autêntico, um presidente que seja realmente fruto das forças políticas e não do acaso. As chances, eu acho, são realmente pequenas. Digamos, 20%. O que pode ser imenso para quem está olhando para trás. Veja o que aconteceu com os outros planos. E foram seis ou sete.

*O professor Delfim Netto fala muito da ausência de um grupo hegemônico. Quando o senhor diz que a possibilidade boa é o Real dar certo, o senhor também está pensando nisso, ou seja, isso propiciaria o surgimento de um grupo hegemônico?*

O Delfim está pensando conforme a lição do pensador italiano Antonio Gramsci. Eu acho essa tese da hegemonia



válida, acho que se alguma coisa vai dar certo, tem de haver um grupo que leve isso adiante.

*Se temos o eterno pfl, esse não é o grupo hegemônico?*

No momento é, mas pode emergir da sociedade civil, dos empresários, dos operários, uma hegemonia à margem da política postíça que aí está. Acho isso muito improvável, mas não impossível. Quantas vezes isso aconteceu na História?

*O êxito do Real poria em xeque o pfl, por incrível que pareça?*

Exatamente, torna o pfl atrasado.

# Crise bancária, o espantinho de Fernando Henrique

*CartaCapital, 29/03/1996*

Março de 1996 – O governo Fernando Henrique cumpre o plano de privatizações de baixa transparência e elevada suspeita: prazos de pagamento dilatados, moedas podres, financiamento de bancos oficiais e preços vis. Embora restrito às imposições limitadoras do jornalismo, Raymundo Faoro, historiador de longo curso, analisa a alienação das estatais e o desmonte do Estado à luz da formação do capitalismo brasileiro: “Por que houve empresas públicas? Por que houve a Petrobras?” Um dos pontos da resposta, arredondada com a afiada ironia do entrevistador, segue abaixo.

Diz que o Estado-empresário realmente acabou, mas não acabou o Estado-promotor, que se viu no Japão, em Taiwan, na Coréia do Sul etc. Também acabou o Estado-regulador. Mas nem estes são admitidos por aqui. Aqui o pessoal só admite o Estado na função de guarda-noturno e de juiz.

Faoro cobra transparência do governo Fernando Henrique também nas medidas que usou para enfrentar a crise bancária, “o espantinho” do governo.

[...] o governo foi rápido nas medidas para evitar a crise bancária. Infelizmente não foi transparente, não transmitiu a convicção de que aquela

ação era necessária. É evidente que uma investigação se impunha. Eu não sei se a melhor investigação seria a Comissão de Inquérito, mas um exame em profundidade deveria ser feito.

Além da falta de transparência, Faoro cobra também a ausência de definição de regras e aponta para o que vê como um aspecto perigoso da administração Fernando Henrique: a crença no segredo.

No caso do Nacional, o presidente do Banco Central disse que Fernando Henrique sabia. O presidente disse que não sabia. Então eles lidam com segredo [...] Como é possível que uma classe política incapaz de resistir a um *close* de televisão, a uma nota simpática de jornal, mantenha o segredo? Assim percebemos o tamanho do risco do governo. Quando um segredo se revela, aparece não como um segredo revelado, mas como uma mentira infligida à nação.

Desde que projetou a possibilidade de Fernando Henrique ser reeleito, após somente cem dias de governo, Faoro olhava com lupa os movimentos políticos do governo. Ele achava imprudente a redução do mandato presidencial para quatro anos (redução imposta pela Constituinte, após o mandato de cinco anos de Sarney). Quatro é pouco. Segundo ele, os parlamentares, na República Velha, não sabiam como era o funcionamento da República.

O mandato era de quatro anos, dois anos o presidente governava, dois anos a sucessão governava o presidente.

Embora o Real, “a manobra mais brilhante do governo”, mantivesse a cesta básica estável havia catorze meses e construísse reservas externas consideráveis, o plano começava a cobrar o preço. O desemprego crescia, embora distante de uma recessão. O governo nada fazia e

justificava com a alegação de que se tratava de um problema estrutural, gerado pela tecnologia. Faoro cobrava a indiferença do presidente.

Nesse ponto a política aqui é neoliberal [...] desenvolvimento não é feito para a economia, é feito para o homem - e isso passa como heresia. Pretende-se que o desenvolvimento seja eficiência, exportar, se integrar com o mundo.

O povão que se lixe. A conclusão é do próprio entrevistado.

\* \* \*

*Qual é o ponto da entrevista do ano passado que o senhor acha profético?*

A reforma da Previdência. Disse que dificilmente passaria. O que passasse, seriam os destroços. Porque ela, na sua estrutura, se é que tinha estrutura, foi quebrada. Na entrevista do ano passado, também falei que a imagem do presidente era a de um vice que assumia a Presidência. Hoje é possível fazer um exame melhor. Acho que agora já não é mais a de um vice, é a de um presidente, mas que diluiu a liderança em torno de dois objetivos. Um, que eu chamaria de tático, que é o do Plano Real. O outro, estratégico, que é o das reformas. Aquele programa dos "cinco dedos" está definitivamente fora de cogitação: agricultura, saúde, educação, segurança e emprego, esse programa já não vai mais se instalar.

*Por se falar em vice, o Marco Maciel...*

Ele atua mais.

*Ele está presente em todas as crises.*

Até agora o Marco Maciel tem servido de mata-borrão. Fernando Henrique erra ou comete uma imprudência e o Marco Maciel vai lá e corrige.

*É o bombeiro da República.*

É o mata-borrão da República. Realmente ele tem uma presença política não digo mais popular, mas mais visível do que a do Fernando Henrique. O presidente ainda continua com índices de popularidade muito altos. Mas é curioso que essa popularidade não provém de uma liderança.

*Há informações de que nessa crise nos bancos, pela primeira vez, segundo os institutos de opinião, se cobra mais responsabilidade do presidente.*

A crise bancária é o espantalho desse governo. Acho que o governo foi rápido nas medidas para evitar a crise bancária. Infelizmente não foi transparente, não transmitiu a convicção de que aquela ação era necessária. É evidente que uma investigação se impunha. Eu não sei se a melhor investigação seria a Comissão de Inquérito, mas um exame em profundidade deveria ser feito. Quanto à cpi, estas comissões, afora as conseqüências políticas, produzem efeitos penais muito pobres. Levantam o problema, mas as provas que apresentam não servem judicialmente, como aconteceu no caso do Collor e em certo sentido no caso da cpi do Orçamento, em que não houve nada, rigorosamente

nada. Acho que as investigações de maior profundidade, depois de 1988, têm sido as do Ministério Público, embora não infalíveis.

*A cpi levaria a uma combustão inútil, embora perigosa?*

Pois é, uma combustão inútil. Se fosse cpi a respeito do Banco Central, acho até razoável. Mas esta que não se fez seria para apurar o funcionamento do sistema bancário, que por natureza é frágil em qualquer parte do mundo. Por natureza, é uma instituição que recebe dinheiro e empresta dinheiro. E, ao emprestar, há um hiato. Se o correntista vai lá buscar o dinheiro dele e o banco não tem, é porque esse dinheiro está emprestado.

*O senhor considera que o socorro ao Nacional era necessário?*

Acho que decorreu de uma política coerente.

*De impedir o pior.*

De impedir o pior, inclusive a crise bancária. Essa gente tem na cabeça a Venezuela e o México. Na Venezuela, a crise bancária praticamente retirou a governabilidade do presidente. No Brasil, uma crise bancária provocaria cinquenta anos de turbulências.

*O senhor diria que a falha desse processo é a ausência de transparência no momento da crise do Proer? [\[105\]](#).*

E a falta de definição de regras também. Agora, há outro aspecto perigoso dessa administração. Eles acreditam em segredo. No caso do Nacional, o presidente do Banco Central[106] disse que Fernando Henrique sabia. O presidente disse que não sabia. Então eles lidam com segredo. Mas político experiente que conhece a sua gente, conhece os apetites da sua turma e sabe que não existe segredo em política. Como é possível que uma classe política incapaz de resistir a um *close* de televisão, a uma nota simpática de jornal, mantenha o segredo? Assim percebemos o tamanho do risco do governo. Quando um segredo se revela, aparece não como um segredo revelado, mas como uma mentira infligida à nação.

*A crise bancária ainda pode abalar os índices de popularidade de Fernando Henrique?*

Pode. Se ainda não está atingindo o setor popular, ela foi destrutiva no setor político. Mas vai mexer inclusive na popularidade, mesmo porque, efeito ou não dessas crises, a idéia da reeleição hoje não goza mais daquele ambiente eufórico, triunfante, que se percebia tempo atrás. A esta altura, só um milagre muda esta situação. Quanto a milagre, proponho a definição de Bernard Shaw: “Milagre é um evento que produz fé”. E milagres podem acontecer a qualquer momento.

*Será que o pessoal na hora h não se entende? Se houver a compreensão de que o Fernando Henrique é o melhor candidato possível, a turma não vai acabar fechando com ele, alegando que é o melhor estadista contemporâneo?*

Na verdade, na verdade, as alternativas que se enxergam agora são sombrias. Sarney, Itamar, Maluf.

*Se as perspectivas são sombrias, isso não facilita o caminho do Fernando Henrique em busca da reeleição?*

Se são verdadeiras as premissas que nós estabelecemos de que essas crises o abalam, ele dificilmente seria o candidato ideal. Falta de estofo, falta de crença, falta das condições do milagre, um evento que produz a fé.

*Mas, ao mesmo tempo, o senhor anota que os outros candidatos possíveis são sombrios. A partir daí, não seria mais ou menos natural uma composição em torno do nome de Fernando Henrique?*

Não sei, se houver realmente a desintegração do prestígio dele, o pfl procurará o Maluf, procurará o Sarney, com os quais tem grandes afinidades.

*Mas ele continua gozando de bastante prestígio.*

A popularidade dele ainda não está abalada, embora não seja mais a mesma de um ano atrás. Notou-se que ele é um homem de pouca atuação. Já se observa que Fernando Henrique só faz um governo na primeira pessoa do singular. É o governo do eu. Tem-se dito que ele é vaidoso. E ele respondeu: “Não, eu não sou vaidoso. Eu sou mais inteligente do que vaidoso”. Ora, a vaidade come a inteligência - e existe também a vaidade da inteligência. Não quero fazer psicologia porque seria uma coisa barata, mas politicamente não me parece que ele tenha uma



conduta de político vaidoso. Eu acho que se deve fazer justiça: ele não é um homem que exerce o poder pelo brilho do poder, como já existiram antecessores dele que faziam isso. É um político de responsabilidade. Temos de lembrar La Rochefoucauld, que dizia que a vaidade dos outros nos é insuportável porque fere a nossa. Então é uma atribuição sempre perigosa. Acho que não é esse o problema político dele, não falo do psicológico. O problema político é um aspecto que Max Weber, num ensaio que Fernando Henrique e outros políticos citam muito porque supõem que seja a defesa do oportunismo, chama de falta da medida. Esse texto de Max Weber diz que a falta de medida prejudica muito um político - e às vezes o inviabiliza. A medida é permitir que os acontecimentos atuem, mesmo que eles o coloquem em segundo plano. É bom esclarecer que o sentimento do "eu" seria a sensação da onipotência e da onisciência. Contudo, observem. Tivesse Fernando Henrique o senso da medida, não estaria no jogo miúdo do poder. Ao contrário, manteria uma certa distância histórica e uma distância política. Ele não pode se supor como autor e ator da peça.

*Ele não tem tino político?*

Tino político acho que ele tem muito, ele tem o senso da oportunidade. O que lhe falta é senso da medida. Mistura a figura dele com pequenas questiúnculas, não tem distância, acha que é autor de tudo. Deixa-se tomar pelo sentimento do "eu", o sentimento daltônico do "eu". Não é que ele guarde o vezo do professor de dar lições; ele acha que tem lições para dar, mesmo que não fosse professor. Como no México, quando fez aquela crítica ao Congresso, como se

houvesse um Congresso no mundo que não tivesse bancadas interessadas nisso, naquilo e naquilo outro. São partidos, são grupos de pressão. Ele separa em categorias: intelectuais ideais, partidos e grupos de pressão. Não pode perceber que dentro dos partidos também tem grupo de pressão e que em toda parte do mundo tem setores de partidos que defendem a agricultura, que defendem o operário, que defendem a indústria, a tarifa.

*Esse Congresso essencialmente não é diferente de qualquer Congresso.*

Não é. O que é diferente, em relação à Europa, digamos, são os partidos que aqui giram muito em torno do fisiológico, do clientelismo. Mas isso também aconteceu em todos os lugares do mundo.

*O eleitor brasileiro espera isso mesmo do congressista, que lhe arrume emprego.*

Exatamente. E que vá defender a terra dele. Se a terra dele cria boi, ele quer que o congressista defenda o boi. Mas as críticas de Fernando Henrique ao Congresso são decorrência do “eu”, do desejo, de fazer uma ironia sempre. Ele acha que a ironia é prova de superioridade. É subproduto do “eu”. Agora não me parece que ele faça uma campanha sistemática contra o Congresso. Ao contrário, eu não me lembro de presidente que tenha recebido tantos parlamentares e que almoce com um, jante com outro, vá a festas com outros tantos. Mesmo assim, ele não é confiável para os políticos, porque ele é o homem da ironia, das piadinhas – aliás, a maioria sem graça.

*Não haveria também nesta atuação um dado paulista?*

Pode ser. São Paulo na verdade é a locomotiva. Então os políticos assumem muito facilmente o papel de maquinistas e os vagões vazios que se virem.

*E o Real? Baseia-se no Real a popularidade do Fernando Henrique?*

É no Real em primeiro lugar. Mas as viagens ao exterior são também um fator de prestígio para ele. É um presidente que fala todas as línguas, veste ternos de tecidos primorosos e conversa com o imperador do Japão.

*Mas o Real é o trunfo.*

O Real tem sido a manobra mais brilhante do governo. A cesta básica continua estável há catorze meses, as reservas externas estão muito altas. A agricultura proporcionou preços baratos. É verdade que ao custo do sacrifício de 10% da safra do ano seguinte. Se o agricultor não tivesse de desovar seus estoques, o preço dos produtos agrícolas não seria tão baixo. Teve de desovar porque não houve financiamento, aí foi o erro do governo. Então, paradoxalmente, o povo está comendo barato porque o governo errou com a agricultura.

*Há quem diga que o preço pago pela estabilidade é muito alto.*

Quem está pagando é a agricultura. Mas a agricultura deu o troco, plantou menos.

*E o desemprego?*

O desemprego na verdade tem crescido nesses nove meses, mas não dá ainda para se ter um quadro de recessão. A verdade é que para o sujeito que vai procurar emprego e não acha é tragédia, e nesse setor o governo não tem feito nada, só diz que isso é estrutural porque a tecnologia está tirando empregos. Ora, isso não quer dizer que o governo não tenha responsabilidade. A Espanha, que em dez anos dobrou o seu PIB, fez um programa de desemprego fantástico, com salário-desemprego, reciclagem, várias coisas que aqui não existem. Nesse ponto a política aqui é neoliberal, com a consequência que nós conhecemos: as favelas do Rio e a periferia de São Paulo são os resultados da exclusão.

*O cidadão estaria tendo uma relação pragmática com esse governo? Ele é igual aos outros, mas nesse particular, no plano da estabilidade, está dando certo. E então, vamos sustentá-lo?*

Sim. Mas os formadores de opinião já atacam. Por exemplo, nestas situações que vocês chamam de crises, os jornais têm sido muito duros. As crises, aliás, existem porque os jornais as definem desta maneira.

*É curiosa uma observação do ex-governador Leonel Brizola. Ele reconhece que a imprensa noticia os eventos, mesmo que prejudiquem o governo, mas não abre espaço para a oposição falar.*

A oposição está isolada. pt, pdt, psb, pcdob insistiram em esperar que o Real caísse. Como o Real não caiu, eles ficaram sem bandeira e, agora, na mesma linha, pegam a cpi dos bancos porque querem que a sua profecia se cumpra. E este é o problema das profecias: às vezes o profeta quer que a profecia se cumpra à força.

*A imprensa diz que Fernando Henrique é um sedutor. É mesmo?*

Não acho que seja bem sedutor. É o chamado simpaticão. Conciliador, não é de briga. Ele só briga na ironia, é um florentino, só com a laminha flexível.

*Suponho que o senhor não se refira a Girolamo Savonarola, um revolucionário. Quem sabe a Lourenço, o Magnífico.*

Lourenço, o Magnífico.

*Há quem diga que Fernando Henrique se parece com Júlio César, que queria ser imperador.*

Acho que essa imagem do magnífico é melhor. Ainda que Fernando Henrique tenha alguns traços de Júlio César: é um conquistador da Gália também. E tem o traço da finura literária.

*Finura literária é coisa de tucano. E por falar nisso, o partido tucano cresceu?*

Elegeu os governadores de Minas, São Paulo, Rio, Ceará. Fez uma bancada razoável, tudo à custa do Real. Agora

pergunto: Será que o governo de São Paulo será tucano na próxima? E o de Minas? E o prefeito de Rio, será tucano? Esta é que é a dúvida.

*Numericamente o partido cresceu.*

Teve adesões, o que é diferente de crescer. Adesões no Congresso. Mas nem por isso o psdb deixa de ser um partido de professores, de notabilidades. Vocês sabem que nesse ponto a vaidade é endêmica. Quem opera a política neste governo é o pfl.

*O futuro depende do desempenho do Real?*

Depende do desempenho do Real. É como eu disse, depende do milagre. O milagre é a reeleição de Fernando Henrique. Ele vai à frente só com o Real e com as reformas constitucionais, cuja estratégia ninguém entendeu, porque ele começou do mais fácil para chegar ao mais difícil. No momento em que ele era mais forte, fez o fácil. No momento em que ele é o mais fraco, tenta o difícil. Ninguém entende isso.

*Até que ponto ele acreditava nessas reformas?*

Ele acreditava que a reforma - e acho que ainda acredita e alguns setores do pfl acreditam piamente - abriria o Brasil para o mundo. É verdade que essas reformas estão sendo feitas por leis complementares a serem realizadas no governo seguinte. Nisso o povo não tem nenhuma participação. O povo não tem vantagem alguma com essas reformas.

*No ano passado, o senhor dizia que o presidente tinha cara de vice. Agora é só dizer que o vice tem cara de presidente?*

Exatamente. O vice tem cara de presidente. É verdade que em outro estilo, um estilo silencioso, atuante, eficaz, eficiente. Esses homens que não falam são perigosos e os homens que não governam a língua são mais perigosos ainda. O Fernando Henrique não segue o preceito de Pinheiro Machado, que teria dito a Getúlio, quando era jovem: “Segura a língua que você vai longe”. O Getúlio parece que era falastrão, quando jovem.

*Que acha do desempenho de José Sarney no episódio da cpi do sistema financeiro?*

O senador José Sarney passou com o seu sorriso do gato da Alice no País das Maravilhas. É um sorriso que permanece depois que o gato saiu.

*Nesse imbróglio tem a sucessão interferindo?*

Esse é outro dado terrível, o problema dos quatro anos. Acho que houve uma certa imprudência em reduzir para quatro anos o mandato presidencial. É pouco. Não se atentou para isso porque, provavelmente, dos deputados que estavam lá, só uns dois ou três sabiam como era o negócio na República Velha. O mandato era de quatro anos, dois anos o presidente governava, dois anos a sucessão governava o presidente. E vai acontecer isso. No fim deste ano vai ser só sucessão. E de certa forma já é neste episódio da cpi que não houve. Mas vimos a figura carismática do Sarney se apresentando à opinião pública.

*E o doutor Itamar Franco é outro candidato a candidato.*

O doutor Itamar acredita na sorte. Aliás, quem viu o doutor Itamar na Presidência também acredita na sorte.

*E o Lula?*

O Lula está enrolado na oposição. Para citar mais uma vez Pinheiro Machado, a oposição é um beco sem saída.

*A estabilidade desmonta o discurso da esquerda e consolida a direita, seria isso?*

Consolida. Tanto que você vê hoje como é difícil alguém se dizer de esquerda. Não é só o problema do Muro de Berlim.[\[107\]](#) Quem se apresenta como esquerdista é tido como um visionário. Hoje você lança uma tese, que é uma banalidade, de que o desenvolvimento deve ter uma finalidade social porque desenvolvimento não é feito para a economia, é feito para o homem - e isso passa como uma heresia. Pretende-se que o desenvolvimento seja eficiência, exportar, se integrar com o mundo. Agora, o povão que se lixe.

*No cenário político, um dos pontos de tensão, claro na relação entre psdb e pfl, é a privatização. O pfl quer privatizar rápido e há setores tucanos que resistem.*

O problema da privatização tem a ver muito com a formação do capitalismo brasileiro. Por que houve empresas públicas? Por que houve, por exemplo, a Petrobras? Porque o capital privado não estava em condições de fazer aquilo.



Agora vem a reversão, a hora da devolução. E a dúvida: será que o capital privado pode absorver isso? O que se viu até o momento foram prazos de pagamento enormes, moedas podres, financiamento de bancos oficiais e preços vis. Privatizações que, na verdade, são passagens de gestão. Evidentemente, o Estado-empresário acabou. Em todo caso, lembro o artigo de um economista chamado Ignacy Sachs. Diz que o Estado-empresário realmente acabou, mas não acabou o Estado-promotor, que se viu no Japão, em Taiwan, na Coréia do Sul etc. Tampouco acabou o Estado-regulador. Mas nem estes são admitidos por aqui. Aqui o pessoal só admite o Estado na função de guarda-noturno e de juiz.

*O senhor vê algum nome forte na oposição?*

Eu não vejo, mas deve existir ou deve vir a existir. Deve pela dialética, pela dinâmica das coisas.

*E a atuação do Vicentinho?* [\[108\]](#)

O Vicentinho é um líder popular fantástico, acho. Mas não sei se no episódio da Previdência ele se saiu bem ou não. Desconfio até que não, faltou uma certa coerência e também faltou distância.

*Faltou a medida.*

Exatamente. Ele entrou no jogo muito entusiasticamente. Mas acho que foi positivo para ele. Acho que é um líder dos melhores que tenho visto nos últimos tempos. Inclusive fala um português correto.

*E o Ciro Gomes?*

Será que é líder? Esse negócio de líder ir para Harvard[[109](#)] pode não dar certo, pode não ser bom.

# O preço da reeleição

*CartaCapital, 25/06/1997*

Junho de 1997 - O presidente Fernando Henrique pagou um preço alto pela emenda da reeleição. E aqui não se faz referência à denúncia de que houve votos comprados a R\$ 200 mil por cabeça. Dois parlamentares do pfl (hoje dem) foram cassados, mas a investigação minguou. A base governista bloqueou a criação de uma cpi. O custo, nesse caso, foi a própria eficiência do governo. Conforme diz Raymundo Faoro nesta entrevista, ela “liquidou a administração”, que, “imantada pela reeleição”, passou inteiramente a girar em torno da conquista do segundo mandato.

O desemprego passou a ser refletido na popularidade do presidente, que, em certas ocasiões, deu respostas reprováveis para o problema. Considerou como a tecnologia gerava o desemprego (nem todos) e que, nesses casos, os cidadãos entravam na categoria do que chamou com frieza sociológica de “inempregáveis”. Faoro, nesta conversa, pergunta:

O que o presidente da República propõe para eles? Só diz que realmente não existe emprego e que no mundo é assim. Será que isso o justifica?

As pesquisas mostravam que a aprovação do Plano Real tinha se descolado da popularidade do presidente e da do

governo.

As pessoas [...] dizem que estão vivendo bem e se mantêm fiéis ao Plano Real, mas, com relação governo, como gestor, as desconfianças e as desilusões hoje são profundas e crescentes.

O mundo é pequeno. Nesta entrevista descobre-se um importante parentesco entre os gaúchos Raymundo Faoro, de Vacaria, e João Pedro Stédile, de Lagoa Vermelha, o mais conhecido integrante da direção do Movimento Nacional dos Trabalhadores Sem Terra (mst). Faoro foi alertado pelo irmão, para não “falar mal do primo”. Stédile é neto de Marieta Faoro, irmã de Atílio, pai de Raymundo Faoro. Aqui também será possível flagrar o entrevistado no apogeu da ironia. A vítima do sarcasmo é ele próprio. Mais um vez, a imprensa especulou que Faoro se lançaria como candidato suprapartidário à Presidência da República. Abaixo, duas das considerações que o entrevistado faz sobre isso.

Isso é muito lisonjeiro, mas evidentemente não tem nenhum realismo, absolutamente nenhum. Já fui presidente da República e vice umas quatro ou cinco vezes e a experiência em ambos os cargos não foi boa. Quer dizer, essa seria a sexta vez, um recorde de presidências. Na América do Sul não sei se alguém viveu experiência semelhante, talvez o Porfírio Diaz, no México.

*O senhor não ouve a voz rouca das ruas clamando pela sua candidatura?*

Ainda não senti. E aqui na frente deste meu apartamento até tem espaço para que 20, 30 mil pessoas se reúnam, mas até agora não vi ninguém. Em matéria de presidências e vices, sempre corro o risco de ser o último a saber.

\* \* \*

*Lemos numa reportagem de Clóvis Rossi, na Folha de S.Paulo, que o senhor pode vir a ser um candidato suprapartidário à Presidência da República pelas esquerdas. Queríamos saber se o senhor já se acertou com o Antônio Carlos Magalhães.*

Realmente, o último candidato da esquerda que tivemos, o presidente vigente, a primeira providência que tomou foi essa de conversar com o pfl para ver qual é o rosto que assumiria depois da posse.

*Mas, e a sua candidatura, conforme a hipótese da Folha de S.Paulo?*

Isso é muito lisonjeiro, mas evidentemente não tem nenhum realismo, absolutamente nenhum. Já fui presidente da República e vice umas quatro ou cinco vezes e a experiência em ambos os cargos não foi boa. Quer dizer, essa seria a sexta vez, um recorde de presidências. Na América do Sul não sei se alguém viveu experiência semelhante, talvez o Porfírio Diaz, no México.

*O senhor não ouve a voz rouca das ruas clamando pela sua candidatura?*

Ainda não senti. E aqui na frente deste meu apartamento até tem espaço para que 20, 30 mil pessoas se reúnam, mas até agora não vi ninguém. Em matéria de presidências e vices sempre corro o risco de ser o último a saber.

*O governo de fhc acha que tem muito mais que 30 mil pessoas nas ruas prontas para aplaudi-lo e as pesquisas provam que apesar de tudo o governo continua gozando de bastante popularidade.*

Uma popularidade cadente. Mas não duvido que o governo não seja tão popular como quando Fernando Henrique se elegeu presidente, que tenha pouco mais da metade da popularidade daquela época. Agora, o que há de singular é que, pela primeira vez, as pesquisas de opinião estão demonstrando que houve um deslocamento entre a popularidade do governo, do presidente como governo, e a do Plano Real. As pessoas, em proporções muito grandes, dizem que estão vivendo bem e se mantêm fiéis ao Plano Real, mas, com relação ao governo, como gestor, as desconfianças e as desilusões hoje são profundas e crescentes. Quer dizer, naquilo que o governo foi confrontado ele tem falhado. E tem falhado em certos pontos com grave deslize ético. Veja que na última entrevista que dei, como “profeta frustrado do Cosme Velho”, digamos, para ficar perto do bruxo do Cosme Velho, [\[110\]](#) disse que só um milagre levaria a emenda da reeleição a ser aprovada.

*E houve esse milagre.*

Não houve só um, houve mais de 130 milagres. Pequei por modéstia, não supunha que a providência planaltina fosse tão inspirada.

*É o milagre da multiplicação de votos.*

Esse milagre é um deslize ético porque foi medida política dirigida para um beneficiário pessoal. E pelo que apareceu em alguns pontos, com votos duvidosos quanto à sua autenticidade. Agora, pior do que isso foi ter impedido a apuração do fato, e dentro de um cinismo que seria impensável no perfil anterior do presidente da República.

*Quer dizer que o senhor ficou surpreso com o comportamento do presidente da República?*

Não, surpreso nunca fico com o comportamento do presidente da República porque ele é, em si, uma caixa de surpresas. O que ele disse há cinco anos, aliás, ele próprio recomendou para esquecer. O que ele disse há dez anos não se aplica para hoje. Fico imaginando que daqui a cinco anos ele dirá que esqueçam o que está dizendo hoje. Ele apela para sua amnésia permanente.

*Qual é a principal falha desse governo? É essa questão ética?*

No aspecto administrativo, o que é o governo? Ele existe? Ele foi capaz de enfrentar os desafios que foram criados pelo próprio Plano Real?

*Quais seriam esses desafios?*

A estabilização. Recordo um livro que li, e parece-me que é a bíblia dos economistas que inspiraram o Plano Real, o livro do Constantino Bresciani Turrone sobre a inflação alemã, que foi traduzido para o português. Bresciani Turrone, diplomata italiano, acompanhou a inflação e a estabilização

como representante da Liga das Nações ou coisa assim, na Alemanha. Ele teve uma visão muito clara. A primeira coisa que um plano desse cria, e a gente vê que criou na Argentina, é a crise da estabilização, quer dizer, imediatamente se revela a escassez de capital, sobretudo de giro. E não mais como no tempo da inflação, quando se recorria a meios artificiais para criar capitais. Hoje a criação de capitais é feita só pela poupança, que no país é baixíssima, e para se socorrer de empréstimos externos o país está desgastado. A maior parte do capital externo vem para a Bolsa, é flutuante, vem e vai. Essa crise se refletiu na crise bancária etc. A Argentina foi surda a essa crise e agora é que estão pensando em tomar providências.

*Na verdade o que se percebe na administração é uma paralisia ou uma ausência.*

A reeleição liquidou com a administração, esta ficou imantada na reeleição e todo o resto passou a girar em torno dela. Teve alguma coisa no campo da desestatização, que em si pouco vale; aliás, a desestatização desemprega, isso se viu. E essa desestatização que está aí é muito peculiar. O que chamam de estatização? Há muito anos, em seu orçamento, o governo não bota dinheiro nas estatais, quem coloca são as agências de crédito, o bndes, bancos oficiais, e eles continuam colocando na empresa privatizada com muito mais veemência, com muito mais entusiasmo. Então a economia pouco mudou.

*Nessa questão do desemprego, o governo argumenta muito com a inevitabilidade do chamado desemprego estrutural.*



O Fernando Henrique fala nos “inempregáveis”. O que ele vai fazer com os “inempregáveis”? Deixa-os morando na rua? O que o presidente da República propõe para eles? Só diz que realmente não existe emprego e que no mundo é assim. Será que isso o justifica?

*Mas no mundo é assim?*

Bom, o desemprego em São Paulo é o desemprego francês.

*Isso em termos de porcentagem, de números. Mas você vai a Paris e não vê os desempregados na rua pedindo esmola.*

Porque existe um tipo de investimento capaz inclusive de manter o desempregado. Na Espanha você também não vê, lá são muitos os desempregados.

*Porque, no decorrer do tempo, alguém fez alguma coisa para enfrentar o problema.*

Pois é. E fez, ao juízo da população, insuficientemente. Veja o governo espanhol, cujo socialismo, como aliás o do Mitterrand, levou a essas medidas não só de austeridade como de indiferença social. O socialismo francês e o espanhol foram varridos pelas urnas. Felipe González foi varrido por um conservador que assumiu essa bandeira. Eu estava na França quando se suicidou o Beregovoy, que foi o idealizador e o aplicador do Plano Real lá deles. Acabou se suicidando, não conseguiu se eleger a mais nada senão a prefeito de Marselha.

*Então está claro que o governo que se diz socialdemocrata é marcado pela insensibilidade social.*

Ah, sim, não tem nada de socialdemocrata. Como essa política não tinha nada de socialista no tempo de Mitterrand e nada no tempo de Felipe González.

*Agora na Europa parece que o vento começa a soprar em sentido contrário ao do neoliberalismo.*

Esse mesmo vento que abala a popularidade do Fernando Henrique.

*O senhor acha que já está chegando aqui?*

Ah, sim.

*Está chegando intuitivamente, digamos assim.*

Não por influência de lá, está claro, porque, como estava falando antes, o Plano Real hoje é uma coisa, a população aprovou e não abre mão dele, mas o governo é outra coisa. Na população já há distinção. Agora, sei que na próxima campanha Fernando Henrique vai mudar de rumo, vai se esbaldar em demagogia.

*Qual a perspectiva de uma candidatura tipo Tarso Genro, uma candidatura de esquerda sustentada por um discurso mais contemporâneo do que aquele de Lula?*

O Lula, sempre que é candidato, provoca uma caça ao Lula em todo o espectro conservador e em grande parte da

classe média.

*Com Tarso seria diferente?*

Ele precisa construir o nome. Porque, quem é o Tarso Genro? É uma pessoa de quem inclusive gosto muito, eu o conheci há mais de vinte anos. Gosto muito dele, mas ele precisa construir a sua imagem.

*Mas tem uma possibilidade maior do que a do Lula, ou não?*

Como possibilidade, sim.

*E as denúncias contra o pt?*

A meu ver, arranjadas. Porque no meio de trezentas prefeituras que têm acordo com a cpem,[\[111\]](#) só as três do pt é que são denunciadas.

*Inventou-se um escândalo para encobrir o caso da compra dos votos pela reeleição?[\[112\]](#)*

Acho que sim. Aliás, essa técnica está sendo empregada com muita eficácia: esconder um fato com um suposto outro fato.

*Quando o pfl decapitou os dois deputados envolvidos no episódio de compra de votos, não incriminou o Sergio Motta?*

Bem, os Magalhães assumiram o poder.

*Estávamos falando de desemprego, da mudança de vento que parece estar ocorrendo. Na sua opinião, como é esse bicho chamado globalização?*

Acho que é quase como um impasse. Aliás, esse é o governo dos impasses porque, se por um lado ele renuncia à globalização, significa que se decidiu por proteger a indústria nacional, sofre represálias, vai estar fora do jogo. É uma coisa muito difícil. Tenho a impressão de que a função de um governo não é aplicar um programa abstrato, mas cuidar do seu povo. E seu povo vai muito mal nesse aspecto, quer dizer, a indústria dele vai mal, a agricultura dele não vai bem, os bancos dele são o que se viu. Não é uma questão de nacionalismo. Mas o que faz o Clinton? Primeiro ele cuida dos interesses dos Estados Unidos. Aos outros ele diz: “Se você fizer alguma coisa com os meus produtos eu acabo com a sua vida”. Então você tem aqui coisas importadas de que não tem absolutamente nenhuma necessidade, importadas por um preço absurdo. O Brasil tem um custo de vida muito mais alto do que o francês, o alemão. O pão aqui é mais caro que na França ou nos Estados Unidos, os produtos básicos são mais caros e com um salário mínimo muito ruim, quase ridículo.

*Depois de Tarso Genro, vamos falar de outro gaúcho, João Pedro Stédile, [\[113\]](#), do mst.*

Devo dizer que não posso falar muito porque o Stédile é meu primo, ele é neto de Marieta Faoro, irmã de meu pai. Portanto fico muito inibido. Meu irmão me ligou e disse: “Vê se você não trata mal o Stédile”. Eu falei: “Tratar mal por

quê?”. Ele respondeu: “Porque é nosso primo, é neto da Marieta”.

*E o mst? Que movimento é esse?*

A reforma agrária no Brasil devia ter sido feita juntamente com a abolição da escravatura. Isso era advertência do Joaquim Nabuco, do Rui Barbosa. Bem, não houve a abolição, soltaram foi o gado doente e imprestável na rua. Mais nada, o gado humano foi solto.

*Eram os “inempregáveis” daquele momento?*

Eram os “inempregáveis”, os velhos, sujeitos sem nenhuma educação, sem nenhum meio de ganhar vida. Quer dizer, a reforma agrária era para ser feita ali. Veio a República e não fez. Não fez porque era muito perigoso fazer, dizia-se que os negros eram muito ignorantes, como se diz dos atuais sem-terra. O que se explorou o emigrante neste país por não ter sido feita a reforma agrária, sobretudo em São Paulo, é uma coisa digna dos anais do pré-nazismo. Já no Rio Grande do Sul foi um pouco melhor porque ali se dava a terra, o emigrante veio para cultivar a terra, talvez até como inspiração militar, para formar um cinturão contra os países do Prata. Mas se deu a terra. Em São Paulo não se deu, se deixou comprar depois de o sujeito ser fielmente explorado, inclusive para comer ele tinha de ir aos armazéns do patrão, uma série de coisas assim. Quer dizer, repressão. Quando essa repressão abrandou um pouco, surgiu o problema, agora agravado pela estabilização. O que faz a estabilização? Ela devolve ao campo muita gente que vai à cidade ou desestimula gente

que é do campo para ir à cidade, onde não existem empregos para eles.

*Voltando ao seu primo Stédile, o senhor acha que ele disse exatamente o que lhe atribuíram sobre invasões ou tem dúvidas a respeito?*

De início acho que ele disse o que o jornal publicou. Depois, sobre o que o jornal publicou, fez-se uma série de ingerências. Ele disse, por exemplo: “Se o povo está com fome que se reúna e diga que está com fome, de preferência na porta do supermercado”. Daí disseram: “Ele quer a invasão de supermercados”.

*Deturparam o discurso dele.*

Deturparam porque ele foi, acho, pouco experiente nisso, como aliás toda a família politicamente é. Ele não avaliou a astúcia dos conservadores, que estão aí porque são astuciosos mesmo.

*Nisso tudo, como o senhor vê o papel da imprensa?*

Quem deturpou foram os meios conservadores. A imprensa se prestou ao jogo. Não fez a crítica. Aliás, no Brasil a imprensa raramente faz a crítica.

*Mas aqueles locutores, aqueles comentaristas da televisão não estavam tomados de uma alegria infundável na hora que diziam que Stédile defendia a invasão?*

Estavam tomados de ira sagrada. Afinal, apareceu o dragão. “Nós, são Jorges, descobrimos nosso dragão.” E pegaram o Stédile e o colocaram vomitando fogo. Porque, se não houvesse o dragão, são Jorge estaria desempregado.

*Por que a imprensa se presta ao jogo?*

Porque hoje não se faz uma imprensa sem grandes capitais.

*Não é estranho que seja permitido que grandes grupos de comunicação possam deter espaço na telefonia, por exemplo? Agora é possível que, além da Banda b, a tv Globo, por exemplo, compre também a Embratel. Isso não é um excesso de concentração de poder?*

Mas será que a economia brasileira não é assim tão centralizada? Digamos, o Antônio Ermírio, a Votorantim. Não é também um império? Agora, é claro que o sujeito que tem um império não pode ir muito longe com críticas em um país patrimonialista, porque se for muito longe ele leva um tombo. O próprio Antônio Ermírio, com toda a sua independência, levou um tombo no episódio da privatização da Vale do Rio Doce. Agora, poderíamos ter leis para salvaguardar os interesses da sociedade. Evidentemente aqui o abuso do poder econômico está na imprensa, está na empresa, está em toda parte. A imprensa não cumpre o seu papel, acaba servindo ao império. Ainda assim a oposição consegue falar porque ela deixa brechas. O Lula aparece na mídia, há uma brecha para ele. Não me parece que a mídia seja o ópio do povo. Por exemplo: todos os jornais dizem que o Paulo Coelho não vale nada, mas é o sujeito mais lido

no Brasil em todos os tempos, é o mais lido na França, onde os jornais também dizem que ele não vale nada. Mas, de um modo geral, a imprensa cuida de publicar aquilo que o público gosta de ler. O político faz a mesma coisa, ele fala aquilo que o sujeito gosta de ouvir, certo de que agindo assim a crítica não existe. Portanto, o problema não está na imprensa, mas na estrutura da sociedade. Sabemos que outros países têm um nível de desigualdade que não é tão profundo. Então no momento que houver um movimento social e econômico para que as desigualdades fiquem menos desiguais, talvez esse fenômeno acabe.

*Falemos do futuro. Itamar Franco não seria uma personalidade que ainda tem chances? Até agora, não foi contaminado por denúncia nenhuma.*

Não sei responder por quê, mas o Itamar presidente da República foi para mim uma surpresa da qual ainda não estou refeito.

*Por quê?*

Não era verossímil o Itamar presidente da República, ele não tinha cacife político para isso. Foi um acaso.

*O senhor está se referindo à estatura intelectual ou moral de Itamar?*

Eu tenho medo da ironia. Na minha última entrevista, disse que o Fernando Henrique escrevia muito bem e todo mundo sabe que ele não escreve ou o que ele escreve é pouco legível. Fui cobrado por causa disso.



*Itamar é um estadista?*

Acho que se vocês perguntassem isso ao fhc ele diria: "Ele é um estadista porque me convidou para ser ministro duas vezes".

*O Brasil já teve estadistas, já teve políticos superiores a esses que estão aí?*

Não, acho que o padrão é esse.

*O Vargas não era melhor que esses?*

Bem, também vocês apelam logo para a hagiologia. Vargas era o santo deles todos.

*Mas o diário de Vargas não é desanimador?*

Mostra uma mediocridade... Ou ele era muito esperto que até se escondeu dele mesmo...

*Apareceu alguém para enfrentar Fernando Henrique na próxima eleição?*

Acho que ainda não.

*O Itamar é uma hipótese?*

É uma hipótese. Mas ultimamente a sucessão presidencial no Brasil tem sido uma caixa de surpresas. Quem preveria o Sarney? Quem preveria o Fernando Henrique? Acho que o último ano é um ano crucial, 1998.

*Qual é a sua percepção com relação a esse tempo que nos separa da eleição?*

Se formos considerar as coisas racionalmente, sem intervenção da providência divina, que ajudou todos esses personagens, diria que o Fernando Henrique ainda tem chances porque a gente não vê quem o baterá. Eu não vejo.

*Mas há dois meses ninguém citaria a providência divina.*

Sim, há dois meses a eleição era supérflua, hoje já poderia haver segundo turno.

*Portanto o quadro do futuro, visto hoje, diz: Fernando Henrique reeleito e essa situação perpetuada.*

E um pesadelo no segundo mandato.

*O Plano Real resiste ou o pesadelo nasce do fato de que o Real faz água?*

Pode inclusive não resistir, ou então o Plano Real sacrificará o governo Fernando Henrique. Acho que no segundo mandato vem a cobrança.

*Isso porque clareiam certas questões que o governo não tem condições de resolver.*

Não tem condições, dentro desse projeto não tem condições. É um projeto oportunista e que muda todo dia.

*Qual seria o projeto correto com relação ao Plano Real?*

Devo dizer que minha incompetência nisso é dogmática.

*Mas o senhor é candidato.*

Depois de a candidatura ganhar as ruas, eu nomearei uma equipe. Aí vou chamar os economistas. Aliás, não se fez outra coisa no Brasil nos últimos quarenta anos. Vou chamar os economistas e tentar traduzir o que eles dizem.

*E qual o destino do Serjão?* [\[114\]](#)

Não sei, não conheço bem este personagem.

*Há um ano o senhor dizia: “Não conheço bem este personagem que trafega nas sombras”.*

Ele não opera na sombra porque tem um vulto muito grande, ele projeta sombras enormes. O que ele fala realmente não me entusiasma. Acho que a sabedoria dele não vai para os anais da República ou, se vai, é porque a República não é a mesma. Diga-me uma coisa que ele disse e que preste.

*Lembramos a masturbação sociológica e um ataque a Antônio Carlos Magalhães durante a campanha eleitoral. Ele sustentava que com essa aliança o Fernando Henrique iria para o brejo.*

Bom, então ele é um profeta.

*Se não fosse essa aliança, o senhor acredita que o Fernando Henrique poderia conduzir outro tipo de política?*

Acho que sim, ele poderia manter o Plano Real com imensa autoridade. Essa aliança era dispensável. Ele poderia ter os votos mantendo incólume sua autoridade, de certa maneira até a não suspeição dele. Mas acho que ele jogou esse capital fora. Tem de começar tudo. Aliás, o Fernando Henrique está inovando em matéria de discurso, como no recente discurso das baionetas. O Fernando Henrique tem manifestações antológicas e essa baioneta é uma delas. Ali ele chamou os militares só contra Stédile, contra nós não, como em 1964 os políticos chamaram os militares contra o Jango. Todos ficamos preservados daquilo. O Fernando Henrique tem tiradas realmente dignas dos anais da história. Teve gente que entendeu muito literalmente o discurso de Fernando Henrique. Mas quando ele falou em eletrodomésticos, quando ele falou em salsicha não era bem salsicha, baioneta também não era bem baioneta.

*Na sua primeira entrevista depois da posse de fhc, o senhor dizia que o novo presidente não tinha fisionomia.*

Hoje tem, só que a orelha é do Antônio Carlos, o queixo do Inocêncio de Oliveira.[\[115\]](#) A única coisa que não sei é com quem ficou a cabeça.

# A apostasia de Fernando Henrique

*CartaCapital*, 24/06/1998

Junho de 1998 - Está em curso a campanha eleitoral. Fernando Henrique Cardoso mergulha na campanha da reeleição. Disputa novamente com Lula, que, desta vez, ameaça a vitória do tucano. Não há constrangimento em usar a tática terrorista para afugentar o eleitorado da candidatura petista. Surge a acusação de que a vitória de Lula traria o caos. Uma fórmula que voltaria a ser usada nas campanhas eleitorais para a Presidência. Faoro fala sobre isso e responde com o óbvio: Lula não faria um governo revolucionário eleito pelo processo democrático. O teor da campanha de fhc consolida, para Raymundo Faoro, o último ato de conversão do tucano. "Ele aderiu ao território dos outros, o da direita." Essa migração política é o principal tema desta entrevista, na qual o entrevistado resgata uma observação de Max Weber: "A política é um pacto com o demônio".

[Fernando Henrique] É um homem que se deslumbrou com o poder. E que talvez [...] sempre tenha perseguido o poder, inclusive na universidade. Não na sua tese inicial, mas talvez sempre tenha escrito em função do poder. Mas o poder por outra escada. O que me surpreende não é Fernando Henrique querer o poder, é a escada que ele subiu. Ele estava na escada da esquerda e subiu na escada da direita.

Faoro é implacável na avaliação de Fernando Henrique, que, segundo ele, abraçou a globalização como um acólito: acriticamente. Mas o que mexeu com o humor do entrevistado foi mesmo a pregação de que uma eventual vitória de Lula representaria o caos.

Quando ouço o presidente da República falar em caos, me lembro disso como uma incitação golpista e irresponsável. Evidentemente, ele fala para assustar eleitoralmente, esperando que a sua fala não tenha conseqüências. Mas pode ter, e conseqüências fatais para a ordem democrática. O presidente não está levando em consideração o conceito básico da democracia, que é a soberania popular, o sufrágio eleitoral. Quer dizer que, reconhecida a soberania do povo, este elege o caos.

A consolidação da travessia de fhc da esquerda para a direita teria se dado, segundo Faoro, no período do primeiro governo. Um caso que pode ser considerado singular na história brasileira. Ao entrar na oligarquia ele teria se tornado “mais oligárquico do que os oligárquicos nordestinos”.

Politicamente Fernando Henrique Cardoso, na visão de Faoro, seria a experiência de um Frankenstein inacabado. Ele teria ficado com a orelha de Antônio Carlos Magalhães, o queixo de Inocêncio Oliveira. Faoro só não soube, ou não quis, definir de quem foi copiada a cabeça.

\* \* \*

*Quando ouve falar em baderna e caos, [\[116\]](#) o senhor lembra o quê?*

Bem, as intervenções militares no Brasil se deram dessa maneira. Todas desastradas. Quando ouço o presidente da

República falar em caos, me lembro disso como uma incitação golpista e irresponsável. Evidentemente, ele fala para assustar eleitoralmente, esperando que a sua fala não tenha conseqüências. Mas pode ter, e conseqüências fatais para a ordem democrática. O presidente não está levando em consideração o conceito básico da democracia, que é a soberania popular, o sufrágio eleitoral. Quer dizer que, reconhecida a soberania do povo, este elege o caos. É curioso que um cidadão com o currículo de Fernando Henrique em quatro anos de poder se tenha convertido num político capaz de dizer isso. É, talvez, o caso mais singular da história política do Brasil: a mudança de uma pessoa que entra na oligarquia e se torna mais oligárquica que os oligárquicos nordestinos.

*Como Antônio Carlos Magalhães, que também fala em caos.*

Antônio Carlos Magalhães é o inspirador. Fernando Henrique, o discípulo fiel e leal. Para Antônio Carlos, talvez uma intervenção militar seja normal. Ele já esteve em tantas que uma a mais ou uma a menos... Mas para quem pretende ter assumido um compromisso democrático a significação é muito mais profunda e mais grave. Se Fernando Henrique fala e Antônio Carlos aceita, não há singularidade. Mas se Antônio Carlos fala e Fernando Henrique transforma em slogan de campanha, existe aí uma grande diferença. Quer dizer, um é *habitué* do “eu ou o caos”, o outro é um converso.

*A conversão de Fernando Henrique era previsível?*

Bem, nestes três anos e tanto de governo, foi-se percebendo que Fernando Henrique é um converso com todo o zelo dos conversos, zelo até maior do que o zelo de quem fez a catequese.

*Isso tudo o surpreendeu?*

Me surpreendeu, muito. Primeiro, Fernando Henrique me surpreendeu na aliança que fez para chegar ao governo, que era desnecessária. O argumento usado no tempo é que essa aliança teria de ser feita, de qualquer maneira, no Congresso. Mas há uma grande diferença qualitativa em uma aliança feita para se eleger e uma aliança feita para governar. Quer dizer, uma, a para eleger, é transitória, destina-se a um certo objetivo instantâneo; a para governar é definitiva. Nesta, a pessoa vende a alma ao demônio. Mas o recente mestre dele, Max Weber, advertia que “política é um pacto com o demônio”.

*Por que Max Weber é mestre recente?*

Porque a formação dele, obviamente, é marxista.

*Mas Fernando Henrique sustenta, inclusive em uma entrevista a CartaCapital, de outubro de 1994, que Weber o inspira há muito tempo. Naquela entrevista, recém-eleito presidente do Brasil, ele se dizia uma mistura de Weber com Marx.*

A crítica mais contundente feita ao materialismo histórico é de Weber. Diga-se que certa vez, por curiosidade, comprei um dicionário de filosofia que traduzia o marxismo



soviético, editado na Alemanha Oriental. No verbete Max Weber, se diz que era o mais terrível inimigo do marxismo. Uma coisa é certa, Marx é incompatível com Weber. Já Weber é compatível com Marx, desde que não se trate do Marx da ortodoxia, do materialismo histórico. A compatibilidade, no caso, diz respeito ao método, não às idéias. Neste campo, não há misturas possíveis e o próprio Weber advertia que o marxismo não é um ônibus do qual se possa descer impunemente.

*Quer dizer, Fernando Henrique confia na nossa ignorância.*

Ele tem o complexo - e não só nisso - do rei filósofo; o paradigma seria o rei filósofo de Platão e no caso dele seria o do príncipe sociólogo, em que ele é o mestre e a turba ignara se compõe de discípulos mal aproveitados. Por isso ele se dá ao luxo de falar em “ignorantes”, “neobobos”, “vagabundos”. Quer dizer, ele não é só o reitor intelectual, mas também o reitor moral da sociedade. E é esse papel que não está agradando, conforme as pesquisas eleitorais.

*No começo da campanha à Presidência, e mesmo depois, ele dizia ter um pé na cozinha. Afirmava: sou mulato e como buchada de bode.*

Bem, ele saiu do rei filósofo, de Platão, que era um aristocrata, para o príncipe sociólogo, que tem uma pitada de umbanda. Mas o modelo é o mesmo. Para conquistar o carisma, ele tem de demonstrar que também é povo. Ele quer dizer: apesar de ser um príncipe sociólogo, também vivo como vocês, sou como vocês.

*É, mas agora ele abandonou essa linha um tanto populista.*

Mudou o discurso, não a vertente. A vertente é sempre esta: esse é um povinho de caipiras, uns pobres-diabos que são capazes de levar o país ao caos.

*Quando ele diz “o caos é o retorno da inflação, mas nós não permitiremos”, o que isso significa?*

Significa que, sem ele, a inflação volta e, com a inflação, o caos.

*Sim. Mas “nós não vamos permitir”.*

“Nós não vamos permitir”, isso é uma ameaça implícita.

*E se perder nas urnas?*

Se perder nas urnas, tem de se evitar o caos por outros meios.

*Há outra interpretação possível para esta frase?*

Acho que nenhum discurso de um político, de um homem do poder, de qualquer pessoa, se interpretado corretamente, é um discurso inconseqüente. Hoje em dia, a ciência social não é mais uma ciência explicativa, de interpretação. Hoje, os grandes nomes das ciências sociais, como Gadamer, Emilio Betti, Weber, pai dessa sociologia compreensiva, ensinam que nada é ocioso. Betti, por exemplo, escreveu sobre leis, mas se tornou uma das figuras básicas da ciência social moderna. Ele diz que não

há palavras ociosas na lei. Qualquer palavra, porque sempre se quer dizer alguma coisa.

*Como o senhor está vendo a próxima eleição?*

Lembro que este foi um dos assuntos da nossa entrevista de um ano atrás. Então era impensável que a reeleição de Fernando Henrique não se desse no primeiro turno. Agora, embora não haja elementos que demonstrem isso, é admissível que o segundo turno possa não ser com Fernando Henrique. Este mês de junho é muito importante porque vai definir o quadro sucessório nos estados e na União. Mas há indicadores de mudança dos humores populares faz tempo. Lembro-me de uma pesquisa do Ibope que dava 63% de aprovação para Fernando Henrique, em março passado, e isso era interpretado como votos de reeleição. A pesquisa, no entanto, era muito detalhada. E dentro dela percebi um paradoxo, porque 63% aprovavam, mas os trabalhadores desaprovavam; os desempregados desaprovavam; os próprios industriais não eram unânimes, 60% aprovavam, mas 30% desaprovavam; os professores e os funcionários públicos desaprovavam. Então, se você somasse estes setores com um anuário estatístico na mão, veria que a maioria estava contra ele, embora declarasse ao mesmo tempo que iria reelegê-lo. Ocorre que faltava o ambiente da consciência eleitoral. Claro que agora não tenho a eleição dele como perdida. Mas ele ainda tem de dar muitas explicações, tem de convencer a população de muita coisa. Também não dou como certa a presença do Lula no segundo turno, porque acho que ele tem de explicar também mais coisas, inclusive se o partido dele está apto

para governar, considerando as facções que tem e as contradições que abriga.

*E os outros candidatos, por exemplo, o Ciro Gomes?*

Como falei antes, não tenho como avaliar a possibilidade de Ciro Gomes deslanchar. Também não tenho como avaliar a possibilidade de o senador José Sarney entrar na luta sucessória. Acho que os dados ainda não estão definidos.

*Há quem diga que bastaria achar um candidato novo e atraente para derrotar Fernando Henrique.*

Acho que não basta isso. Uma eleição presidencial se faz com os meios de comunicação. No caso de Ciro Gomes, por exemplo, ele está se queixando, me parece com razão, que os meios de comunicação estão fechados a ele. Ele só terá o horário eleitoral que, por enquanto, é muito pequeno. Foi a dificuldade de Lula na eleição contra Collor.

*Quem poderia ser o tertius nesta eleição?*

Há um ensaio do Georg Simmel, que foi um grande filósofo e sociólogo alemão, contemporâneo de Weber, sobre os triunviratos. Por que nenhum triunvirato do mundo deu certo, sempre alguém predominou? Um vai predominar. Mas qual e como? Não acho que Ciro esteja ainda na posição de *tertius*, para chegar lá tem de crescer. Segundo a hipótese de Simmel, o terceiro deveria dispor de instrumentos que os dois contendores principais não tinham. Os dois entram em choque, o terceiro começa a subir sem ataque. Esse fenômeno aconteceu em São Paulo

na eleição de Orestes Quércia ao governo do estado, em 1986. Antônio Ermírio se engalfinhou com Paulo Maluf e Quércia foi subindo incólume. Quando ele se tornou competidor real, já era muito tarde para os outros dois.

*E José Sarney?*

Este é um enigma. Se ele viesse, poderia ser o *tertius* porque vai para um patamar superior ao de Ciro. Pelo menos de saída.

*Mas Sarney não é oposição, é da turma.*

É um outro ramo conservador. Talvez ele seja tão conservador quanto o Antônio Carlos. Mas, atualmente, acho que a posição de maior zelo, hoje, na turma, é a de Fernando Henrique. Mas também é o mais desgastado. O Sarney foi muito desgastado, hoje já não é mais. Nove anos apagaram a memória. Em todo caso, em relação a Fernando Henrique, é preciso dizer que Sarney é mais autêntico porque não é um converso. No começo, Fernando Henrique realmente se esforçou para se apresentar como de centro-esquerda, a fim de assumir o papel de condutor da aliança governista. Ele, hoje, perdeu este papel e aceitou tê-lo perdido.

*Como assim?*

Porque, no momento em que ele reproduz a tese do caos, não tem mais um território próprio; ele aderiu ao território dos outros, o da direita.

*As pesquisas mostram o quê? Que o povo se sente traído?*

Se sente traído, porque votou no Fernando Henrique e no Plano Real. Quanto ao plano, continuo achando que foi uma decisão brilhante, mas o desenvolvimento foi desastroso.

*O povo está querendo um governante que cuide dele. Sarney representa isso aos olhos do povo?*

Não representa. Aliás, sou suspeito porque nunca vi em Sarney nada além de um vice que chegou a presidente.

*Vamos citar aí a distribuição de leite, o tíquete-refeição, são coisas do Sarney.*

É, são aspectos do populismo do Sarney. Era menos arrogante que o Fernando Henrique. O Sarney não saía denunciando caipiras ou neobobos.[\[117\]](#) Ele fazia uma retórica puramente ridícula, corajosamente ridícula, mas era ele.

*Mas hoje ele tenta um diferencial, saindo em defesa da indústria nacional.*

Esse eu acho o aspecto importante que o Ciro ainda não captou. Aliás, a globalização chegou aqui como chega para um acólito: acriticamente. A importação passou a ser solução e depois se tornou necessária porque ela segurava os preços. Aí veio um déficit comercial que é insuperável.

*O senhor acha que nesses últimos anos o povo brasileiro melhorou em matéria de sensibilidade política?*

Acho que, de 1950 para hoje, aconteceu não uma melhora, mas um milagre. Temos dois Brasis de 50 para cá. É claro que uma ditadura, que veio em 1964, é um fator adverso. Então a ditadura é capaz de eleger um Collor, porque quem elegeu o Collor foi a ditadura, tirando da população a consciência política que ela passou a readquirir, e de uma forma muito lúcida, a partir do Fernando Henrique, do Plano Real e do malogro do Plano Real. Do malogro encoberto. A população está sabendo que foi iludida. As classes c e d, que eram os grandes baluartes de Fernando Henrique, hoje praticamente estão contra. Estão abaladas com a perda do que para elas é essencial, o emprego. O Nordeste, que era cativo desses setores, se você vê hoje os inquéritos de opinião, não está mais com Fernando Henrique.

*O fenômeno também se chama Uberaba.[\[118\]](#) O centro mais conservador da já conservadora mineirice, há quem diga. Pois Lula passou Fernando Henrique em Uberaba. Mas, ao mesmo tempo, isso remete a outra coisa. Há um conflito de terras inquietando o país e a questão repercute fortemente em Uberaba, região de fazendeiros ricos. As pesquisas atuais não podem estar circunstancialmente expressando uma reação nervosa?*

Podem. Me coloco agora no papel do Fernando Henrique que eu conhecia. Qual é a tese marxista? As idéias dominantes são as idéias da classe dominante. Quer dizer, você está tendo aí um fenômeno de idéias dominantes que

não são da classe dominante. Quer dizer, é um paradoxo marxista. Mas, provavelmente, no fim, talvez Marx acabe tendo razão. Esse é o risco.

*Fernando Henrique está mostrando os limites dele como político?*

Acho que ele não é político, é um intelectual com alguma expressão, mas que não entendeu nada da política. No começo, quando afirmava gostar de buchada, andou à cata de carisma. E o carisma não veio. Então ele caiu na realidade, ou melhor, caiu na vida.

*Mas o que o encantou? O que provocou essa mudança?*

Sou um estudioso da obra de Machado de Assis[119] e Machado de Assis tinha uma interrogação com respeito a uma das suas personagens, a Capitu de *Dom Casmurro*: a Capitu da rua Matacavalos[120] era a mesma da rua da Glória ou tinha se transformado? Quer dizer, a Capitu menina, apaixonada pelo Bentinho, pura, e depois a Capitu da Glória, suspeitada de adultério. Seria a mesma? Esse é o grande problema.

*Quer dizer, então, que o dilema do Fernando Henrique é machadiano.*

Acho que Machado de Assis gostaria de examinar a questão, porque realmente é muito difícil saber onde está a Capitu, se é a da rua da Glória ou a da rua Matacavalos.



*O dado reeleição entra neste processo, seja em função da reação da sociedade, seja em função desse dilema existencial?*

Acho que entra. Não que o eleitorado tenha repudiado a reeleição, isso não me parece comprovado, mas o que perturbou o governo de Fernando Henrique foi a reeleição, porque, para chegar à reeleição, valeu tudo.

*Foi aí que ele mudou da Matacavalos para a Glória?*

É, nestes quatro anos. Aliás, devo dizer que tenho dúvidas se a Capitu realmente era adúltera, sem nenhuma referência ao Fernando Henrique. Aliás, tem a tese de uma senhora americana que sustenta que não houve adultério algum. O Bentinho era um ciumento passional-psicopata, escreveu um livro, mas não ouvia a parte contrária. Então, quero fazer essa reserva para salvar a honra de Capitu.

*Então a reeleição foi a moeda da troca?*

A moeda. A emenda da reeleição e a reeleição, que era favas contadas.

*Então Fernando Henrique se embeveceu com o poder?*

É um homem que se deslumbrou com o poder. E que talvez - e aí eu volto à tese da Capitu - sempre tenha perseguido o poder, inclusive na universidade. Não na sua tese inicial, mas talvez sempre tenha escrito em função do poder. Mas o poder por outra escada. O que me surpreende não é Fernando Henrique querer o poder, é a escada que ele

subiu. Ele estava na escada da esquerda e subiu na escada da direita.

*Qualquer escada servia?*

Qualquer escada servia. Pensei que, para Fernando Henrique, só uma escada servisse.

*Será que, ao ser eleito presidente, ele imaginou poder ainda usar a escada da esquerda?*

Não, acho que, no momento da aliança, entendeu poder usar as duas escadas, só que a certa altura a escada da esquerda não servia mais, não era mais viável. Então ele está tentando a reeleição pela escada pela qual acabou subindo.

*O Lula também se mudou da rua Matacavalos para a rua da Glória?*

No caso do Lula, se não mudasse não chegaria ao poder. Mas acho que a mudança dele é quantitativa e não qualitativa. Ainda é de esquerda, digamos assim, da esquerda possível. O raciocínio que o velho Lula não fazia, o novo Lula fez: qual é a esquerda possível? Agora, eu não creria, jamais, que o Lula desse um salto dessa esquerda para a direita, que ele mudasse de escada. Isso seria um absurdo para mim.

*Lula age dentro do partido com um certo autoritarismo?*

Não vejo muito o Lula como autoritário, como chefe de partido. E devo dizer, em certa medida, que isso é um defeito. Porque às vezes é papel do líder contrariar minorias e até excluir a minoria. A minha dúvida, às vezes, quanto ao Lula, é que ele não usa da liderança como deveria usar. Brizola, por exemplo, usa a liderança demais. Lula está usando a liderança de menos.

*Vamos imaginar o futuro. Se Lula ganha a eleição, que acontece?*

Acontece que vai sentar-se em cima de uma bomba, porque a herança é explosiva. Não é uma situação que se possa resolver a curto prazo. E aí exigiria uma criatividade, uma agilidade que não sei se ele tem. Quer dizer, se num pequeno prazo conseguiria articular-se uma mudança no Congresso. Estou certo de uma coisa: o eventual governo de Lula não será revolucionário. A idéia da revolução já está banida da cabeça dele.

*Mas que riscos o Brasil corre? O pessoal fala em caos, não é mesmo?*

Se a idéia de caos se aprofunda, os riscos são imensos. O primeiro risco é de uma conspiração militar, como surgiu em 64. Porque, se é o caos, existem os messianistas militares que se enxergam como anticaos. Eles não percebem que eles são o caos levado ao absoluto.

*Será que o Brasil continua exposto a esse tipo de risco?*

Continua. Mas há também o risco da conspiração política na maioria do Congresso - que o Lula não terá - para tirar dele as condições de governabilidade. Seria um outro tipo de golpe. Quer dizer, há o golpe militar e há o golpe civil.

*Surpreenderia ao senhor a volta da tese parlamentarista, como em seguida à renúncia de Jânio Quadros, em 1961?*

É uma hipótese. Mas com o Brizola no governo seria uma hipótese inviável. Parlamentarismo com o Lula seria um golpe civil, dentro do esquema tradicional. E lançaria a semente de outro golpe, como 64 se seguiu a 61.

*Mas o que é este caos de que falaram Fernando Henrique, Antônio Carlos e outros mais?*

O caos é o sufrágio popular capaz de eleger alguém que o grupo deles, o estamento deles, a oligarquia deles não aceita.

*Haverá quem diga que, se os riscos são tantos, é melhor mesmo reeleger Fernando Henrique?*

A bomba não é o sucessor quem vai fazer. A bomba já está lá. Então o Fernando Henrique vai sentar em cima da mesma bomba. Com uma diferença: que a maioria congressual vai dizer que não é uma bomba, que foi um curto-circuito. Mas as dificuldades serão as mesmas. E com um agravante, porque as soluções são as mesmas. O ciclo de endividamento, de desgaste, de déficits, de viver acima dos meios vai ser levado ao infinito. Então vai chegar um momento em que as coisas vão explodir com o Fernando

Henrique. Com o Lula, ou com outro, pode haver uma mudança de orientação.

*Esse é o lado, digamos, menos pessimista ou até otimista.*

Exatamente. Quer dizer, a terapêutica do Fernando Henrique é essa, sem possibilidade de mudar. Se mudar, talvez a base dele entre em combustão. Nesse momento, a solução sensata - e isso o povo está percebendo - é você, não digo tirar o Fernando Henrique porque seria personalizar, tirar esse tipo de política de lá.

*E aí talvez surgisse efetivamente a possibilidade de uma reviravolta na história do país.*

Poderia.

*Apesar dos riscos de golpe civil e militar, esta é ainda a melhor solução?*

É a melhor solução, porque significa a possibilidade de uma solução. De um rumo. Porque, agora, não há rumo.

*Ou seja, nos advertem sobre a ameaça do caos, mas, de verdade, já vivemos no caos.*

É a antiga tese da República Velha, da beira do abismo. Aqueles políticos nunca perceberam que não estavam à beira do abismo, estavam é dentro do abismo. O Fernando Henrique quando fala "eu ou o caos", ele não sabe que está no caos. Exatamente porque a dinâmica da política implantada não tem solução dentro das premissas da

política implantada. Fernando Henrique diz que a política deve obedecer à ética da responsabilidade. No entanto, ao defender a idéia do caos - antidemocrático, ditatorial - ele acaba fazendo exatamente a apologia da irresponsabilidade.

*Ele estaria blefando?*

Alguém acreditava no Carlos Lacerda, lucidamente, quando pregava a derrubada? Quer dizer, ele queria que o Jango renunciasse, saísse do coma, não queria a derrubada, queria uma situação em que ele, Lacerda, se elegeisse.

*Lacerda semeou vento e não esperava a tempestade.*

São os chamados efeitos perversos, indesejados. Então é claro que Fernando Henrique não quer o golpe. Quer, porém, um efeito eleitoral e não está contando com efeito real.

# A reeleição e o estelionato eleitoral

*CartaCapital*, 17/03/1999

Março de 1999 - Começa o segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso, com uma novidade. O psdb, partido do presidente, adota o tucano como símbolo. Essa ave tropical de bico grande e colorido foi a resposta que os tucanos deram às acusações de submeterem o país às regras da globalização sem controle e, também, de desmontarem o Estado brasileiro com as privatizações. Na competição eleitoral, o candidato petista, Lula, chegou inicialmente a assustar o tucano. Embora produzisse um brutal índice de desemprego, o Plano Real, que a oposição havia menosprezado, ainda teve força suficiente para garantir a reeleição já no primeiro turno. Nos meses que antecederam a eleição o presidente, de olho nas urnas, sustentou a paridade Real-Dólar. No dia 12 de janeiro, décimo segundo dia do segundo mandato, o governo fez a desvalorização da moeda em 35%. Um golpe nos eleitores e no mercado. Faoro percebeu o artifício.

É uma artimanha. [...] O que a elite faz é ignorar o povo, pensa que o povo não existe. E até agora não tem existido. No dia em que o povo existir vai ser uma surpresa, talvez uma surpresa que vai tumultuar a paz desses cidadãos.

Ele havia predito que só um milagre faria a emenda da reeleição ser aprovada. Posteriormente, com as denúncias de compra de apoio no Congresso, percebeu-se que o milagre se realizara no ato da multiplicação de votos. Ele chega a elogiar o equilíbrio provocado pelo Plano Real, mas, acha que “a reeleição sacrificou tudo”.

O nosso governo sumiu. “Onde está o governo?”, pergunta Faoro nesta entrevista. Para ele o governo Collor tinha se prolongado programaticamente para dentro do governo Fernando Henrique. Faoro pergunta, e ele mesmo responde.

Quem manda é uma aliança apócrifa, feita para a reeleição. O país um dia conta com a liderança do pfl, que é a mais enérgica; outro dia com o pmdb, que negocia alguma coisa para levar; outro com o partido do Maluf. Noutro todos se unem. Mas o Estado não está tomando papel algum. Se tivesse uma política econômica, ele teria feito o equilíbrio. O que qualquer Estado faz? Protege o capital, protege os operários, protege os empregos.

fhc foi reeleito. Afora o erro na avaliação do Real, a esquerda e a oposição de um modo geral não foram capazes de capitalizar os danos provocados pelo plano. Faoro incluía Lula, a expressão maior da oposição, no erro que identificava como falta de proposta alternativa, “uma ruptura com o esquema de poder que está aí”.

Em uma situação de ruptura, talvez o Lula não tenha possibilidade de diálogo com certas áreas. O que é uma ruptura? É necessário, em primeiro lugar, não que um grupo, que um partido avance, mas é necessário que se rompa a frente dominante, que um dos grupos, ou partidos que a compõem, a abandone. O candidato dessa área seria o pmdb, galvanizado pelos governadores.



Lula enfrentaria o teste no futuro. O profeta não pôde testemunhar mais esse acerto.

\* \* \*

*Se Dante Alighieri contemplasse a figura de Fernando Henrique, ele o colocaria no inferno, no purgatório, no paraíso ou no limbo?*

O inferno não é um lugar tão degradante, porque o Guido Cavalcanti estava lá, e é um grande poeta. Acredito que ele o colocaria no limbo sem lhe saber o nome. Descreveria qualidades, de modo que os intérpretes poderiam chegar lá. Como existe no inferno um personagem que é um papa, Bonifácio viii, cujo nome Dante não pronuncia, mas sabe-se que é ele. Ele não se nominou para entrar na *Divina comédia*. Eu acho que ele não entrou nem na comédia humana.

*Refere-se a Balzac?*

A personalidade dele se esfumou, se desfez com a coligação da reeleição.

*O Antônio Carlos Magalhães ocupou todo o espaço.*

Ocupou e outros ocuparam. Hoje, se lê no jornal: o Banco do Brasil e a Caixa Econômica vão ser privatizados? O pfl diz que sim e os funcionários do banco, do terceiro escalão, dizem que não. Mas onde está a palavra final? Quer dizer, Fernando Henrique sumiu na coligação.

*Ele andou atacando os burgueses ricos.*

Pois é, está com essa coisa obsoleta. Os burgueses nem existem mais, os burgueses existiam no fim do século passado nas obras de Flaubert. Trata-se de uma obsolescência francesa. O que o operário quer hoje? É paradoxal, mas ele quer que o burguês seja próspero porque quer emprego. Ele não está contra o burguês, não está contra o capitalista. Ao contrário, ele quer que o capitalista tenha a possibilidade de manter a empresa funcionando, a bem do seu emprego, do seu salário.

*Como fica o conflito de classes nessa história?*

Neste momento, o conflito de classes, praticamente, está em trégua. Mas a classe operária e a outra classe encontraram um ponto de junção que não é incomum na história. Elas não estão mais em conflito, elas estão querendo se ajudar.

*Qual o momento na história em que teria ocorrido situação semelhante?*

Getúlio Vargas conseguiu uma confluência em certos momentos do governo dele. Talvez o conflito seja até um dogma. Para que as classes lutem, é necessário que elas existam. Se você está com uma classe operária em decomposição, ela não pode lutar.

*Neste momento, como deveriam agir o operário e o empresário?*

Eles estão congruentes numa coisa: na cautela contra a globalização. Nisso eles estão confluentes. Na necessidade de sobreviver. Eles sabem que, com a globalização, não sobrevivem. Mesmo porque sabem que, com a globalização, o acordo é muito difícil, porque às vezes se está negociando com uma filial, aqui, que não tem nenhum compromisso de estar aqui. Não é mais ou menos isso? O que se vê em São Paulo não é mais ou menos isso?

*Sendo assim, que papel caberia ao Estado?*

O nosso governo sumiu. Onde está o governo? Quem manda é uma aliança apócrifa, feita para a reeleição. O país um dia conta com a liderança do pfl, que é a mais enérgica; outro dia com o pmdb, que negocia alguma coisa para levar; outro com o partido do Maluf. Noutro todos se unem. Mas o Estado não está tomando papel algum. Se tivesse uma política econômica, ele teria feito o equilíbrio. O que qualquer Estado faz? Protege o capital, protege os operários, protege os empregos. O Fernando Henrique acenava com a terceira via e com uma série de coisas que, afinal, desapareceram do vocabulário. Diga-se que o Brasil, em matéria de economia, vive exatamente o programa do Collor, sem nenhuma mudança. Estamos no governo do Collor. Entre o fim do governo Itamar e o começo do governo Fernando Henrique houve uma coisa notável, com o plano do equilíbrio. Mas esse plano durou um ou dois anos.

*Mas poderia durar mais do que isso? Nós lembramos que o Cruzado equilibrou por três meses. Esse equilibrou por dois*

*anos.*

No caso do Cruzado, o governo sacrificou tudo em busca da popularidade. No caso de Fernando Henrique, foi a reeleição que sacrificou tudo, inclusive a política econômica.

*Sarney também tinha eleição no fim do ano, 1986, a dos governadores. Três dias depois da eleição veio a paulada.*

Agora levou doze dias.[\[121\]](#)

*O processo não acaba sendo, no fundo, sempre o mesmo? É esse o processo do engodo eleitoral?*

É claro que o processo político brasileiro é esse. Eu não chamaria de engodo, porque aí seria dar à elite uma capacidade que ela não tem.

*É uma artimanha?*

É uma artimanha.

*A elite é incapaz de engendrar o engodo?*

O que a elite faz é ignorar o povo, pensa que povo não existe. E até agora não tem existido. No dia em que o povo existir vai ser uma surpresa, talvez uma surpresa que vai tumultuar a paz desses cidadãos.

*Mas por que o povo não existiu até hoje?*

A sociedade civil não se organizou. O que é o povo hoje? O que é o eleitor? O eleitor está controlado, três quartos do

eleitorado estão controlados pelo pfl, pelo pmdb. E a gente sabe que o povo não é pmdb nem pfl. O pfl trouxe os grotões, mas não trouxe as cidades. Aí há uma desproporção entre o grotão e a cidade.

*Poderia se dizer que o Brasil jamais viveu um período tão pobre em matéria de idéias?*

Acho que sim. Rara voz que aparece de vez em quando e que se procura abafar é a da Igreja. A oab também, com esse presidente que lá está, tem acertado sempre.[\[122\]](#)

*Por que essa apatia toda? A estabilidade deu a fhc uma força monumental e ele usou-a desqualificando a oposição e de uma forma forte. Isso teria inibido a formulação de idéias mais consistentes?*

Acho que sim. De certa maneira, narcotizou. A parte do povo mais atuante não tinha uma boa expectativa em relação ao Plano Real, mas essa expectativa não se confirmou. Então, as vozes contrárias ficaram de certa maneira falando no deserto.

*Mas hoje há claros sinais de decepção.*

A decepção desarticulada a elite chama de anarquia; quando é articulada, é conspiração. Mas, se houver decepção capaz de se articular, o que acontece? Vocês acham que a estrutura institucional do Brasil tem meios para resistir a isso? Para uma depressão de 4% ou 5%, como está dizendo o Malan, para um desemprego que vai caminhar para 15% ou 16% em brevíssimo tempo, o

empresariado tem meios para sustentar isso, para se manter incólume? Esta é a pergunta que vai ser posta nos próximos dois anos. Talvez um ano.

*Como se articula a decepção? O que tem de acontecer? O que a história ensina?*

Vem de baixo, vem fragilmente. No Brasil, acontece uma coisa curiosa: se há um protesto veemente, forte, capaz de abalar muita coisa, quando ele se organiza se torna fraco, porque aí entra a luta de líderes, de sublíderes e o diabo.

*Em relação às suas duas últimas entrevistas a CartaCapital, o senhor introduz um elemento novo ao dizer que a revolta popular é uma possibilidade a ser considerada.*

Não só popular. O empresário que vai falir, ou está falindo, figura naquela categoria de povo que não estamos acostumados a chamar de povo. É um sujeito que tem, talvez, um poder de fogo um pouco maior.

*E os militares, que, aliás, parecem irritados com a história do Ministério da Defesa?*

O militar tem de vencer um complexo para voltar a liderar qualquer coisa. Ele foi batido de tal maneira que não tem mais justificativa uma tomada de poder para ajudar a tomar o poder. É necessário que as coisas caiam muito. Antes disso essa oligarquia, essa aliança que elegeu e reelegeu Fernando Henrique, vai ter a responsabilidade de dizer alguma coisa. Ela vai ser chamada para amortecer, apaziguar, arrumar as coisas.

*Quando o Jornal Nacional, [\[123\]](#), nos últimos tempos, coloca como personagem principal, quase todas as noites, o Antônio Carlos Magalhães, a gente começa a imaginar que dentro em pouco desengavetam a emenda do parlamentarismo.*

Isso é uma hipótese do primeiro tempo. Se fracassar, tem o segundo tempo. E, no segundo tempo, vai ter canelada de todo jeito, porque não tem mais juiz, não tem mais nada. O primeiro tempo ainda pode ter um árbitro. Mas o segundo tempo não tem. O parlamentarismo pode ser uma solução. Não o parlamentarismo, mas alguma coisa que transfira o poder de decisão de um ponto que não decide mais para um ponto que pode decidir alguma coisa. É uma hipótese.

*A moratória interna é um risco real?*

Não sei se hoje é real, mas acho que se pode chegar lá. Em todo caso, o que se deu com o Collor foi uma coisa tão traumatizante que, se alguém arriscar a moratória, aí eu não sei, pode até sobrar.

*Mas uma moratória interna poderia ser a gota para extravasar o vaso e que articula de repente a decepção?*

Sim, porque aí todo mundo é prejudicado.

*E aí começa o segundo tempo.*

O segundo tempo, em que as regras não valem mais.

*Até agora a esquerda e a oposição, de um modo geral, não foram capazes de capitalizar o fracasso do governo.*

Não, não tem sido. A esquerda não tem conseguido montar um esquema alternativo.

*O que acha do comportamento de Lula?*

Ele ainda é o maior líder da oposição, embora não tenha apresentado uma alternativa para a ruptura desse esquema de poder que está aí. Em uma situação de ruptura, talvez o Lula não tenha possibilidade de diálogo com certas áreas. O que é uma ruptura? É necessário, em primeiro lugar, não que um grupo, que um partido avance, mas é necessário que se rompa a frente dominante, que um dos grupos, ou partidos que a compõem, a abandone. O candidato dessa área seria o pmdb, galvanizado pelos governadores.

*Aí entraria o governador Itamar?*

Aí entraria o Itamar, que já se recuperou daquilo que o governo dizia dele, que ele fez as Bolsas do mundo todo baixarem e o Brasil entrar em pânico, em parafuso, porque deixou de pagar us\$ 12 milhões à União. Um homem com tamanho poder tem um grande papel pela frente. Suspeito que os pontos de ruptura podem não estar nos partidos em Brasília. Os pontos de ruptura podem surgir em Minas e no Rio Grande do Sul. Porque, evidentemente, o governador Olívio Dutra está sendo enganado. Não vai ser feito nada para aliviar a vida dele. E o Itamar não está sendo enganado porque não quer ser enganado. A ruptura pode partir dos estados, e então o elemento militar pode pesar.



*E como agiria?*

Apoiando ou dando respaldo.

*A quem se rebela?*

A quem se rebela. Eu falo Minas e Rio Grande do Sul quase como símbolos, porque podem aparecer outros estados para precipitar a rebelião.

*O que acha de Itamar Franco?*

Esse é um homem que, inclusive, eu conheço pessoalmente. Não arrisco dizer nada sobre ele. Tudo pode acontecer e nada pode acontecer. Vocês imaginaram que ia ser presidente da República quando entrou para vice? Eu não imaginei nem que ele chegasse a governador de Minas. De todo modo, existe o consenso de que o Itamar está isolado. Houve um político muito medíocre, mas tomou conta da Rússia, um certo Ilitch,[\[124\]](#) não me lembro o nome completo. Ele se isolou muitas vezes. Quando fundou o partido bolchevique, ficou sozinho e acabou criando um Estado que, quando ele já não estava aí, se desintegrou de maneira ignóbil. Mas ouço que o isolamento deixa o sujeito fraco. Às vezes não, às vezes o isolamento deixa o sujeito independente. O isolamento não é um mal em si. Ao contrário, é uma condição em que se pode agregar lideranças.

*E a imprensa, nisso tudo?*

Uma imprensa de opiniões, uma imprensa que tem um rumo, não existe. Com exceção de *CartaCapital*, o resto só pensa em ter um grande número de leitores, um grande número de assinantes, um grande número de negócios. O governo sempre dá alguma coisa. Antigamente, a imprensa não pagava seus repórteres, arrumava um cargo público. Esta coisa de dar vantagens não é de hoje.

*Isso significa que, no Brasil, não existe jornalismo de verdade?*

No sentido correto, não. Com a ressalva de *CartaCapital* e de colunas assinadas, artigos assinados aqui e acolá.

*E a célebre terceira via, da qual Fernando Henrique gostava tanto de falar?*

Há dias o presidente disse que, quem quisesse saber de uma terceira via, poderia achá-la em um livro na biblioteca da Fundação Teotônio Vilela.[\[125\]](#) Quer dizer, a terceira via está reduzida a um livro que ninguém vai ler. Do livro nem disse o título.

# O profeta ganha a imortalidade

*CartaCapital, 06/12/2000*

Dezembro de 2000 - Esta entrevista, que gira em torno do personagem Raymundo Faoro, que Mino Carta comparou a um profeta, expõe um pouco mais do que o entrevistado pensa sobre o Brasil e, afinal, a reflexão dele, com ironia, sobre profetas e profecias. Faoro foi eleito, em novembro de 2000, para a cadeira número 6 da Academia Brasileira de Letras, cujos integrantes são chamados de imortais. Ele fala de literatura e de sua preferência por Shakespeare e Dante. Avesso ao mundo das celebridades e às luzes da publicidade, ele explica o que o levou à abel, para a surpresa de seu pequeno círculo de amigos.

[...] nesses vinte anos me convidaram umas seis ou sete vezes, sempre com a garantia da maioria. Eu tenho um amigo muito leal, um excelente amigo, o Josué Montello, que sempre que se dava uma vaga a primeira pessoa de quem ele se lembrava era de mim [...] E eu sempre arrumava um pretexto: contra esse não concorro, não estou com saúde para a Academia etc.

**Mas Faoro cedeu e se mostrava feliz pela decisão.**

Fui recebendo cartas compondo votos de pessoas que eu não conhecia. Depois, conheci e passei a admirá-las. A Lygia Fagundes Telles, por exemplo. O Ivan Junqueira [...] Mas, o que levou essas pessoas a isso? Além de tudo, muitas delas são minhas amigas de muitos anos e que se ressentem de não estarmos mais vezes juntos, de conversarmos mais.

## E o que levou à Academia?

Me aconteceu o que aconteceu com a marquesa de um romance de um acadêmico: quando ela acordou viu que estava morta. Na realidade, isso não houve. O próprio Machado de Assis diz que essa expressão ele não usou. Machado de Assis e os outros gozaram essa expressão, mas é uma belíssima expressão.

Os entrevistadores invocam o profeta. Ele, então, admite o adjetivo, tira dele, com mestria, o ranço da sobrenaturalidade e põe as coisas no devido lugar.

O profeta não é exatamente o que prevê coisas [...] é a pessoa que tem uma mensagem e que vem para dizer alguma coisa. É esse o sentido originário da palavra. E que vem, inclusive, para fazer a crítica. Os profetas tinham incolumidade. Tanto que foi um escândalo quando foi morto João Batista [...] Isso foi uma violação da imunidade dos profetas [...].

Mas Faoro segue a pauta dos jornalistas e a política reingressa no recinto e incursiona por muitos outros temas, com observações tão ou mais agudas e incisivas quanto esta: “aqui a história, pelo menos a história da democracia, ainda não começou, não é muito difícil prever coisas, prever que daqui a pouco as coisas estarão como estão hoje. Os personagens são sempre os mesmos”.

É tudo tão igual que basta trocar os nomes, porque os nomes não significam nada, e certamente as situações se repetirão. Por isso, Raymundo Faoro acerta mais uma vez quando profetiza que, em algum momento, no Brasil, haverá um candidato de esquerda que, no poder, fará uma política de direita. E haverá um candidato de direita que vai procurar fazer uma política de esquerda.

Convicções, idéias, partidos não significam nada, afirma Faoro como se tivesse falando nos dias de hoje.

\* \* \*

*Se lhe contassem, há vinte anos, que ia ser da Academia Brasileira de Letras, o senhor acreditaria?*

Vinte anos, 1980. Nessa época já me convidavam, de modo que não seria estranheza. Devo dizer que nesses vinte anos me convidaram umas seis ou sete vezes, sempre com a garantia da maioria. Eu tenho um amigo muito leal, um excelente amigo, o Josué Montello,[\[126\]](#) que sempre que se dava uma vaga a primeira pessoa de quem ele se lembrava era de mim. Uma vez me telefonou até de Paris. E eu sempre arrumava um pretexto: contra esse não concorro, não estou com saúde para a Academia etc.

*Sempre pensamos no extraordinário exemplo de Fernando Henrique que, aos vinte anos, já sabia que seria presidente da República ou, no mínimo, papa. O senhor aos vinte anos, não pensava na Academia?*

Não, absolutamente. Ao contrário, se me falassem disso, eu considerava até um insulto.

*O que o levou a mudar de idéia?*

Em primeiro lugar, eu estava descansando de tarde, não tive tempo de uma reação pronta e não tomei uma providência essencial, a de desligar o telefone. Então, quando vi, já estava lá dentro. Me aconteceu o que

aconteceu com a marquesa de um romance de um acadêmico: quando ela acordou viu que estava morta. Na realidade, isso não houve. O próprio Machado de Assis diz que essa expressão ele não usou. Machado de Assis e os outros gozaram essa expressão, mas é uma belíssima expressão.

*O que, na sua opinião, abriu as portas da Academia: a literatura, o desempenho político, o desempenho jurídico ou o conjunto da obra?*

Pesou a obra, pesou a minha atuação no remoto período de 1977 a 1979, como presidente da oab. Fui recebendo cartas compondo votos de pessoas que eu não conhecia. Depois, conheci e passei a admirá-las. A Lygia Fagundes Telles, por exemplo. O Ivan Junqueira, três dias depois, me convidou para almoçar e me deu a carta. De modo que em poucos dias eu estava com cartas acima do número exigido. Mas, o que levou essas pessoas a isso? Além de tudo, muitas delas são minhas amigas de muitos anos e que se ressentem de não estarmos mais vezes juntos, de conversarmos mais.

*Além de escritores, a Academia recebe também expoentes. Alguns não de todo recomendáveis, talvez. Digamos, o general Lira Tavares.*[\[127\]](#)

Foi um grande equívoco, não é? [risos] Mas, se fizermos o cálculo das pessoas que não deviam entrar na Academia e entraram, desde o começo dela no fim do século passado, sempre houve pessoas que inexplicavelmente estão lá.

*Nós lhe atribuímos dons proféticos.*

Eu li um livro, há pouco tempo, em que me atribuem esse dom, um livro que significou uma estréia para mim, eu estreei como personagem, o que nunca tinha sido.[\[128\]](#)

*Quando das inúmeras entrevistas que fizemos com o senhor, sempre verificamos, tempos depois, que tinha previsto o que iria acontecer.*

O profeta não é exatamente o que prevê coisas. Isso é uma tradição tardia na história do judaísmo. Profeta é a pessoa que tem uma mensagem e que vem para dizer alguma coisa. É esse o sentido originário da palavra. E que vem, inclusive, para fazer a crítica. Os profetas tinham incolumidade. Tanto que foi um escândalo quando foi morto João Batista. Ele vinha fazer a crítica em termos ásperos e foi morto. Isso foi uma violação da imunidade dos profetas, que vinha desde o começo do judaísmo.

*O seu Os donos do poder[\[129\]](#) é um livro de alguma forma profético no sentido de que, lendo-o, você consegue imaginar tudo o que aconteceu depois.*

A razão é simples, não pelo fato de eu ter adivinhado. Eu suspeito que Hegel, quando diz que a História começa com o Estado, quis dizer que a História começa quando o Estado passa a ser o agente ou o aval, o amparo da sociedade civil. Esse é o momento em que a História começa. Como eu acho que aqui a história, pelo menos a história da democracia, ainda não começou, não é muito difícil prever coisas, prever que daqui a pouco as coisas estarão como

estão hoje. Os personagens são sempre os mesmos. Sabemos, por exemplo, que há um componente sempre salvador na sociedade que é massacrada e que é, como dizia Capistrano[130] há cem anos, “sangrada e capada”. Naquele tempo eram quatrocentos, hoje são quinhentos.

*Quem são os candidatos a puxar o pelotão?*

Eles vão se repetir. Basta trocar nomes que as pessoas estarão aí, sempre haverá o candidato salvador da pátria. Haverá um candidato de esquerda que, se chegar ao poder, fará uma política de direita e haverá um candidato de direita que, chegando ao poder, vai procurar fazer uma política de esquerda. Porque esses nomes não significam nada. Convicções, idéias, partidos não significam nada. Talvez haja uma redução, assim, um maquiavelismo. Porque o poder desempenhava tal importância, tal significação para o político que ele, no poder, ia fazer aquilo que fosse melhor para sua continuidade no poder.

*A propósito, o senhor está acompanhando a formação do governo de Marta Suplicy em São Paulo? Por exemplo, João Sayad na Secretaria das Finanças.*

Acho isso até um avanço com relação ao pt. O pt tinha uma tradição um tanto aparelhista, assim como o Brizola tem, de o partido controlar, dirigir e evitar que o governo governasse, ou seja, em si, pelo Estado. Marta Suplicy parece estar fazendo um governo autônomo e não necessariamente de esquerda. Talvez ainda não seja a hora. Acho que é muito difícil um Stalin municipal numa cidade só. O Stalin é do socialismo num país só.



*Houve um momento em que o Brasil poderia embocar por um caminho destinado a levá-lo, ainda que lentamente, à contemporaneidade?*

Acho que houve esse momento no fim da Colônia, na hora da independência. Na hora da independência, as forças econômicas que estavam por trás daquilo queriam se emancipar e foram controladas por um príncipe, por uma nobreza, por uma casta militar, um estamento militar que resolveu, em nome da ordem e da estabilidade, destruir todos os elementos revolucionários. Isso culminou na década de 1830, quando o poder conservador se estabeleceu de uma maneira definitiva, formando um cânone. Esse problema não é só do Brasil. Quase toda a América Latina sofreu esse processo, quer dizer, os liberais fizeram a revolução e depois os conservadores os afastaram.

*Há outros momentos que confirmam isso ou a partir daí tudo é inevitável?*

Recordo o conto de Machado de Assis, "O alienista". O barbeiro chefia uma revolução estimulada pelos grandes da cidade, que quase não apareciam. No momento em que ele chega ao poder, outra insurreição conservadora acaba com ele. Quer dizer, o povo nunca pôde dizer uma palavra, no máximo se insurgia, mas se insurgia para sofrer uma repressão muito cruel, muito severa. Nós sempre tivemos um Simão Bacamarte, o homem que podia tudo. No conto, Simão Bacamarte tinha o poder decretado em nome da ciência, já que a ciência era incólume à política, à vacina da política, e definia quem era louco e quem não era.

*Agora decreta-se quem é catastrofista e quem não é.*

Exatamente. Agora, o Simão Bacamarte do momento diz: “Olha, essa oposição é neoboba, então afaste-a; essa oposição é catastrofista, está pensando na desgraça do Brasil”. Aliás, isso não é inédito. Na Alemanha, em certos momentos, se fuzilava gente, inclusive, por ser derrotista. Aqui, nós não chegamos a esse ponto, somos um povo muito mais civilizado do que o alemão.

*Como o senhor analisaria nessa moldura o golpe de 1964?*

Acho que ele está mais ou menos nessa linha, mas o golpe é a retomada de um Simão Bacamarte que estava silencioso lá na cidade dele e foi chamado para o centro dos acontecimentos e definiu quem era esquerdista e quem era conservador. Quem era esquerdista, evidentemente, estava conspirando contra a pátria. Aliás, a expressão “pátria” cabe muito em 1964, foi o auge do patriotismo.

*E se as coisas tivessem caminhado sem golpe? Vamos admitir numa hipótese fantasiosa, mas vamos admitir.*

Não haveria repressão, mas, na política econômica e social, a diferença não seria muito sensível. O Jango, na hora em que estivesse com o poder pleno, eu diria que teria de condescender com os industriais, com os latifundiários, sobretudo com a burocracia, e faria um governo dando uma coisa para tirar logo adiante e tirando uma coisa para dar logo adiante. Seria apenas mais flexível e, provavelmente, não teria havido essa repressão. Não acredito que fosse

caminhar para a esquerda, para um socialismo, para o comunismo ou para o sindicalismo.

*Os sindicatos não iriam ficar cada vez mais fortes?*

Acontece que os sindicatos naquele momento não existiam e o próprio 1964 demonstrou isso, pois no outro dia não havia mais sindicatos. Eram sindicatos que dependiam do Estado. Essa emancipação dos sindicatos do Estado é uma consequência tardia de 1964. Quando se saiu de 1964, surgiu o sindicato autônomo, um setor, porque tem outro setor saudoso dos tempos do chamado “sindicato de resultados”,[\[131\]](#) que faz qualquer coisa para manter o poder e estar bem com os que mandam.

*O senhor acompanhou bem aquelas greves em São Bernardo, esteve no palanque de Lula, em 1980, e ficou a par de todo aquele processo que acabou gerando o pt. Como o via então e como o vê hoje, o pt?*

Devo dizer que fui um entusiasta da criação do pt, porque me parece que a chave da democracia está em torno de um partido operário capaz de fazer a crítica do conservador e também capaz de evitar ou controlar que o chamado liberal, na verdade conservador, apele para os quartéis. Evidentemente, é um partido que se desintegrou em muitos grupos e que talvez prematuramente servisse, como Jango servia, aos conservadores que, por exemplo, elegeram um Fernando Collor porque tinham medo de Lula. Mas acho que isso é uma passagem, uma transição.

*E no seu Rio Grande do Sul, qual é a diferença? O pt vai completar o quarto mandato na prefeitura, bem-sucedido, segundo todas as informações, e já estão no governo estadual, embora com alguns problemas ou complicações. O pt gaúcho é diferente ou a sociedade do Rio Grande do Sul é diferente?*

Estive em Porto Alegre em 1996 e encontrei conservadores dizendo: “Não, aqui eu voto no pt”.

*E continuam votando.*

Porque não se viram mais escândalos, roubalheira. Teve a sorte de reunir uma série de homens capazes de fazer uma ótima administração. Em 1996, fiquei incrédulo. Porque quando estudava lá, conhecia favelas, e hoje as favelas são bairros pobres, mas com todas as comodidades. Não fizeram uma política compulsória quanto à favela. O orçamento participativo foi um sucesso, os diversos bairros passaram a fazer reivindicações do que era melhor ou prioritário para eles. Agora, no estado não sei se foi bom para o pt ganhar a eleição. Quer dizer, continuou um governo invulnerável às velhas mazelas, mas o estado está numa situação realmente muito difícil. Há muitos anos é um estado incapaz de investimento. Indústria muito débil, pecuária sujeita a ações climáticas, agricultura próspera e em certos momentos com regiões até adiantadíssimas, talvez uma das mais adiantadas do mundo na produção por hectare, mas ainda incapaz de fornecer os meios para o estado. O Rio Grande tem uma peculiaridade: lá os partidos são partidos, é muito raro alguém mudar de partido.

*Qual é a razão dessa maior densidade política?*

O Rio Grande não existia dentro do esquema português, ele foi conquistado, as missões foram conquistadas. Então o governo significava realmente, aí, a equação hegeliana dessa briga. Não estou querendo dizer nada em favor do meu estado, o fato de ter nascido lá não quer dizer que ele seja o melhor, mas existe uma aproximação entre a sociedade civil e o Estado e existe uma capacidade de ousar. Foi o estado que ousou eleger o Brizola naqueles tempos. Não que eu estivesse de acordo com o Brizola, estou falando neutramente, e que ousou agora eleger o candidato do pt.

*Falando ainda do pt no Rio Grande, assim como o Cristovam em Brasília, não parece haver um pt apaulistado (embora Lula seja pernambucano), uma resistência quase que absoluta à penetração de lideranças de outras regiões, como o Tarso Genro e o Olívio Dutra? Há uma nomenclatura paulista?*

Sem dúvida existe essa nomenclatura paulista. Talvez isso leve o partido a pensar como São Paulo, a pensar como paulista. Acho que o pt ainda tem muito que aprender, tem talvez até que, em seu aprendizado, descobrir o Brasil político. É um partido que surgiu de dentro do operariado, não foi naquele sistema leninista em que o operariado, por si, não tem consciência de classe, ela vem de fora. No caso, não houve isso, a consciência de classe veio de dentro. Mas o próprio operariado se encarregou de mostrar que não é coeso, que a tal consciência de classe não é uma coisa tão

óbvia como parece, que depende de outras coisas, inclusive de um antagonismo.

*Quando tomou conhecimento do intelectual Fernando Henrique, o senhor o via como o vê hoje?*

Não partilho da idéia de que o Fernando Henrique mudou muito, ele sempre teve, acima das suas convicções, a habilidade. Esse é um traço que me parecia de certa maneira óbvio. E tinha, acima dos seus conhecimentos psicológicos, uma acuidade política extraordinária. Lembro-me que, quando voltou da França, ele me disse: “Olha, a esquerda acabou”. Com o movimento de 1968, ele chegou à conclusão de que a esquerda tinha esgotado o seu papel. Então, não há muita justiça em dizer que o Fernando Henrique mudou, o que mudou foi a interpretação sobre Fernando Henrique. Ele continua o mesmo. É um homem muito bem-educado, muito amável. Talvez um pouco canhestro dentro dessa fauna política, pois, embora ele tenha cuidado e habilidade, os outros talvez tenham uma velocidade de vôo bem maior do que a dele. São políticos que trazem do atraso uma velocidade supersônica para continuar o atraso. Ele tem uma velocidade ainda do avião a hélice, que já é bem mais do que nós, que temos a velocidade do pé.

*Daqui a pouco vai acabar fazendo, como disse o Fernando Lira, companhia ao ex-presidente Sarney na vanguarda do atraso.*

Não sei se esse é o papel dele. Hoje, penso diferente por muitos motivos. Acho que o Sarney tem qualidades muito

maiores que o Fernando Henrique, porque ele era um conservador que soube interpretar os conservadores e o Fernando Henrique é um falso conservador, porque ele é um homem de poder que ainda não conhece todos os caminhos, não conhece, sobretudo, o caminho das pedras.

*E como intelectual?*

Ele tem um livro interessante, embora muito ortodoxamente marxista.

*É o primeiro?*

É o primeiro, o livro sobre o Rio Grande do Sul. Os outros são livros de ocasião. Ele está devendo ao país – e espero que faça o pagamento dessa dívida depois de sair da Presidência – uma obra mais sólida e que talvez até coincida com o depoimento dele do que aprendeu nesses anos ou do que ele desaprendeu, não sei bem.

*Seis anos de governo, como definir, se é que é possível, esse tempo?*

Acho que não tem definição. O sexto ano de governo é como se fosse o primeiro ou como se fosse o oitavo, não tem novidade nenhuma. Ele começou fazendo uma coisa que acho muito bem-feita e que foi o controle da inflação pelos meios que foram usados. Contrariando a opinião de todo mundo, acho que ele evitou a crise bancária, não com o Cacciola,[\[132\]](#) mas antes, com o Nacional e com o Banco da Bahia.[\[133\]](#) Custou muito em popularidade, mas acho que seria pior para o Brasil se acontecesse isso. No resto ele

tem sido um burocrata aplicado, às vezes até tem feito o papel que não é propriamente o do bom-moço. Quando segura na mão da Vera Fischer, é o lado simpático, não estou falando mal desse gesto. O governo dele tem mais aspectos pitorescos do que inovadores.

*O senhor acha que se acentuou a nossa dependência dos Estados Unidos?*

Brutalmente. Essa globalização é o papel que estão fazendo os países subdesenvolvidos, o papel de otários. O Brasil está desempenhando esse papel impecavelmente, é um otário para ninguém botar defeito, um país otário.

*De alguma forma a Argentina sinaliza alguma coisa com relação a essa situação de dependência?*

Ela seria o Brasil sem a desvalorização. O que destruiu a Argentina foi a desvalorização brasileira, que lhe causou uma crise brutal. Acho que são países que têm características muito semelhantes, sendo que na Argentina existe um grupo intelectualmente mais bem-dotado. Há três ou quatro escritores universais que nós ainda não temos.

*Comparando desse ponto de vista, principalmente da cultura e conhecimento, o Brasil de hoje com o Brasil de cinquenta anos atrás, não está claro que regredimos muito?*

De cinquenta anos para cá, dou só um exemplo: o teatro era muito concorrido e se levavam os grandes autores como Pirandello, Shaw, Molière, e hoje eu não vejo mais isso.



*A produção cultural brasileira de cinqüenta anos atrás era melhor do que hoje? Há cinqüenta anos o senhor ainda não escrevera Os donos do poder, que é de 1958, mas o Guimarães Rosa estava aí, o Graciliano estava aí, o Gilberto Freyre estava aí, o Sérgio Buarque estava aí.*

Hesito um pouco neste campo porque não conheço os autores novos. Alguns são excelentes contistas, ainda não realizados. Daqui a talvez dez anos teremos gente da mesma categoria.

*Então houve um buraco aí.*

Houve um buraco. Mas estas ondas existem sempre, considerando que o país hoje está voltado para outros valores. Você vê que o nosso autor mais popular e que mais vende é um autor que supõe fazer chover no Ceará, que se supõe um mago.[\[134\]](#) Quer dizer, os valores são outros. O que se está procurando é uma coisa diferente e que não sei realmente o que é. Também houve uma derrocada nesses últimos anos de muita coisa em que se acreditava, quer dizer, a história dessa decepção ainda não entrou na literatura. Houve uma mudança brutal na alma brasileira que ainda não identificamos.

*E para onde caminhamos?*

Devemos chegar ao ponto de confluência entre Estado e sociedade civil. Acho que se vai chegar lá, não sei quando nem com que personagens.

*E 2002?*

Há pouco tempo, o presidente do Brasil cuidava de ferrovias, de rodovias, de siderurgia, de força e luz. Em 2002, ele estará livre desses encargos todos. Aí chegará ao ponto em que tanto faz Bush ou Gore. Nos Estados Unidos, o que tem importância é a política internacional, o Departamento de Estado, no resto o presidente pode descansar uma vez por mês que não altera nada. Fernando Henrique diz que vai sobrar espaço para os investimentos sociais, que seriam saúde e educação. Acho que a matéria vai ficar com o Banco de Desenvolvimento. É verdade que ele pode designar o presidente do banco, mas pode acontecer, como já aconteceu, de o Banco de Desenvolvimento fazer alguma coisa e se limitar a telefonar para ele: “Olha, ontem fizemos um empréstimo de 200 bilhões para fulano de tal que chefia uma empresa muito sólida”. Vai se limitar a isso, a ouvir ao telefone. Uma política de amparo, de assistência social, vai ser muito difícil de fazer com esses processos. Você vê há quanto tempo dizem que vão corrigir o inss, criaram até um imposto que quase desestimula a produção brasileira, e o inss continua o mesmo.

*O senhor prevê um desfecho violento?*

Não vejo as massas se levantando com um cavaleiro na frente de cavalo branco.

*Mas já se trava uma guerra civil não declarada. Ou não?*

Isso é óbvio, eu percebo. Basta passar na rua que você verá, não gente rica, mas gente como a minha passadeira, por exemplo, que não tem segurança, que tem de cercar a

casa, ou o apartamento de quarto e sala, senão vão lá e roubam tudo ou ocupam. É evidente que há isso, sobretudo em São Paulo e no Rio.

*Isso não vai acabar criando uma tensão capaz eventualmente de gerar alguma turbulência maior?*

Talvez aí se esgote a política de conceder alguma coisa para ficar com tudo. Talvez isso um dia se esgote e aí não só o salário mínimo deva ser aumentado – isso é um paliativo –, mas também um sistema de distribuição de renda.

*Quem é o maior poeta?*

Dante e Shakespeare, mas este leio mais.

*E existe um grande poeta brasileiro?*

Drummond é o maior deles. Não sei se foi um grande poeta, mas é o maior. Poeta de expressão universal ainda não houve.

*Mas o Machado é?*

Machado é. Machado até hoje é traduzido e recebe sempre a homenagem dos que fazem resenhas e dos críticos. Além disso, Machado praticamente inventou a literatura brasileira.

*Machado na literatura e Hegel no pensamento?*

Nisso não sei se foi Hegel. Não sei. Talvez Descartes ou Kant. Suponho que Kant seja talvez nos tempos modernos a maior expressão da filosofia.

# “Se o Lula for eleito e contemporizar...”

*Carta Capital, 15/05/2002*

Maio de 2002 - O Brasil vive os momentos iniciais da temporada eleitoral. Lula é candidato pela quarta vez. Ainda não assumiu oficialmente a candidatura, embora o Partido dos Trabalhadores não tenha alternativa. O adversário dessa vez é o tucano José Serra, ex-ministro dos dois governos Fernando Henrique. Esta é a entrevista em que os temas são inteiramente conjunturais. São análises de situações circunstanciais do processo político. Faoro, no entanto, não deixa que os temas bóiem na superficialidade. E nesta entrevista está a última profecia, que fez e acertou.

Acho que o pt pode ganhar, claro.

Quando Faoro afirmou isso todos os candidatos disputavam a eleição para ganhar o primeiro turno e disputar com Lula no segundo turno. A derrota de Lula já eram favas contadas. Faoro não tinha ilusões quanto aos limites que Lula enfrentaria se ganhasse. Não esperava um governo de esquerda mas tinha esperança de que, vitorioso, Lula poderia mudar “a orientação histórica do país”. Ele explica o sentido da frase.

Este país é um país de exploração. O pobre é cada vez mais pobre. Lula significaria a vitória dessa camada contra a outra. Governar, porém, contra

as pessoas que no Brasil estão por cima é quase temerário [...] Por outro lado, se o Lula for eleito e contemporizar, perderá o apoio do partido. Aí passaria a ser um governante para os outros. Essa mudança é o passo mais difícil de ser dado.

Para Faoro o problema número 1 do Brasil era o social. E esse rompimento, para ele, é a única via capaz de enfrentar o problema do desequilíbrio social. “O Brasil não escapa disso”, ele afirma na entrevista. Mas Fernando Henrique Cardoso não mudou o eixo do país. Não enfrentou o problema. Deixou tudo como dantes. Faoro descreve o ocaso do governo Fernando Henrique e projeta o futuro do presidente sociólogo.

Ele se revelou muito pragmático, absolutamente pragmático, e conservar o poder era a meta máxima. Nisso ele foi bem, conservou o poder sem ameaças claras, foi capaz de contemporizar com todo mundo. Agora, ninguém sabe o que ele é, desapareceu como figura política, virou uma entidade institucional.

O Brasil ficou mais pobre, o brasileiro tem menos emprego e a renda se concentrou, constata Faoro. Fernando Henrique Cardoso governou para o Brasil de cima. “Ele passou a ser o ícone desse país.” Um país de, aproximadamente, 20 milhões de pessoas.

\* \* \*

*Qual é sua opinião a respeito da verticalização?* [\[135\]](#)

Acho que ajuda a ter partidos nacionais. Uma coisa grave no país é que não há partidos nacionais. O único talvez seja o pt, outros certamente não são. Em Santa Catarina, o pfl é uma coisa, no Paraná é outra. Em Santa

Catarina há uma oligarquia, está lá há quase cem anos, os Konder Bornhausen, contra ela havia outra oligarquia, os Ramos, mas desapareceu. A maneira de lutar contra as oligarquias, contra os quase-feudos em termos eleitorais, é ter o partido nacional capaz de não permitir que aquele sujeito, com aquela situação, dite os contornos da agremiação.

*Quer dizer, a política local se sobrepondo à política nacional?*

As oligarquias nordestinas eram oligarquias estaduais, não tinham a projeção nacional que têm hoje. Elas têm, hoje, um partido que é capaz de mobilizar o governo.

*Falando do pfl?*

É um partido que não tem representatividade popular, tem a representatividade de grupos.

*Podemos deduzir que o governo de fhc atuou a contento ao menos nessa área ao tirar de cena um Antônio Carlos Magalhães e um José Sarney?[\[136\]](#)*

Não. Antônio Carlos Magalhães caiu porque não encontrou no palácio do governo a disposição de se acabar com a oligarquia. E ele propriamente não representa uma oligarquia, a oligarquia é ele. É um velho coronel, assim como Chico Heráclito e Horácio Matos, os grandes coronéis do Nordeste. Matos inclusive combateu a Coluna Prestes. Deu trabalho porque a Coluna estava acostumada a lutar contra o Exército. O Exército marcha seis quilômetros,

descansa, de noite vai dormir. Mas, com os jagunços do coronel, era dia e noite, exatamente como a guerrilha faz.

*E Sarney?*

O Sarney tem uma grande moeda na mão e não está usando. Se ele fosse candidato, essa sucessão virava pelo avesso, se ele conseguisse levar o pmdb. Ele deve ser o único que dispõe de instrumentos para implodir o Serra. O pfl está sentindo que não tem controle nacional.

*O episódio de implosão da candidatura [\[137\]](#) da Roseana Sarney foi a implosão de uma oligarquia?*

Acho que não. Ainda hoje eu li no jornal que o prestígio de Roseana está altíssimo no Maranhão. Ela vai concorrer facilmente ao Senado. [\[138\]](#)

*Então o governo não tem o papel que se está atribuindo de liquidar as oligarquias?*

Não. Um partido nacional teria.

*Mas a decisão sobre a verticalização não chegou em má hora?*

Ah, sim, a decisão foi surpreendente. Já estavam organizados todos os interesses em torno de situações estaduais e regionais.

*Do ponto de vista legal, também não se justificam dúvidas?*



Eu não me aprofundei nisso. Em princípio, acho que não. A Constituição e as leis eleitorais se baseiam sempre no pressuposto de um partido nacional. Mas, no momento que você quer tornar nacional de verdade, as coisas não funcionam. Não sei se outros julgados do Supremo não vão dar lugar a combinações espúrias fora da parte legal.

*O senhor disse que só o José Sarney conseguiria implodir a candidatura Serra. A vitória de Serra são favas contadas?*

Não, não acho que são favas contadas. O pt está subindo porque Serra não convenceu.

*Mas Lula cresce.*

Acho que o pt pode ganhar, claro.[\[139\]](#)

*O senhor diria que essa é a melhor chance do pt?*

Por enquanto.

*Uma possível vitória de Lula significaria que o país teria um governo de esquerda?*

Eu não chamaria de esquerda. O pt poderia mudar a orientação histórica do país. Este país é um país de exploração. O pobre é cada vez mais pobre. Lula significaria a vitória dessa camada contra a outra. Governar, porém, contra as pessoas que no Brasil estão por cima é quase temerário. O Allende, no Chile, não conseguiu. O Chávez, na Venezuela, está indo penosamente, sempre com um risco enorme. Por outro lado, se o Lula for eleito e contemporizar,

perderá o apoio do próprio partido. Aí passaria a ser um governante para os outros. Essa mudança é o passo mais difícil de ser dado. No Brasil, na África, na Ásia...

*A regra não tem exceção?*

Chegar ao governo, fazer aquilo a que se propôs e não ser agredido eu só conheço o Mandela, na África do Sul. Chegou ao poder, sendo negro, num governo de brancos. Na parte racial ele não fez acordo. Só não perseguiu ninguém. Inclusive, a verificação do passado foi meramente expiatória. Ele não conseguiu que os negros pobres mandassem no país, mas conseguiu que eles tivessem participação no governo do país.

*O senhor não acha que, se o Lula ganhar, pode haver uma debandada, no Congresso, em direção ao governo dele? O poder não é, em essência, aglutinador?*

Estamos num país patrimonialista. As empresas privatizadas passaram a ser a grande fonte de mecenato. É como Weber se referia à contribuição para campanha eleitoral. Eles dão dinheiro e, quando precisam de um aumento de tarifa, conseguem. Veja o aumento escandaloso de tarifa da Light, no Rio. Isso não é de graça. Enfim, para entrar nesse clube o Lula teria de contemporizar quanto a isso.

*Mas o senhor acha viável a ruptura radical com esse esquema de poder. Com essa orientação histórica do país, como o senhor disse?*

Se essa ruptura para o alto for feita, as coisas podem se complicar muito. Mas essa questão da adesão ao poder me lembra a história de um falecido empresário de comunicação que, lá no começo dos anos 60 do século passado, comentou com um líder de esquerda que temia a implantação do comunismo no país. Foi acalmado pelo interlocutor, que lhe disse que, caso isso acontecesse, o empresário seria aproveitado. Meio desconfiando, o homem perguntou: “Será que eles aceitariam adesão de última hora?”.

*O senhor acha descartáveis no Brasil as referências políticas clássicas como “esquerda” e “direita”?*

No Brasil, não acho. Na Europa não tem mais sentido. As condições de vida por lá atenderam às grandes reivindicações da esquerda. Conseguiram uma distribuição de renda que acabou com o abismo entre o maior e o menor salário. O Mitterrand não teve nada a fazer. O que sobrou a ser feito é quase residual. É claro que esse não é o caso do Blair, na Inglaterra. Ele se atrelou aos Estados Unidos de uma maneira vergonhosa.

*O eixo da questão continua sendo, então, a igualdade ou a aproximação dela.*

Democracia significa igualdade. E distribuição de renda. Significa que, se o cidadão tiver um emprego, ele tem a vida dele resolvida. O papel na Europa é proporcionar empregos. O resto está praticamente resolvido. Para nós, no entanto, o problema ainda é outro. O debate sobre “esquerda” e “direita” aqui é pertinente.

*As denúncias contra Roseana, do pfl, e agora, contra Serra, do psdb, têm um significado mais profundo do que inicialmente parecia?*

Têm. Há velhos estudos dos antigos socialistas, sobretudo do leninismo, em que se fala que a esquerda nunca chega ao poder sem a ruptura de cima. Isso causa uma paralisia de governo. A união deu a vitória a Fernando Henrique no primeiro turno eleitoral.

*Considerando como certa a presença de Lula, como seria a disputa em segundo turno?*

Para os outros três candidatos que disputam com Lula a questão não é só ganhar a eleição. Eles estão brigando muito para ser o escolhido como oponente do Lula.

*O senhor acha que uma parte da sociedade brasileira pobre descolou do país de alguma maneira?*

Ainda não. Acho que a parte mais pobre, digamos da favela, ainda é capaz de votar no Garotinho, como votou no Collor. Isso forma o desequilíbrio todo. Tem dois setores: um que confia nas organizações, e outro que não confia em nada. Está completamente entregue a uma situação de desespero. Mais cedo ou mais tarde o problema do desequilíbrio social, que é o problema número 1, terá de ser enfrentado. O Brasil não escapa disso.

*Essa questão da ideologia acaba batendo na falta de sinceridade de quem se dizia de esquerda e hoje se bandeou.*

Vou dizer como Ferreira Viana:[\[140\]](#) Poder é poder. Há um tipo de Estado que ainda é patrimonialista. Você não consegue nada. Se quiser montar uma indústria, se quiser ampliar sua indústria ou quiser salvar sua indústria, tem de ir para o bndes, recorrer aos instrumentos governamentais. Há quem diga que, para o capitalismo brasileiro, bom Estado é aquele que governa cada vez menos. Não é verdade, o Estado aqui governa muito. Governa muito e mal. O melhor governo não é o mais ausente, é aquele que protege os interesses nacionais, abre o mercado interno. Eu vejo na televisão o produtor de alguma coisa dizendo-se obrigado a exportar porque ninguém tem dinheiro para comprar seu produto. O Estado tem de ser capaz de proteger todos os cidadãos e não só aqueles sujeitos que o servem.

*Mas toda a nossa política se faz para proteger apenas aqueles que o servem. Até os estrangeiros tomaram conta das chamadas privatizações, eles estão pendurados nas tetas do governo, e cada vez mais. Coisa que na França eles não faziam, agora fazem aqui. Lá na França não têm essa chance, aqui têm. Por que aqui têm? Deram de presente para eles os supostos prejuízos que tivemos com o nacionalismo.*

Não se cuidou da questão da energia elétrica, vem um apagão e o governo impõe o racionamento. Evidentemente, esse racionamento imposto significa uma queda na arrecadação das distribuidoras, que têm um programa de investimentos exigido pelo governo. Sem dúvida nenhuma, é um prejuízo para eles. Mas quem acabou pagando foi o consumidor. Acontece que nós não sabemos que prejuízo foi

esse, ninguém no Brasil sabe, são dados que não foram discutidos. Além de tudo, não é obrigatório que o serviço público seja superavitário, pode ter um prejuízo agora e lucro daqui a vinte anos. É por isso que as concessões são longas. É claro que o Estado tem de manter o equilíbrio financeiro, mas você nunca sabe como as coisas estão de fato. Vocês lembram da velha Light, por exemplo? A velha Light do Barbosa Lima - trabalhamos juntos nesse período na Procuradoria - fazia saídas sempre que queria.

*Isso quando era canadense.*

Quando era canadense. Inclusive a escrituração não era nem em português, fazia qualquer coisa. Um dia ela não quis mais esse negócio e vendeu para o governo por us\$ 200 milhões.[\[141\]](#)

*Cinco anos antes de caducar a concessão.*

É. O que aconteceu com os us\$ 200 milhões? Isso foi tema de uma reportagem grande da revista *Fortune*. Patiño[\[142\]](#) e os outros magnatas compraram as ações da Light por us\$ 20 milhões, as ações de uma companhia que tinha em caixa us\$ 200 milhões. Quer dizer, coube ao Brasil o papel de otário. Não sei se existe incompetência ou bandalheira, eu sou mais pela incompetência.

*Há outro assunto em pauta, a chamada violência. Quarenta mil pessoas morreram assassinadas no ano passado.*

A miséria e o desemprego explicam. Vivemos em um país em que a ilegalidade passa a ser legítima por parte dessa gente.

*De alguma forma, soa como limpeza étnica. A propósito, que dizer do terrorismo e do uso indiscriminado da palavra?*

À sombra do terrorismo, que é moralmente inaceitável, criou-se coisa pior que o próprio, o antiterrorismo. Vemos que todas as liberdades do cidadão que pisa nos Estados Unidos estão suprimidas, inclusive os cidadãos americanos suspeitos ficam incomunicáveis, não têm direito a advogado. E por aí fora. O momento é gravíssimo porque distinguir a violência política do terrorismo é muito difícil. Não existe uma definição legal de terrorismo. Existe uma definição de diversos atos, pirataria aérea etc., mas de terrorismo não existe.

*O ataque às Torres Gêmeas [\[143\]](#) é terrorismo?*

É um ato de terrorismo, sem dúvida nenhuma.

*E o camicase palestino?*

O país dele está sendo oprimido pelos Estados Unidos, que financiam Israel para executar a tarefa. Então, ele comete um ato de guerra, moralmente indefensável, mas politicamente necessário para ele. Quem começou o terrorismo no Oriente Médio não foram os palestinos, o começo foi o famoso episódio do Hotel Rei Davi, cujo principal protagonista foi Menahem Begin. Era um terrorista que, depois, se tornou primeiro-ministro. Fez um estrago

enorme, morreram inocentes. Em seu livro de memórias, *A revolta: história do Irgun* [publicado em 1964], Begin faz a distinção entre terrorismo e luta pela libertação. Quando as ações têm esse caráter, elas deixam de ser ações terroristas, é a diferenciação que Begin faz.

*E o camicase palestino, portanto...*

Os palestinos têm o direito de se defender. Agora, o cidadão palestino que tentar a resistência passiva, conforme a lição de Gandhi, absolutamente não é ouvido. Na circunstância, o próprio gandhismo admitia a reação. Quando é tratado como rato, você não é obrigado a ser rato, tem o direito de reagir. Mas acho que não se deve confundir o judeu com o cidadão de Israel, são duas instâncias diferentes. Também não se deve confundir um primeiro-ministro com um general. Se bota um general como primeiro-ministro, o que você espera dele? Espera o que ele fez: calçou as botas, botou as esporas, subiu num tanque e começou a atirar. Ele está atirando contra uma utopia. Os nossos generais um dia fizeram isso também. Só que nossos generais montavam a cavalo mesmo.

*Que balanço faz do governo fhc?*

O balanço é contra as expectativas e, conhecendo a maneira de pensar dele, totalmente contra.

*É um balanço em detrimento do sociólogo?*

Ele se revelou muito pragmático, absolutamente pragmático, e conservar o poder era a meta máxima. Nisso



ele foi bem, conservou o poder sem ameaças claras, foi capaz de contemporizar com todo mundo. Agora, ninguém sabe o que ele é, desapareceu como figura política, virou uma entidade institucional.

*Mas nesses oito anos...*

O Brasil ficou mais pobre, o brasileiro tem menos emprego.

*E a renda concentrou.*

A renda concentrou. Tem uma dívida externa que, se um dia os credores quiserem vir buscar esse dinheiro, esse negócio aqui voa. Ele deixou praticamente uma bomba para ser desarmada.

*Sem entrar no mérito da personalidade de Fernando Henrique, ele poderia ter feito de outra maneira?*

Poderia. Poderia ter entrado mais na área social, não como ele entrou com um repasse aqui e outro ali, e sim trocando o eixo da política. Será que é hábil só para manter o poder? Hoje ele é um presidente definido pela lei que está fazendo o que o país dominante quer que ele faça.

*O que somos hoje, um país de 30 milhões de habitantes, é isso, basicamente?*

Tanto assim?

*Um país de 20 milhões de habitantes?*

O país que lê jornal, quantos são? E o país que lê livros? Não há sequer mercado para sustentar a cultura.

*E o governo de Fernando Henrique deu à criação deste país de 20 milhões de habitantes uma contribuição inestimável.*

Ele passou a ser um ícone deste país. É isso que sobrou.

*Tem uma pergunta inescapável. E a posse na Academia, o discurso já está pronto?*

O discurso está sempre pronto, mas também está sempre em revisão.

*O senhor é um profeta ou um mensageiro. Na sua opinião, quando vai ser?*

A posse? É para ser em setembro. Inclusive estive o presidente da Academia aqui e me disse: “Você toma posse. Se tiver dificuldade de ficar em pé, você senta”. Eu devo dizer que mudei muito de opinião com respeito à Academia. Não existe instituição que dê tanto para a cultura como a Academia. Toda terça-feira há reuniões e não chamam só acadêmicos. Os prêmios literários são diversos. E é a única instituição que paga os prêmios, o Estado do Rio não paga, São Paulo não paga. Criam o prêmio e não pagam. A Academia presta um serviço grande. É claro que gente que deveria estar lá não está, isso é óbvio. Mas acho que o país mudou na Academia. Em 1908, no dia em que foi recebido pelo Silvio Romero, Euclides da Cunha disse: “Este país não

tem povo, foi formado de cima para baixo, essa coisa que está aí não é autêntica, isso não é nosso”.

*Percebemos que isso fará parte do seu discurso.*

Euclides fez um discurso violento. Começou aí o movimento nacionalista no Brasil, a idéia de se construir uma nacionalidade. Construir uma nacionalidade que não existe. Dizia Euclides: “Viemos denunciar que o que existe aí é uma herança portuguesa, não serve para nós”. Acho que essa coisa foi muito importante.

*Quem ganha as eleições?*

Essa pergunta deve ser feita em setembro. Agora é cedo. Tem um candidato definido e três candidatos cuja definição ainda está para ser feita. Você é capaz de definir o Garotinho? Nenhum de nós o é. E o Ciro?

*Definir do ponto de vista da representatividade?*

É. O que eles são e onde podem chegar. O Serra acho que seria um excelente matemático, mas em matéria de política e ciências sociais está fora disso.

# Índice onomástico

*(termos para consulta no e-reader)*

Abramo, Cláudio  
Abreu, Capistrano de  
Abreu, Hugo  
Aciolly, Ana  
Aleijadinho  
Allende, Salvador  
Alves, Aloísio  
Alzugaray, Domingo  
Amado, Genolino  
Antunes, Juarez  
Aquino, Corazón  
Aranha, Oswaldo  
Arinos, Afonso *ver também* Franco, Afonso Arinos de Melo  
Assis, Machado de

Balzac, Honoré de  
Baptista, Fulgêncio  
Barbosa, Rui  
Begin, Menahem  
Beirão, Nirlando  
Belluzzo, Luiz Gonzaga  
Beregovoy, Pierre  
Betti, Emilio  
Blair, Tony  
Bonifácio viii, papa  
Brizola, Leonel  
Brossard, Paulo  
Bush, George W.

Cacciola, Salvatore  
Caiado, Ronaldo  
Cardoso, Fernando Henrique  
Cardoso, Zélia  
Carneiro, Enéas

Carta, Mino  
Castro, Fidel  
Cavalcanti, Guido  
Chaves, Aureliano  
Chávez, Hugo  
Churchill, Winston  
Cícero, padre  
Clinton, Bill  
Coelho, Paulo  
Cohen, Moisés  
Collor *ver* Mello, Fernando Collor de  
Conselheiro, Antônio  
Costa e Silva, Artur da  
Covas, Mário  
Cunha, Euclides da

Dante Alighieri  
Delfim Netto, Antônio  
DeMille, Cecil B.  
Diaz, Porfírio  
Dines, Alberto  
Domingos, Guilherme Afif  
Dornelles, Francisco  
Dutra, Olívio

Erundina, Luiza

Falcão, Armando  
Faoro, Atílio  
Faoro, Marieta  
Fernandes, Bob  
Figueiredo, Euclides  
Figueiredo, João Batista  
Fischer, Vera  
Flaubert, Gustave  
Fonseca, Deodoro da  
França, Eriberto Freire  
Franco, Afonso Arinos de Melo  
Franco, Itamar  
Franco, Moreira  
Freyre, Gilberto

Frota, Sílvio  
Funaro, Dilson

Gabeira, Fernando  
Gadamer, Hans-Georg  
Gandhi, Mahatma  
Garnero, Mário  
Garotinho, Anthony  
Gaspari, Elio  
Geisel, Ernesto  
Genro, Tarso  
Gomes, Ciro  
Gonçalves, Leônidas Pires  
González, Felipe  
Gorbachev, Mikhail  
Gore, Al  
Goulart, João  
Gramsci, Antonio  
Guimarães, Ulysses

Hegel, Georg Wilhelm Friedrich  
Heráclito, Chico  
Holanda, Sérgio Buarque de

Jango *ver* Goulart, João  
João Batista, são  
João vi, d.  
Johnson, Samuel  
Júlio César  
Junqueira, Ivan

Kant, Immanuel  
Kautsky, Karl  
Kruel, Amaury  
Kubitschek, Juscelino

La Rochefoucauld, François  
Lacerda, Carlos  
Lênin, Vladimir  
Letaif, Nelson  
Lewis, Oscar  
Lima, Barbosa

Lira, Fernando  
Lula *ver* Silva, Luiz Inácio Lula da  
Luxemburgo, Rosa  
Lyra, Fernando

Macedo, Murillo  
Machado, Pinheiro  
Machline, Mathias  
Maciel, Marco  
Madero, Francisco  
Magalhães, Antônio Carlos  
Maluf, Paulo  
Mandela, Nelson  
Marchais, Georges  
Marcos, Ferdinand  
Marinho, Roberto  
Marx, Karl  
Matos, Horácio  
Mayer, Luiz Raphael  
McDowall, Duncan  
Medeiros, Luís Antonio  
Mello, Fernando Collor de  
Mendes, Ivan de Souza  
Menem, Carlos  
Mitterrand, François  
Molière  
Monteiro, Góes  
Montello, Josué  
Montoro, Franco  
Moraes, Antônio Ermírio de  
Motta, Sergio  
Mussolini, Benito

Nabuco, Joaquim  
Neves, Tancredo  
Nicolau ii, czar  
Niemeyer, Oscar

Oliveira, Dante de  
Oliveira, Inocêncio  
Onofre, José

Passarinho, Jarbas  
Patiño, Antenor  
Pazzianotto, Almir  
Pinochet, Augusto  
Pirandello, Luigi  
Pitanguy, Ivo  
Platão  
Pombal, marquês de  
Portella, Petrônio  
Prado, Antonio Carlos  
Prestes, Júlio

Quadros, Jânio  
Quércia, Orestes

Ramos, Graciliano  
Reagan, Ronald  
Ribeiro, Darcy  
Richa, José  
Robespierre, Maximilien de  
Rodrigues, Nelson  
Romero, Silvio  
Rosa, Guimarães  
Rosenberg, Luís Paulo  
Rossi, Clóvis  
Rousseau, Jean-Jacques

Sá, Ângelo Calmon de  
Sachs, Ignacy  
Salazar, Antonio de Oliveira  
Santiago, Ronivon  
Sarney, José  
Sarney, Roseana  
Sayad, João  
Serra, José  
Shakespeare, William  
Shaw, Bernard  
Silva, Luiz Inácio Lula da  
Silva, Marisa Letícia Lula da  
Silva, Vicente Paulo da  
Simmel, Georg



Simões, Teotônio  
Simonsen, Mario Henrique  
Stalin, Joseph  
Stédile, João Pedro  
Suplicy, Marta

Tavares, Aurélio de Lira  
Telles, Lygia Fagundes  
Thatcher, Margaret  
Toynbee, Arnold  
Tuma, Romeu  
Turrone, Constantino Bresciani

Valadares, Benedito  
Vargas, Getúlio  
Venceslau, Paulo de Tarso  
Viana, Ferreira  
Viana, Prisco  
Vicentinho ver Silva, Vicente Paulo da  
Vieira, Antônio, padre  
Vital, Sebastião Marcos

Weber, Max  
Wilson, Thomas Woodrow

Zapata, Emiliano

- [1] Denominação dada ao processo de retorno gradativo das liberdades políticas a partir de 1974. Foi rotulada de “Abertura lenta, gradual e segura” pelo presidente Ernesto Geisel.
- [2] O Ato Institucional nº 5 é considerado o mais rigoroso instrumento jurídico usado pela ditadura militar. Foi editado em 13 de dezembro de 1968 pelo presidente Costa e Silva. Vigorou até 31 de dezembro de 1978.
- [3] “Destino manifesto” seria a manifestação da vontade divina.
- [4] Mario Henrique Simonsen (1935-1997), ministro da Fazenda (1974-1979).
- [5] Armando Falcão (1919), ministro da Justiça (1974-1979).
- [6] Senador Petrônio Portella (1925-1980).
- [7] “Lento, gradual e seguro” foi a forma adotada, pelo governo Geisel, para o projeto de restabelecimento das liberdades políticas no país.
- [8] Conjunto de leis autoritárias baixadas em abril de 1977. O Congresso Nacional foi fechado temporariamente.
- [9] Raymundo Faoro era presidente do Conselho Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil (oab), em 1977, quando lançou a proposta de convocação de uma Assembléia Constituinte exclusiva que se dissolveria após concluir o trabalho. Em 1987, o Congresso ganhou poderes constituintes e fez a nova Carta Magna. Faoro criticava a decisão, entre outras coisas, pelo fato de os constituintes ficarem expostos às transações do jogo político cotidiano no Congresso.
- [10]vii Conferência Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil, presidida por Raymundo Faoro, realizada em maio de 1978. O tema geral dos debates foi o estado de direito.
- [11] Luiz Raphael Mayer (1919). Presidiu o Supremo Tribunal Federal (1987-1989).
- [12] A Lei de Segurança Nacional, de março de 1967, expressava a doutrina de Segurança Nacional, que era um dos fundamentos ideológicos do regime militar.
- [13] Faoro faz referência ao pai do presidente Figueiredo, general Euclides Figueiredo, anistiado após a rebelião dos integralistas, em 1938.
- [14] Nome do período imediatamente posterior à ditadura militar (1964-1985). A denominação caiu em desuso.
- [15] O vice-presidente José Sarney assumiu com a morte do presidente Tancredo Neves. Na Assembléia Constituinte de 1988 discutiu-se a duração do mandato de Sarney. Para uns seria de quatro anos, para outros, de seis anos. O mandato foi fixado em cinco anos.
- [16] Tancredo Neves, eleito presidente por eleição indireta, morreu em 21 de abril de 1985 sem assumir a Presidência.
- [17] A União Democrática Nacional (udn) foi formada em 1945 e extinta em outubro de 1965 pelo Ato Institucional nº 2 (ai-2).
- [18] O Partido do Movimento Democrático Brasileiro (pmdb) foi fundado em 1980 para suceder ao Movimento Democrático Brasileiro (mdb), criado em 1965 por políticos de oposição ao regime militar.
- [19] Período que se estende do golpe militar de 1964 à posse do primeiro presidente civil, em 1985.
- [20] Luís Paulo Rosenberg, assessor econômico do presidente José Sarney.

- [21] Sebastião Marcos Vital, secretário-geral do Ministério da Fazenda, na gestão do ministro Francisco Dornelles.
- [22] Luiz Gonzaga Belluzzo, secretário de Política Econômica do governo Sarney.
- [23] Mathias Machline, empresário que ascendeu durante o regime militar. Fundou a Sid, uma das maiores fábricas brasileiras de computadores, quando o setor era reservado a empresas nacionais. Fundou também a Sharp do Brasil. Além dos militares, tinha grande relacionamento com o presidente Sarney.
- [24] Referência aos professores da Universidade de Campinas, Unicamp (sp).
- [25] Faoro se refere ao sistema de partido único de fato. O Partido Revolucionário Institucional (pri) manteve o controle do poder no México por 71 anos seguidos. De 1929 a 2000 todos os presidentes eleitos pertenciam ao pri.
- [26] Data da chamada Revolução dos Cravos, desfechada pelos militares, que ganhou forte apoio civil e que derrubou a ditadura comandada por Oliveira Salazar de 1926 a 1974.
- [27] Mário Garnero, empresário paulista, dono do grupo Brasilinvest. Teve grande influência política e econômica de meados dos anos 1970 até meados da década seguinte.
- [28] A campanha por eleições diretas para presidente, chamada de “Diretas Já”, foi iniciada pelos partidos de oposição em novembro de 1983. Uma emenda constitucional nesse sentido, a emenda Dante de Oliveira, foi derrotada na Câmara dos Deputados no dia 25 de abril de 1984: 298 deputados votaram a favor e 65 votaram contra. Faltaram 22 votos para a aprovação.
- [29] Nas eleições de 15 de novembro de 1982, a primeira sem a camisa-de-força do bipartidarismo do regime militar, a oposição elegeu onze governadores (dez do pmdb e um do pdt) e abalou a base de sustentação política do governo militar.
- [30] Em 2007, o Partido da Frente Liberal mudou o nome para Democratas (dem).
- [31] A política de governadores é uma referência à força dos governadores na República Velha, o tempo que separa o fim da monarquia e a Revolução de 1930.
- [32] O Plano Cruzado II foi divulgado apenas seis dias após o governo ter obtido uma grande vitória eleitoral nas eleições de 15 de novembro de 1986. Houve um elevado aumento de preços em um só dia, como, por exemplo, 60% no preço da gasolina e 120% no preço dos telefones, entre outros.
- [33] Refere-se ao Plano Cruzado I, de fevereiro de 1986, que congelou salários e preços. O empresário Dilson Funaro era o ministro da Fazenda. O plano extinguiu o Cruzeiro como moeda e criou o Cruzado.
- [34] Estava em discussão o tempo do mandato do presidente Sarney, que seria fixado em cinco anos pela Constituinte de 1988.
- [35] Franco Montoro governou São Paulo entre 1983 e 1987.
- [36] Leonel Brizola governou o Rio de Janeiro entre 1983 e 1987.
- [37] Houve uma grande reação popular em Brasília, no dia 27 de novembro de 1986, que ficou conhecida como “Badernaço”. Houve saques, depredações e incêndios.
- [38] Migração política do alagoano Fernando Collor de Mello.

- [39] O presidente José Sarney deixou o pds e filiou-se ao pmdb.
- [40] A expressão foi criada para identificar a legislação autoritária remanescente da ditadura militar.
- [41] O general Ivan de Souza Mendes assumiu a chefia do Serviço Nacional de Informação (sni) em março de 1986.
- [42] O candidato do pdt, lançado por Brizola, era o antropólogo Darcy Ribeiro (1922-1997). Perdeu para Moreira Franco, do pds, partido de sustentação do governo militar.
- [43] Referência ao Congresso, pós-Estado Novo, que elaborou a nova Constituição.
- [44] Em 1987 a dívida externa brasileira superou a casa dos us\$ 100 bilhões.
- [45] A expressão se refere ao movimento de reação de intelectuais do Partido Comunista, em 1968, a partir das propostas de mudanças políticas, sociais e econômicas na Tchecoslováquia, no sentido de liberalização do regime que, então, seguia as orientações da União Soviética.
- [46] A greve nacional foi uma reação ao Plano Cruzado ii, de 21 de novembro de 1986. O governo Sarney deu uma guinada radical nos rumos da economia: descongelou os preços, liberou o aumento dos aluguéis, entre outras coisas, após as eleições. A oposição acusou o governo de fazer um “estelionato eleitoral”.
- [47] O Plano Cruzado, o Cruzado i, é de 1986. Congelou os preços por doze meses e adotou o “gatilho salarial”, que reajustava automaticamente os salários sempre que a inflação atingia a taxa de 20%.
- [48] Arrombamento da sede do Partido Democrata, em 1972, que levou o presidente Nixon à renúncia em 9 de agosto de 1974.
- [49] Antônio Ermírio de Moraes, um dos maiores empresários do país, dono do Grupo Votorantim, disputou e perdeu a eleição, em 1986, para o governo do estado de São Paulo.
- [50] O candidato do Partido Humanista (ph) foi Teotônio Simões.
- [51] Leônidas Pires Gonçalves, general-de-exército. Ministro do Exército (1985-1990) no governo Sarney.
- [52] A Comissão Provisória de Estudos Constitucionais, chamada também de Comissão Arinos, por ser presidida pelo jurista Afonso Arinos de Melo Franco, preparou um anteprojeto de Constituição para servir de base aos constituintes de 1988. O estudo não foi considerado. Ela tinha cinquenta integrantes.
- [53] Regime ditatorial entre 1937 e 1945, chefiado por Getúlio Vargas e chamado de Estado Novo.
- [54] Referência ao presidente anterior, general João Figueiredo, e ao então presidente, José Sarney.
- [55] A recessão econômica, com alta taxa de inflação (cerca de 200%), provocou movimentos de protesto em diversas cidades do país.
- [56] O “centrão” foi formado por parlamentares conservadores e de centro-direita, que se agruparam, no Congresso, como oposição aos integrantes da esquerda e centro-esquerda.
- [57] Esse grupo desligou-se do pmdb e fundou, em 1988, o Partido da Social Democracia Brasileira (psdb). O Manifesto de fundação foi assinado por quarenta deputados e oito senadores.

- [58] Referência aos militares, a partir da citação dos tanques Urutu, usados pelo Exército brasileiro.
- [59] Antonio de Oliveira Salazar (1889-1970), ditador português entre 1942 a 1968.
- [60] Roberto Marinho foi o maior empresário brasileiro do setor de comunicações. Dono das empresas Globo de televisão, jornal e rádio, entre outros.
- [61] União Democrática Ruralista (udr) é uma entidade de classe fundada em 1985. O primeiro núcleo foi criado na cidade paulista de Presidente Prudente.
- [62] Referência a Paulo Maluf, ex-governador de São Paulo (1979-1982).
- [63] Antônio Ermírio de Moraes. É um dos maiores empresários brasileiros. Dono do grupo Votorantim. Em 1985 aventurou-se pela política. Disputou e perdeu a eleição para o governo de São Paulo.
- [64] Em junho de 1988, cinco meses após essa declaração, o racha se configurou. Os dissidentes fundaram o psdb.
- [65] Ronaldo Caiado, médico, tornou-se no Congresso uma espécie de porta-voz da União Democrática Ruralista, a udr.
- [66] Ulysses Guimarães foi candidato pelo pmdb em 1989, a primeira eleição presidencial direta após a ditadura militar. Obteve somente 3.204.853 votos e ficou em sétimo lugar.
- [67] Augusto Pinochet (1915-2006), general, um dos articuladores do golpe militar que derrubou o presidente socialista Salvador Allende. Governou o Chile de forma ditatorial entre 1973 e 1990.
- [68] Presidente das Filipinas (1986-1992), sucedendo o regime autoritário do presidente Ferdinand Marcos.
- [69] Joaquim Nabuco (1849-1910), diplomata, político e historiador.
- [70] Instalada em fevereiro de 1987, promulgou a nova Constituição em 5 de outubro de 1988.
- [71] Referência aos trabalhos da Assembléia Constituinte, que Faoro chamava de Congresso-Constituinte. Instalada em 1987, promulgou a Constituição em 1988.
- [72] Margaret Thatcher, a Dama de Ferro, foi primeira-ministra da Inglaterra (1979-1990), quando executou um rigoroso programa de reformas neoliberais.
- [73] Faoro faz referência ao Partido dos Trabalhadores (pt), criado em 1981. Em 1989 o operário metalúrgico Luiz Inácio da Silva, o Lula, disputou pela primeira vez a eleição. Perdeu no segundo turno para Fernando Collor de Mello.
- [74] A greve na Companhia Siderúrgica Nacional ocorreu em novembro, por melhoria salarial. O juiz Moisés Cohen concedeu liminar de reintegração de posse e autorizou a ação do Exército. No confronto com as tropas três operários foram mortos. Em fevereiro de 1999, o líder da greve, Juarez Antunes, eleito prefeito de Volta Redonda, morreu em acidente de carro não esclarecido. Em maio do mesmo ano, o memorial, projetado por Niemeyer, em homenagem aos operários mortos foi destruído por uma bomba.
- [75] O deputado Ulysses Guimarães desencadeou uma campanha eleitoral como "anticandidato" em desafio ao candidato do regime militar, general João Figueiredo. Tinha como companheiro de chapa o jornalista Barbosa Lima

Sobrinho, presidente da abi. A maioria do Congresso elegeu o candidato governista, general Ernesto Geisel. Geisel obteve 400 votos e Ulysses, 76.

- [76] Faoro faz referência à eleição presidencial de 1965, cancelada pelo golpe militar de 1964.
- [77] O Partido Trabalhista Brasileiro (ptb) foi criado em 1945 por inspiração de Getulio Vargas. Agregava conservadores e setores da esquerda, sindicalistas autênticos e pelegos sindicais.
- [78] Luiza Erundina, então deputada federal pelo pt-sp, disputou e ganhou, em 1989, a eleição para a prefeitura de São Paulo.
- [79] Leonel Brizola disputou o primeiro turno da eleição mas ficou atrás de Lula por apenas 453.800 votos. Lula obteve 17% do total e Brizola, 16%. No segundo turno Lula perdeu para Collor.
- [80] Referência jocosa ao bigode do presidente Sarney.
- [81] Faoro descreve com precisão o cenário político-econômico que mobilizou o governo a fazer, dois meses depois desta entrevista, o Plano Cruzado.
- [82] Guilherme Afif Domingos (1943): empresário paulista, foi candidato a presidente da República, em 1989, pelo Partido Liberal (pl). Presidiu a Associação Comercial de São Paulo e a Federação das Associações Comerciais de São Paulo.
- [83] O Congresso aprovou o *impeachment* do presidente Collor em 1992.
- [84] Brizola foi eleito para o governo do Rio de Janeiro, pela segunda vez, em 1990.
- [85] Luiza Erundina, prefeita da cidade de São Paulo, entre 1989 e 1993. Essa eleição ganhou notoriedade por ela ter sido eleita por um partido de esquerda, o pt. Sua administração foi duramente criticada pelo pt. Ela rompeu com o partido em 1997.
- [86] Uma referência a militantes petistas que aderiram à luta armada contra a ditadura militar e tinham admiração pelo regime cubano.
- [87] Thomas Woodrow Wilson (1856-1924), presidente dos Estados Unidos de 1912 a 1921.
- [88] Faoro fala da chamada “cadeia da legalidade” liderada pelo governador gaúcho Leonel Brizola, em agosto de 1961, para sustentar a posse do vice-presidente João Goulart após a renúncia do presidente Jânio Quadros.
- [89] Uma referência à interpretação de que Jânio Quadros tentou um golpe ao pedir a renúncia, na suposição de que os ministros militares impediriam a posse do vice João Goulart. Teria contado, também, com a negativa do Congresso à sua decisão. O ato de renúncia foi interpretado como decisão unilateral e a resistência oferecida pelos militares foi superada por um forte movimento civil pela posse de Goulart.
- [90] A cerimônia da Praia Vermelha, no bairro da Urca, no Rio de Janeiro, relembra anualmente o episódio da rebelião militar de 1935, chamada de Intentona Comunista.
- [91] O Congresso de Viena (1814-1815) foi uma conferência de embaixadores dos mais importantes países europeus, realizada na Áustria, cujo objetivo foi o de reorganizar o mapa político do continente, após a derrota da França governada por Napoleão.
- [92] A Guerra do Golfo foi o conflito militar iniciado em agosto de 1990 com a invasão do Kuwait pelo Iraque. Os iraquianos foram derrotados por uma

coalizão de forças organizada pelos Estados Unidos.

- [93] Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1792), o marquês de Pombal ou conde de Oeiras, autor de reformas políticas, administrativas, sociais e econômicas de modernização da sociedade portuguesa.
- [94] Referência ao presidente Fernando Collor, casado, então, com Rosane Collor, uma alagoana nascida em Canapi, cidade originada a partir de uma fazenda chamada "Cavalo Morto".
- [95] Central Única dos Trabalhadores, ligada politicamente ao Partido dos Trabalhadores.
- [96] Ivo Pitanguy, médico brasileiro, é um dos mais renomados cirurgiões plásticos do mundo.
- [97] O plano econômico, oficialmente chamado de Plano Brasil Novo, foi divulgado em 16 de março de 1990, um dia após a posse de Fernando Collor. Entre outras medidas, criou novo padrão monetário, extinguindo o Cruzado Novo e recriando o Cruzeiro. Confiscou a poupança e implementou um plano de privatização.
- [98] Referência à rebelião fracassada, articulada pelos comunistas em alguns quartéis do Exército.
- [99] Conflitos ocorridos nas chamadas Províncias Unidas do Rio da Prata, a América espanhola, que deram origem à Argentina.
- [100] Em 2007, o Partido da Frente Liberal, pfl (ex-Arena, ex-pds), muda de novo o nome para Democratas (dem).
- [101] Em junho de 1997, quase dois anos após essa entrevista, a profecia se realizaria. O Congresso aprovou a Emenda Constitucional nº 16, de 4 de julho de 1997. Fernando Henrique foi reeleito em 1998. A articulação política foi comandada pelo então ministro das Comunicações, Sergio Motta (1940-1998) e houve muitas denúncias e diversas evidências da compra de votos para a aprovação da reeleição.
- [102] Eriberto Freire França, motorista de Ana Aciolly, secretária particular do presidente Fernando Collor. O depoimento que deu à cpi foi fundamental para o processo de *impeachment* do presidente.
- [103] Genolino Amado (1902-1989), escritor, jornalista e acadêmico.
- [104] No governo de Alagoas, Fernando Collor promoveu uma campanha contra os usineiros ricos do estado. Ganhou popularidade e se auto-intitulou "Caçador de Marajás".
- [105] O Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional (Proer) foi criado para ajudar o sistema bancário a enfrentar problemas financeiros em função da estabilidade da moeda e do fim da especulação financeira. Entre 1995 e 2000 o governo destinou mais de r\$ 30 bilhões a bancos brasileiros. Aproximadamente 2,5% do pib.
- [106] O presidente do bc nesse momento era Gustavo Loyola. Ele presidiu o banco de 13/06/1995 a 20/08/1997.
- [107] Referência simbólica ao desmanche do regime comunista na União Soviética.
- [108] Vicentinho (Vicente Paulo da Silva), líder sindical. Foi da comissão organizadora da greve de 1980 no abc Paulista. Enquadrado na Lei de Segurança Nacional, teve os direitos cassados. Foi presidente da Central

Única dos Trabalhadores (1994) e, posteriormente, elegeu-se deputado federal pelo pt.

- [109] Em meados dos anos 1990, Ciro Gomes passou uma temporada fazendo um curso na Universidade Harvard (Boston, eua).
- [110] Bruxo do Cosme Velho, apelido dado a Machado de Assis, em razão do bairro, no Rio de Janeiro, onde o escritor morava. Raymundo Faoro morava no bairro.
- [111] Em 1997, o economista Paulo de Tarso Venceslau, ex-militante da luta armada (aln), nos anos 1970, e ex-militante petista, denunciou que dirigentes do partido tinham relações criminosas com a Consultoria para Empresas e Municípios (cpem), que prestava serviços a administrações de prefeitos eleitos pelo pt, sem se submeter a licitação. Em 1998, Venceslau foi expulso do partido.
- [112] Houve várias denúncias de que o governo teria comprado votos para aprovar a emenda da reeleição, em 1997. O jornal *Folha de S.Paulo* publicou reportagem na qual transcrevia gravações em que o deputado Ronivon Santiago (pfl-ac) afirma que recebeu r\$ 100 mil inicialmente e outros us\$ 100 mil seriam pagos por uma empreiteira. O governo fhc sufocou a criação de uma cpi para apurar as denúncias.
- [113] João Pedro Stédile, líder do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (mst), um dos mais importantes movimentos sociais brasileiros, criado no final do século xx.
- [114] Apelido do ministro Sergio Motta, das Comunicações, acusado de intermediar a compra de votos para aprovar a reeleição que beneficiou o presidente Fernando Henrique Cardoso.
- [115] Inocêncio de Oliveira, deputado por Pernambuco, presidente da Câmara dos Deputados (1993-1994) quando assumiu da Presidência da República, em razão das viagens do presidente Itamar Franco.
- [116] Em meados de 1998, com o crescimento da chapa do pt, Fernando Henrique tratou de realçar as características conservadoras de sua candidatura e levantou a tese de que a vitória de Lula traria de volta a inflação e geraria o “caos social”, conforme *Presidentes do Brasil (De Deodoro a fhc)*, Editora Rio, 2002, p. 878.
- [117] Fernando Henrique Cardoso, acusado de ter aderido ao neoliberalismo, respondeu aos acusadores tachando-os de neobobos.
- [118] Uberaba é um município de Minas Gerais, do chamado Triângulo Mineiro. Identificado politicamente como um dos núcleos mais conservadores do país.
- [119] Faoro é autor de *Machado de Assis - A pirâmide e o trapézio*, um precioso painel político do Segundo Reinado visto através dos romances de Machado de Assis.
- [120] Atual rua do Riachuelo, no Rio de Janeiro, onde moravam os funcionários da Corte.
- [121] Um dos efeitos imediatos do Plano Real foi a estabilização monetária. O primeiro governo Fernando Henrique Cardoso (1994-1998) manteve a valorização do Real artificialmente em paridade com o Dólar. Reeleito em outubro de 1998, o presidente fhc desvalorizou o Real.
- [122] O presidente da oab nacional era o advogado Reginaldo de Castro.



- [123] Principal noticiário jornalístico da Rede Globo.
- [124] Faoro, com ironia, se refere a Wladimir Ilitch Lênin (1870-1924), um dos articuladores da Revolução de 1917 na Rússia.
- [125] Trata-se do Instituto Teotônio Vilela, do psdb. Faoro faz referência irônica aos livros do presidente-sociólogo fhc, um dos fundadores do psdb.
- [126] Josué Montello (1917-2006), escritor maranhense. Entre os anos 1970 e 1990 foi um dos mais influentes membros da Academia Brasileira de Letras. Vitorioso articulador de candidaturas para a ABL.
- [127] Aurélio de Lira Tavares (1905-1998), general-de-exército, integrou a Junta Militar que governou o Brasil durante sessenta dias. Fazia versos e usava o heterônimo de Adelita.
- [128] Faoro faz menção ao livro *O castelo de âmbar*, do jornalista Mino Carta, lançado em 2000.
- [129] *Os donos do poder - Formação do patronato político brasileiro*, lançado em 1958, é considerado um dos livros mais importantes da sociologia brasileira.
- [130] Capistrano de Abreu (1853-1927), historiador.
- [131] A expressão “sindicalismo de resultados” é de Luís Antonio Medeiros, que fazia oposição à Central Única dos Trabalhadores, ligada ao pt, através da Força Sindical, que Medeiros presidiu.
- [132] Salvatore Cacciola, banqueiro ítalo-brasileiro, dono do Banco Marka, acusado de crimes contra o sistema financeiro no Brasil. Com a desvalorização cambial de janeiro de 1999, o Marka entrou em insolvência financeira.
- [133] O Banco Nacional, de propriedade da família Magalhães Pinto, foi durante muitos anos uma das mais poderosas instituições financeiras do país. Em 1995 descobriu-se que havia sido montada no banco a maior farsa contábil conhecida na história do sistema financeiro do país. No mesmo ano o Banco Econômico, do banqueiro baiano Ângelo Calmon de Sá, sofreu intervenção do Banco Central.
- [134] Referência ao escritor Paulo Coelho.
- [135] Pela regra da verticalização os partidos políticos, nas disputas eleitorais, ficam forçados a reproduzir nos estados as alianças políticas feitas para a eleição presidencial.
- [136] A regra foi decisão do Tribunal Superior Eleitoral adotada em 1997. Em 2006 foi flexibilizada e abriu exceção para os partidos que não têm candidatos à Presidência da República.
- [137] Chamado pela imprensa de “Escândalo Lunus”, o episódio foi marcado pela ação da Polícia Federal na empresa Lunus quando foi descoberto, entre outras irregularidades, um cofre com R\$ 1,38 milhão em notas de 50 reais. O dinheiro seria destinado à candidatura de Roseana. O impacto da foto com o dinheiro forçou a retirada da candidatura. Há suspeita de que a ação teria sido tramada por adversários políticos.
- [138] Roseana Sarney foi eleita senadora pelo Maranhão, pelo pfl.
- [139] Lula ganhou a eleição presidencial de 2002 no segundo turno. Obteve 52.772.475 votos (61,3%) contra 33.356.860 votos (38,7%) de José Serra.
- [140] Ferreira Viana (1833-1903), ministro da Justiça do Império.

[141] Houve um pagamento inicial de us\$ 200 milhões e noventa dias após a assinatura do ato de compra o governo brasileiro pagou mais us\$ 180 milhões, segundo o livro *Light - A história da empresa que modernizou o Brasil*, do canadense Duncan McDowall. O Brasil comprou a empresa apenas cinco anos antes de expirar a concessão, finda a qual a empresa retornaria automaticamente ao controle brasileiro.

[142] Antenor Patiño (1896-1982), magnata boliviano que controlava o comércio de estanho.

[143] Ação terrorista realizada em setembro de 2001 contra os dois edifícios do World Trade Center, em Nova York.